

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC-SP
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM PSICOLOGIA CLÍNICA

ADRIANA MEYER BARBUDA GRADIN

QUANDO O AMOR ENTRE PAIS E FILHOS TRANSBORDA
UM ESTUDO SOBRE AS RELAÇÕES FUSIONAIS

Doutorado em Psicologia Clínica

SÃO PAULO

2022

ADRIANA MEYER BARBUDA GRADIN

QUANDO O AMOR ENTRE PAIS E FILHOS TRANSBORDA
UM ESTUDO SOBRE AS RELAÇÕES FUSIONAIS

Doutorado em Psicologia Clínica

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em Psicologia Clínica, Núcleo de Método Psicanalítico e Formações da Cultura, sob a orientação da Prof. Dr. Luís Cláudio Mendonça Figueiredo.

SÃO PAULO

2022

Sistemas de Bibliotecas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo –
Ficha Catalográfica com dados fornecidos pelo autor

Gradin, Adriana Meyer

Quando o amor entre pais e filhos transborda. Um estudo sobre as relações fusionais /
Adriana Meyer Gradin. -- São Paulo: [s.n.], 2022. 277 p; 3cm.

Orientador: Luís Claudio Mendonça Figueiredo. Tese (Doutorado) -- Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia
Clínica.

1. Relações fusionais. 2. Abandono traumático. 3. Terrorismo do sofrimento. 4. Síndrome do
incesto emocional. I. Figueiredo, Luis Claudio Mendonça. II. Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia
Clínica. III. Título.

CDD

GRADIN, A. M. B. 2022. Quando o amor entre pais e filhos transborda. Um estudo sobre as relações fusionais. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica), f.278 – Núcleo de Método Psicanalítico e Formações de Cultura – Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2022.

Aprovado em: _____

Banca examinadora

Prof. Dr. Luís Cláudio Mendonça Figueiredo
Doutor em Psicologia Experimental pela USP

Profa. Dra. Elisa Maria Ulhôa Cintra
Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-SP

Prof. Dr. Adriana Barbosa
Doutora em Psicologia Experimental pela USP

Profa. Dra. Marina Ribeiro
Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-SP

Prof. Dr. Ricardo Telles de Deus
Doutor em Psicologia como Profissão e Ciência PUC-Campinas

Para Rafaela, Felipe e Bernardo,
com todo amor.

O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – Brasil.

This study was financed in part by the Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – Brasil.

Número do processo: 140065/2020-2

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Luís Cláudio Figueiredo, orientador desta pesquisa, por ser uma constante fonte de inspiração para os meus estudos teóricos e clínicos ao longo de tantos anos desde a pesquisa de mestrado; por todas as aulas ministradas ao longo do Doutorado, pelos cursos, supervisões e livros que foram raízes e sementes propiciadoras da construção do pensamento psicanalítico presente nesta tese; também, e principalmente, pela confiança em mim depositada. Agradeço imensamente por suas contribuições, as quais têm um papel fundamental na minha formação como Psicanalista. Foi uma honra e um presente fazer parte do seu grupo de orientados!

À Prof. Dra. Elisa Maria Ulhoa Cintra e ao Prof. Dr. Nelson Coelho Jr., pela leitura minuciosa, atenta e cuidadosa da tese no exame de qualificação. Um agradecimento especial a Elisa por ter me acolhido em seu grupo de supervisão clínica sempre de forma tão generosa. À Prof. Dra. Adriana Barbosa, à Prof. Dra. Marina Ribeiro e ao Prof. Dr. Ricardo Telles de Deus por sua participação dedicada na banca de defesa de doutorado.

A Bernardo, meu companheiro de vida, que sempre me incentivou a abraçar os meus projetos e sonhos; por seu amor e por sua parceria afetiva e apoiadora ao longo de tantos anos juntos.

A Rafaela e a Felipe, filhos amados, que me proporcionaram e ainda proporcionam as emoções mais intensas e profundas já vividas e com quem partilho alegrias rotineiras, momentos de celebração de vida e a arte de conviver com a beleza do processo de crescimento e amadurecimento de cada um, que se desenrola para além do ponto de origem, com sua riqueza e sua expansão comoventes.

A minha mãe, Heliana, por ser um exemplo de força, tenacidade e perseverança, sempre iluminando minha vida com seus ditados sobre “nunca desistir”; por seus ensinamentos em gestos, em postura de vida, por seu amor, por sua presença viva, vibrante e alegre.

A meu pai, Pedro, por sua imensa sensibilidade, por sua empatia, seu carinho e afetividade e por ter sempre partilhado comigo o prazer de uma longa conversa, sem hora para acabar; que me ensinou a gostar de poesias, rimas, livros e letras e que me fez desfrutar da alegria de encontrar desde muito cedo alguém que me escutava profundamente.

Aos meus amados irmãos, Cassio e Cristiano, por serem meus grandes amigos na estrada da vida e verdadeiros incentivadores das minhas escolhas; pelo apoio amoroso ao longo de nossas vidas e por terem se dedicado atentamente à leitura deste trabalho.

A Evelise Paulis, por sua sensibilidade ímpar, sua apreciação humanizada, profunda e apurada da tese, além de seu olhar aguçado e preciso na revisão dedicada e minuciosa do texto.

Aos queridos colegas de intervenção Andréa Acioly, Arianne Angelleli, Carla Metzner, Cláudia Rezende, Cláudio Oliveira Filho, Danielly Passos, Juliana Zweifel, Kátia Pirolli, Rachele Ferrari e Victor Costa, que foram meus companheiros clínicos fundamentais na travessia da pandemia; pelo constante compartilhamento de experiências de escuta empática, por nossos encontros, pela partilha das dificuldades do nosso ofício e pela amizade tão especial partilhada ao longo desses anos.

Ao Grupo de Orientação – Andréa Acioly, Bruno Gueldini, Carolina Paixão, Celina Diaféria, Laís Nae, Lucas Grossi, Pedro Sang, Ricardo Cavalcante, Rodrigo Mello e Thaís Cerqueira - pela partilha amiga e pela leitura atenta do trabalho nas reuniões de orientação.

Às queridas colegas Rachel Botelho, Silvia Sá e Valéria França, pelo compartilhamento das experiências clínicas e, especialmente, a Valéria França pelas trocas teóricas sobre o texto.

A minhas amigas e amigos tão amados, que compõem um campo de absoluta relevância na minha vida e que me acompanham há décadas como uma família expandida; a eles, que me ofertam reservas para me manter abastecida afetivamente no exercício do meu ofício: Lígia Amorim, Karla Mendes, Mariella e Cíntia Braga, Fernanda e Verbena Mota, Patrícia Leite, Patrícia Dória, Tina Meirelles, Adriana Mira, Eduardo Sanches, Marco André Willey Ramos, Débora Leite, Gina Libório, Cláudia Visnevski e Fátima Nogueira, aqui apontados como representantes de tantos outros amigos que levo sempre comigo.

A Cláudia Costabile, que vem me acompanhando na trilha da Psicanálise de forma muito ética, empática e generosa, traduzindo toda a magnitude e profundidade de um encontro analítico. Sou imensamente grata por cada passo dessa caminhada.

Aos meus pacientes, por serem fontes de inspiração constantes para o aprimoramento da minha escuta clínica, minhas pesquisas e estudos; pela confiança depositada em mim e por me fazerem refletir sempre sobre quão profunda, comprometida e corajosa há de ser a escuta da dor e do sofrimento humanos. Minha gratidão por me fazerem acreditar em novas construções psíquicas e transformações emocionais mesmo diante de graves impactos traumáticos.

Por fim, ao CNPQ, pela bolsa de estudos concedida, que viabilizou este estudo.

RESUMO

A presente pesquisa trata das *relações fusionais* e dos extravios no processo de individuação-separação de indivíduos que passaram a ocupar posições traumatogênicas no vínculo com seus genitores. Os casos aqui relatados têm sido nomeados como de *sedução silenciosa* ou de *síndrome do incesto emocional*, nos quais um dos genitores volta-se para o filho em busca de um parceiro substituto. Em uma segunda forma de extravio no processo de separação, relacionado à ideia de *terrorismo do sofrimento* (FERENCZI, 1933), tais pais fazem do filho seu melhor amigo ou confidente, impondo à criança demandas excessivas, sem validar os seus limites psíquicos. Há, ainda, uma terceira posição de desvio, em que pais fazem dos filhos pontos de descarga de insatisfações e de dejetos emocionais. Sustenta-se que tais experiências precoces configuram um estado de privação e de abandono traumático de tais filhos. Nesta tese, empreende-se uma tentativa de analisar como se configuram as relações fusionais e as consequências psíquicas para um filho quando seus genitores não conseguem proporcionar um ambiente facilitador da sua constituição psíquica rumo à emancipação e constroem um ambiente patogênico. São considerados tais laços nos períodos pré-edípico e edípico e suas repercussões na adolescência e na vida adulta desses indivíduos. Teoria e clínica são articuladas e o percurso teórico contempla os ensinamentos de Sigmund Freud, Sándor Ferenczi, Michael Balint, Donald Winnicott, André Green e outros autores contemporâneos, ilustrados por casos clínicos e vinhetas que tratam desses padecimentos. Buscamos, destarte, formular um pensamento clínico sobre como melhor escutar em análise as dores decorrentes dessas relações e as saídas defensivas adotadas por tais analisandos face aos obstáculos na sua trilha da individuação, à luz de importantes ideias, tais como a dimensão do testemunho do analista, a concepção metapsicológica do terceiro na Psicanálise, bem como o processo de simbolização da história da relação fusional, que pode desembocar na experiência de que aquilo que, ilusoriamente, parecia ter sido um privilégio, pode ter sido, na verdade, um estado de privação estendido no tempo, sob a roupagem da dupla perfeita, dos melhores amigos, da devoção, do sacrifício, mas que, no fundo, gerava as sequelas de um abandono traumático.

Palavras-chave: relações fusionais, abandono traumático, sedução silenciosa, síndrome do incesto emocional, terrorismo do sofrimento.

ABSTRACT

This research deals with fusional relationships and misplacements in the process of individuation-separation of individuals who started to occupy traumatogenic positions in the bond with their parents. The cases reported here have been named as *silent seduction* or *emotional incest syndrome*, in which one of the parents turns to the child in search of a substitute partner. In another form of misplacement in the individuation-separation process, related to the idea of *terrorism of suffering* (FERENCZI, 1933), these parents make their child their best friend or confidant, imposing excessive demands on the child, without validating the child's psychic boundaries. In a third deviant position, there are still parents who make their children points of discharge for dissatisfaction from their personal lives. It is argued that such early experiences configure a state of deprivation and traumatic abandonment of such children. In this thesis, an attempt is made to analyze how fusional relationships and the psychic consequences for a child are configured when their parents are unable to provide an environment that facilitates their psychic constitution towards emancipation. Such relationships are considered in the pre-Oedipal and Oedipal periods and their repercussions in adolescence and in the adult life of these individuals. Theory and clinic are articulated and the theoretical path contemplates the teachings of Sigmund Freud, Sándor Ferenczi, Michael Balint, Donald Winnicott, André Green and other contemporary authors, illustrated by clinical cases and vignettes that deal with these ailments. We seek, start, to formulate a clinical thought on how to better listen in analysis to the pain arising from these relationships and the defensive outputs adopted by such analysands in the face of obstacles in their path of individualization, in the light of important ideas, such as the dimension of the analyst's testimony, the metapsychological conception of the third in psychoanalysis, as well as the process of symbolizing the history of the fusional relationship, which can lead to the experience that what, illusory, seemed to have been a privilege, may actually have been a state deprivation they were in time, under the guise of the perfect couple, best friends, devotion, satisfaction, but which, deep down, generated the sequels of a traumatic abandonment.

Keywords: fusional relationships, traumatic abandonment, silent seduction, emotional incest syndrome, suffering terrorism.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
INTRODUÇÃO E ESTRATÉGIA DA PESQUISA	21
CAPÍTULO 1 – RELAÇÕES FUSIONAIS NA CLÍNICA PSICANALÍTICA	28
1.1 O NASCIMENTO PSÍQUICO E OS EXTRAVIOS NA SEPARAÇÃO – INDIVIDUAÇÃO	28
1.2 MARGARET MAHLER E O PROCESSO DE SEPARAÇÃO-INDIVIDUAÇÃO ENTRE MÃE E BEBÊ.....	30
1.3 O FILHO NO SEIO DA FAMÍLIA	37
1.4 VIVÊNCIAS TRAUMÁTICAS E SEUS EFEITOS NAS RELAÇÕES FUSIONAIS.	41
1.5 A PERSISTÊNCIA DA CRIANÇA NO ADULTO.....	50
CAPÍTULO 2 – A SEDUÇÃO SILENCIOSA	53
2.1 SIGMUND FREUD, A SEXUALIDADE INFANTIL E O CONCEITO DE REPRESAS PSÍQUICAS.....	53
2.2 O CASO CLÍNICO MARLA	63
2.3 SÁNDOR FERENCZI E A TENDÊNCIA INCESTUOSA.....	65
2.4 CASO CLÍNICO DOUGLAS	69
2.5 AS IDENTIFICAÇÕES NARCÍSICAS ALIENANTES.....	74
2.6 HOMENS FUSIONADOS COM SUAS MÃES	80
2.7 UM EXEMPLO DE FUSÃO MÃE-FILHA	83
CAPÍTULO 3 – O TERRORISMO DO SOFRIMENTO	88
3.1 EFEITOS DA VIVÊNCIA TRAUMÁTICA NOS CASOS DE SEDUÇÃO SILENCIOSA E <i>TERRORISMO DO SOFRIMENTO</i>	93
3.2 OS CONCEITOS DE INTROJEÇÃO E INCORPORAÇÃO.....	97
3.3 FÉ, INCREDUVIDADE E CONVICÇÃO. A OBEDIÊNCIA CEGA.	100
3.4 AS FAMÍLIAS CLAUSTROFÍLICAS. A SÍNDROME DE ESTOCOLMO E A SÍNDROME DE STENDHAL.....	105
3.5 CASO CLÍNICO: MARK	110
3.6 PROMESSA AO AMANHECER.....	113
CAPÍTULO 4 – FILHOS E FILHAS QUE <i>SE AGARRAM</i>	119
4.1 IMRE HERMANN: O INSTINTO DE APEGO E O INSTINTO DE <i>IR-EM-BUSCA</i>	120
4.2 MICHAEL BALINT: THRILLS AND REGRESSIONS	127
4.3 DEFINIÇÕES DE BALINT SOBRE OCNOFÍLICOS E FILOBATAS	130
4.4 CASO CLÍNICO SAM.....	132
4.5 TRÂNSITO ENTRE OCNOFILIA E FILOBATISMO.....	134
4.6 A ANGÚSTIA DE SEPARAÇÃO.....	137
4.7 O APEGO E A NOÇÃO DE <i>SOTERIA</i>	140

CAPÍTULO 5 – AS RELAÇÕES FUSIONAIS E O COMPLEXO DE ÉDIPO	147
5.1 O CONCEITO DE PARRICÍDIO	148
5.2 O CONCEITO DE RECONCILIAÇÃO OU REPARAÇÃO (<i>ATONEMENT</i>)	150
5.3 A FANTASIA DE RELAÇÃO EXCLUSIVA E O INCESTO	153
5.4 MÃE E PAI COMO ENTIDADES CINDIDAS. A FANTASIA DO INIMIGO E A FANTASIA DO SALVADOR.	157
5.5 AS ILUSÕES EDIPIANAS.....	166
5.6 AS SAÍDAS DEFENSIVAS	170
CAPÍTULO 6 – PATOLOGIAS DA TRANSICIONALIDADE	174
6.1 A INCAPACIDADE DE ESTAR SÓ	177
6.2 OS OBJETOS E FENÔMENOS TRANSICIONAIS	188
6.3 O EXAGERO DO USO DO OBJETO TRANSICIONAL E O MENINO DO CORDÃO	194
6.4 AS ADICÇÕES	197
6.5 OS EXTRAVIOS DA FUNÇÃO DO OBJETO.....	205
CAPÍTULO 7 – PENSAMENTO CLÍNICO	209
7.1 A DIMENSÃO DO TESTEMUNHO DO ANALISTA.....	215
7.2 A FIGURA DO TERCEIRO NA PSICANÁLISE.....	223
7.3 O LEGADO FERENCZIANO PARA A CLÍNICA PSICANALÍTICA	229
7.4 ESCUTAR COM O TERCEIRO OUVIDO.....	238
7.5 O PROCESSO DE SIMBOLIZAÇÃO DA HISTÓRIA RELACIONAL FUSIONAL NO "AQUI E AGORA"	243
7.6 UMA TERCEIRA MARGEM	251
CONSIDERAÇÕES FINAIS	261
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	267

APRESENTAÇÃO

Estamos sempre à procura das nossas grandes crianças. Essas que começamos por ser e que se tornaram paulatinamente inacessíveis, como irrealis e até proibidas.

Crianças que caducaram, partiram, tantas por ofensa, tantas apenas por esquecimento. Dizíamos que deixamos de saber delas é pausar o presente e ensaiar erguer o futuro no amplo vazio.

A criança que não regressa é uma falta de saúde no tempo. Uma enfermidade que aguarda de qualquer maneira.

Valter Hugo Mãe

O tema das relações fusionais ou simbióticas se revela frequente e pungente na clínica psicanalítica e, de algum modo, supera as barreiras do tempo e assume uma natureza atemporal, por tratar do humano em sua origem, em sua filiação, em seu nascimento, não apenas físico.

Trata-se de uma temática que emergiu da minha prática clínica e começou a suscitar um interesse inquietante e insistente, a ponto de converter-se no objeto desta pesquisa.

Contar a história clínica de tais indivíduos nesta tese de Doutorado é, em parte, uma tentativa de falar de seu nascimento psíquico, da migração de tais indivíduos de um ponto de partida de certa indiferenciação e fusão com seus genitores rumo à conquista de alguma diferenciação, discriminação e autonomia pela via do processo de escuta; é ainda, em parte, tratar da presença do analista como um terceiro elemento nesse emaranhado relacional, que deriva de vivências muito primitivas de simbiose.

De modo simplificado a princípio, o que nos ocorre é que tais indivíduos desempenharam papéis complementares aos de seus entes parentais e, nessas posições subjetivas, experimentaram vivências traumáticas. Trataremos de casos em que houve um enlace excessivo, muitas vezes experimentado como exclusivo ou extremado, de um filho ou filha com sua mãe ou pai, nos quais foram sendo mescladas questões intrapsíquicas de um e de outro de forma patológica, em uma tensão constante entre o aprisionamento e a emancipação.

Narraremos histórias de pais e mães que, por imperativos intrapsíquicos, lançaram o apelo de satisfação de suas demandas emocionais e psíquicas aos seus filhos ou filhas, que acabaram por cuidar de dores de uma vida adulta insatisfatória, infeliz ou solitária.

Genitores que fizeram com que seus filhos apenas pudessem se apropriar do mundo com a sua interveniência colonizadora, com uma intermediação de tal modo transbordante ou

tirânica (ainda que inconscientemente) que acabou por prejudicar a constituição de uma identidade própria como condição essencial e fundante do psiquismo do filho.

Falaremos de pacientes adultos que chegam em análise após terem ocupado lugares sacrificantes no vínculo de filiação, funcionando ora como parceiro amoroso do genitor ou genitora, ora como companheiro de vida, cuidador, ou conselheiro de uma mãe ou pai em estado de desamparo, desespero ou frustração em razão de sua história de vida adulta e de suas vivências traumáticas mais profundas.

A ocupação indevida de tais lugares pelos filhos gerou, assim, um considerável estado de privação, que se consolidou ao longo do tempo como abandono traumático; contudo, tal posição sempre esteve encoberta por um manto de positividade, nobreza e devoção em razão da experimentação de um vínculo supostamente especial, privilegiado e exclusivo.

Como conceber a noção de apropriação subjetiva nesses casos? Parece que a tarefa de se individuar, apropriar-se de si mesmo, árdua para cada um de nós, não pôde prosperar nesses casos particulares em que se travou uma luta incessante, porém silenciosa e silenciada, entre o âmbito amoroso e o mortífero. Tais indivíduos, enredados na trama da história dos seus genitores, acabaram vinculados a dívidas impagáveis e a reparações de histórias que lhes antecederam, sejam perdas mal elaboradas e lutos não trabalhados, sejam desilusões amorosas que não cessaram de incomodar a seus genitores.

A depender do enredo aprisionante tecido pela mãe ou pelo pai ou da ameaça que eles exteriorizaram, muitos desses filhos ficaram impossibilitados de desconsiderar tal clamor de atenção, dependência, simbiose e submissão. Foi penoso ou impossível desejar algo diferente do familiar, desejar crescer e andar com as próprias pernas sem carregar uma culpa insuportável.

Nesses casos, aquele que deveria se retirar insistiu em permanecer, em se enraizar tal qual uma trepadeira na vida psíquica do filho escolhido (e encolhido); aquele que deveria se afastar insistiu em tomar espaço, tomar posse da sua construção identitária, impedindo novas ramificações rumo a relações objetais exogâmicas.

Se, por um lado, muitos desses filhos mencionam o encantamento quanto à memória de ocupação desse lugar, de ser "tudo para um outro", mãe ou pai, ainda que na fantasia, por outro lado, porém, sentem que sua história pessoal foi invadida, seu território psíquico foi pilhado e surrupiado e não conseguem se sentir autores de um caminho desejante próprio.

São analisandos que viveram relações fusionais e nos procuram com sintomas marcados pela repetição e pela adesão compulsiva a substâncias e a pessoas e que podem se valer do processo de análise para se aproximar da simbolização daquilo que ocorreu e ocorre nos subterrâneos de tais vínculos, com vistas à apropriação subjetiva de suas experiências. Desse

modo, pode vir a ser elaborada lentamente uma forma de substituição das ações diretas, compulsões, adições e manifestações em atos sintomáticos como saídas defensivas decorrentes dessas relações fusionais por processos representacionais de suas dores.

Trataremos, enfim, da escuta clínica de casos nos quais *o amor entre pais e filhos transborda* e nos quais as *infâncias de tais filhos são silenciosamente usurpadas*.

Freud já nos ensinara, desde 1926, que há mais continuidade entre a vida intrauterina e a primeira infância do que nos faz crer a noção do ato de nascer como um evento único e fundador. Nessa mesma trilha, dedicada ao tema da fusão mãe-bebê que marca o início de nossas vidas, McDougall (2000) trata da fantasia primitiva de que há um corpo para dois, um psiquismo para dois, imantados em uma unidade psíquica primordial indivisível.

A mãe, contudo, antes fusionada ao filho em termos ilusórios, deverá autorizar que o terceiro chegue, ingresse no circuito pulsional do bebê e exerça seu papel na constituição psíquica da criança, albergando o corte que gera estruturação, tanto por instituir a ausência da mãe e inaugurar um novo espaço psíquico quanto por afastar o gozo absoluto da mãe sobre o corpo e o psiquismo do filho.

Ocorre, porém, que alguns genitores, atendendo a demandas próprias e ocupando posições fálicas e/ou narcísicas, diante da constatação da falta e do vazio em suas vidas, recusam parte da realidade, e da castração, e seguem na ilusão de completude, podendo lançar sobre seus futuros filhos a demanda de tamponamento ou apagamento da falta, buscando compensações e mais compensações na relação com seus filhos.

A mãe que pode investir no filho como investiria em uma relação objetal fica apta a reconhecer as necessidades do bebê como um outro e não como um pedaço de si mesma. Todavia, se ela não tiver condições de ofertar ao bebê tal qualidade de investimento, haverá o domínio do atendimento às suas demandas pessoais.

Freud (1931) nos ensinou também sobre o amor demandante dos filhos, irrestrito e sem medida, que requer exclusividade e não tem abertura para partilhas com outros, um amor que será necessariamente frustrado quando o bebê vai se dando conta da realidade, mas que irá favorecer, pouco a pouco, o desenvolvimento libidinal desse filho, permitindo-lhe sair da díade rumo ao encontro com a alteridade e com os terceiros em sua vida pessoal.

Dificuldades aparecerão nessa trilha, incluindo ações e reações à individuação e à separação, investimentos e contrainvestimentos, atividade e passividade, impulso e resistência. Será travada uma luta incessante entre estar fundido com o ente materno e discriminado dele, assumindo um contorno próprio, o que ilustra a ideia de que se desemaranhar dessa relação fusional pode trazer uma sensação de morte, de vazio e um estado confusional.

Como veremos, mãe e pai poderão auxiliar no caminho da separação ou atravancar o percurso com suas demandas narcísicas. Os pais aqui descritos, certamente, tiveram questões profundas pouco elaboradas no seu passado, formatando essa matriz demandante e inquisidora, segundo a qual os filhos devem recompensá-los e fazer reparações constantes em razão de tudo que já viveram ou dos sacrifícios por eles enfrentados.

O caso Douglas. O caso-semente.

O caminho a ser trilhado nesta tese começou quando Douglas adentrou em meu consultório com lágrimas nos olhos para o início da sua análise.

Douglas, o filho. Marina, a mãe¹.

A história deles era a de uma relação fusional tão intensa, de uma ligação entre mãe e filho tão visceral, que esse emaranhado passional impedia que cada um deles pudesse construir uma vida emocional própria, que se apropriasse psiquicamente dos próprios desejos e da capacidade de pensar individualmente sobre seus afetos. Viviam como um só, indiscriminados, misturados, mas também desesperados e horrorizados com a proporção violenta que essa ligação ia tomando.

Quaisquer tentativas de separação e discriminação entre eles culminavam em brigas físicas violentas e Douglas começou o processo analítico premido pelo sentimento de repulsa e horror que ele sentia com a verticalização da agressividade que passou a acontecer nesses conflitos.

Aos 23 anos, na primeira sessão, Douglas desabou em um choro prolongado e sofrido e disse que queria "colocar para fora as dores e os horrores que vinha carregando", narrando sua história de violências domésticas e constantes brigas físicas com sua mãe, Marina, que tinha então 60 anos. Mostrou-me algumas marcas no braço e no pescoço, dizendo-me que eles haviam brigado há alguns dias e que ele precisava de ajuda para cortar o ciclo de brutalidade, "conseguir sair de casa e deixá-la". Acrescentou que Marina vivia esbravejando que ele era "um caso perdido e um inútil" e que ele, por sua vez, sentia uma raiva incontrolável. Seus amigos não acreditavam que ele aguentava conviver com a mãe, mas não conseguia se imaginar sem ela.

Douglas anunciava a mim, de forma desesperada, algo com o seguinte teor: "vai ser árduo me separar da minha mãe, mas preciso viver a minha vida". Por outro lado, ele deixava bem claro que a ideia de separação não podia sequer ser pensada, muito menos experimentada, sem que ele

¹ Os nomes são fictícios e as circunstâncias que poderiam levar à identificação do paciente foram modificadas para cumprir a prerrogativa ética do sigilo.

se deparasse com algo muito próximo da morte e do aniquilamento, com uma despersonalização quase insuportável. Marina inspirava um caos em que Douglas temia se perder.

Douglas contou-me que era sua mãe que o provocava muitas vezes, porque se irritava em vê-lo em casa sem trabalhar. Ele havia doado alguns de seus bens (cama, computador, roupas e aparelhos de som) depois que voltara da Índia para viver uma experiência de "renascimento". No curso que fôra fazer, ele sofrera demais e decidira desistir antes do término, mas a mãe mudara desde então, dizendo que sabia que ele não conseguiria e que não aceitaria um vagabundo em casa. Douglas disse que achou muito estranho o exagero da mãe no dia de sua partida, pois parecia que a despedida tinha sido "insuportável" para ela, que agiu de uma forma "insana e irracional", como se tivesse acabado o mundo, "fazendo um drama como se alguém tivesse morrido". Ela gritava muito, segurava-o com força e implorava para impedi-lo de ir. Contando em análise o evento, que ele qualificou como "horrível", Douglas ficou muito emotivo e assustado. Ele relatou que, desde a volta de tal retiro, as brigas físicas pioraram muito; e me pedia ajuda para entender a "tragédia" que estava acontecendo, porque ele estava se tornando uma pessoa de quem tinha vergonha, além de sentir muito medo do que seria capaz de fazer. Falou-me sobre uma briga em que ele e a mãe começaram a se empurrar e ela o arremessara na grade de ferro da casa, apertando sua boca; por isso, em revide, ele apertara o pescoço dela para se libertar.

O tom, estranhamente, não parecia ser de medo, mas, sim, de uma grande carga de erotismo e agressividade sem limites entre os dois, sobretudo porque vários detalhes indicavam uma relação tumultuada, mas também muita excitação e dificuldade de eles se separarem, como se, ao brigar, virassem "um só" e a meta da luta fosse essa indiscriminação entre eles.

O caso exalava então uma certa aura de incesto e morte. A ideia de fusão, que transmitia também muita tensão sexual, colocava sempre em dúvida se era possível firmar um limite sem que isso gerasse uma ameaça mortífera. Nessa cena narrada por Douglas, o limite apareceu dado por uma grade de ferro, que deteve a tensão e, ao mesmo tempo, trouxe o interdito, mas também o susto de ambos ao se verem separados e, ao mesmo tempo, muito próximos de algo estranho, intenso e enigmático que os ligava e envergonhava ao mesmo tempo.

Durante os seis primeiros meses de análise, as narrativas se referiam a novas brigas, muitas de tom bastante pesado, com alta carga de hostilidade e confrontos entre os dois, situações difíceis de serem escutadas, porque mesclavam, além da parte física, certa dose de aniquilamento moral de Douglas. Ele sentia que sua mãe saía vitoriosa pois, ao final de cada conflito, ela dizia algo em tom categórico que o deixava "quebrado", por exemplo: "você não

vai dar certo nunca", "você vai ficar sozinho, porque ninguém te aguenta", "ninguém vai te contratar" e "você é um monstro".

Ele dizia parecer que a briga virava realidade apenas quando a narrava em análise. Era como se a narrativa a um terceiro trouxesse à luz a experiência emocional de Douglas de forma mais inteira, ou seja, aquilo que parecia irreal, surreal ou sem nenhum limite, ao ser contado para uma terceira pessoa, sofria a incidência de outro olhar, de outro enquadre e, assim, com a distância inserida, virava algo passível de contorno, reflexão, ou, até mesmo, assombro.

No dia seguinte aos conflitos, Douglas recebia mensagens da mãe, que se dizia arrependida do que tinha feito e ele, em geral, aceitava o perdão dela ao ouvir que ela o amava "mais do que tudo no mundo". Ele pedia desculpas também, mas ficava bastante intrigado com o fato de que ela o perdoava muito facilmente. As brigas continuavam dias depois sempre quando ele pedia dinheiro e ela dizia que não tinha. Quando o conflito se tornava "físico", ela o ameaçava, dizendo que iria denunciá-lo à polícia, mas nunca tinha coragem de fazê-lo. De alguma forma, tal ameaça de denúncia já era a anunciação de um terceiro, desejado e temido.

Começamos a falar sobre o nascimento de Douglas, que ocorreu quando sua mãe já tinha quase 40 anos. Douglas lembrou que vivia "grudado" nela o tempo todo, "como uma cola" e que, depois da separação dos pais, "eram só os dois" e "era perfeito". Recordou que viam desenhos animados e filmes no sofá "como se fossem dois namorados" e que passeavam na rua como "um casal feliz". Ele se sentia grande e forte, como um protetor da mãe; porém, quando foi crescendo e querendo fazer outras coisas sozinho, a reação de oposição da mãe começou a se manifestar de forma intensa. Ela tinha ciúmes e necessidade de controlá-lo, segundo dizia.

Douglas relatou que sua mãe tinha um irmão gêmeo, Caio, que morreu "louco e doente" aos 35 anos, de ataque cardíaco. Marina contava que o irmão era lindo demais e que eles viviam sempre juntos, pois haviam sido criados por governantas e babás. Quando Caio tinha 22 anos (época coincidente com a morte da mãe deles), ele "começou a se envolver com drogas, foi diagnosticado como esquizofrênico, tomou choques e foi internado". Marina dizia que Caio tinha ficado no mundo só de corpo presente, porque naquela época "a alma foi embora".

Douglas lembrava perfeitamente da mãe narrando essas histórias de infância e disse que ele sentia uma dor forte no peito quando as ouvia, porque achava que ela tinha sofrido muito. Marina não se lembrava se, algum dia, a mãe dela a teria chamado por seu nome próprio. A avó de Douglas dizia: "Os gêmeos já almoçaram? Os gêmeos já tomaram banho? Está na hora de os gêmeos dormirem". Douglas tinha muita pena da mãe quando ouvia tais histórias; ele sentia um pouco de raiva da avó materna e pensava em um jeito de apagar a dor que a mãe vivera. Por outro lado, achava que deveria ser muito divertido ter um irmão gêmeo e ter alguém muito

próximo, pois ele sempre sonhara em ter um irmão. Lembrou ainda de cenas contadas por sua mãe em que ela e o irmão ficavam sentados na escadaria da casa, admirando a mãe de longe, enquanto eram dadas festas animadas, cheias de pessoas bonitas lá embaixo. Marina lhe dizia que a avó de Douglas era "a mais linda de todas" e que ela e o irmão Caio tinham combinado, nessa escada, que seriam uma "dupla para sempre". Douglas não conheceu a avó, que morreu quando sua mãe e seu tio Caio tinham 22 anos. O casamento dos pais de Douglas aconteceu muito tempo depois, mas eles se separaram quando ele ainda era muito pequeno.

O pai de Douglas aparecia muito pouco em seu relato, apesar de sempre terem mantido contato ao longo do tempo, e talvez fosse esse o maior indicativo de que vigorava uma fantasia de unidade dual entre ele e a mãe, como se o pai tivesse conhecido Marina apenas para fazer o filho e deixá-lo com ela. Nitidamente, a ideia do "três" não era possível, "um" não era desejável, dada a sua incompletude, e, por isso, só o "dois" era considerado perfeito.

Começou a ficar claro na análise que a mãe de Douglas reproduzia com ele a vontade de ser "uma dupla para sempre", do mesmo modo que ela combinara com seu irmão que morrera precocemente, deixando-a sem a sua "outra-metade". Pelo relato de Douglas, ia se confirmando que Marina nunca se sentira vista e apreciada pela mãe como uma filha singular e com personalidade individual, o que lhe trazia a sensação de desamparo constante. Ela se sentia abandonada e vivia sonhando em encontrar um homem que cuidasse dela, pois, desde que o irmão Caio adoecera, sempre se sentira "faltando um pedaço". A mãe não conseguira atender às suas necessidades primitivas, porque ela tinha sido vista como um duplo do irmão, e dizia sentir-se "sem uma metade dela mesma". Comparando o irmão gêmeo e o filho, Marina dizia a Douglas que, quando estava "de bem" com ele, sentia a mesma paz que ela sentia com Caio.

Douglas foi ocupando o lugar de substituto do irmão gêmeo da mãe e fazendo com ela "uma dupla para sempre", por isso a simbiose aconteceu de forma tão profunda e eles passaram a viver, um para outro, como partes complementares, como metades que só existem quando misturadas e presas uma à outra. Como reféns.

Ficavam ecoando nas sessões as perguntas: eles eram reféns de quem? Um do outro? Do passado de Marina? Do resgate do luto do irmão gêmeo falecido?

O que parecia era que Douglas era a sombra de um morto. Douglas era o destinatário infeliz de uma trama que o antecederia.

Durante a análise de Douglas, diversas brigas iam acontecendo e novas acusações duramente aniquiladoras eram feitas a ele por Marina. A cada nova tentativa dele de arranjar um trabalho, surgia algo como: "eu sabia que não ir dar certo e que você iria desistir". Às vezes, Douglas me mostrava marcas no pescoço e nos braços e contava, com vergonha e tristeza, que

tinha também feito marcas nela. A relação entre eles se expressava como um emaranhado fusional em que não existiam dois indivíduos discriminados, mas uma "colagem" caótica que gerava despersonalização, desespero e sofrimento para ambos.

Com a passagem do primeiro ano, começaram a aparecer alguns frágeis elementos de separação entre eles e Douglas começou a associar o fato de ter namoradas muito mais velhas ao vínculo "pesado" que tinha com a mãe. Ele fez a associação quando relatou que teve uma namorada dez anos mais velha, acrescentando: "Minha mãe morre de ciúmes de mim quando estou namorando uma mulher mais velha". Ele começou a formular indagações profundas sobre o laço com Marina, dizendo que era algo "doente", pois dominava a vida dele.

Em determinado momento da análise, Douglas começou a aparecer nas sessões vestido de uma forma diferente do usual, com casacos enormes e calças como pijamas por baixo. Pediu-me para ficar "encolhido" no divã e tivemos cinco sessões calmas e essencialmente tristes em sequência, nas quais ele falou da profunda solidão que sentia, da dificuldade em saber quem ele era e do que realmente gostava, "como se não tivesse uma identidade própria".

No trabalho de escuta de Douglas, fui testemunhando o quão doloroso, intrincado e fatigante pode ser o entrelaçamento extremado de um filho com sua mãe e foram sendo mobilizadas diversas perguntas e vários enigmas sobre as questões intrapsíquicas dele e dela, já que sempre aparecia a impossibilidade de que eles pudessem se constituir de forma autônoma e independente. Era como se eles dividissem um psiquismo para dois, um corpo para dois e sempre se sentissem incompletos e dependentes um do outro por terem se usado mutuamente como uma prótese narcísica. Como analista, eu ia percebendo que qualquer pequena ruptura ou tentativa de afastamento entre eles era experimentada como sufocante e insustentável. Quando Douglas saía de casa por uns dias, a mãe não aguentava; já quando ela viajava por um período, era ele que se sentia totalmente perdido. Era como se eles precisassem se enlaçar em um abraço mortífero que anulava a existência individual dos dois, dava a ilusão de felicidade e completude de serem um só, mas depois esse amálgama imprimia uma carga mortífera penosa e eles sufocavam. Eles lutavam e se batiam para se separar, mas não havia consistência egoica para se sustentarem inteiros, um sem o outro.

No início, não havia "o verbo". A relação entre Douglas e sua mãe ainda não tinha qualquer representação simbólica, muito menos qualquer possibilidade de narrativa no que se refere às demandas inconscientes de Marina, preexistentes ao nascimento do filho, que veio ao mundo com a missão predeterminada de lhe fazer companhia, preencher seu vazio existencial, mas também de fazer com ela "uma dupla para sempre" de modo a consolar o seu luto atinente à perda do irmão gêmeo precocemente morto.

Ademais, e de forma ainda mais grave, precedia a chegada de Douglas também a demanda de aplacar a dor de Marina por não ter existido singularmente aos olhos de sua avó, que a concebia emocionalmente apenas como um "duplo", uma parte incompleta de um inteiro, já que "os gêmeos" eram vistos em seu caráter geral e não particular, e Marina intuía que não ter sido chamada por seu nome próprio era um indício de não ter sido objeto de desejo materno.

Parece que a viagem de Douglas à Índia em busca de um renascimento tocava nas questões inconscientes mais profundas de Marina, abrindo espaço a uma raiva incontrolável da mãe por ele. Essa raiva materna encobria, na verdade, um luto em aberto, uma dor que nunca parou de latejar.

O irmão Caio havia morrido e Marina colocara seu filho Douglas no lugar do falecido, mas essa substituição se revelou bastante precária. No momento em que Douglas decidiu então viajar para longe para "renascer" na Índia, ele estava, de alguma forma, morrendo simbolicamente para ela; mas ele voltou. Marina então reexperimentou certamente o trauma da perda e do retorno da perda, em um resto indigerível que insistia em se repetir. Por outro lado, Marina sabia que o irmão tinha morrido havia muito tempo, levando com ele partes essenciais dela e intuía que nunca mais se sentiria inteira. Por isso, restou a Douglas presenciar a cena um pouco incompreensível para ele, diante da carga emocional que lhe parece desproporcional e exagerada em razão da sua partida.

No início, não havia apropriação subjetiva de um lugar de sujeito. Na análise de Douglas, como dito, ele se queixava de não ter uma identidade própria, o que o impedia de trabalhar, gostar de um ofício, amar alguém ou produzir algo autoral. De fato, ele não tivera a chance de se separar psiquicamente do ente materno, sendo o destinatário de um encargo que cumpria e seguia à risca, mesmo na vida adulta: a missão de ser para ela sempre um menino, um filho pequeno que não se afasta da mãe e que nela, e em mais ninguém, encontra sua fonte de vida, dando à sua genitora um lugar de existência narcísica, antes fraturado. Não havia ali ainda um sujeito, pois ficara impedido o seu nascimento psíquico.

O fim da análise de Douglas, de forma promissora, coincidiu com um momento no qual ele e a mãe passaram a morar em cidades diferentes, motivo pelo qual se deu a escolha desse caso para frutificar o presente campo de pesquisa, sobretudo com a sustentação de uma visão clínica na qual esses analisandos não sejam reduzidos à mera condição de *vítimas*, mas, sim, que possam ser alçados também a uma posição subjetiva mais esperançosa de *sobreviventes* de um entrelaçamento complexo, em que há uma profusão de demandas intrapsíquicas do ente materno, mas que também se alia a demandas intrapsíquicas do filho quanto à manutenção de uma relação exclusiva e privilegiada, por diversos motivos e elementos variados a seguir apreciados.

O vínculo entre Douglas e Marina trouxe tantas indagações, enigmas e pensamentos clínicos inspiradores e, também, desafiadores que posso eleger esse laço fusional como uma semente do trabalho complexo que florescerá nos capítulos que seguem. A relação entre eles, assim como tantas outras com as quais nos deparamos na clínica, afigura-se eivada de afetos intensos, conscientes e inconscientes, de muitas emoções ambivalentes – um amor profundo convivendo com muita raiva e ódio, além de um desamparo imenso contraposto ao desejo de libertação de um vínculo adoecido – sentimentos opostos, paradoxais, mas de intensidade tão expressiva que comprometem a vida psíquica desses indivíduos de modo considerável e que nos fazem pensar em como melhor escutá-los e manejar suas queixas e demandas em um processo de análise.

Partindo da escuta desse caso clínico e do interesse no aprofundamento no tema, a presente pesquisa tem por objetivo construir um pensamento teórico e clínico sobre as *relações fusionais*, na tentativa de analisar como elas configuram, quais as causas da impossibilidade de separação do amálgama mãe-bebê em alguns casos, bem como do emaranhamento emocional de genitores e filhos de outras idades; e quais as decorrências patológicas da manutenção da fusão a pessoas que servem para impedir o indivíduo de fazer contato com a ausência, com o vazio e com a separação que lhe permitiria que se constituísse em termos de ego unitário.

Os desdobramentos do caso clínico de Douglas serão narrados nesta tese mais adiante, com um enfoque sobre o processo de análise em casos de relações fusionais como uma saída esperançosa para a simbolização de dores primitivas, traumas precoces e questões conscientes e inconscientes da mãe e do filho, presentes nessa escuta. E, também, como uma via para a construção de uma vida psíquica mais independente e menos mortífera para ambos.

Tal abordagem se estenderá pelo processo de desenvolvimento pré-genital e edípico, pois também pretendemos fazer um percurso de modo a considerar os laços fusionais em períodos mais avançados e suas repercussões na adolescência e na vida adulta dos analisandos.

Além dos extravios na trilha da individuação, cabe dar espaço ainda ao estudo das saídas defensivas adotadas por tais sujeitos, vítimas e/ou sobreviventes de relações fusionais. Buscamos, assim, abordar detidamente tais pontos para formular um pensamento clínico sobre como melhor escutar, na clínica psicanalítica, os padecimentos decorrentes de tais relações fusionais, sob o ponto de vista da ética e da técnica psicanalítica.

INTRODUÇÃO E ESTRATÉGIA DA PESQUISA

Na escuta psicanalítica de pacientes adultos, tomamos ciência sobre caminhos sinuosos quanto à busca de autonomia ou, até mesmo, sobre relações simbióticas que perduram ao longo de toda a vida de indivíduos que, mesmo constituindo novas relações afetivas, estão vinculados ao pai ou à mãe em um laço fusional e indissolúvel que compromete suas relações futuras.

São analisando que nos contam sobre a vivência de sucessivos fracassos em relações amorosas, sobre compulsões por parceiros sexuais em série para combater a sensação de vazio, sobre perversões, compulsões alimentares, adições em sexo virtual, álcool e drogas, assim como nos formulam indagações sobre seus divórcios sucessivos ou relações que não se aprofundam, pois sentem que não conseguem sustentar compromissos ao longo do tempo.

Para inaugurar a reflexão sobre relações simbióticas ou fusionais, podemos pensar inicialmente na imagem dos primeiros passos de um bebê para falar dos acertos e desacertos que podem ocorrer nessa trilha, dos encontros e desencontros entre pais e filhos.

Cabe-nos abrir caminho para uma apreciação detalhada e vagarosa acerca das contraposições entre autonomia e simbiose.

Usando essa imagem metafórica, imaginemos uma mãe que acompanha seu filho de forma dedicada, frente a frente com ele, ensinando-o a andar sozinho. Seus gestos asseguram ao filho que ela está de braços abertos para ele, mas a mãe está suficientemente longe, permitindo que ele vivencie a experiência de não ser diretamente apoiado. Ela segue os movimentos do filho como se estivessem no mesmo compasso de uma dança, apesar de afastados por alguma distância. Quando ele se desequilibra, ela se inclina dando a entender que poderia segurá-lo, de forma tão sutil que a criança não chega sequer a perceber que está andando sozinha. Além da caminhada no mesmo compasso, a mãe põe mais algo na cena: suas expressões de encorajamento e seu rosto materno, que expressa uma recompensa. O olhar da mãe convoca então o olhar fixo da criança, como se entre os dois olhares houvesse um elo tão firme que fizesse com que a criança deixasse de se fixar nas dificuldades do caminho. O filho sente-se, assim, apoiado em braços que não o estão efetivamente segurando e sustentado por esse cordão visual imaginário de apoio. Apesar de lutar para chegar apressadamente ao aconchego do abraço da mãe, ele dá uma prova de que pode andar sozinho, e de que, ao mesmo tempo em que precisa da mãe, também pode passar sem ela².

²Metáfora decorrente de uma releitura da imagem escolhida por Kierkegaard (1846, p. 85, *apud* MAHLER, 1975/1993, p. 80).

Podemos apreciar esse protótipo de caminhada feliz e bem-sucedida em que a conquista dos primeiros passos é um motivo de júbilo para ambos, mãe e filho, mas também podemos opor tal cena aos casos em que tal experiência, de algum modo, esbarra em obstáculos que travam o caminho da emancipação e da autonomia.

Sabemos que algumas mães enfrentam com intensa ambivalência o processo de locomoção de seus filhos e que, diante da percepção de que eles começam a se lançar na descoberta do mundo e se distanciar do lugar simbiótico que ocupavam na relação dual mãe-bebê, interrompem a caminhada do filho, abraçando-o precipitadamente ou carregando-o no colo em uma tentativa, muitas vezes inconsciente, de evitar o processo de autonomia.

Quando ocorrem conflitos no curso do processo de separação, há um declínio significativo no prazer da descoberta de rotas diferentes das familiares; quando há relutância da mãe em renunciar ao contato corporal com seu filho e ela não consegue impulsionar a criança a adotar um passo autônomo, falta ao filho, muitas vezes, capacidade e coragem de se emancipar e aparece, em tais casos, uma eclosão da angústia de separação que pode acompanhá-lo indefinidamente.

Por outro lado, há aquelas crianças que conseguem estabelecer um contato qualificado à distância com suas mães nos seus primeiros passos e se sentem aptas a seguir a caminhada, apoiando-se nesse "elo" entre os olhares, que se afigura autorizador, apoiador e, além disso, incentivador de novas trilhas rumo à individuação.

Usando a metáfora da mãe-pássaro, que impulsiona o passarinho a tomar uma atitude autônoma e voar, essa ideia fica bem explícita nos estudos de Margaret Mahler (1975/1993, p. 87) sobre o processo de separação-individuação da criança, que envolve diversas subfases e se desenrola lentamente. A autora defende que a disposição da mãe deve incluir a possibilidade de soltar o filho, mas também a de dar-lhe "um leve empurrão", dando-lhe coragem de se tornar um ser independente. Para ela, esta é uma condição *sine qua non* para uma individuação saudável.

Na aquisição dos primeiros passos, que estamos invocando como um paradigma de várias outras conquistas e caminhadas no curso da vida do indivíduo, desde a mais tenra idade até a sua fase adulta, fica bem claro que a criança carrega a contradição de ser invadida por duas correntes distintas: a primeira é o impulso de se afastar e caminhar, mas também de ser seguida pela mãe e novamente carregada no colo; nesse caso, se a mãe não segue a criança ou não investe seu olhar nela, a expectativa cai no vazio. A segunda corrente é o sentimento do *infans* de que pode ser engolido pela mãe e, assim, perder a chance de explorar o mundo. Ele sente desejo e medo; o desejo de explorar o mundo e também de se unir ao objeto-mãe e o medo de se perder nessa unidade.

O que acontece, em termos psicopatológicos, quando a aquisição do "eu sou" acaba comprometida ou prejudicada pelo ambiente, que não consegue fazer a função de um entorno facilitador e se torna espaço patogênico? Quais as decorrências sintomáticas das variadas invasões, excessos, omissões e ataques do ambiente que circunda o indivíduo?

A presente pesquisa tem a natureza de uma *pesquisa em Psicanálise*, de ordem *teórico-clínica* e, como dito, tem como ponto de partida algumas indagações e enigmas enfrentados diretamente na clínica na escuta de pacientes vinculados de forma fusional a seus genitores, a exemplo do analisando Douglas, citado na Apresentação.

Aliado a isso, abordei na dissertação de Mestrado³ algumas questões quanto ao excesso de oferta dos entes primordiais em tempos precoces do bebê e às defesas decorrentes da reação a essa intrusão. A pesquisa tratou de situações nas quais os indivíduos usavam defensivamente a fusão a objetos e pessoas como um artifício para experimentar a própria existência individual.

As questões ali respondidas acabaram por abrir um novo campo de estudo, suscitando um interesse específico sobre o tema das *relações fusionais*. Para tanto, empreende-se uma tentativa de garimpar subsídios teóricos sobre o tema, buscar apoio em autores da Psicanálise para firmar um pensamento clínico quanto a tais padecimentos, utilizando vinhetas e casos clínicos que explicitam na cena analítica os dilemas e a manifestação de sintomas correlatos a tal tipo de vinculação distorcida entre pais e filhos.

Os conceitos a seguir formulados, assim como o caminho teórico eleito para apreciar o tema das relações fusionais, têm relação direta com a apreensão clínica de elementos de escuta psicanalítica, fundada em atenção flutuante em uma relação transferencial e sob os impactos da contratransferência. Há, portanto, um recorte particular da realidade clínica em decorrência da escuta de sujeitos em análise, ou seja, há transformação e tramitação do material pela psicanalista, em contraposição à noção estrita de método. Não há, portanto, uma "coleta de dados" para uma pesquisa baseada em métodos científicos de observação e refutação ou fundada em dados concretos.

Adotaremos, assim, a noção de Psicanálise defendida por Minerbo (2000) como matriz de *estratégias de investigação* e, não, como método estrito de pesquisa.

A apreciação do tema a partir da teoria psicanalítica, iluminada e ilustrada por algumas vinhetas e casos clínicos, com suas particularidades, tem como elemento propulsor a tentativa de responder a questões clínicas, dentre elas: qual deve ser a posição da analista diante de tais casos? Como conceber uma ética do cuidado que abranja tais impasses?

³ Tais questões foram posteriormente desenvolvidas no Capítulo 4 do livro *Corações Murchos. O tédio e a apatia na Clínica Psicanalítica* (GRADIN, 2020).

Os casos e vinhetas clínicas originam-se de duas fontes: de obras publicadas sobre o tema e da escuta proveniente do meu trabalho como psicanalista, sendo feitos recortes do conteúdo de sessões ou de partes da história que possibilitam a preservação do sigilo e a proteção da identidade dos analisandos. Cada vinheta em questão não é uma história clínica propriamente dita, nem o retrato fiel da análise empreendida, mas apenas um fragmento que nos permite avançar no aprofundamento do tema das relações fusionais, com toda a cautela ética. Os nomes reais e situações foram modificados para preservar o anonimato dos analisandos e alguns relatos são combinações de histórias clínicas.

Alguns desses casos foram deixando mais vivo o meu interesse em estudar as relações fusionais com vagar e detalhamento, sobretudo porque o processo analítico nos coloca em confronto com duas demandas contraditórias: o pedido do analisando, implícito ou explícito, de que o ajudemos a se separar do ente fusional, mas, por outro lado, um empuxo da resistência a tal separação, que é vivida como um tipo de morte ou aniquilamento. A ideia racional de autonomia e emancipação permanece em constante antagonismo com os desejos inconscientes do filho de permanecer em uma relação privilegiada com o pai ou mãe, marcada pela exclusão de terceiros. Ou seja, o analisando nos anuncia, assim como fez Douglas, um pedido de separação do laço fusional, mas, por outro lado, ao longo do processo, produz dificuldades quase intransponíveis.

Esse e outros casos clínicos nos colocarão face a face com as fantasias onipotentes que aparecem em tais vínculos, mas também com as dores e os horrores do aprisionamento.

Do ponto de vista da teoria, será importante iniciarmos um percurso específico, partindo dos ensinamentos de Sigmund Freud, e mencionar algumas noções metapsicológicas de Sándor Ferenczi, Michael Balint e Donald Winnicott, com especial enfoque na influência do adulto na constituição do psiquismo da criança.

De forma preliminar, já no primeiro capítulo, adotaremos os ensinamentos e as pesquisas de Margaret Mahler para tratar dos êxitos e extravios no processo de individualização e separação, abordando importantes questões sobre o nascimento psicológico de cada indivíduo.

No Capítulo 2, seguiremos uma trilha teórico-clínica, amparados pela metapsicologia freudiana e seus importantes conceitos sobre sexualidade infantil, partindo, no Capítulo 3, para um estudo detalhado sobre o trauma ferencziano, com ênfase nos aspectos relacionados ao *terrorismo do sofrimento*.

Foge ao objetivo desta pesquisa a abordagem do abuso sexual em sentido estrito, mas nos interessam diretamente as consequências das experiências traumáticas do abandono em um

sentido mais amplo, ainda que camuflado ou escondido, porque tais efeitos também se relacionam às situações clínicas de relações fusionais.

O quarto capítulo enfatizará os ensinamentos de Michael Balint, sobretudo seus conceitos de *amor primário passivo* e de modalidades de relação de objeto *ocnofílicas* e *filobáticas*, com vistas a pensar sobre indivíduos que adotam a atitude de "agarrar-se" a um ponto de segurança, normalmente o ente materno, privando-se de uma experiência potente de exploração do mundo.

Tais conceitos serão desenvolvidos para o aprofundamento da seguinte questão: se as mães e pais, por suas demandas adultas, convocam o filho a ocupar um lugar fusional, o que faz prevalecer o ímpeto ocnofílico de tais indivíduos, ou seja, por que predomina a corrente em que eles tendem a agarrar-se ao ente fusional e não resistem à tentativa de enredamento dos genitores? O que os impediria de ir no sentido oposto, seguindo o impulso de emancipação?

Logicamente, a escolha pela posição da segurança ou, mais radicalmente, pela fixação na zona de conforto da "mãe-porto seguro" pode ensejar a circulação da pulsão de morte na vida de tal indivíduo, que encolherá em termos de curiosidade sobre o mundo, terá grande dificuldade de assimilar o que deseja e, ainda mais profundamente, poderá ficar impossibilitado de construir um senso de identidade, ficando aniquilada a constituição de um ego livre e desimpedido. Figueiredo, Tamburrino e Ribeiro (2012, p. 121), de forma precisa e contundente, destacam: "segurança e morte podem se irmanar nessa atração fatal pelo objeto primário e pelos seus sucedâneos diretos".

Nos casos de algumas relações fusionais que aqui mencionamos é disto que se trata: faz-se uma ligação tanática em nome da segurança e de desejos inconscientes e, como consequência, restam usurpadas as experiências potentes do filho aprisionado nessa teia.

Como exemplo de tais relações, podemos citar uma vinheta do caso de Cristine⁴, uma dessas vítimas de uma relação fusional com a mãe que, após um mês de casada, começa a sentir calafrios e muita angústia quando sai do trabalho, indo em direção à sua casa. Conta-me que, depois que "baixou a poeira" e que "colocou o último quadro na parede", em vez de vibrar pela conquista da casa nova, sentiu um "vazio de morte". Começou a pensar que nunca mais se sentiria tão protegida como se sentia no abraço da mãe; que nunca mais alguém a olharia daquela forma que "faz tudo passar". A mãe de Cristine continua viva e acessível, mas a queixa é a de que ela, sim, encontra-se inacessível para o marido. Fechada, esvaziada e triste, Cristine resolveu passar na casa da mãe todos os dias após o trabalho. E acrescenta: "eu sei que meu

⁴ Nome fictício.

marido vai entender. Amor de mãe não tem igual". Ela se sente, ao mesmo tempo, protegida e impotente; feliz sob o abrigo do "guarda-chuva" materno, mas anestesiada, pois já não sente certos prazeres e alegrias "em se molhar", em experimentar intensidades amorosas em sua própria vida. Não deseja ser a dona de uma casa própria e diz que seria melhor não ter tantas responsabilidades adultas.

Os objetos primordiais podem ser autorizadores de uma vida potente e autoral, mas também podem ser limitadores ou impeditivos da autonomia e da liberdade do filho.

O que fazer quando há desencontros muito significativos nos primórdios da mutualidade e perturbações no contato com o outro? Como essas crianças podem encarar a tensão entre submeter-se ao outro e libertar-se dele, entre buscar o seu olhar de reconhecimento e instalar-se confortavelmente em contato consigo mesmos, afirmando a sua própria subjetividade e conquistando autonomia?

No Capítulo 5, falaremos dessa tensão entre aprisionamento e emancipação levando em consideração o complexo de Édipo e seus efeitos, com base nos ensinamentos de Hans Loewald (1979), mencionando as saídas defensivas adotadas por tais analisandos.

Seguindo a nossa trilha, partiremos no Capítulo 6 para a apreciação dos ensinamentos de Donald Winnicott, com destaque à questão da transicionalidade. Para tanto, falaremos do "menino do cordão" (WINNICOTT, 1951/1975a), o que tem uma relação direta com a imagem de abertura desta Introdução.

Invocamos acima a imagem de uma mãe que auxilia seu filho a dar os primeiros passos e afirmamos que existe entre eles um "elo", uma ligação invisível que se estende do olhar da mãe para o olhar fixo do menino, como um cordão imaginário de encorajamento e recompensa, o que lhe permite compreender que pode andar sozinho. Em um contraste com tal imagem, Winnicott (1951/1975a) descreve o caso de um menino de sete anos obcecado por cordões, que amarrava objetos diversos e, certo dia, chegou ao extremo de amarrar um cordão no pescoço da sua irmã, preocupando a todos. Para Winnicott, aquelas amarrações não eram atos aleatórios, mas plenos de significação simbólica: havia o indício claro de que cordão era usado como um artifício para negar a separação entre mãe e filho, em razão das experiências traumáticas enfrentadas por ele quando sua mãe era acometida de longas fases de depressão que geravam interações.

Comparando as duas "caminhadas", no primeiro exemplo há um cordão imaginário que liberta, encoraja e recompensa o filho. No outro, há um cordão que o aprisiona e gera padecimento.

Como será desenvolvido, certas modalidades de fusão caracterizam-se como *patologias da transicionalidade*, gerando o uso de pessoas e objetos como um objeto-fetichado, impeditivo do reconhecimento da separação e da individuação.

Afastar-se de casa, do abrigo que pode virar um refúgio esterilizado, distanciar-se daquilo que é familiar, mas que pode sufocar e impedir o florescimento ou até mesmo a vivência de dores próprias ou paixões frustradas; deixar para trás o solo firme e conhecido e sustentar-se elevado e ereto: trata-se de um desafio, mas também de uma conquista.

Iniciemos, então, a nossa trilha teórico-clínica sobre as relações fusionais, com passos lentos e firmes por se tratar de um tema delicado, árido e difícil, o que faremos acompanhados de autores de inegável peso e genialidade para a construção de um solo metapsicológico rico e robusto que possa nos auxiliar na apreensão das questões mais complexas atinentes à escuta de tais casos⁵.

⁵ Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP, sob o protocolo de número 63864522.0.0000.5482, parecer número 5.736.473, em 3 de novembro de 2022, uma vez que observou as exigências que regulam a ética em pesquisa com seres humanos.

CAPÍTULO 1 – RELAÇÕES FUSIONAIS NA CLÍNICA PSICANALÍTICA

Tem gente encharcada de mãe.

Tem gente banhada de mãe.

Filho encharcado de mãe arrasta corrente de fantasma do passado, rói unha de ressentimento, tem pesadelo, range dente, quer curar excesso de mãe ou escassez de mãe.

Tem insônia porque o acalanto da mãe perdeu-se no tempo, ou nas sílabas secas, ou no colo inquieto.

Tem tristeza porque é inundado de mãe e não cabe mais nada no corpo desabado.

Os cômodos todos, os objetos só dizem: mãe.

Não tem janela para correr no mundo: só a paixão pela mãe emperrando a porta para outros amores.

Não finca os pés no presente: o passado puxando para dores de crimes prescritos; o futuro, em vez de horizonte de promessa, é anúncio permanente de catástrofe.

Não consegue esquecer, não consegue perdoar, não vira página de livro que não existe mais. [...]

Fátima Flório César

1.1 O NASCIMENTO PSÍQUICO E OS EXTRAVIOS NA SEPARAÇÃO – INDIVIDUAÇÃO

Pensar em relações fusionais pode nos remeter a diversos questionamentos quanto ao desenvolvimento do bebê e do ser humano ao longo do tempo. Uma das premissas, em se tratando do bebê humano, é a ideia de que o nascimento biológico, um evento único e bem delimitado no tempo, não coincide com o nascimento psíquico do indivíduo, já que a experiência de adquirir um senso de identidade e individualidade se trata de um processo intrapsíquico que ocorre lentamente a partir das interações de cada bebê com o seu ambiente. Apenas com o passar do tempo, a unidade simbiótica entre mãe e bebê vai abrindo espaço para uma separação intrapsíquica e ensejando a possibilidade de cada indivíduo perceber o mundo ao seu próprio modo.

Margaret Mahler se dedicou profundamente ao tema da fusão primitiva entre o bebê e a mãe, estudando com afincamento as questões da simbiose originária até que a criança possa vir a experimentar sua existência individual. No livro *O Processo de Separação-Individuação* (1972), ela se volta à análise de diversos fenômenos, fases e subfases do processo de maturação do bebê rumo à separação-individuação, dando ênfase às repercussões intrapsíquicas dessa trilha. Tal obra é baseada em uma pesquisa caracterizada pela observação comportamental de bebês, mas há um pensamento psicanalítico que se caracteriza como seu fio condutor.

Tal pesquisa investigativa de Mahler, de inegável peso científico e ocorrida entre as décadas de 60 e 80, buscava prioritariamente focalizar o processo *normal* de separação-indivuação do bebê, agregando novos marcos nesse campo. Apesar dessa ênfase, a autora trouxe importantes contribuições sobre os impactos traumáticos decorrentes da separação, bem como sobre os efeitos patogênicos no desenvolvimento da personalidade da criança.

De fato, em sua rota de pesquisa, Mahler acabou por gerar, de forma colateral, várias contribuições quanto à questão psicopatológica, visto que firmou como um de seus conceitos fundamentais a ideia de que a saúde mental de certos indivíduos e as probabilidades terapêuticas de diversos casos clínicos que têm como pano de fundo a questão da fusão e da simbiose dependem diretamente da qualidade das relações objetais iniciais no processo de separação-indivuação.

A princípio, é sustentada a ideia de que um processo de separação-indivuação bem-sucedido será um dos requisitos necessários à aquisição de um senso de identidade própria, do desenvolvimento do ego e da manutenção de uma autoimagem firme e individualizada do bebê. Reversamente, Mahler demonstra que, em casos de atraso ou perturbações em tal processo, a criança pode experimentar uma ameaça catastrófica na fase simbiótica, daí decorrendo problemas psicopatológicos futuros, interrupções no desenvolvimento do ego e vivências de fragmentação.

Como gatilhos dessa problemática, pode haver a frustração excessiva ou a intrusão do ente materno, que não consegue atender ao ritmo inato de necessidades da criança e acaba por sufocar a sua individualidade, tanto em razão de fantasias inconscientes da mãe quanto pela via das angústias, ansios e conflitos da sua vida adulta. Interessa-nos particularmente pensar nesses casos em que há frustração excessiva ou intrusão do ente materno.

Mahler (1982) funda-se na concepção freudiana quanto à dependência emocional de todo ser humano à sua mãe, em maior ou menor grau. Esse estado inicial é denominado por ela de "simbiose mãe-bebê" (p. 13). Dentro de parâmetros não patogênicos, ocorre um processo evolutivo caracterizado pela satisfação da criança em se tornar autônoma e a relação simbiótica com a mãe irá, paulatinamente, transformando-se em relação objetal. A autora defende que há uma manifesta tenacidade e capacidade adaptativa na espécie humana e que, se houver uma atmosfera de disponibilidade libidinal materna e predominância do prazer no funcionamento independente da criança, há a possibilidade de domínio da ansiedade de separação e a criança consegue ir se desenvolvendo tranquilamente na direção da indivuação.

Em muitos casos, todavia, na análise de pacientes adultos reaparecem as sérias vicissitudes ocorridas no processo de separação-indivuação e, a cada relação afetiva, tais indivíduos tendem a buscar constantemente uma prótese da mãe boa gratificadora da fase da simbiose. Por outro lado, já adultos, podem carregar o medo do reengolfamento em uma

simbiose, o que gera a consequência de não se envolverem profundamente ou de provocarem involuntariamente a perda de objetos amorosos, pelo pavor de perderem-se de si mesmos. Acabam mantendo-se, de um modo ou de outro, fiéis à mãe simbiótica.

Além das questões diretamente relacionadas aos primeiros movimentos de afastamento entre o bebê e o ente materno, diversos outros revezes podem gerar impactos traumáticos no desenvolvimento da criança rumo à independência, criando severos obstáculos no período pré-édipico, mas também no atravessamento do Édipo e na futura escolha de parceiros amorosos.

1.2 MARGARET MAHLER E O PROCESSO DE SEPARAÇÃO-INDIVIDUAÇÃO ENTRE MÃE E BEBÊ

Para fincarmos alguns pilares desta tese, cabe-nos tomar de empréstimo a descrição de Margaret Mahler sobre as fases e subfases envolvidas no processo de separação-indivuação do bebê humano. Assim, poderemos cuidar de situações mais precoces em que tais processos de separação sofrem interferências ou impactos que comprometem as suas etapas sucessivas e acabam por ensejar consequências futuras nos vínculos objetivos do sujeito.

A princípio, cabe indagar: qual o motivo de escolhermos Margareth Mahler como uma autora relevante a fundamentar a apreciação do tema das relações fusionais?

Neste tópico, pretendemos demonstrar que aquilo que Mahler denomina de "fase da reaproximação" durante o processo de separação-indivuação da criança tem importância fundamental na configuração da relação de dependência ou de independência que pode vir a se firmar na díade mãe-filho.

Ao chegar na citada fase, a criança já tem condições físicas de locomoção, equilíbrio e sustentação para se aventurar na descoberta do mundo, mas padece de afetos intensos, sobretudo medo de se afastar demasiadamente da mãe, como se a distância pudesse gerar a perda do laço. Por outro lado, ela também é tomada pela vontade imperativa de descobrir o mundo à sua maneira, ao seu tempo e no ritmo da sua vontade individual, mas teme que, ao voltar, seja aprisionada pela mãe e perca tal direito, sentindo-se invadida. Isso acontece do ponto de vista do desenvolvimento psíquico do filho.

A situação se agrava se há, ao lado dele, uma mãe que também padece de angústias de separação acentuadas e não consegue liberá-lo para explorar o mundo ou, em sentido oposto, sente-se cobrada excessivamente quando o filho precisa ser reassegurado da presença dela porque acredita que ele já deveria estar independente na sua caminhada exploratória. Nesses casos, a travessia da "fase de reaproximação" gera um *curto-circuito* entre mãe e filho.

Falaremos dos efeitos desse curto-circuito em casos nos quais mãe e filho não conseguem sincronizar na mesma frequência de idas e vindas, apoios e autorizações para a autonomia e perdem a chance de desfrutar de uma relação de objeto livre e enriquecedora de experiências inéditas, comprometendo as aquisições seguintes do processo de separação-individuação, a exemplo da delimitação das suas fronteiras do eu.

Esclarecido o critério de eleição de Margaret Mahler, cabe compreendermos as fases e subfases de tal processo em sua teoria, para firmar um solo inicial sobre tal desenvolvimento.

As primeiras semanas do bebê são denominadas por Mahler de "fase autista normal" e ela se estende geralmente até os dois meses do bebê. Trata-se de uma fase indiferenciada, na qual o bebê ainda não consegue distinguir o que está dentro de si e o que faz parte do seu entorno. As tensões são instintuais e o bebê passa a sentir lentamente que há alívio pela atuação de algo que vem do mundo externo (a exemplo da fome aplacada pelo alimento). Há continuadas tentativas do bebê de alcançar a homeostase. Ela usa a expressão *autismo normal*, pois o bebê aparenta um estado de desorientação alucinatória "no qual a satisfação das necessidades pertence à sua própria e onipotente órbita autista" (MAHLER, 1982, p. 67).

Se houver um ajuste médio da mãe, ou seja, se ela oferecer nesse período cuidados maternos suficientemente bons ao seu bebê, isso gerará a passagem natural da breve "fase normal autista" para a fase simbiótica. A mãe atuará como ego auxiliar do bebê e como seu escudo protetor, segundo René Spitz (1951).

Esse sistema simbiótico, conceito tomado de empréstimo da biologia e que significa a "associação funcional de dois organismos para proveito mútuo" (MAHLER, 1982, p. 66), funcionará como uma unidade dual. Há uma fronteira comum entre mãe e bebê e essa metáfora diz respeito a um estado de fusão, comparável ao ego de puro prazer de Freud, no qual qualquer percepção desprazerosa é projetada pelo bebê para o mundo externo. O bebê começa a experimentar tanto sensações internas naquilo que vem a ser o seu núcleo do *self* quanto sensações externas com o seu órgão sensório-perceptivo – a "película externa do ego" segundo Freud –, o que vai trazendo uma delimitação entre o eu e o não-eu, o *self* e o mundo objetal.

Mahler fala em um percurso exitoso do bebê, que implica se distanciar da mãe simbiótica e introjetar a sua perda, mas afirma que sempre resta um anseio regressivo em relação ao estado ideal do *self*, ou seja, que permanece viva "uma pretensão à fusão com a mãe simbiótica e toda a bondade que uma vez fez parte desse *self*, num estado de beatífico bem-estar" (MAHLER, 1982, p. 10).

Por volta dos cinco meses, inicia-se a separação-individuação, um processo que evolui da simbiose e que a autora compartimenta em quatro subfases:

A primeira subfase é a *diferenciação*, que se dá em torno dos cinco meses e é marcada por uma maturação das funções de locomoção do bebê, que vai aprendendo a engatinhar, trepar, pendurar-se, levantar sozinho, sentir prazer no uso do seu pequeno corpo, o que gera uma diminuição da dependência entre ele e a mãe. A ruptura da cápsula simbiótica vai se dando lentamente e nessa fase passa a haver uma investigação sensório-motora primitiva do rosto, cabelo e boca da mãe. O bebê adquire maior coordenação motora e começa a se interessar por outros objetos; descobre as noções de presença e ausência, através dos jogos de esconde-esconde, mas ainda prefere brincar aos pés da sua mãe. Inicia-se a diferenciação com o rompimento do bebê do interior da "membrana simbiótica imaginária da unidade dual mãe-filho" (MAHLER, 1982, p. 56) e emerge uma autorrepresentação de si mesmo. O bebê distancia seu corpo da mãe e coloca-se mais rígido, como se fosse iniciada precariamente uma representação primária de dois corpos separados. Para Mahler, o bebê normal é dotado de um determinante inato que o conduz a separar-se da mãe em dado momento de sua maturação autônoma, justamente para buscar uma descoberta própria da realidade que o circunda, mas há a necessidade de renúncia da mãe à posse do corpo do filho para que seja alcançada uma separação-individuação bem-sucedida.

Em sua pesquisa, foram atendidas mães com grande dificuldade em aceitar a separação gradual dos seus bebês após um desfrute intenso da fase simbiótica. Elas acabavam por prender os bebês a seus corpos e dificultavam o funcionamento independente e o desenvolvimento da autonomia e autoestima deles. Reconheciam que a renúncia ao corpo do filho produzia efeitos ambivalentes nelas próprias.

Mahler destaca duas hipóteses que podem ocorrer de forma atípica, no caminho diverso da adaptação: a primeira é um afastamento defensivo da simbiose pelo bebê com o excessivo enrijecimento do seu corpo e o rechaço ao corpo materno; e a segunda, uma resistência a diferenciar-se, que se dá pela via de um excessivo amoldamento do bebê à mãe.

Mahler fala sobre um menino observado na pesquisa, Charlie, cujas necessidades a mãe não conseguia decodificar, a fim de tornar previsíveis os cuidados. Ela se mostrava confusa, não entendia os códigos variados e particulares emitidos por ele e respondia a qualquer movimento do filho com a ideia de que ele queria ser alimentado; a mãe declarava que a sua primogênita era a "melhor parte de si mesma", ao passo que o segundo filho "mostrava-se 'inadequado'" (MAHLER, 1982, p. 39). Charlie demonstrava imaturidade na diferenciação entre despertar e adormecer, não conseguia discriminar o interno do externo, nem firmar uma relação entre fome e gratificação, já que a mamadeira era empurrada em sua boca enquanto estava dormindo por sua mãe ansiosa, que não conseguia dar conforto ao bebê com seu próprio corpo.

Por isso, ele mantinha características da fase autista durante a fase simbiótica. Ele era alimentado por longos períodos sem experimentar qualquer gratificação e isso se relacionava ao medo da mãe, nele projetado, de que, ao estar adormecido, na verdade ele estivesse morto. A atuação da mãe, portanto, era um obstáculo ao desenvolvimento não patológico do processo de separação-individuação de Charlie.

Outra criança observada na pesquisa viveu uma fase parasito-simbiótica muito longa com a sua mãe narcisista, altamente sedutora, que podia apenas aceitá-lo como continuação do seu próprio *self* narcisista. Não podia considerá-lo como indivíduo e declarava que precisaria ter bebês constantemente em seus braços. A mãe não autorizava seu funcionamento independente e o oprimia.

Um terceiro bebê, Emmet, por sua vez, agia defensivamente e evitava o contato visual próximo tanto em relação à sua mãe quanto aos demais, embora explorasse o seu entorno inanimado com curiosidade. Sua mãe o havia amamentado até o seu segundo ano, oferecendo o seio também em diversos momentos na noite de sono. Como se sentisse a opressão, Emmet evitava deliberadamente a mãe ao começar a engatinhar, dirigindo-se ao lado oposto a ela.

Em tais casos, observa-se na pesquisa que o primeiro bebê citado, Charlie, adota a conduta psíquica de permanecer na fase autista ou a ela regressar, isto é, apresenta uma falta de inclinação para diferenciar-se; já o segundo bebê da pesquisa e Emmet rechaçam a invasão materna, precipitando-se na diferenciação.

Quando a mãe é experimentada como um objeto imprevisível ou dolorosamente frustrante na fase simbiótica e não como um objeto gratificador das necessidades do bebê, a criança refugia-se no que Mahler chama de *autismo secundário*, afastando-se. Na fase da separação-individuação também pode se estruturar um quadro psicótico com a aparição maciça de mecanismos simbióticos ilusórios, aliados ao pânico de separação, e um significativo medo da dissociação do *self* e da perda da identidade. Ela declara que a criança psicótica é um "indivíduo pela metade" (MAHLER, 1982, p. 47). Nas duas hipóteses, a criança experimenta ameaças catastróficas.

Mahler (1982, p. 120) descobriu que os psicóticos haviam fracassado em atingir aquilo que alguns bebês estavam penando para alcançar em razão do ajuste deficitário de suas mães, o *nascimento psicológico*, isto é "tornar-se uma entidade individual, separada, adquirindo um, ainda que primitivo, primeiro nível de identidade do *self*". Nesses casos de psicose do tipo simbiótico, remanesce o estado de fusão e falta de diferenciação entre *self* e não-*self*.

De que modo a maioria dos bebês pode alcançar a experiência do nascimento psíquico, que difere do evento certo e datado do seu nascimento biológico? De que forma emergem sujeitos

daquilo que constitui um estado de unidade simbiótica com a mãe e atingem gradualmente uma separação intrapsíquica que lhes permite perceber o mundo ao seu próprio modo?

O bebê precisa do "ego externo" de sua mãe como um auxiliar do seu ego rudimentar para se adaptar à realidade. Em alguns casos de psicose infantil, Mahler observa crianças que se mostram incapazes de fazer uso do objeto simbiótico (mãe que satisfaz suas necessidades) para proceder a tal adaptação. Ou seja, nos casos de graves tendências conflitivas em relação à diferenciação, há desajustes de impacto no que Mahler chama de "má interpretação de códigos" do bebê (1982, p. 48), o que geraria possíveis perturbações psicossomáticas, neuróticas ou psicóticas.

Apenas nas hipóteses em que o bebê já consegue esperar pela satisfação de modo confiante, podemos falar, segundo Mahler, em início de uma constituição egoica.

Seguindo na explanação, a segunda subfase do processo de separação-individuação é chamada de "*período da exploração*", que é justaposto à fase anterior e ocorre dos nove/dez meses aos quinze/dezoito meses. Esse momento se caracteriza por um grande investimento narcisista da criança em suas próprias funções e em seu corpo, bem como nos objetos da realidade. A criança vive o que Phyllis Greenacre (1957, *apud* MAHLER, 1982, p. 58) batiza de "caso de amor com o mundo" e começa a experimentar uma menor dependência e o domínio de habilidades locomotoras e cognitivas, além de outras funções do ego. Haveria aí um tempo de exaltação, em que a criança fica tão absorvida em suas atividades que chega a esquecer-se da presença da mãe, voltando a ela apenas periodicamente. A criança parece "deliciada e impressionada por suas novas habilidades" (*ibid.*, p. 59) e aceita a aproximação de adultos substitutos.

No final da subfase da *exploração*, a criança começa a perceber que o mundo vai além da sua "ostra". Passa, então, a se comunicar de outras maneiras: há uma troca da vocalização e da mímica por uma nova forma de comunicação verbal.

A *individuação* prossegue com rapidez e a criança exercita-a ao máximo; vai e vem, experimenta afastar-se e voltar para perto da mãe. Na época da *exploração* e do domínio, importantes funções parciais do ego se desenvolvem face ao senso da onipotência mágica do bebê. Ele experimenta uma existência individual mediante o ir e vir e se mostra imperturbável em relação a quedas, tropeços e batidas, tamanho o encantamento com a *exploração* do mundo.

Já a *separação* requer uma travessia mais longa das representações intrapsíquicas sobre o próprio *self* do bebê e sobre o seu objeto de amor. Ele percebe que enfrentará novas vivências como um indivíduo desamparado, pequeno e solitariamente separado de sua mãe, o que eventualmente lhe traz angústias de separação e medo por deixar de funcionar como uma unidade dual. Aprendemos com Mahler (1982, p. 97) que "cada novo passo para o funcionamento independente traz inerente um temor mínimo de perda objetal" e seus estudos

sobre ansiedade de separação revelam que a perda objetal está muito mais frequentemente relacionada à perda intrapsíquica do objeto do que à sua perda concreta.

O bebê precisa atravessar um período de elaboração intrapsíquica sobre a separação da sua unidade simbiótica com a mãe, abandonar as demandas de gratificação total das suas necessidades e renunciar gradualmente às fantasias de onipotência simbiótica. Ocorre que há mães que não conseguem aceitar um filho cada vez mais independente e acabam por dificultar o processo.

Como dito, os problemas decorrentes de extravios nos processos de separação-individuação aparecem lá na frente, na futura vida amorosa desses indivíduos que, em seus laços, carregam uma dupla vicissitude: a busca incessante de uma relação igualmente fusional e/ou o medo do engolfamento pelo ser amado. Ou seja, a fidelidade à mãe simbiótica e o medo de perderem-se de si mesmos comprometem visceralmente suas relações.

Já mencionada na abertura deste tópico, a terceira subfase do processo de separação-individuação é a "*reaproximação*", um tempo no qual a criança já está apta a caminhar, sente prazer no domínio do próprio corpo, está relativamente independente da mãe, mas sente também ansiedade de separação. A criança vai compreendendo, com suas novas representações psíquicas da realidade, que a realização de seus desejos e fantasias pode encontrar empecilhos e isso que não decorre de sua onipotência mágica. Aparece uma preocupação rotineira em saber onde a mãe se encontra, pois passa a ter uma grande importância compartilhar com ela cada nova habilidade e experiência.

A criança volta-se para a mãe em busca de "reabastecimento emocional" (DR. DURER, *apud* MAHLER, 1982, p. 19), como uma forma de assegurar a própria autonomia e estabelecer uma comunicação íntima, que irá firmar, pouco a pouco, a construção de uma linguagem individual sobre seus afetos: alegria, angústia, medo, prazer da descoberta, surpresa, irritação, júbilo. Cabe à mãe, como agente catalisador do processo, estar apta a "compreender o processo primário de linguagem" (*ibidem*).

Há um grande significado emocional para o bebê em experimentar a conquista da própria independência e regozijar-se com novas aventuras em um ambiente mais amplo, mas também mesclar a isso a necessidade de ter sua mãe por perto constantemente para testemunhar ou confirmar tais vivências inaugurais, reconhecendo-as. Apesar disso, algumas mães recebem de forma reativa tal atitude do bebê nessa fase, achando-a contraditória. O bebê, apesar de não ser mais tão dependente e desamparado, espera que a mãe esteja disponível para acompanhá-lo em suas novas aquisições e há mães que não aceitam tais demandas.

Diante dos primeiros passos do bebê, aparecem nas mães tanto reações de luto em relação à conquista da locomoção ativa quanto uma reação de absoluto descaso (falas tais como

"ele agora é um rapaz"). De fato, na importante *fase de reaproximação*, algumas mães têm uma alegre participação nas descobertas do seu filho, ao passo que outras adotam uma atitude indesejada e indisponível. O problema é que se a mãe estiver indisponível nesse período, o bebê começa a empreender esforços intensos para chamar sua atenção e reconquistá-la, restando pouco energia e agressividade livres para a evolução de suas funções egoicas.

Em tais casos de desajustes, acaba sendo atingido o direito das crianças ao júbilo pelo acesso a suas novas capacidades, o desfrute e a partilha dessas aquisições, com grave impacto em seu amor objetal e em seu narcisismo.

Nessa fase, o sentido de segurança da criança fica diretamente vinculado à confiança materna em que ele será bem-sucedido na sua empreitada no mundo exterior. Tal apropriação depende do encorajamento materno para viabilizar que a onipotência primária e a ideia de poderes mágicos do filho possam se converter em algum prazer mais palpável relacionado à autonomia que vai sendo conquistada.

Cuidados maternos deficitários nesse momento favorecem a diminuição da autoestima da criança e a sua conseqüente vulnerabilidade narcisista, já que começa a haver um decréscimo da "expectativa confiante" da criança, que experimenta forte ambivalência e enfraquecimento do sentimento de onipotência. Ou seja, o êxito de tal fase depende de a criança obter o interesse e a alegre participação de sua mãe em suas vivências de independência e em suas novas aventuras.

Por esse motivo, experiências angustiantes atravessadas na "fase da reaproximação" podem comprometer a criação de um espaço transicional, pois a criança vivencia um impedimento psíquico quanto a se entregar ao prazer de brincar quando se sente apreensiva em razão dos desajustes com a sua autonomia e as expectativas maternas.

A mãe que empurra o filho ao mundo sem perceber se ele está apavorado pela angústia de separação, diferente da mãe-pássaro que "dá um leve empurrão" (MAHLER, 1975/1993, p. 87), lança a criança ainda em desenvolvimento em um abismo assustador quando ela ainda não sabe se locomover naquele espaço amplo e desafiador demais.

Em outra via, a mãe que aprisiona o filho, que precisa fazer dele um refém de seus medos de separação, que encarcera psicicamente a sua cria, seja relatando histórias de invasores, policiais⁶, homens maus que irão aparecer para prendê-lo, seja dando um testemunho tácito dos perigos do mundo com expressões não verbais, também presta um desserviço ao

⁶ Como, por exemplo, ocorria no caso clínico de Douglas, dadas as ameaças da mãe em chamar a polícia, inserindo na cena um terceiro desejado e temido, ao mesmo tempo.

processo emancipatório do filho e, se não consegue impedi-lo totalmente, certamente poderá projetar efeitos deletérios que ecoarão nas suas relações afetivas futuras.

Se a hipótese é a de o filho continuar demasiadamente no campo fusional com um dos genitores, haverá o estrago decorrente da usurpação da sua infância, da sua capacidade de brincar, de ser criança e ter acesso ao mundo em nome das necessidades do adulto. Se, por outro lado, o filho é bruscamente desamparado com um corte intempestivo da relação de fusão necessária à sua sustentação e à sua constituição narcísica, ele poderá ser assolado por angústias de separação pesadamente intensas e pelo medo de ser atacado pelas forças brutas do mundo. Nas duas hipóteses, esses genitores deixam de reconhecer o filho como singular, abandonando-o.

Essas duas condutas irão valer como impactos traumáticos, obstáculos e impedimentos à constituição psíquica de tais crianças.

Por fim, a quarta subfase do processo de separação-individação, o "*desenvolvimento da individuação*", é caracterizada pelo desenvolvimento de complexas funções cognitivas – comunicação verbal, fantasia, faz-de-conta e acesso à realidade por parte do bebê. Ocorre entre o segundo e terceiro ano e nela a criança se torna apta a aceitar gradualmente a separação da mãe e alcança um "crescente grau de constância objetal" (MAHLER, 1982, p. 51), isto é, as representações mentais da mãe tornam-se intrapsiquicamente disponíveis e a criança passa a representar a sua ausência e suportar pequenas doses de angústia de separação. Mesmo quando a mãe está longe do bebê, permanecem traços do objeto de amor na sua memória e, por isso, ele aguenta ficar longe dela por mais tempo e manter o equilíbrio emocional se estiver em um ambiente familiar (HARTMANN, 1952, *apud* MAHLER, 1982, p. 56).

Logicamente, ao longo da vida, essas idas e vindas se repetem e mesmo os indivíduos saudáveis e não envoltos em relações fusionais experimentarão oscilações na ideia de autonomia individual e relações de objeto.

Expostas tais fases e subfases do complexo processo de saída da simbiose originária até o alcance da posição de conquista de uma constância objetal e na angústia de separação, cabe pensarmos em situações que acabam recebendo o influxo de situações traumáticas no curso de tal período, assim como mais adiante na sua linha de desenvolvimento rumo à infância e à adolescência.

1.3 O FILHO NO SEIO DA FAMÍLIA

Algumas possibilidades de extravios no processo de individuação-separação repercutem na posição ocupada pelo filho no seio da família. Como exemplo, podemos pensar em casos nos

quais a mãe ou o pai dirigem-se à criança pequena em busca de intimidade e companhia, lançando sobre ela expectativas que seriam depositadas em um parceiro de uma relação amorosa.

Há, ainda, outras situações nas quais o genitor escolhe o filho do mesmo sexo para que a criança ocupe um lugar de amigo e confidente, sem a qualidade do amor romantizado, mas também sem validar os limites psíquicos da criança, sua idade e a sua capacidade de suportar a exposição a detalhes sobre perdas e complexidades adultas e, até mesmo, segredos íntimos quanto à sexualidade materna ou paterna.

Uma terceira possibilidade, igualmente da ordem do extravio, é o posicionamento do genitor no lugar abusivo de "pai crítico", fazendo da criança um tipo de "bode expiatório", no qual é possível descarregar suas frustrações e raivas decorrentes da vida adulta⁷.

Como não pensar nesses casos sob a ótica do abandono traumático?

Todas essas vivências distorcidas, que apontam para o esquecimento das necessidades da criança, podem ocorrer simultânea ou concomitantemente, gerando, por exemplo, grande impacto traumático quando a criança tem que decodificar situações nas quais migra de uma posição em que é tratada amorosamente em um momento e atacada no momento seguinte, ou seja, quando a relação com o filho é ora indevidamente romantizada, ora ele é tratado "amigo do peito" do pai ou da mãe, e, no momento seguinte, converte-se em ponto de descarga das mazelas de seus genitores.

Para Sándor Ferenczi ([1928a, 1929] 2011), pai e mãe podem gerar traumas em sua interação com o filho não apenas no âmbito do abuso sexual e do amor apaixonado dos adultos, mas também com a falta de acolhimento, com o não atendimento às necessidades do bebê que chega ao lar e, ainda, com a imposição de exigências e expectativas demasiadamente pesadas para o psiquismo da criança. Disso se infere que, além de transgressões no campo sexual, o adulto também pode fazer o filho experimentar um trauma ao descumprir ou violar o que é emocionalmente esperado em um vínculo de proteção, educação e cuidados.

O tema das *relações fusionais* abarca diversas vertentes e selecionamos dentre elas duas questões fundamentais: a primeira diz respeito à ideia de *sedução silenciosa* entre pais e filhos; e a segunda, ao que Sándor Ferenczi nomeia de *terrorismo do sofrimento*. Ambas podem ser situadas no campo do traumático e merecem um estudo detalhado.

⁷ Essas três posições são inspiradas no estudo sobre a Síndrome do Incesto Emocional, em LOVE, P.; ROBINSON. *The Emotional Incest Syndrome: what to do when a parent's love rules your life.*, J. New York: Bantam Books, 1991.

Abrindo a primeira questão introdutória, buscaremos nos aprofundar no estudo do que alguns autores vêm tratando como uma forma de "sedução silenciosa" entre pais e filhos (ADAMS, 2011) ou, de forma mais contundente, nomeando tais entrelaçamentos envolvendo pais e filhos como uma modalidade de "incesto emocional" (LOVE; ROBINSON, 1991).

Adams (2011) trata de casos em que meninas e meninos ocuparam o lugar de companheiros substitutos de suas mães e seus pais em virtude da falência da relação conjugal dos genitores, da solidão, dos problemas sexuais e de idealizações perdidas por eles na vida adulta. Em tais situações, os filhos passam a fazer parte do que o autor chama de uma relação incestuosa *camuflada* ou *encoberta*. Não se trata de situações em que ocorre abuso sexual em sentido estrito, nem há relações sexuais ou insinuações que envolvem toques e excitações corporais efetivas. As crianças são vítimas de relações "incestuosas" do ponto de vista psicológico e emocional.

Mesmo sem o toque com conotação sexual, a dependência psíquica que se instala em tais casos e os lugares ocupados por tais indivíduos na vida de seus pais ou mães acabam por deixar marcas traumáticas que se espalham na vida adulta deles, tais como a dificuldade de firmar relações amorosas baseadas na intimidade e na entrega, a confusão quanto às suas próprias necessidades e desejos, além de algumas saídas defensivas pela via das compulsões ou adições.

Como não há marcas de violência física, torna-se mais árduo se aproximar das origens do problema, sobretudo porque se trata normalmente de indivíduos que sofrem silenciosamente. São pacientes que experimentam a vivência de violações aos limites próprios, todas elas cometidas em nome do amor e dos cuidados, um amor que é excessivo, que transborda, pois não pode ser recebido pelas crianças como um amor cuidadoso ou nutridor, mas como um amor demandante e ensejador de culpa.

No caminhar da vida adulta e no processo de amadurecimento desse indivíduo, constata-se que não há privilégio em ter tido a sua infância usurpada para que ele ocupasse o lugar de parceiro substituto do ente parental do sexo oposto, sobretudo em razão dos impactos nefastos na sua sexualidade futura, com limitação à capacidade de contatos afetivos íntimos. Como esse indivíduo que ocupou o lugar de parceiro substituto do seu genitor porta uma ferida profunda com consequências severas e duradouras, ele carrega também um medo intenso de ser engolfado, além de ter experimentado muito precocemente afetos de culpa e obrigação de cuidados com o adulto, o que o torna bastante refratário à ideia de compromisso.

Em tais casos, a criança experimenta uma vivência traumática, visto que o excesso de demandas adultas são opressoras dos trabalhos psíquicos infantis do brincar, do sonhar e do fantasiar, porque têm a mesma conotação de um abandono que obtura a capacidade criativa no

filho e sua curiosidade na descoberta do mundo. Como são priorizadas as necessidades do adulto e a relação não tem como pilares o amor e os cuidados ao filho ou filha, a experiência traz, além da carga do abandono, uma culpa sufocante.

Diante de tais casos, aparece a sensação de estarmos, no processo de escuta, diante de um destino inelutável, de uma promessa impagável que há de ser cumprida pelo filho ou filha, uma sina de redimir dores passadas e muito precoces do genitor ou genitora e de ocupar um lugar de reparação e consolo em suas vidas que requer, quase sempre, que tais filhos ou filhas apaguem seus "próprios rostos" como indivíduos, ou nem sequer cheguem a constituir suas identidades psíquicas e necessidades primárias que silenciam em nome da ingrata missão.

Nos casos aqui tratados, aparece a figura do traumático, mas essa faceta se encontra disfarçada e encoberta, por isso há de ser feito um longo percurso de simbolização do vivido até que possa se falar em acesso a uma narrativa.

O que circula nessas relações entre pais e filhos é uma inversão de papéis e aquele que deveria ser cuidado – o filho ou a filha – acaba esmagado ou apenas apassivado pela força do objeto, em uma dinâmica marcada por uma conotação amorosa e elogiosa, ou exigente e vulnerável que faz com que a criança tenha aniquilada na origem a sua capacidade de enfrentar a pressão exercida pelo genitor ou genitora.

A sensibilidade do filho ou da filha e os afetos que os enlaçam ao pai ou mãe anulam até mesmo o reconhecimento de sua vontade própria e instala-se a submissão.

René Roussillon (2012) trata da alienação de partes da subjetividade de um indivíduo em face de eventos traumáticos ocorridos em sua infância. Ao falar da organização contra o retorno do estado traumático anterior, o autor elenca as "*defesas complementares*, exercidas pela psique para tentar ligar e bloquear de maneira estável o retorno do material clivado, que irão caracterizar o quadro clínico das defesas narcísicas e as diferentes formas das patologias narcísico-identitárias" (p.284). Dentre essas defesas complementares, Roussillon cita a *rendição a um contrato narcísico alienante estabelecido com o objeto*. Nessas hipóteses, diante de uma ameaça de catástrofe psíquica face ao desatendimento de suas necessidades fundamentais pelos cuidadores, a saída da criança dependente consiste em se alienar para não se confrontar com as *angústias sem nome* do estado agonizante.

Diz Roussillon (2012, p. 285): "Para manter ou estabelecer um vínculo com o objeto, o sujeito aceita passar pelas forças caudinas do objeto para manter a aliança com este; aceita ter uma parte de si mesmo amputada, a qual fica então em suspenso, vagando na psique, não advinda para si". Continua o autor dizendo que, nesses casos, são estabelecidas certas formas

de masoquismo, pactos denegativos, *certas formas de relações incestuosas*, todas baseadas na escolha do ente cuidador, por mais insatisfatório que isso seja.

Figueiredo (2008) defende que os dramas *borderline* implicam questões de vida ou morte, incluindo dentre eles os fenômenos das personalidades "como-se" (*as if*) de Helen Deutsh, do falsos *selves* de Winnicott ou do *self* em branco de Giovachini. Nesses casos, há o que o autor chama de "uma adesão submissa ao outro", um mimetismo incontrolável ou um autoesvaziamento afetivo como formas de defesa contra a separação do objeto, já que enfrentar essa separação seria destruidor para um *self* não coeso e radicalmente frágil. Tais relações simbióticas com objetos que não favorecem a interdependência prejudicam as trocas afetivas, dado que uma das partes da dupla (no caso, a mais frágil) está constantemente ameaçada de abandono ou intromissão. Para Figueiredo, trata-se de pais e mães que "não cumprem minimamente as suas funções especulares nem suportam de forma consistente as necessárias idealizações dos filhos" (FIGUEIREDO, 2008d, p. 84).

Em tais relações, aquilo que pode parecer um cuidado paterno normal pode acabar assumindo a forma de abuso emocional em razão de mensagens truncadas envolvendo o amor excessivo, a negligência e o abuso, visto que o ente parental volta-se para a criança buscando, às vezes, intimidade, estimulação romântica, conselho, solução de problemas, contentamento egoico e descarga emocional por carecer de companhia adulta. A criança, por seu turno, adere ao pacto, submete-se.

1.4 VIVÊNCIAS TRAUMÁTICAS E SEUS EFEITOS NAS RELAÇÕES FUSIONAIS

Se a proximidade entre a criança e seu genitor do sexo oposto já carrega alguma carga de "sedução silenciosa", muitas vezes passam a prevalecer nesses casos certas modalidades de *matrimônios psicológicos* que geram alguns estados de confusão ou raiva progressiva em vez dos esperados afetos de apreciação e gratidão.

Segundo nos ensina Ferenczi (1933/2011), a reação da criança diante do evento traumático é ficar paralisada pelo medo em vez de resistir. A criança traumatizada submete-se à vontade do agressor e o incorpora no seu mundo interno, absolvendo-o da culpa. Isso tudo se dá em razão da produção de uma alucinação negativa, ou um tipo de estado de transe, que faz com que seja mantida artificialmente a ternura, anulando-se a experiência de violência externa.

Exatamente nessa passagem, ou melhor, nessa paralisação pelo medo da criança, Ferenczi aloca a noção de dissociação, esclarecendo que uma parte da personalidade infantil age em regressão como defesa, assumindo uma "beatitude pré-traumática" para fazer

desaparecer o choque traumático, enquanto outra parte sofre uma "progressão traumática", ou o que ele define como prematuração patológica, assumindo supostas capacidades de adulto.

Os sentimentos incestuosos recalcados nos adultos, quando disfarçados de ternura, acabam por gerar os mesmos efeitos deletérios do trauma em sentido estrito, por abuso sexual. Diz Ferenczi: "Se, no momento da fase da ternura, impõe-se às crianças *mais amor, ou um amor diferente do que elas necessitam*, isso pode acarretar as mesmas consequências patogênicas que a privação do amor" (1932/2011, p. 118, grifos nossos).

O grande complicador de tais casos é que o abandono traumático que se dá pela via do excesso "amoroso" decorrente de um vínculo fusional não é fácil de ser detectado ou de ser apreendido como experiência pessoal. Em geral, as memórias de tais indivíduos são marcadas pela ilusão e pela negação, uma vez que nessa ligação eles experimentam a vivência de serem especiais, de serem favorecidos e de serem os escolhidos em detrimento de outros. A sensação de serem usados pelo pai ou pela mãe como um parceiro substituto não aparece na cena analítica como tal, já que são "vítimas" que não se sentem abusadas (como as vítimas do incesto aberto), mas sim, idealizadas e privilegiadas, o que faz desse laço algo com um potencial tão traumático⁸.

Ferenczi (1934b, p. 271) diz que "a retirada do amor conduz inegavelmente a sentimentos de abandono" e o que estamos sustentando nesta tese é o caráter traumático do abandono estendido no tempo, quando a mãe ou o pai não têm condições psíquicas de assegurar um lugar de sujeito singular para seu filho ou filha, requerendo que a criança ocupe o indevido lugar de cuidador das necessidades adultas.

Sabe-se que uma vítima do incesto por abuso sexual em sentido estrito acaba por se sentir, muitas vezes, também responsável pelo ocorrido, dada a internalização do erro, da falta e da culpa em razão da identificação com o agressor, o que acaba por impedir a descarga de todos esses afetos ambíguos pela via da raiva. Trata-se de uma das mais terríveis e traumáticas experiências pela qual um menino ou menina pode passar, sendo necessária uma longa trajetória de suporte, cuidados e apoio para que a vítima possa vir a expressar a raiva e se separar da vergonha e da culpa; para que possa restar claro que ela não deu causa ao incesto, mas, sim, que houve o abuso de uma posição de confiança e autoridade cometida pelo adulto que dela deveria cuidar com zelo. É preciso também, em tais casos, fazer o luto pela perda da inocência sexual em uma idade muito precoce. Um processo laborioso e lento, que comporta a elaboração

⁸ Isso dá uma outra dimensão aos hoje chamados relacionamentos abusivos, ou tóxicos, marcados pela ambivalência de afetos com o parceiro agressor, o abuso disfarçado de afeto, a angústia de separação que às vezes custa a vida de uma mulher; assim como os abusos em seitas, em que o sujeito se sente especial, escolhido, enquanto é abusado.

de lutos, dores e sofrimentos profundos e uma tentativa de restituição da esperança e da possibilidade de confiar.

Já nos casos ora relatados, trata-se de uma violação que não fica explícita; ela é escamoteada, escondida, encoberta, pois não há contato sexual direto. Por outro lado, há sentimentos similares e as mesmas dinâmicas psíquicas referentes ao aprisionamento e à culpa, além da vivência de uma condição de refém por parte de tais filhos e filhas.

Em outra obra sobre o tema das *relações fusionais*, Love e Robinson (1991) adotam a opção de classificar tal forma de vinculação como uma *síndrome*, chamando-a de "*Síndrome do incesto emocional*", que elas defendem tratar-se de um estilo de comportamento parental surpreendentemente comum, mas raramente identificado, no qual um dos pais volta-se para um filho ou filha – e não para os seus parceiros adultos – na busca de suporte emocional.

Com a mesma abordagem, ali sustenta-se que o amor de tais pais não abrange nutrição, cuidados singulares e doação, mas funciona como um mecanismo inconsciente de satisfazer as próprias necessidades às expensas do filho ou filha, o que as autoras entendem como um fardo pesado demais para crianças pequenas. Diante do papel invertido, elas deixam de receber a proteção adequada, a orientação e a disciplina cabíveis no processo de dependência e amadurecimento e acabam expostas a experiências muito inadequadas à sua idade, visto que não estão aptas a lidar com necessidades complexas do adulto.

Love e Robinson (1991, pp. 5-7) exemplificam tal laço fusional com o relato do caso da paciente Gwen, que inicia a sua análise narrando que não teria muito do que se queixar sobre a sua infância, pois viera de uma família funcional, tinha pais que não bebiam, não se divorciaram, não batiam nos filhos e não brigavam. Gwen estava se divorciando e esse era o motivo expresso da busca terapêutica dela: minimizar a dor do divórcio. A terapeuta intervém declarando: "Agora que você já me disse o que eles não fizeram, conte-me o que fizeram!" E Gwen conta que era muito próxima do pai, mais próxima do pai do que a mãe dela era do próprio marido, e que ele a chamava de "Princesa". Ela e o pai ouviam Mozart sentados no sofá e ele se orgulhava de como ela identificava a música apenas com algumas notas aos doze anos apenas; o pai a colocava para dormir e a despertava para tomarem café juntos, esquiavam juntos, corriam juntos e eventualmente iam a sinfonias, ao passo que a mãe e o irmão formavam outra dupla. Ela contou que o pai a esperava ansiosamente para lhe contar sobre o trabalho, seus planos e preocupações futuras. Aos olhos da analista, pareciam mais um casal feliz do que pai e filha. O pai era o seu melhor amigo e ela não tinha amigos de sua idade. Seu pai dizia-lhe que Gwen era mais inteligente que a mãe, que queria que a esposa tivesse o mesmo senso de humor

dela e, muitas vezes, fazia tais elogios à filha e estabelecia tais comparações na frente da mãe, sem poupá-la.

Ficava bem claro na escuta que, não encontrando o que procurava no casamento, ele se dirigia à filha como um recurso disponível a resolver as suas necessidades emocionais, preenchendo um vazio interno quanto à própria vida, mas negligenciando em assistir e atender as necessidades da filha e proporcionar a ela limites bem constituídos nessa fase. O pai dizia constantemente que no dia em que Gwen nascera, ele se apaixonara novamente. Contou isso à filha com lágrimas nos olhos, dizendo que jamais esqueceria aquele momento. Ela se sentia especial, poderosa e grandiosa em alguns momentos e, no resto do tempo, pequena, sombria, culpada e sem valor. Seu pai ficou devastado quando a filha seguiu para a Universidade e Gwen sentia-se sempre muito culpada em deixá-lo. Não entendia a razão de carregar tanta culpa quando se autorizava a viver um pouco a própria vida e se afastar do pai.

Esse caso é citado pelas autoras como um exemplo da "Criança Escolhida" (*Chosen Child*), selecionada pelo pai como sua primeira fonte de suporte emocional, mas a verdade incômoda e triste sobre o *incesto emocional* é que uma criança não tem como lidar com tais demandas sufocantes e avassaladoras dirigidas a ela em tenra idade e o único relacionamento que pode satisfazer um adulto sob o ponto de vista amoroso e íntimo é o relacionamento com outro adulto.

De forma paradoxal, o excessivo interesse dos pais em tais filhos e filhas pode redundar em vivências prolongadas de privação em um âmbito muito profundo, além da sensação de estarem eles expostos e confinados, manipulados e controlados.

O uso da expressão *incesto emocional* pode parecer forte e deve ser feito cautelosamente, sendo aplicado por alguns estudiosos do tema quando há um alto grau de fusão e emaranhamento (*enmeshment*) entre um genitor e seu filho. Os defensores do uso desse termo entendem que se trata de *incesto* porque, assim como uma criança se mostra indefesa perante avanços sexuais dos pais, ela também não tem meios de se defender de um genitor emocionalmente invasivo.

Tais crianças têm um senso de culpa elevado e sua necessidade de conexão com os genitores é tão grande que o adulto tem controle total sobre o relacionamento. Por esse motivo, quando o genitor tira vantagem, inconscientemente ou não, do poder de que dispõe sobre a criança para satisfação das próprias necessidades emocionais, há uma violação do tabu quanto a essa intimidade e ao devido distanciamento físico, psíquico e emocional entre as gerações.

Para tratar do segundo extravio ao processo de autonomia que abordaremos ao longo desta tese – o *terrorismo do sofrimento* –, destacamos que no texto *Confusão de Línguas entre*

Adultos e Crianças, Sándor Ferenczi (1933) amplia a ideia de trauma. Ele parte da *experiência de sedução* como uma fonte da situação traumática, sustentando que, em tais situações abusivas, o adulto despeja na criança seus impulsos sexuais recalcados. Há, então, uma experiência de forte violência em razão das tendências libidinais referentes à genitalidade do adulto, que não pode ser assimilada pela criança, ainda norteadas pela linguagem da ternura. Ferenczi invoca também no citado texto um outro gatilho da situação traumática, as *punições passionais*, que representam o excesso da agressividade do adulto, ao descarregar na criança tendências pulsionais sádicas em um momento no qual a constituição psíquica dessas crianças não lhes permite integrar tal ato violento.

O ponto que aqui nos interessa particularmente diz respeito ao terceiro elemento apontado por Ferenczi como causador da situação traumática, que ele denomina de *terrorismo do sofrimento*. Este disparador do trauma é, para ele, muito mais sutil e silencioso, de difícil apreensão. Trata-se de um tipo de tratamento dispensado às crianças no qual elas se veem obrigadas a resolver toda sorte de conflitos familiares, carregando sobre seus frágeis ombros os fardos de todos os membros da família. Em tais casos, as queixas reiteradas da mãe produzem um efeito traumático no filho: ele torna-se um pequeno auxiliar para cuidar dela por toda a vida.

A chave para a apreciação da ideia ferencziana de *terrorismo do sofrimento* se encontra na definição seguinte: a mãe (e aqui também incluímos o pai e os cuidadores do *infans*) age dessa maneira *sem levar em conta os interesses da criança*. Equivale a dizer que, ao depositar sobre os ombros da criança seus problemas, queixas, lamúrias e dores da vida adulta, aquele que deveria ser o cuidador peca no exercício do cuidado e do acolhimento necessários ao crescimento psiquicamente saudável daquela criança, reproduzindo uma situação de abandono. São mães e pais que subtraem ao filho o direito de se portarem como crianças, convertendo-os em pseudoadultos antes do seu tempo de maturação.

As crianças que têm que se ocupar ativamente do atendimento das necessidades adultas ficam emocionalmente abandonadas, mas presas a essa rede e correm ao socorro dos pais insatisfeitos, pois depositam nas figuras parentais uma espécie de confiança cega em um tempo no qual ainda não lograram desenvolver defesas consistentes contra tal desprazer.

Nos casos de relações fusionais fundadas no *terrorismo do sofrimento*, os filhos ocupam diversas funções face a uma comoção de ordem moral. Eles se tornam cuidadores extremados, heroicos, abstinente dos próprios prazeres e satisfações e se entregam a uma causa de aparência nobre, como se não houvesse qualquer outra saída. Há uma moral superior que acaba tendo uma incidência radical sobre suas vidas.

No particular, cito o caso clínico da paciente Damiana, que acompanhei por algum tempo. Ela recebia, durante a semana, numerosas ligações diárias de sua mãe que mora em outra cidade (às vezes, mais de uma dezena), mas uma especial ligação no domingo, na qual a genitora lhe contava vagarosamente sobre a semana infeliz e insatisfatória que tivera, dando inúmeros detalhes de brigas e situações difíceis, fazendo queixas sobre o pai de Damiana, sobre sua irmã mais nova, sobre suas tias, seus tios e as cunhadas da mãe. Ela tecia um longo rosário de lamentações e tristezas incessantes e sem possibilidade de contenção, simbolização ou decifração. Nenhum consolo ofertado pela filha servia para aplacar a torrente de lamúrias que visava provar que aquela vida martirizada não valia a pena. A mãe jogava na filha um montante maciço de "dejeto emocional" e depois afirmava que estava se sentindo melhor e mais aliviada por ter uma filha "tão amiga". Não havia tempo, em tais ligações de domingo, para perguntar sobre a semana de Damiana, pois nada poderia ter mais relevância e conter mais sacrifícios do que aqueles "horrores" experimentados pela mãe. A filha não reagia, deitava-se na cama depois da conversa e, às vezes, era preciso desmarcar os outros compromissos de domingo, pois estava esvaziada, sem forças, sem ânimo, ocupada com os problemas maternos, tentando resolvê-los mentalmente e também emocionalmente, como vinha fazendo desde pequena. Narrava em análise que sentia que a mãe ficava "impregnada nela" depois de tais ligações, como se suas cabeças "estivessem coladas". Na segunda-feira, porém, já se sentia pronta para atender às novas demandas da mãe, "firme e forte", mas me dizia em análise que sempre carregava um mal-estar e uma culpa pesada em forma de um nó, pois, às vezes, vivenciava uma irritação tão intensa que chegava a pensar em não atender a mãe aos domingos ou, melhor ainda, em ter a coragem de limitar a conversa quando começasse a pesar. Ainda não conseguia; dizia-me sentir "muita pena dela e muita culpa" e que estava acostumada com o papel eficiente "de fortaleza" que adotara na infância quanto aos cuidados das demandas adultas de sua mãe.

A sensação de dívida impagável desses filhos talvez explique a repetição *ad eternum* dessa dinâmica entre Damiana e sua mãe, como se a filha achasse que é só mais um domingo e que isso acabará um dia, mas, ao mesmo tempo, soubesse internamente que ela faz do seu limite uma espécie de elástico que só não rompe porque ela se prostra em seguida, exausta.

O que se observava nos atendimentos de Damiana era uma grande ambivalência entre os afetos intensos de amor e ódio, o que a deixava enlacrada na relação fusional. Por um lado, sentia-se especial e privilegiada como "a melhor amiga" da mãe, mas também sentia que nunca era suficiente o que fazia. Vivía lidando com sentimentos de culpa que evoluíam para a irritação ou a raiva, os quais raramente eram expressos claramente ou sequer simbolizados. Damiana

dizia sentir-se também "esquecida" pela mãe, que raramente perguntava sobre a vida dela, deixando-a "se virar sozinha".

No fundo, um dos pilares dessa montagem circular consistia na expectativa esperançosa de Damiana de que, um dia, ela seria, enfim, recompensada com um acolhimento materno genuíno. Ela revelava assim suas dores precoces, mas também suas questões edípicas mais profundas, dada a dificuldade de desistir do "flerte" que a mãe oferecia ao nomeá-la de melhor amiga, com a promessa de recompensa, acolhimento e aprovação. Por outro lado, acabava por escutar um canto mortífero de lamento, ficava frustrada com a falta de reconhecimento da sua existência singular pela mãe e se prostrava como em um morrer simbólico.

Como observamos nesses casos, tais analisandos pensam que a única saída seria disruptiva, pois não conseguem conceber limites intermediários para restringir a invasão. Vivem o binário: ou a rendição total ao genitor ou o insuportável corte no vínculo caro (querido e custoso) que mantêm. O binário não dá conta de suas vidas emocionais, por isso sofrem continuamente. E essa experiência acaba sendo dolorosamente paradoxal, porque se, por um lado, o binário não resolve, por outro lado, ele se impõe, já que esses filhos e filhas não conseguem encontrar uma terceira via, uma terceira margem.

Para Ferenczi (1933), haveria por trás da submissão e da adoração dos nossos filhos, no fundo, o desejo de libertação desse amor possessivo.

Essa frase tão simples e bonita de Ferenczi nos permite pensar também na culpa desses filhos que talvez desejem inconscientemente a morte dos seus pais como uma forma de libertação. E daí, então, emergiria um difícil impasse seguido de uma saída sintomática: se a condição para viver livremente e ser autônomo é a de que o outro morra, escolhe-se morrer um pouco em vida por culpa, por recolhimento ou autopunição, ou recorrer a defesas compulsivas.

Na presente tese, adotaremos a opção de usar o termo *relação fusional* para falar desse tipo de laço não saudável que pode vir a se estabelecer entre pais e filhos em situações de "amor excessivo", associado a questões de abandono traumático da criança em virtude da prioridade no atendimento às necessidades dos pais. Em relação à parte idealizada da relação entre ambos, usaremos a expressão *matrimônio psicológico* e, por fim, tentaremos abordar a situação traumática do ponto de vista da Psicanálise quanto à fusão engendrada em tais casos.

Também sobre a posição coativa do filho como *melhor amigo* do genitor, outros desvios emocionais podem ser gerados.

Como exemplo, cabe-nos citar como vinheta clínica o caso de Henrique⁹. Ele narrou em

⁹ Nome fictício para proteger a identidade do paciente.

análise uma cena em que o seu pai entra em casa um dia e dá um tiro na televisão enquanto diversas mulheres estavam reunidas na sala, rindo e conversando com a mãe do analisando, que, aos nove anos, assiste assustado à cena de terror. O pai de Henrique, logo depois do ocorrido e da briga ruidosa entre os pais depois daquela cena, tem uma conversa "aparentemente calma" com o filho, abraçando-o e dizendo-lhe que eles serão sempre "os melhores amigos na vida" e que é muito importante que as mulheres entendam logo quem manda em uma família. Henrique ouve atentamente a lição do pai. O pacto de "melhores amigos" acaba firmado com base em premissas escamoteadas pela manipulação e pela violência, como se houvesse um subtexto ameaçador que reverbera o dito: "se você não for meu amigo, já sabe o que lhe espera".

Henrique chega em análise com quase 50 anos, após viver inúmeras relações perversas com mulheres, às quais ele não conseguia sequer nomear, chamando-as de "a primeira", "a segunda", "a número três" e assim sucessivamente. Conta-me com orgulho que "colecciona" relacionamentos sem "jamais se apegar" e que deixa bem claro para cada mulher que dele se aproxima que "não promete nada" e que não haverá compromisso. Ele adotou, há muito tempo, saídas sexuais casuais, nas quais não há chance de estar vulnerável, nem de ser íntimo de alguém.

O pai de Henrique infringia constantemente os limites entre aquilo que se pode compartilhar com uma criança. Sem validar a idade precoce e a imaturidade do seu filho, contava-lhe histórias sexuais e aventuras com mulheres variadas e meninas muito novas, deixando incógnitas indecifráveis para o psiquismo infantil de Henrique, alçado a "melhor amigo" desde que pagasse o alto preço de ouvir detalhes picantes sobre a sexualidade paterna, sobre a irrelevância do romantismo e da fidelidade, além de histórias sobre álcool e drogas que o deixavam "perdido", segundo relatou. As fronteiras emocionais e psíquicas entre pai e filho apagavam-se. A imagem do seu pai como melhor amigo, mas que fora capaz de puxar um revólver e dar um tiro na televisão para impor violentamente a sua autoridade é sempre um enigma para Henrique e, em um dado momento, ele me fala: "acho que meu pai não conseguiu me proteger, porque, às vezes, ele não via mais ninguém além dele mesmo. Ele morreu sozinho, mas continuava lindo"¹⁰.

Em tais casos, o aspecto nocivo da relação fica diluído, mesclado a gestos benéficos de cuidado e atenção. A agressividade fica reprimida, já que não se pode combater aquele aspecto nocivo que não se dá a conhecer, que não aparece na luz do dia porque gera erro de percepção.

¹⁰ Esse olhar admirado sobre beleza do pai se repete no caso clínico Douglas, quando os gêmeos olhavam a mãe lá embaixo da escadaria como "a mais linda de todas". Parece que esses casos clínicos nos levam a imaginar que o olhar lançado sobre o narcisista gera fascínio e encantamento mesmo em quem é por ele abusado.

A raiva também fica impedida de submergir. Há uma leve percepção de algo errado, mas o filho sente culpa ao sequer pensar na hipótese. Sente remorso e o peso de pensar mal do seu genitor.

A posição típica que as vítimas de relações fusionais ocupam é ambivalente porque a dor e o sofrimento pela perda da inocência e da infância são negados, e mesmo quando eles se relacionam em um casamento, há um tipo de lealdade, uma devoção primária empenhada ao genitor que fez o filho ou filha de parceiro substituto ou de melhor amigo, impedindo que sejam feitos outros compromissos verdadeiros. O novo parceiro recebe apenas uma parte, dada a impossibilidade deles de romper a fusão com o genitor, pois o senso de *self* que permitiria a experimentação de relações construtivas marcadas pela liberdade e pela confiança ficou danificado na origem.

No campo do abuso e do traumático, aparecem os efeitos psíquicos da atuação de entes parentais que não lograram uma repressão bem-sucedida de seus impulsos decorrentes da sexualidade infantil e de suas vivências precoces de desamparo, por isso agem de modo dissonante do esperado da posição de mãe ou de pai cuidadores e, muitas vezes não conseguem se conectar afetivamente com a criança e respeitar a sua alteridade, a ponto de protegê-la e atender às necessidades próprias do *infans*.

Como vimos, tais pais e mães, em um comportamento de natureza inconsciente, por vezes fazem dos seus filhos companheiros de sua vida amorosa sem vitalidade (pela via da sedução silenciosa) e/ou agentes que têm a obrigação de escutar passivamente as suas queixas e lamentações (pela via do *terrorismo do sofrimento*), ou ainda, os dois ao mesmo tempo. Há, assim, uma violação da posição de confiança e proteção e daí decorrem danos emocionais, pois a criança em condição de dependência não consegue desafiar a posição de autoridade do ente parental que deveria protegê-la e se coloca submetida a uma situação contra a qual não tem recursos para lutar.

Não há dúvidas de que, para que a montagem fusional aconteça, ambos os genitores acabam sendo cúmplices, sobretudo porque o ente parental que despeja no filho ou filha suas insatisfações deixa o marido ou mulher livre das queixas e lamúrias decorrentes dos problemas conjugais. O cônjuge excluído da relação fusional experimenta algum alívio e se ressentido da dupla formada, mas nada faz. Assim, além das ambiguidades em relação ao genitor com quem ocorre a fusão, ainda é experimentada a distância dolorosa pelo afastamento do ente parental excluído.

1.5 A PERSISTÊNCIA DA CRIANÇA NO ADULTO

O assunto em apreço se manifesta de difícil abordagem, não somente por focar um lado dos genitores, pai e mãe, que pode ser visto como negativo, mas sobretudo por colocar em questão a posição sempre idealizada das mães, que ocupam um lugar de absoluta reverência em nossa cultura. Essa posição de certo modo sacralizada das mães – e, às vezes, também dos pais –, por outro lado, não tem a força de tamponar a realidade que chega aos nossos consultórios.

Os casos em que determinadas relações patologicamente entrelaçadas com a mãe ou o com pai impedem ao adulto (filho ou filha) de firmar outras relações de amor na sua vida trazem à tona a problemática.

Coloca-se em xeque a noção de um instinto inato de cuidados e proteção dos pais em relação aos seus filhos. Em muitos casos clínicos, verificamos que tal instinto não pode ser tomado como universal e como uma garantia biológica decorrente da procriação. Neles, constatamos que não é universal a ideia de devoção e cuidado entre pais e filhos; que há desvios e extravios; que há muitos excessos cometidos em nome do amor materno e do amor paterno; que há sacrifícios extremados exigidos em nome do amor filial; e que há um pedido de concessões e de doações constantes que circula em nome dos laços de família. Tais descaminhos e desmandos, na maior parte impulsionados por rastros subterrâneos e inconscientes, ficam à margem da representação.

Algumas dessas vivências infantis produzem inúmeros efeitos quanto ao modo de tais indivíduos se relacionarem com pessoas e objetos na vida adulta, certas vezes apenas fusionando ou aderindo a eles, como no caso de relacionamentos adictivos, relações em série, compulsões sexuais, adicção em álcool e drogas ou, ainda, a troca constante de parceiros. Tais vivências acabam por ser decifradas ou até mesmo simbolizadas primariamente apenas muito tempo depois, com tais sujeitos já adultos em suas sessões de análise, nas quais esses filhos e filhas lançam indagações decorrentes de suas dores praticamente emudecidas.

Ferenczi (1931) fala sobre a *persistência da criança no adulto*, retratando a ideia de que todo o adulto carrega dentro de si a criança ávida de amar e disso extrai uma consequência importante: todos os afetos posteriores do indivíduo, de amor, ódio e medo, serão transferências, ou, segundo Freud, reedições de movimentos afetivos da primeira infância.

Por isso, usando uma metáfora de impacto, Pinheiro (1995, p. 42) fala que todo ser humano é uma espécie de *sonâmbulo*, que *é e sempre será* uma criança, mesmo lutando e empreendendo energia para se crer um adulto desperto. Ou seja, ele percorrerá a própria vida carregando seus traumas incrustados no psiquismo e buscando evitar retraumatizações que o

levem a novas cisões psíquicas. Levará dentro de si a criança ávida de amar, mas também portadora de todos os seus ferimentos, sofrimentos, necessidades, comoções e desamparo da sua vida precoce.

Não há dúvidas de que toda a organização psíquica do adulto é colocada em cena quando nasce uma criança. Quando o adulto se torna pai ou mãe, esse papel inédito comporta todos os seus desejos, processos emocionais, reparações narcísicas e sombras da própria história e, a depender do peso da necessidade de restituição do vivido, seja no passado ou no presente, o derivado de tal vínculo pode ser uma relação simbiótica como aquelas que estamos aqui tratando.

O nascimento de um filho ou filha, por isso, mobilizará todas as questões psíquicas mais profundas e íntimas do adulto, que, reeditadas no tempo presente, podem encontrar boas vias de escoamento e elaboração ou, em casos mais tortuosos, ensejar a saída pelas vias patológicas.

Pinheiro (1995, p. 42) fala em casos nos quais a imagem da criança, ao se impor como imagem separada do corpo da mãe e personificar duas formas separadas – "a própria carne e um ser estranho" – pode gerar efeitos no psiquismo materno: "a criança pode se tornar o perseguidor da mãe e a imagem do seu próprio terror". Essa sensação de terror ao ver-se separada da criança pode funcionar como um elemento propulsor do impulso da mãe de colar no filho, impedindo o aparecimento da sua diferença e alteridade.

A dependência da mãe em relação ao bebê, de fato, pode assumir um caráter patológico, já que, não havendo a *preocupação materna primária* (WINNICOTT, 1960/2011f), fica prejudicado o desenvolvimento normal do bebê, pois ele não ocupa um espaço de alteridade, ou seja, de alguém externo à mãe com uma existência singular e autônoma. A criança assume um lugar psíquico de extensão da mãe, como se fosse um prolongamento dela mesma.

A rigor, se a mãe ou o pai não têm fundada a relação com a alteridade dentro de seu psiquismo, resta comprometida a mais básica percepção do outro como sujeito, firmando, assim, uma relação de objeto apenas parcial. Como se sabe, em tais relações de objeto parcial, o indivíduo apenas consegue se relacionar com o outro como se ele fosse fragmentado, como uma fonte de onde se pode obter satisfação pulsional.

Na obra *Ecossilêncio*, França *et al.* (2017c, p. 157) transcrevem um depoimento da mãe de um paciente esquizofrênico, que confessa com simplicidade e orgulho: "Eu gostava tanto de dar de mamar para ele que, quando ele já estava cheio, eu punha o dedo na sua boquinha e fazia ele vomitar". Trata-se de um exemplo da mais profunda tristeza, no qual fica claro que a mãe não é capaz de perceber o seu filho como outro ser, como um sujeito inteiro, que merece respeito e cuidados singulares. Ele está sendo carregado e embalado como um pedaço dela,

como um objeto parcial apto a satisfazer seu desejo pessoal de amamentar. O filho é "apagado" pela mãe como pessoa inteira e são as necessidades dela que passam a contar.

Tais casos em que a separação é vivida como aterrorizante abrem espaço para adoecimentos mais graves da criança, a depender do grau de fusão da dupla, variando de alguns estados psicóticos a casos mais comprometidos de esquizofrenia, nos quais pode haver a constituição patológica de um psiquismo para dois.

Há, ainda, outras hipóteses que podem ensejar a patologização do laço filial, a exemplo das situações em que há transbordamento do amor apaixonado do adulto na criança, seja nos casos de abuso sexual, seja nos casos antes descritos em que se encena a sua tendência incestuosa recalcada; em ambas as hipóteses, a criança fica confusa e perdida ao entrar em contato com esse amor dos genitores; perde a autenticidade e o senso de si mesma em decorrência da exposição ao traumático.

Ao analisar casos de abuso sexual, França (2017a, p. 15) afirma que tais pesquisas "estão situadas no campo do desamor". Podemos, porém, estender tal afirmação às relações fusionais, em que o elo de dependência da criança se faz de forma silenciosa e travestida de dedicação absoluta e sem limites. Em tais casos, também acaba por se configurar um "campo de desamor", o que se dá porque fica comprometida a possibilidade de se reconhecer o filho ou a filha como uma pessoa inteira, autônoma, como um objeto total e não como um apêndice ou um objeto parcial a serviço do atendimento das expectativas, carências e vazios psíquicos do adulto, mãe ou pai.

Nesta pesquisa de Doutorado, busca-se estudar casos clínicos de indivíduos que precisam de "próteses de funcionamento psíquico", adesão a pessoas que funcionam como pedaços de seu corpo e de sua psique, adesão a objetos que equivalem a apacadores de necessidades essenciais e vinculação a mães e pais sem os quais não vivem; visa-se aprofundar o tema alusivo à necessidade de usar mecanismos defensivos contra tal fusão, que obturam a vivência do ser UM.

Como os temas da "*sedução silenciosa*" e da "*síndrome do incesto emocional*" vêm sendo abordados no campo da Psicologia, buscamos formular uma abordagem no campo da Psicanálise, englobando tanto a dimensão *intrapsíquica*, do funcionamento inconsciente dos sujeitos envolvidos na fusão, quanto a abordagem *intersubjetiva*, tentando focar os primeiros laços de amor entre pais e filhos, com especial destaque para a importância do reconhecimento do outro para a constituição do sujeito psíquico.

CAPÍTULO 2 – A SEDUÇÃO SILENCIOSA

As palavras do trauma, por sua falta de polissemia, passaram a ser feitas de carne.

Tereza Pinheiro (1995, p. 98)

2.1 SIGMUND FREUD, A SEXUALIDADE INFANTIL E O CONCEITO DE REPRESAS PSÍQUICAS

Para iniciar a nossa trilha, cabe trazer a lume o pensamento freudiano sobre a sexualidade infantil em *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* (FREUD, 1905b).

Defende Freud, no texto, que haveria uma concepção popular enganosa de que o instinto sexual seria inexistente na infância e que despertaria apenas no momento da puberdade, o que ele considerava um erro de graves consequências. Ele começa então a esboçar uma nova teoria sobre a regularidade do instinto sexual na infância e defende que o recém-nascido já traz consigo "germes de impulsos sexuais, que continuam a se desenvolver por algum tempo, mas depois sucumbem a uma progressiva supressão" (FREUD, 1905b, p. 79).

Freud adota como modelo a sucção feita pelo bebê com a boca sem a finalidade de alimentação – o ato de *chupar ou sugar* – associado ao instinto de agarrar uma parte do corpo da outra pessoa. Para ele, tal vivência de deleite traria o sono com uma experiência de completude, com a natureza de um orgasmo, mas Freud ressalta ser preciso afastar a confusão conceitual entre algo que tem uma conotação sexual e a ideia mais estrita de genitalidade. Melhor dizendo, o fato de o bebê sugar prazerosamente uma parte do corpo seria um indicativo de uma atividade sexual infantil, ainda que afastada a genitalidade da cena. Assim, no estudo do autoerotismo, o mestre de Viena postula um tipo de satisfação lastreada no próprio corpo; para ele, em virtude de uma meta de conservação – alimentar-se do leite materno – há uma atividade sexual do bebê apoiada na mucosa oral, que se torna independente da alimentação ao ligar-se ao prazer do ato.

Freud sustenta, assim, a existência de uma sexualidade infantil alicerçada nas experiências corporais do bebê, em razão de cuidados com a sua higiene, limpeza e dos contatos físicos com o adulto próximo. Partindo do protótipo da amamentação e do prazer do bebê em sugar, ele começa a descobrir algo além da necessidade do alimento. Freud fala no texto de uma sexualidade ainda nascente, não genital, mas autoerótica, que parte da meta de conservação.

Por outro lado, em razão do obstáculo à satisfação pela via da genitalidade e das funções reprodutivas submetidas ao adiamento, tais vivências decorrentes dos instintos acabariam por gerar também eventuais situações de desprazer, despertando forças reativas contrárias, chamadas de "represas psíquicas" (FREUD, 1905b, p. 81) ou diques, a exemplo do nojo, da vergonha e da moral.

Isso se justifica face à intensificação de tais vivências decorrentes dos instintos infantis, a princípio prazerosas e depois convertidas em desprazerosas, além do prolongamento do tempo de exposição; o excesso pulsional se torna demasiado para ser suportado pelo corpo infantil e pelo psiquismo imaturo, do que emergem essas represas, inscrevendo-se no corpo pulsional como uma forma de representação indireta do transbordamento.

O conceito de represas psíquicas se mostra bastante relevante para a apreciação dos casos de relações fusionais, pois, cabe lembrar, quando tais indivíduos chegam em análise, há o silenciamento sobre o aspecto distorcido da relação com seu genitor e a inacessibilidade à ideia de *matrimônio psicológico* ou *incesto emocional*. Eles não se sentem abandonados ou traumatizados em um plano consciente. Aparecem, então, esses "diques psíquicos" – a repulsa, o nojo, a vergonha e o constrangimento de ordem moral – quando tais analisandos rememoram algumas cenas de sua infância ou adolescência. São indicativos impressos no corpo e no psiquismo arcaico que valem como pistas do estranhamento do indivíduo em tais cenas com o pai ou com a mãe, indícios de uma vivência de sedução silenciosa que ultrapassou os limites possíveis de decodificação naquela época precoce.

Cito a vinheta de um dos casos clínicos narrados no livro de Adams (2011, p. 113) para ilustrar a ideia freudiana de repulsa como represa psíquica, ou seja, como um tipo de reservatório de sensações desprazerosas que não tiveram como escoar em razão da precocidade do indivíduo, mas que têm cunho sexual. Para tanto, reproduzo o relato de Jim, no qual conta que os elogios que a mãe dirigia ao seu corpo adolescente causavam-lhe, ao mesmo tempo, repulsa e excitação:

Eu sou o filho mais velho de cinco irmãos. Meu pai era alcoólatra e bastante mulherengo. Ele estava raramente em casa. Quando estava em casa, ele e minha mãe ora brigavam, ora eram muito distantes um do outro. Minha mãe estava frequentemente deprimida e demandava de mim. Eu me lembro que ela tentava me manter por perto sempre que podia. Eu me sentia culpado e responsável por ela. Eu assumi, de alguma forma, o papel do meu pai em casa. Quando eu tentava de fato sair de casa com meus amigos, minha mãe sempre gritava e me batia. Eu me sentia como se eu sempre tivesse de cuidar das necessidades dela.

Quando me tornei um adolescente, ela comentava sobre o meu visual e meu corpo. *Eu sentia esses comentários, ao mesmo tempo, como sedutores e repulsivos. Apesar de odiar esse fato, isso também me fazia sentir especial aos olhos de minha mãe.* Quando comecei a sair com garotas, eu estava desesperado por encontrar uma namorada para escapar de minha mãe, apesar de eu me sentir assustado ao mesmo tempo (grifos nossos).

Como é frequente nos relatos em análise sobre casos semelhantes ao de Jim, na vida adulta a memória de tais pacientes sobre as conversas íntimas com seus pais traz a sensação, ora de repulsa, ora de vergonha ou até de nojo, a depender do conteúdo da lembrança, atrelando-se tais afetos a uma certa incompreensão e desconcerto, o que acaba sendo uma forma de exteriorização dessas represas ou diques psíquicos da teoria freudiana. Eles são "resistências ao instinto sexual", que geram "uma fuga como que instintiva (*instinktiv*)"; são "poderes psíquicos que se colocam como entraves no caminho do instinto sexual" (FREUD, 1905b, pp. 62 e 80).

Para Ferenczi, "nos momentos em que o sistema psíquico falha, o organismo começa a pensar" (1932, p. 37), o que foi traduzido por Pinheiro (1995) com a ideia de que, na impossibilidade de se fazer uma inscrição psíquica do evento traumático, o corpo passa a armazenar em si uma inscrição sensorial.

A autora ressalva que há casos em que apenas o corpo guarda a lembrança do trauma e, às vezes, isso aparece sob a forma de silêncios ao longo das sessões ou, como dissemos, também pela exteriorização das represas psíquicas. Diz Pinheiro (1995, p. 97) que "são as palavras deste corpo que o analista deverá escutar" porque, em tais situações, "as palavras do trauma, por sua falta de polissemia, passaram a ser feitas de carne". Tais símbolos mnêmicos corporais, na teoria ferencziana, são marcas das lacunas de memória do paciente traumatizado que vazam pelo corpo em razão da ausência de representação e da possibilidade de simbolização e narrativa.

A bem da verdade, desde 1909, Ferenczi já se mostrava interessado nessa vinculação e identificação inconsciente entre as funções de *nutrição* e *excreção* com as funções genitais, tais como o coito e o parto.

Naquele momento, o húngaro propôs que a ausência de explicações sobre o processo de reprodução entre os adultos geraria certos efeitos na criança: ela passaria a criar teorias próprias, misturando a absorção alimentar com a fecundação e a eliminação no parto. Essa seria, então, a razão para a concentração de vários sintomas histéricos na boca e no esôfago, "a repugnância alimentar histérica, o vômito histérico, o horror a ser beijado, a sensação de uma bola na garganta [*globus hystericus*] e numerosos distúrbios neuróticos de micção e defecação" (FERENCZI, [1909] 2011, p. 89). Tais sintomas representariam o deslocamento de tendências eróticas recalçadas.

Ferenczi fala, portanto, em uma ligação primitiva e bastante intensa entre o corpo e aquilo que não tem acesso à simbolização por ter uma intensidade de sexualidade inassimilável, e que, por isso, liga-se, por deslocamento, ao somático, causando náuseas, repugnância e vômito, isto é, ele aponta indicativos exteriores e corporais do que Freud denominou de "represas psíquicas".

Igualmente nos desabafos aos seus filhos sobre a insatisfação sexual adulta, pais e mães quebram a linha de divisão entre as gerações e são depositados na criança enigmas sobre a sexualidade madura que maculam para os filhos a aquisição de uma prazerosa sexualidade futura. Os prazeres corporais ainda embrionários ligam-se a complexidades, excessos e frustrações muito antes de tais crianças encontrarem um caminho natural e fluido de suas descobertas.

Freud sustentou também em *Sobre o Narcisismo: uma Introdução* (1914) uma ligação dos instintos sexuais do indivíduo aos instintos do ego, já que, em razão das funções vitais de autopreservação do recém-nascido começam a ser experimentadas por ele as primeiras satisfações autoeróticas. Naquela oportunidade, o dualismo pulsional ainda consistia na divisão entre tais instintos, pois a noção de pulsão de morte apenas adviria mais tarde, no texto de 1920. Para Freud, em 1914, os instintos sexuais e os instintos do ego, originalmente atrelados, apenas depois se tornam independentes. Tal vinculação decorre do seguinte fato: os primeiros objetos sexuais de um recém-nascido são as pessoas que o alimentam e que a ele dedicam cuidados, higiene e proteção, "ou seja, sua mãe ou quem a substitui" (FREUD, 1914, p. 32). A constituição do eu atrela-se, assim, a vivências apreendidas no corpo, em uma mescla entre sensações de prazer e desprazer.

Essa noção é detalhada em outro texto, no qual Freud (1938a/1940, p. 248) afirma que o primeiro objeto erótico de uma criança é o seio da mãe que a alimenta, acentuando que a necessidade de nutrição do bebê e sua satisfação pela mãe têm uma estreita ligação com a origem do amor. Segundo Freud nos ensina, naquele momento, a criança ainda não tem capacidade de distinguir o seio materno do seu próprio corpo e quando o seio tem de ser "separado do corpo, levado para 'fora', pois frequentemente a criança nota sua ausência, ele leva consigo, como '*objeto*', uma parte do investimento libidinal originalmente narcísico". Fica bem explícita a noção de que a mãe se torna, então, *a primeira sedutora do bebê*, pelo fato de não apenas alimentá-lo, mas também ofertar-lhe cuidados que lhe trazem sensações físicas agradáveis e desagradáveis no corpo. Daí deriva a conclusão freudiana de que tal relação assume uma importância sem paralelo, por posicionar a mãe de forma "inalterável e incomparável, por toda a vida, como o primeiro e mais forte objeto de amor, como modelo de todas as posteriores relações amorosas – em ambos os sexos".

Para Freud, portanto, apesar de haver uma clara ênfase no aspecto pulsional e instintivo, de descarga de excitações quantitativamente excessivas no aparelho psíquico em hipóteses de aumento do desprazer, fica explícito que a influência direta da presença dos cuidadores – e sobretudo da mãe – nas primeiras aquisições de experiências prazerosas tem um caráter determinante na vida amorosa futura do indivíduo.

A verdade é que, apesar da aceitação cultural e social dos laços corporais íntimos entre pais e filhos, tais limites estão sempre em questão. E existem, por isso mesmo, os perigos decorrentes da idealização dos papéis maternos no âmbito dos cuidados, pois, às vezes, o que pode parecer positivo e admirável tem também a potencialidade de se tornar transbordante e excessivo quando o gozo do adulto fica diretamente proporcional à exclusão da criança como alteridade e como um sujeito que não faz parte de uma relação simétrica.

Pais que trazem à cena uma relação sexualizada com seus filhos impossibilitam uma discriminação razoável e bem delimitada entre os corpos adultos e os infantis e comprometem a separação psíquica. Isso também ocorre em razão do comportamento invasivo de pais que acreditam na fantasia de que têm direito ao corpo do filho, com a possibilidade de fazer uso de adjetivos de duplo sentido, com a difusão de certa carga de erotismo e invasão de privacidade, aí incluindo frequentemente o direito a abrir portas sem pedir licença, de vasculhar arquivos de redes sociais, de acompanhar minuciosamente conversas do filho, de se intrometer em amizades e fazer demonstrações excessivas de posse e ciúmes do filho como se fossem provas de amor e cuidado.

Não restam dúvidas de que o poder exercido pelos adultos em relação às crianças pode se tornar excessivo, abusivo e traumatogênico.

De fato, muitas vezes o contato entre adultos e crianças com uma conotação intrusiva pode ser confundido com manifestações de carinho e, mais gravemente, pode se estender indefinidamente, segundo ressaltado por França *et al.* (2017c, p. 157):

Com o aprisionamento do psíquico, nesses tempos em que o corpo do outro é apenas uma extensão do próprio corpo, *facilmente se instala a possibilidade de que essa "filial" continue a ser usada, ao longo da vida, como fonte de satisfação*, de forma desmedida, impiedosa, ou, ainda, como um alvo de hostilidades inimigáveis (grifos nossos).

Silvia Lobo (2018, p. 37) descreve a mãe que desrespeita esses limites como aquela que invade o corpo dos filhos "como se adentrasse por uma porta escancarada e cuja chave lhe pertencesse". Ela fala de uma mãe invasiva que não se intimida, não pede licença, e que atua sem cerimônia, abrindo, vasculhando, apalpando e apertando. A autora vai além, afirmando que, "ainda que difícil de enxergar", nessas relações o incesto é permitido, mas ele não se

manifesta de forma clara, mas, sim, por outro meio: pela "violência do toque, da apropriação, de tomar conta do ser do outro, como se o corpo do filho fosse seu". Incapaz de renunciar ao corpo do filho porque se mantém presa à fantasia de ainda estar fundida ao corpo dele, a mãe o aprisiona, como a um refém.

Lobo (2018, p. 30) conta que uma mãe que ela qualifica como *mãe higiênica* teria levado a filha Sabrina à análise e que, ao chegarem, a analista verificou que a menina estava careca. Segundo narraram mãe e filha, dentre todas as meninas que pegaram piolho na escolha, apenas Sabrina tivera de raspar o cabelo. Um dia, ao ver a analista usando brincos coloridos em forma de flor, a menina lhe indagou: – Sua mãe morreu? Para aquele psiquismo indefeso, já tão atacado, apenas a morte de uma mãe poderia autorizar uma liberdade daquela dimensão: o uso de uma insígnia colorida do feminino por puro prazer estético. Para Lobo, em uma síntese precisa e também incisivamente triste: "a mãe higiênica traz, muitas vezes, como marca, o ataque à sexualidade". Nesse caso, o ataque se efetivou diretamente no campo da sexualidade feminina, transformando-o em um campo mortífero de rivalidade e posse.

Dando um exemplo de mãe invasiva, Lobo fala também de Cora (*ibid.*, p. 37), cuja mãe não permitia portas trancadas em casa, controlava o tempo de higiene corporal da filha e a movimentação em quartos e banheiros daqueles que circulavam na casa, de modo a evitar o contato físico entre as pessoas. A analista conta que Cora descobriu o prazer na retenção da urina para burlar a vigilância materna, mas na vida adulta só conseguia viver o prazer sexual solitariamente, porque a presença de um outro era temível e impeditiva do prazer.

Parece que fica muito difícil para alguns genitores a dosagem de uma medida razoável entre certa carga de sedução de um filho para a vida, aliada aos cuidados físicos necessários para sua saúde e a distância necessária para que o filho possa encontrar um espaço psíquico próprio e estabelecer os limites do seu corpo. E em situações de excesso ou escassez marcantes fica prejudicada a boa construção narcísica daquela criança.

Na escuta analítica, o que representa, então, o aparecimento de imagens e sensações que veiculam um desses diques ou represas psíquicas do analisando? Seria um condensado de material traumático a ser desencravado daquele psiquismo e metabolizado pela dupla analítica?

Podemos pensar em tais "memórias" e eclosões no *setting* analítico como um demonstrativo "fóssil" de que, lá atrás, algo ficou aprisionado no corpo da criança ou do adolescente no curso da constituição de sua sexualidade, que pode ser comparado a um inseto preso no âmbar¹¹? Ou, ainda, imaginar que se trata de uma barreira psíquica daquele indivíduo

¹¹ Pigozzi (2018, pp. 47-48) compara a atração de um filho-refém a ficar aprisionado à casa dos pais com um inseto hipnotizado pelo âmbar, que é, a princípio atraente, mas que gera a morte do inseto fóssil.

que se sentiu, em algum momento, seduzido e invadido, "amado" demasiadamente, cuidado e tocado além dos limites metabolizáveis por ele?

Entendemos que é possível responder positivamente a todas essas questões, que não se excluem, mas se complementam, apontando diretamente para o campo do traumático.

Se formos conceber uma linha do tempo em relação aos conceitos freudianos de represas psíquicas ou diques, tal qual eles aparecem no texto de 1905, certamente podemos pensar que eles remontam a uma ideia anterior, de conotação mais ampla e não desenvolvida a fundo por Freud, mas por ele pensada e descrita no Projeto de 1895 – a ideia das "barreiras de contato".

É bem verdade que o Projeto vem a conhecimento público mais de 50 anos depois de sua elaboração e que Ernest Jones o qualifica como "uma obra inacabada, renegada por seu criador" ([1895]1950, p. 345), mas a ideia de "barreiras de contato" ali descrita já alberga em si conteúdos teóricos relevantes que posteriormente vêm a ser desenvolvidos por Freud, a exemplo da concepção de um aparelho psíquico (então, neuronal) que tem a propensão *a fugir da dor* causada por um aumento de quantidade de excitação sensorial.

Esse aparelho estaria trabalhando constantemente para fazer uma escolha adequada entre as linhas alternativas de reação ao estímulo externo com base na lembrança de acontecimentos anteriores. As "barreiras de contato" comporiam, assim, um sistema que regula, ora a passagem livre de certos estímulos, ora, ao contrário, a possibilidade de dificultar ou impedir o trânsito de outros estímulos excessivamente carregados.

As represas ou diques psíquicos descritos em 1905 igualmente fundam-se nessas premissas das barreiras de contato: o aumento da quantidade de excitação sensorial faria o corpo infantil ou adolescente encontrar um mecanismo de defesa de fugir "da dor" e do desprazer, barrando a apreensão consciente de certos estímulos e impedindo total ou parcialmente o trânsito deles. As marcas do vivido, contudo, remanescem, persistem como se tivessem sido "arquivadas" em estado bruto, como marcas psíquicas que se repetem em compulsão, em um retorno constante do material clivado, na busca de alguma possibilidade de ligação pela via da simbolização primária e, posteriormente, de alguma narrativa sobre a experiência emocional impressa no corpo que a viveu.

A teoria freudiana vai evoluindo então em direção à elaboração do *modelo de vesícula viva*, quando Freud (1920) concebe a ficção de existência de uma barreira reguladora das excitações do aparelho psíquico. Um excesso de excitação brusco poderia gerar, segundo ele, a quebra do equilíbrio desse escudo protetor, sua invasão, desestabilização ou até mesmo o rompimento da proteção, gerando um impacto traumático. A depender da condição singular do indivíduo de lidar com a carga desprazerosa e fazer ligações para representar o evento, ele

poderia vir a se configurar como um trauma, desde que ultrapassada tal capacidade de representação psíquica, fazendo com que a experiência entrasse na esfera do intraduzível, irrepresentável e não-simbolizável.

Acompanhando a linha do tempo, teríamos então o conceito freudiano embrionário de *barreiras de contato* (FREUD, [1895]1950), sua delimitação posterior mais específica com a conceituação de *diques* ou *represas psíquicas* (FREUD, 1905b), até desembocar na elaboração mais complexa de *vesícula viva* e *escudo protetor do traumático* (FREUD, 1920).

Existe uma ideia muito relevante para esta tese por trás desses conceitos: o movimento constante e estruturante de uma barreira à sexualidade invasora que vem dos adultos, ou seja, um alarme sobre a estranheza da criança diante de aportes sedutores, sexuais ou excessivamente afetivos por parte do adulto já revela um movimento defensivo prévio do sistema psíquico e tem a natureza de uma proteção, uma barreira de contato, que divide o sistema entre aquilo que pode virar memória consciente e aquilo que se aloja no psiquismo como marca psíquica traumática.

As represas psíquicas representam, então, um composto daquilo que os filhos captam como estranho, invasor ou transbordante da pulsionalidade do adulto derramada sobre eles; são um sinal impresso no corpo de algo que vem do mundo externo e que, de algum modo, excede a capacidade de assimilação psíquica por parte do recém-nascido, criança ou adolescente que recebeu a carga estimulante por demais.

Cabe fazer também uma analogia entre as represas psíquicas e aquilo que Freud tratou em *Lembranças Encobridoras* ([1899]1950), porque é precisamente nesse texto em que, invocando um dito corrente sobre as falsificações, ele afirma que algumas das experiências infantis retidas na memória podem ser comparadas a algo que não é feito de ouro, mas que elas estiveram perto de algo *realmente* feito de ouro.

A questão que intrigava Freud no momento era a de saber por que um número relativamente pequeno de recordações isoladas, de importância duvidosa ou enigmática, aparecia como relevante em períodos nos quais outros fatos de maior impacto emocional teriam ocorrido com o indivíduo.

No escrito, Freud partiu do pressuposto de que as experiências dos primeiros anos da infância de cada indivíduo produzem traços inerradicáveis nas profundezas de nossas mentes. E, apesar de sabermos que, naqueles primórdios da Psicanálise, ele estava às voltas com questões sobre a ligação existente entre a sexualidade infantil e o conteúdo psíquico das neuroses, emerge dali um campo interessante: Freud nos ensina que esse tipo de lembrança é impulsionado por duas forças psíquicas: uma que *procura lembrar* da experiência, dada a sua importância e, a outra, como uma *resistência a lembrar*, que tenta impedir sua manifestação.

Para Freud, essas forças atuam paralelamente, não havendo anulação mútua entre elas, nem predominância de uma sobre a outra, mas uma conciliação.

Desde o primeiro momento, portanto, Freud se encontrava debruçado sobre a problemática dos investimentos e contrainvestimentos pulsionais, tentando encontrar soluções tópicas e dinâmicas para o conceito de recalque ou repressão primária, sob o fundamento de que deveria haver algo previamente reprimido a fundar tais limites e barreiras protetivas do excesso.

É exatamente nesse território de escuta de algo que não é feito de ouro, mas que parece "muito perto de algo *realmente* feito de ouro" que estaremos posicionados como analistas ao nos confrontarmos com as represas psíquicas manifestadas no curso da análise desses pacientes.

Nesses casos que escutam na clínica, parece haver indícios bem claros de duas ideias fundantes, ou melhor, de dois "horrores" subjacentes a esses processos de limitação, de barreira ou de constituição da vesícula protetiva: o *horror ao incesto* e o *horror a ser reincorporado pela mãe*.

Se é verdade que o caminho mais fácil para a criança seria o de escolher como objeto amoroso as pessoas que ama desde a infância, por outro lado, as barreiras contra o incesto desempenham um importante papel no curso do processo de maturação infantil, a ponto de excluir como válida e autorizada a escolha objetual dos parentes consanguíneos, em nome de questões psíquicas, prescrições morais e de exigências culturais da sociedade¹².

No tópico *A barreira contra o incesto*, Freud (1905b, p. 149) nos fala que os pais podem ofertar à criança um carinho bem-sucedido ao evitar que seu instinto sexual seja despertado muito precocemente. Também relacionado ao que estamos falando sobre as represas psíquicas, cabe citar que ele nos apresenta um conceito muito importante para o estudo das relações fusionais, que ele batiza de "conceito psicológico provisório": a *tenacidade* (*ibid.*, p. 170).

A *tenacidade* ou a *suscetibilidade à fixação das impressões da vida sexual infantil* é algo muito expressivo nos casos de relações fusionais e, como será explicitado nos relatos clínicos de diversos pacientes, essas impressões voltam de forma traumática ao longo da vida do sujeito. Trata-se de manifestações sexuais prematuras impressas tão profundamente que acabam por "levar de modo compulsivo à repetição e ditar ao instinto sexual os caminhos pela vida inteira" (FREUD, 1905b, p. 170).

¹² No Capítulo 5 será demonstrado, ainda, que a escolha incestuosa produz efeitos deletérios ao psiquismo do filho não somente em razão da violação a tais exigências morais, mas, igualmente, por questões intrapsíquicas estruturantes.

Nos casos clínicos abaixo descritos, em que falaremos da masturbação compulsiva de um analisando e da adicção em sexo virtual de outro, expressa-se dolorosamente e de forma repetitiva essa *tenacidade*, essa força imperativa das impressões da sexualidade infantil desses indivíduos.

De fato, na escuta analítica, fica bem claro que, além de valores morais e códigos de conduta transmitidos em cada grupo familiar como um legado, há afetos intensos demais, certas investidas dos adultos no corpo infantil que, conquanto amorosas na origem, são tão carregadas que geram desprazer, cobranças excessivas e demandas de sacrifícios na primeira infância e adolescência que geram sombras por toda a vida do sujeito. Verdadeiras assombrações que não cessam de retornar, em uma repetição compulsiva de uma matéria muito difícil de simbolizar.

Sem meias palavras, Pigozzi nos fala que "o pai ou mãe que se faz adorar abusa do filho" e que, ao impossibilitar que o filho possa viver sem a sua presença, acaba por comprometer o sentido de todas as suas outras relações, além de mantê-lo ligado a si mesmo sexualmente. O que queremos invocar, então, diz respeito a algo que vale também como tarefa daquele que cuida: o cuidador deveria estar atento a "conter o vínculo do filho, vigiar que não seja sexualizado, excessivo, cedo demais, intenso demais" (ROLLAND *apud* PIGOZZI, 2018, p. 105).

Para fazermos uma ligação entre o exposto até aqui sobre os limites psíquicos de uma criança no curso do amadurecimento da sua sexualidade e os estragos que podem ocorrer quando essa criança ou adolescente vem a ser atravessada pela pulsionalidade do adulto ou pelas demandas narcísicas dos pais, cabe pensarmos na disputa pacificada pelo Rei Salomão.

Na conhecida história de disputa de um bebê entre duas supostas mães que alegavam ao Rei Salomão ter direito ao reconhecimento da sua maternidade, a solução que ele encontra é a de cortar o bebê pela metade, traspassando-lhe uma espada e dar uma metade do corpo do recém-nascido a cada uma das litigantes.

Com essa decisão estratégica, o Rei revela a todos que assistem ao julgamento a mãe legítima como aquela que abre mão da posse do bebê para não o ver perecer. A mãe verdadeira aparece, então, como aquela que renuncia ao próprio filho como uma posse sua por não querer vê-lo morto. É a mãe que "não o dilacera com a sua própria necessidade de desejá-lo a todo custo para si mesma". A ideia que podemos extrair, então, como subtexto dessa parábola é a de que uma função materna genuína se estabelece quando a mãe está apta a renunciar a ganhos narcísicos exclusivamente para si (PIGOZZI, 2018, p. 15).

Nesse caso, a faca que seria traspassada no corpo do bebê a mando do Rei Salomão pode ser uma metáfora do atravessamento de vários afetos adultos, aí incluída a sedução, que pode ser uma sedução para vida, que faz despertar o corpo infantil olhado, admirado, amado e

reconhecido pelo pai ou mãe, mas também a sedução mortífera que pode invadir o corpo infantil, sobrecarregando-o com o desejo de posse e de domínio.

Em outra direção, o traspassamento da faca pode valer também como uma metáfora do corte, da separação corporal necessária entre mães, pais, filhos e filhas, de modo a viabilizar certa distância que permita que o filho venha a ter seus próprios desejos de forma livre.

Às vezes, porém, tal renúncia não é possível e o atravessamento da pulsionalidade do adulto reverbera por anos a fio naquele filho.

Em alguns casos, já na adolescência, aparecem sinais da experiência fusional: depressão, oscilações de humor e ansiedade, problemas de autoestima e nas relações amorosas, disfunções sexuais, desordens alimentares e adições em álcool e drogas. São tais vivências, sintomas, estados de ânimo e de dependência que motivam a procura de análise ou a ajuda terapêutica.

Esses indivíduos têm dificuldades em apontar o que teria ocorrido de errado em suas infâncias, por terem uma visão idílica do passado, razão pela qual a recuperação da origem de tais problemas acaba dificultada. Há uma negação veemente de que aquela relação de proximidade intensa possa ter causado estragos, visto que remanesce a ideia de terem ocupado um lugar idealizado e especial para o genitor fusional, como ocorreu no caso de Marla, a seguir descrito.

2.2 O CASO CLÍNICO MARLA

Um caso clínico ilustrativo do extravio de limites corporais e psíquicos entre pais e filhos é o de Marla (LOVE; ROBINSON, 1991, p. 23), que, incentivada por seu pai desde os quatro anos de idade, tornou-se uma exímia jogadora de tênis, passando a competir e a ganhar troféus, que lhe renderam o primeiro lugar no campeonato nacional. Ela relata em análise que seu pai era totalmente devotado a ela e eles passaram a viajar juntos para as competições; hospedavam-se em hotéis na estrada, sempre no mesmo quarto e ela se sentia como a única companheira do pai. Marla saía bem-vestida e arrumada e dançava com ele nas festas dos torneios e o seu pai a apresentava com grande orgulho da sua beleza. Ao contar tal fato, a paciente acrescentou que tudo era muito romântico e que dormia na mesma cama que o pai, mas que ele nunca havia abusado dela sexualmente, acrescentando que "ele apenas a abraçava quando estavam dormindo".

Marla é uma PHD em economia que trabalha há longos anos em altos cargos do governo, com sérias dificuldades em se sentir valorosa e digna de reconhecimento. Vem lutando com um sobrepeso há muito tempo, além de narrar sobre sucessivas relações amorosas nas

quais passa de um homem a outro, todos eles muito mais velhos, sem se apegar a nenhum deles: foram esses os sintomas aparentes que a levaram à análise.

Quando ela nasceu, sua mãe não tinha mais energia para uma nova filha e o casamento dos seus pais já havia fenecido, por isso, a mãe se voltara para o primogênito como sua única fonte de afeto e o pai de Marla fizera o mesmo em relação à filha, que logo se tornou sua razão de viver. Cada um dos pais ligou-se a um dos filhos de forma fusional. Marla acompanhava seu pai para todos os lugares e sentia que ele a adorava, ao passo que sua mãe era verbalmente abusiva e distante porque se ressentia da atenção excessiva que o pai dedicava à filha e a atacava constantemente.

Marla alegava sentir pena das pessoas da idade dela, pois elas pareciam tolas e infantis. Ela não aprendeu a andar de patins, nem a nadar, não tinha amigos de sua idade, nem ia a festinhas de aniversário, pois sempre escolhia passar mais tempo com seu pai, que a buscava todas as tardes na escola para levá-la aos treinos de tênis.

Trata-se de um caso representativo de "incesto emocional", que abrange a história de um pai e filha vivendo como um casal. Fica evidente na narrativa da história que o pai de Marla não conseguia estabelecer limites apropriados entre eles. Ele a ensinou a dirigir aos 14 anos, para que o levasse para casa quando estivesse bêbado demais, e a aceitação irrestrita de Marla às bebedeiras e à natureza irresponsável do seu pai chamou a atenção da analista. Ela aceitava o que ele era, sem questionar ou formular demandas próprias, como as crianças coagidas em um vínculo simbiótico, que simplesmente acatam o que lhes é ofertado, sem resistir. A esposa queria um marido sóbrio e responsável, mas Marla lhe dava o benefício de uma aceitação incondicional.

Aos 17 anos, Marla se tornou uma bela adolescente e o pai começou a agir como um namorado ciumento, impedindo-a de sair e ter encontros com garotos da sua idade, por isso ela namorava em segredo, mas sempre sentia uma imensa culpa e um profundo vazio, pois nenhum dos pretendentes chegava "aos pés" do seu pai. Ela começou, então, a ter casos sucessivos com diversos homens, afirmando que estava sempre em busca daquela intensidade que sentia pelo pai enquanto criança, quando acreditava que ele era "tão poderoso e maior que a própria vida" (LOVE; ROBINSON, 1991, p. 24).

O pai, que ela achava ter sido um herói, foi sendo visto, com o passar do tempo, como alguém que bebia em excesso, que podia ser cruel e que era totalmente autocentrado. Marla descobriu que não tivera o direito de construir uma identidade própria enquanto tutelada por ele, pois vivia para atender às demandas dele. Entendeu que sua infância e adolescência haviam sido contaminadas por essa relação fusional e que lhe fora usurpada a possibilidade de ser uma criança livre em suas descobertas e experiências apropriadas a cada fase de seu desenvolvimento. Ela não fora olhada e cuidada pelo pai como uma filha, nem reconhecida em

sua singularidade, mas, sim, tomada como um objeto para o atendimento das necessidades do adulto solitário que ele se tornara.

Nos casos relatados, fica prejudicada a capacidade do adulto, mãe ou pai, de se ausentar, de se manter íntegro e reservado para "evitar a sobreposição traumática extraviante da pulsionalidade do adulto sobre a criança" (FRANÇA *et al.*, 2017c, p. 156).

Como dito, a realidade de um *incesto emocional* ou *matrimônio psicológico*, como quer que o chamemos, é difícil de ser apreendida, por isso ele é tão insidioso na vida adulta e gera tantos efeitos negativos nas novas relações constituídas por esses indivíduos: fica comprometida a capacidade de experimentação de uma sexualidade potente e de intimidade futura com um parceiro, como acontecia na vida adulta de Marla.

Já expostas as questões freudianas alusivas à sexualidade infantil e à importância da inscrição no corpo do recém-nascido dos cuidados que lhe são ofertados em terna idade, assim como esclarecido o conceito de Sigmund Freud sobre as represas psíquicas, sigamos ao ponto relacionado à tendência incestuosa na teoria ferencziana.

2.3 SÁNDOR FERENCZI E A TENDÊNCIA INCESTUOSA

Sándor Ferenczi (1929), um dos principais interlocutores de Freud, apresenta inovações na metapsicologia da época ao inserir no seu arcabouço teórico a importância fundamental das relações entre o indivíduo e os seus cuidadores nos períodos mais primitivos. O psicanalista húngaro inaugura uma nova dimensão no pensamento psicanalítico fundado na necessidade de adaptação da família à criança e na ideia de que os cuidados dispensados à criança em tempos precoces produzem efeitos na constituição do psiquismo infantil, de tal forma que traumas vivenciados no período podem produzir marcas psíquicas indeléveis.

Ao fazê-lo, Ferenczi refuta a ideia de que as pulsões de vida seriam preponderantes no nascimento do indivíduo e que elas teriam a princípio uma intensidade elevada, começando a declinar ao ponto zero, que corresponderia à idade avançada. Diferentemente disso, ele defende que as pulsões de destruição entram em ação quando a criança nasce e que apenas um "prodigioso dispêndio de amor, ternura e cuidados" (1929, p. 58) por parte dos pais teria a potencialidade de ir afastando o mortífero e fazendo com que comecem a prevalecer as pulsões de vida. Assim, o tratamento e a educação ofertados pela família ganham estatuto especial e passam a representar formas de imunização progressiva contra os atentados físicos e psíquicos das pulsões de morte.

Em sua obra, vemos frutíferas sementes sobre a importância das relações objetais nos primórdios. Ferenczi (1929) explicita que seriam traumáticas, em maior ou menor grau, as interações decorrentes do desmame (dada a passagem de um modo de nutrição primitivo à mastigação, que requer uma mudança psicológica), do treinamento do asseio pessoal (que pode gerar marcas na formação do caráter), do que ele chama de supressão dos maus hábitos (certamente se referindo a comportamentos de exploração da sexualidade infantil na fase fálica) e, com maior relevância, da passagem da criança para a vida adulta.

O psicanalista húngaro começa a tratar de uma sexualidade atravessada por aquilo que vem de fora, por eventos reais e concretos, sejam eles desestruturantes ou constitutivos, mas experimentados em tempos de um psiquismo ainda incipiente, ou seja, ele trata de uma sexualidade que se estende para além do pulsional. Ferenczi (1930, p. 73) começa a trazer à discussão casos em que estaria em jogo um "tratamento verdadeiramente inadequado, até mesmo cruel" por parte do adulto. Assim, ele redimensiona a ideia de que a hipersensibilidade da constituição infantil seria a causa exclusiva de reação pela via neurótica e sustenta a existência de traumas decorrentes de conflitos reais entre a criança e o mundo externo, que geram "o primeiro impulso à criação de direções anormais de desenvolvimento" (*ibid.*). Ele passa a defender que deveria ser atribuída importância à tendência incestuosa recalcada dos adultos e à ideia de que, muitas vezes, tal tendência pode vir mascarada pela ternura.

Como dito na Introdução, além de chamar atenção para a existência do fator traumático real decorrente do abuso sexual em *Confusão de Línguas* (1933), Ferenczi também lança luz sobre uma série de questões até então não abordadas. Sobretudo no campo do *terrorismo do sofrimento*, há contribuições teóricas importantíssimas no seu legado para a questão das relações fusionais.

Grande parte do que será desenvolvido doravante tem relação direta com situações nas quais há uma inversão no que tange à ideia de atendimento às necessidades precoces da criança, em casos nos quais as demandas dos adultos sobrepõem a frágil configuração psíquica dos filhos de quem deveriam cuidar e a quem deveriam proteger.

O texto (FERENCZI, 1933) traz em seu bojo uma ampliação à ideia de trauma, apesar de partir da ideia de situação traumática fundada no *amor apaixonado* entre adultos e crianças. Nele, Ferenczi elenca três causas do evento traumático: a *experiência de sedução*, as *punições passionais* e o *terrorismo do sofrimento*.

A sedução como gatilho da situação traumática ocorre em casos nos quais o adulto despeja na criança seus impulsos sexuais recalcados e a criança acaba por experimentar uma forte violência em razão de tais tendências libidinais referentes à genitalidade do adulto. Para

Ferenczi, tais situações abusivas não podem ser assimiladas e traduzidas pela criança, ainda norteada pela linguagem da ternura. Ele acentua as diferenças entre o que existe de terno no erotismo infantil e o que há de apaixonado no erotismo adulto.

Simplificando a sequência temporal do trauma ferencziano por abuso sexual, diz ele que a criança, a princípio, tem fantasias lúdicas, tais como a de desempenhar o papel de mãe em relação ao adulto; tal jogo assume uma forma erótica, mas, para a criança, ainda assim, o jogo está circunscrito ao campo da ternura. O adulto, por razões psicopatológicas ou por perturbações do seu autodomínio, confunde tais brincadeiras infantis, tomando-os como se fossem desejos equiparáveis aos de uma pessoa que tem maturidade sexual e o abuso se concretiza quando adulto e criança praticam atos sexuais sem inferir suas consequências.

O que acontece em seguida é que há uma inibição daquele que seria o primeiro movimento da criança – manifestar ódio, recusa, repugnância ou uma resistência violenta – face ao medo intenso que sente. Em razão disso, a criança experimenta uma sensação de estar desassistida, "física e moralmente sem defesa" (FERENCZI, 1933, p. 117). Por causa da sua personalidade frágil, a criança emudece e paralisa também a sua capacidade de pensar e protestar contra a força e a autoridade do adulto. Submete-se automaticamente à vontade do agressor, esquecendo-se de si mesma.

Diante do ápice do medo, a criança põe-se a adivinhar os desejos do agressor e com ele se identifica e, como efeito de tal identificação, o agressor torna-se intrapsíquico e desaparece enquanto realidade exterior. Como aquilo que é intrapsíquico submete-se ao processo primário (assim como no sonho), o evento é remodelado e transformado de forma alucinatória. Assim, a agressão deixa de existir e a criança mantém a situação de ternura anterior, mas a identificação ansiosa com o parceiro adulto enseja a introjeção do seu sentimento de culpa. Na sequência, o jogo que tinha um caráter inofensivo em razão da incidência da linguagem da ternura se converte em um ato que merece punição, o que deixa a criança "confusa e desorientada, dividida entre ser inocente ou culpada" (*ibidem*). Como o agressor nega o fato e a mãe (ou o adulto procurado pela criança) desmente o ocorrido, a criança acaba carregando o trauma ao longo da vida.

As consequências do abuso são assim descritas por Ferenczi (1933, p. 118): 1) a criança converte-se em um ser que obedece mecanicamente, ou 2) a criança se fixa em uma atitude obstinada; 3) a vida sexual de quem foi abusado não se desenvolve ou pode assumir formas perversas; 4) a criança carrega o sentimento de vergonha em razão do remorso adulto introjetado.

A ideia de submissão à vontade do agressor vem acompanhada da declaração ferencziana de que essas crianças de personalidade frágil, sem condições de se contrapor ao

adulto ou de protestar contra sua autoridade, passam a adivinhar o menor dos seus desejos. A criança emudece e se submete ao esperado pelo adulto.

O pior de tais casos seria a negação, a sustentação pelo entorno da criança de que aquilo que foi experimentado não aconteceu. Declara o húngaro (FERENCZI, 1931) que é a negação (melhor traduzida como *o desmentido*) que confere ao traumatismo um caráter patogênico.

Como antes pontuado, estamos postulando que a experimentação do trauma não acontece apenas nas hipóteses de experiência de sedução que redundam em um ato sexual concreto. Ocorre também quando se impõe à criança "mais amor, ou um amor diferente do que elas desejam" (FERENCZI, 1933, p. 118), sob a forma de requerimentos e demandas de que ela ocupe um lugar de parceiro substituto para a mãe ou o pai. Firma-se, então, um laço caracterizado como *matrimônio psicológico* com um de seus genitores em nome de um amor que se torna opressivo, apesar não gerar marcas físicas e não se consumir no aspecto sexual, por colocar a criança submetida a uma situação indevidamente romantizada, à qual não tem recursos para se opor.

No mesmo sentido, Donald Winnicott (1978a, p. 326) acentua que quando há invasões prolongadas, a continuidade pessoal do indivíduo é interrompida e que o trauma representado pela necessidade de reagir a tais invasões significa uma "perda temporária de identidade", associada a um "sentimento extremo de insegurança", o que geraria, no futuro, a "perda da continuidade do *self*" e uma "desesperança congênita com relação à conquista de uma vida pessoal".

Voltando aos ensinamentos de Ferenczi (1933), ele também aponta outra causa do trauma, as *punições passionais*, atos punitivos que veiculam as tendências pulsionais sádicas do adulto e expressam um excesso da agressividade que acaba por deixar a criança impossibilitada de decodificar a violência experimentada, vez que excede a sua capacidade de simbolização em um tempo de imaturidade psíquica.

Como dito, o conceito de vivência traumática, segundo Freud (1920), relaciona-se a um evento que excede a capacidade de representação do indivíduo e que fica submetido à compulsão à repetição em busca de uma possibilidade de ligação ao psiquismo organizado. Assim, tal experiência de violência, decorrente das *punições passionais* remanesce no psiquismo como mera *marca psíquica* desorganizadora, como algo que não existe como representação psíquica. Tal marca deixa rastros no psiquismo clivado do indivíduo, repetindo-se em compulsão para que tal experiência deletéria venha a ser integrada.

Dada a circunscrição do objeto da presente pesquisa ao aprofundamento das questões alusivas à escuta psicanalítica de indivíduos enredados em relações fusionais, pensamos que as

punições passionais merecem apenas essa rápida menção como segundo gatilho disparador do trauma ferenciano sem, contudo, receber grande destaque.

Sobre a tendência incestuosa, acompanhemos o desenrolar de caso clínico Douglas, descrito na Apresentação desta tese como a escuta analítica que inspirou o início desta pesquisa.

2.4 CASO CLÍNICO DOUGLAS

Como relatado anteriormente na Apresentação, a história da relação fusional de Douglas e sua mãe, Marina, afigurou-se extremamente intensa desde o primeiro dia de sua análise, pois o analisando falava de um laço tão passional que gerava cenas constantes de descontrole e violência entre eles quando qualquer tentativa de separação era aventada. Havia também grande circulação de um erotismo sem controle, ilimitado e sem borda, que culminava às vezes em um abraço durante a luta física ou ao fim dela, quando, já cansados, paravam o embate. Douglas chegou me pedindo socorro para conseguir pensar individualmente sobre seus afetos, dores e desejos, alegando que vivia em um emaranhado emocional sem saída com a mãe.

Havia nas brigas entre Douglas e Marina uma forma de vinculação bastante infantil, marcada por provocações e desafios, como se fossem brigas sem limites e sem lei entre irmãos se engalfinhando até que algum adulto interditasse a expansão das pancadas, o que ele, indiretamente, pedia-me que fizesse quanto à escalada da agressividade atuada. A descrição detalhada das brigas parecia ser muito importante para que ele representasse o movimento ativo e passivo de junção e separação entre filho e mãe; por isso as sessões, às vezes, eram exaustivas e repetitivas. Isso me compeliu a falar, em certo momento da escuta, que havia no caos vivenciado por eles o risco de que um dos dois "errasse a mão" e acontecesse algo de grave, o que abriu um espaço para Douglas pensar e verbalizar o quanto o laço entre eles era sentido como adoecido, raivoso e, às vezes, cruel.

Podemos pensar também que fazer marcas no corpo significava tentar delimitar espaços e, no caso, machucar o corpo parecia uma tentativa de rasgar essa fusão para ver se eles se dividiam, separavam seus corpos e psiquismos.

A queixa inicial de Douglas era de que ele não tinha uma identidade própria, porque ficara sempre preso à mãe. Ele não trabalhava, não conseguia pensar em um ofício de que gostasse ou em fazer algo que tivesse sentido para ele. Não tivera namoradas com quem firmara relações mais longas, nem curtos apaixonamentos, mas apenas vínculos insignificantes com mulheres mais velhas.

Relembrando a Apresentação, a mãe de Douglas e seu irmão gêmeo Caio haviam feito um pacto de união eterna, combinando que eles seriam uma "dupla para sempre" e essa promessa acabou por selar o destino, não de Caio, que morreria precocemente, mas de Douglas, seu filho, que nasceu quando sua mãe já tinha quase quarenta anos.

Ele passou a ocupar um lugar que mesclava um ideal romântico com o de protetor da mãe e recordou de que, quando era pequeno, ambos ficavam no sofá assistindo a desenhos animados e filmes "como se fossem dois namorados" e de que, quando passeavam juntos na rua, sentia como se ele fosse grande e eles fossem "um casal feliz". Sentimentos confusos que se instalaram muito precocemente e que revelavam essa mistura entre fronteiras físicas e emocionais da mãe e do filho.

Douglas rememorou em análise os seus tempos de criança, quando escutava encantado, mas também muito penalizado, as histórias da infância de sua mãe. Ao me contar o que sentia ao escutá-las, falava em um "aperto no peito", por pensar em como sua mãe sofrera quando era ainda muito pequena porque sua avó materna nunca tinha conseguido chamá-la por seu nome próprio: Marina. A mãe dizia-lhe que parecia que ela era transparente para a própria mãe ou que ela era apenas "uma metade" que, para existir, precisava de "outra metade", seu irmão gêmeo. A avó materna de Douglas não via Marina como uma pessoa inteira, exclusiva, mas como uma parte de um todo, um pedaço parcial, uma gêmea ligada a outro gêmeo, formando um duplo.

Diante do que Douglas narrava, não havia como ter sido combinado algo diferente desse "pacto de sobrevivência a dois" entre sua mãe e seu tio, pois a chance de Marina e Caio existirem era a de serem vistos em dupla e eles intuía (ou inconscientemente sabiam) que só assim caberiam no desejo da mãe.

"Os gêmeos já chegaram da escola? Os gêmeos já almoçaram?" – eram essas as perguntas que sua avó fazia e que, segundo Douglas lembrava, tinham-no deixado muito intrigado, porque a mãe lhe repetia: "como alguém pode viver sem nome, filho?" Ele achava aquilo estranho e irreal, mas também sentia um pouco de raiva da avó materna. Viveu, então, incumbido inconscientemente de fazer essa reparação na vida da sua mãe, vez que a avó falecera antes de o assunto ter sido elaborado e tais mágoas do passado materno ficaram sempre ativas, indo e vindo, retornando em desabafos de mãe para filho, sendo revividas na busca incessante de Marina de um homem que cuidasse dela como ela merecia.

Ao longo da análise, foi aparecendo, então, uma parte da sua história marcada pela falta de simbolização, pelo que ainda não pudera ser representado e que, por isso, manifestava-se em ato, todas as semanas, nas brigas físicas, nos empurrões entre eles, nas idas e vindas, na falta de limites corporais e emocionais entre eles, nos embates e nas tentativas de criarem algum espaço

intermediário diferente do binário – ou mortalmente juntos em uma fusão sem fresta de ar, ou mortalmente separados.

Douglas ocupara o lugar de "dupla para sempre" de Marina desde muito pequeno, mas, com o seu ingresso na vida adulta, essa posição subjetiva lhe impunha um altíssimo preço. A sensação de desamparo constante de Marina precedera seu nascimento, mas a ele era imposto o fardo pesado de redimir essa solidão essencial da mãe, para se tornar o homem sonhado que cuidaria dela, remediando suas necessidades primitivas. O lugar de substituto do irmão gêmeo de Marina trazia-lhe prejuízos emocionais profundos, comprometendo todas as suas relações afetivas, de amizade e amorosas em razão da simbiose visceral que se estabelecera entre ele e sua mãe.

Segundo a história que sua mãe lhe contara, seu tio Caio foi internado logo após a morte da avó materna e a impressão que foi sendo construída era de que, com a morte da mãe, o tio também havia morrido psicologicamente, isolado, "louco e doente". Ou seja, quando a mãe de Marina morreu, levou com ela o irmão gêmeo Caio. E sem o irmão, Marina não pôde mais ser vista, já que os dois eram cúmplices na busca desesperada de um olhar da mãe, que nunca chegou.

No fundo, então, a raiva que Marina parecia manifestar nas brigas com seu filho era uma raiva que passava pelo seu irmão que a abandonara, mas que era também – ou principalmente – uma raiva incurável que sentia de sua mãe, avó de Douglas.

Como dito, Douglas era o destinatário infeliz de um abandono devastador que o antecedeu.

Se o tio morreu simbolicamente ao chegar à vida adulta, como conceber um futuro para Douglas? Como criar uma vida para além da sina do tio Caio, destinado a ser apenas a outra metade de sua mãe?

Durante as sessões, sempre apareciam impasses, esgotamentos e sensações de impotência de Douglas, haja vista que ele e Marina pareciam partilhar, como dito, um psiquismo para dois, um corpo para dois e sempre que ele tentava ficar mais autônomo ou manter segredos e reservas sobre seus romances e sua vida privada, ele se sentia incompleto e dependente da mãe, achando que não teria êxito em sua emancipação. Retornava, então, à relação regressiva e simbiótica, mantendo-se financeiramente dependente dela.

Com o passar do tempo, Douglas começou a fazer entrevistas para trabalhar e, em um desses locais, ele veio a saber que Marina chegou a desaconselhar o gerente, seu conhecido, a contratar o filho, dizendo que ele era distraído. Foi uma sessão dura quando perguntei a Douglas o que teria feito a mãe desviar o caminho para passar no local da entrevista para falar que ele era inadequado para a vaga. O que a teria motivado? Ele achava que Marina tinha ido lá para sabotar o trabalho dele, porque, no fundo, ela queria que ele continuasse em casa "para sempre". Perguntei: "E você quer?" Ele: "Claro que não. Estou cansado das brigas, mas uma parte em

mim acha que nunca vou conseguir pagar minhas contas; me sinto às vezes como um "menino que não aguenta o mundo". Perguntei: "Um menino?" Douglas disse que sabia que já era um homem, "cronologicamente ao menos", mas que uma "força maior que ele" fazia com que ele ainda permanecesse "um menino para a mãe". Disse-lhe que eu estava acompanhando o esforço dele para se sentir inteiro e, ao mesmo tempo, separado dela emocionalmente. Ele respondeu: "É isso que eu quero, mas ainda não consigo. É como se eu vivesse em um tipo de cativeiro, mas eu também escolhesse isso".

Ademais, a escuta dos relatos de Douglas apontava para uma fixação incestuosa da libido¹³, o que influenciava a sua conduta ao escolher sempre mulheres muito mais velhas, o que o deixava intrigado e incomodado, sobretudo quando as relações chegavam a um término em razão dessas diferenças etárias que implicavam interesses de vida também distintos.

Freud já nos falava, desde 1905, dessas ressonâncias na sexualidade infantil na escolha de objeto, quando, por exemplo, um jovem escolhe uma mulher muito mais madura ou quando uma garota escolhe um homem mais velho que desfruta de certa autoridade. O homem estaria a buscar a imagem mnêmica de sua mãe "que o domina desde a infância" (FREUD, 1905b, p. 151).

Essa ideia era perfeitamente aplicável à experiência narrada por Douglas, que se sentia muitas vezes preso a tais mulheres mais velhas e experientes, sempre sentindo que lhes devia algo.

Havia um pedido de ajuda, mas, ao mesmo tempo, Douglas me fazia experimentar certa impotência devido ao esvaziamento do trabalho analítico, dado que ele sempre retratava a impossibilidade de dar um fim às brigas e atritos, como se tais conflitos fossem vitais para eles, o que me deixava em duas posições opostas: um pouco desesperançosa em relação a transformações e, por outro lado, bastante alerta quanto aos ataques e atenta para aguentar "os solavancos" que apareciam quando eu lhe indagava sobre a sua condição de refém. Ao lado dessa faceta mais agressiva, Douglas aparecia em alguns dias como um menino frágil, que buscava aprovação sobre suas novas conquistas e feitos. Era bastante difícil decodificar o que havia por trás daquelas comunicações violentas, truncadas, meio desesperadas e, às vezes, enigmaticamente doces e ternas.

Nesse particular, cabe-nos lembrar das marcas no corpo que Douglas trazia e precisava mostrar uma a uma, nas sessões e do relato sobre as marcas físicas que havia deixado em Marina, como se a chance de as simbolizar fosse repeti-las e colocá-las aos olhos da analista. Essa parte revela-se bastante significativa. Quantas coisas eram ditas nesses atos? A analista era testemunha? De quê? Da carga erótica envolvida?

¹³ Cabe lembrar, no particular, o conceito freudiano de *tenacidade* relacionado à suscetibilidade à fixação das impressões da vida sexual infantil e que tem por efeito "levar de modo compulsivo à repetição e ditar ao instinto sexual os caminhos pela vida inteira" (FREUD, 1905b, p. 170).

Parecia que a ideia nunca foi de eles se matarem. Pareciam amantes que deixam marcas à vista de outros. Parecia mesmo que o longo período de escuta das brigas tinha como pano de fundo as tentativas de ambos de rasgar a bolha que os sufocava, movimentar alguma libido em outras direções e sobreviver ao risco de aniquilamento.

Depois de um período de análise, Douglas começou a trabalhar de forma mais consistente, permanecendo no mesmo emprego por mais tempo; começou a juntar dinheiro e iniciou um namoro com uma moça de uma idade próxima à dele, Joana. Algumas brigas entre ele e Marina continuaram a acontecer, mas sem agressões físicas.

Parecia que, à medida que Douglas ia elaborando a sua posição subjetiva perante a mãe e revendo seu lugar de filho, separando uma geração da outra, iam ficando mais escassas as representações de tais movimentos no seu corpo. A apresentação em análise de marcas físicas derivadas das brigas entre eles foi diminuindo, a ponto de desaparecer com o tempo.

O trabalho de análise de Douglas durou alguns anos e me colocou face a face com a ideia de que, em tais casos, é muito improdutivo investigar culpas, fatos e fenômenos baseados na ideia de causa e efeito, porque o processo de elaboração e perelaboração passa ao largo de perspectivas acusatórias ou da ideia moralizante do certo e do errado e das culpabilizações. O que testemunhamos é que há uma tessitura muito complexa entre os desejos inconscientes de um e de outro, mãe e filho, filho e mãe. Não há exatamente culpados e vítimas no sentido objetivo, mas engrenagens montadas de forma a preservar o emaranhado fusional, como se houvesse questões de vida ou morte encenadas.

No caso, a possibilidade de Douglas ser um consolo para Marina, uma razão de viver para sua mãe, a ponto de ela lhe declarar constantemente que o amava "mais que tudo no mundo" também gerava para o filho uma recompensa narcísica ou uma insígnia identitária que passava a ser muito cara (querida) para ele. Havia grande investimento pulsional do filho também em ser "uma dupla para sempre" da sua mãe, experimentada quase como uma necessidade intrínseca a ele de permanecer ali, de não crescer, de segurar o tempo para reparar tudo que ela sofrera. Em grande parte, ele também queria permanecer como um menino para ela e não virar um adulto autônomo.

Sobre a mesma ideia de jamais crescer, cabe citar como ilustração o desejo da personagem Halla, do livro *Desumanização* (MÃE, 2014), que perde sua irmã gêmea Sigridur quando ainda era muito criança. Ela acredita que teriam "plantado" a irmã falecida no solo e que Sigridur haveria de nascer outra vez, o que vai revelando ao leitor uma manifesta impossibilidade de Halla de fazer seu trabalho de luto e de se separar da irmã. Em profunda melancolia, ela faz um pedido ao pai: tornar-se uma criança *bonsai*. Halla suplica: "*Ser sempre*

assim, igual ao que fora minha irmã. O único modo de continuarmos gêmeas. Sabes, pai, se eu crescer e não crescer a Sigridur vamos ficar desconhecidas. Faz de mim um bonsai. Peça-te". Ela narra o seu desejo de não se discriminar da irmã que faleceu cedo demais, afirmando que passará a "andar encolhida, dormir apertada, comer menos... sonhar tudo o mesmo ou sonhar menos" (p. 11). Assim como Douglas, em um compromisso de ser sempre uma criança.

Se a mãe de Douglas poderia ter se reservado e partilhado com outro adulto tais desabafos, queixas e dores primitivas, protegendo-o desse encargo, não temos como sabê-lo, uma vez que as vivências precoces de desamparo identitário dela impulsionaram a sua fusão ao filho, não de forma deliberada, mas por imperativos inconscientes que, segundo Douglas narrava, também pareciam insuportáveis para ela.

Juntos, eles se protegiam e se machucavam, verbalmente e, até mesmo, fisicamente. Separados, era como se não existissem. Ainda que Douglas intuísse que a relação entre eles lhe parecia adoecida, ele sabia inconscientemente que ela precisava dele para sobreviver, para seguir com sua vida e essa ilusão tanática os vinculava de forma inquebrantável, até que pudessem vir a ser criados novos recursos, para um e para outro.

Isso nos leva ao conceito de identificações narcísicas alienantes.

2.5 AS IDENTIFICAÇÕES NARCÍICAS ALIENANTES

O conceito de *identificações narcísicas alienantes* (FAIMBERG, 2005) nos dá elementos para refletirmos sobre a posição que Douglas ocupava na relação com a mãe. Também nos ajuda a pensar na "substituição" do lugar do irmão gêmeo falecido dela por Douglas desde que nasceu, o que o converteu na "dupla para sempre" de sua genitora, de forma a dar alento às suas dores mais precoces. Sobre tais dores, Douglas não tinha qualquer conhecimento consciente, até porque se tratava então de um recém-nascido que passou a desempenhar a função de parceiro, companhia, consolo, motivação para viver e, sobretudo, o lugar de pedaço complementar do psiquismo materno, já que ela sempre se sentira como "uma metade" quando estava sem o seu irmão gêmeo.

A autora Haidée Faimberg desenvolveu o conceito de *identificações narcísicas alienantes* para tratar de identificações que se propagam de uma geração a outra sob a forma de segredos silenciosos que se comunicam em um plano arcaico e inconsciente. Tais propagações de identificações alienantes acabam por produzir efeitos concretos na vida do indivíduo que nasce uma ou duas gerações depois de o fato ou de a experiência ter ocorrido.

A autora menciona questões "invisíveis" e discursos "inaudíveis" que serão objeto de construções dentro do processo analítico para que se tornem visíveis e audíveis nas sessões. Trata-se daquilo se repete de forma insistente na vida psíquica do analisando como um convite à reconstrução simbólica (FAIMBERG, 2005, p. 2).

A identificação alienante se relaciona a um tipo de "objeto histórico", ou seja, como uma incorporação de dados históricos que se condensam, mas que não dizem respeito exatamente à geração do paciente escutado, daí a ideia de alienação. Esses objetos históricos não são introjetados pelo ego, mas incorporados; por isso ficam sem trânsito e não viram passado. Repetem-se como material cindido em busca de ligação.

Como essas *identificações narcísicas alienantes* ficam cindidas, elas não podem ser diretamente ouvidas pelo analista; mas elas podem aparecer em um momento "chave" da transferência e, com a descoberta da história escondida como um segredo, tais identificações tornam-se, então, audíveis no curso da análise.

Para exemplificar o conceito, a autora nos conta o caso clínico de Mário, um analisando inacessível às suas abordagens, com um psiquismo aparentemente vazio, semimorto, além de extremamente silencioso e fechado em todas as sessões.

No curso da análise, a falta de comunicação gerava certo incômodo na analista até que, em dado período, surgiu a ameaça de interrupção da análise em razão de questões financeiras de Mário. Ao vê-lo acariciar o bolso da calça durante uma sessão, ela formulou uma interpretação simples seguida de uma pergunta: "Você deve estar guardando algo muito importante no seu bolso, algo secreto que demanda sua atenção justamente quando estamos falando sobre o dinheiro que você precisa para continuar a análise". E acrescentou: "Eu não sei nada sobre isso, mas se você fosse construir uma hipótese, *para quem* você imagina que esse dinheiro se destinaria?" (FAIMBERG, 2005, p. 6).

Como uma espécie de surpresa na transferência, em razão dessa pergunta, veio à tona um segredo sobre o pai de Mário e seus parentes, para quem o genitor antes enviava dinheiro mensalmente da Argentina, mas que certamente haviam morrido na Polônia em razão da guerra. A última notícia deles havia sido a de que o dinheiro remetido não fora mais coletado e um silêncio se impusera depois disso. A resposta de Mário em análise, portanto, gerou significativos desdobramentos, com a descoberta da relação entre a morte de toda a família do seu pai e os impactos dessa vivência não integrada ao psiquismo dele. Além disso, também foi possível começar a elaborar as consequências da propagação desse silêncio e dessa dor do pai no psiquismo de Mário. Isso gerou a integração de aspectos da história parental nunca antes

mencionados e de vivências ocorridas antes de ele ter nascido, gerando espanto até mesmo no analisando quanto àquilo que estava cindido da sua própria história.

Havia uma intrusão tirânica da história de vida do pai como causa do desligamento físico e emocional de Mário durante as sessões, bem como em suas relações. Ele estava sobrecarregado com uma história que não podia ser apropriada pelo próprio pai – a morte de toda a família dele – e, por isso, Mário carregava a morte dentro de si em uma cristalização inaudível que havia se produzido no seu psiquismo. E a história da morte da família de Mário acabou sendo revelada em um momento "chave" da transferência.

Assim como Mário, também o paciente Douglas (do nosso exemplo) trouxe à cena analítica a lembrança de sua mãe sentada no alto da escadaria de sua casa com o seu irmão gêmeo, fazendo com ele o pacto de união "para sempre". Uma história da geração que lhe antecedeu, da qual não participou, referente a um pacto de vida e morte que não o envolvia diretamente, mas que acabou por se projetar como determinante em sua vida.

Essas "memórias", antes cindidas, quando reconstruídas e integradas na análise de Douglas deram ensejo a algumas transformações, ou seja, favoreceram um processo de desidentificação com a identificação alienante e isso começou a ganhar espaço e força para transformar essa história em passado-passado e, não passado-recorrente em repetição mortífera. A desidentificação foi gerando, então, desalienação e liberação do desejo dele para a construção de um novo futuro.

Em decorrência da escuta dessas identificações narcísicas alienantes, passa a ser possível estabelecer uma diferença entre as gerações, e, como consequência, o passado pode ficar no passado e o tempo pode voltar a correr, fluir e sair de uma circularidade em espiral.

Equivale a dizer que a descoberta de uma identificação alienante no curso de uma análise abre caminho à historicização do vivido e a uma separação saudável entre as gerações.

O analista deve lançar mão, para tanto, de uma visão ampliada e de maior alcance como atitude transferencial na busca de uma genealogia das identificações alienantes. Faimberg suscita a hipótese de que em cada análise é possível acessar as identificações inconscientes narcísicas que se propagam por três gerações, ou, no mínimo, duas, como se fosse, metaforicamente, usado um "telescópio de gerações" (*telescoping of generations*).

A ideia de cativo é muito presente nesses casos e o trabalho de análise deve ser pensado como possibilidade de quebra paulatina da idealização do vínculo exclusivo e privilegiado, que envolve salvação e aprisionamento e que, na verdade, permanece em um lugar imaginário.

Cabe como uma luva a transcrição abaixo na escuta de Douglas:

A analista aprendera, na vida e na clínica, o quanto as mães que fazem mal *são protegidas pelos filhos pequenos que delas necessitam para sobreviver*. Ilusão, ao mesmo tempo, necessária e tanática, expressiva do desamparo vivido na infância e que exige um tempo imprevisível para ser esgarçada e permitir viver (LOBO, 2018, p. 87) (grifos nossos).

Quando a agressividade e o afeto do ódio não podem encontrar escoamento em razão de grandes falhas ambientais, de poderosas identificações narcísicas alienantes ou em virtude de atitudes de um genitor carente demais, retaliador, sedutor em demasia, além dos limites suportáveis pelo corpo somático da criança, o processo de análise pode favorecer a elaboração desses sentimentos cristalizados, degelando essas estruturas maciças e empedradas para que o indivíduo possa entristecer verdadeiramente e encontrar um espaço para prantear a sua infância usurpada.

França (2017b, p. 33) destaca, por outro lado, que apenas o fato de o analisando tomar ciência do trauma "não produz uma resolução do sintoma, apenas provoca um alívio da pressão dos afetos angustiantes", já que uma série de representações deverão de ser construídas para que essa história relacional venha a ser integrada e ressignificada.

Em tais casos, somente a partir do momento em que é convertido em palavras o trauma de ter sido colocado na posição fusional por um de seus genitores passa a ser possível a elaboração dos lutos infantis decorrentes da perda da autonomia para que, aos poucos, o analisando possa vir a acreditar em outras possibilidades positivas além da adesão absoluta a alguém e a superação da sensação de passividade radical vivenciada em tempos precoces.

Se, por um lado, esses filhos são usados como próteses narcísicas de seus pais e mães, é preciso chamar atenção para um ponto extremamente importante: eles também acabam virando os substitutos de alguém porque são compelidos a suprir a falha de outro, segundo ditames inconscientes. Podemos assim pensar no vínculo fusional, mas também há de ser pensada a relação triangular envolvendo, todavia, um terceiro muitas vezes morto, ausente, insignificante ou insuficientemente bom.

Se tais genitores não tiverem condições de estabelecer uma relação que não fosse dual, que não fosse narcísica, será que é possível pensar que o terceiro nunca teria sido propriamente um Outro? E que ele teria funcionado originalmente apenas como uma prótese narcísica que veio a ser, posteriormente, substituída pelo filho ou filha? Partindo desse ponto de vista, não haveria propriamente um triângulo, mas tão-somente a recuperação de uma prótese perdida com o nascimento do filho e sua alocação naquela posição. Uma posição de um indivíduo que não produz alteridade. Um filho não reconhecido como Outro, como sujeito.

O fato é que ocupar esse lugar, mesmo como prótese narcísica, faz do filho alguém que experimenta uma substituição indevida, não só por inadequação, mas também por usurpação do

espaço do faltante, o que nos faz pensar nos efeitos da culpa e, como consequência dela, no medo de retaliação por ocupar o lugar que seria de outro. E, como derivados da culpa, ocorrem o aprisionamento ao genitor e o estado de rendição que acabamos por testemunhar.

Por isso, o espaço de análise também pode se alargar para comportar esse outro domínio: da triangulação, da substituição indevida do ausente, das culpas, da usurpação silenciosa de lugares familiares e dos reflexos da formação da dupla fusional no vínculo familiar, assim como foi possível, ao longo do tempo, no caso de Douglas.

Como dito, o final da análise de Douglas coincidiu com um momento no qual ele e a mãe passaram a morar em cidades diferentes. Além de Douglas ter começado a namorar com Joana, uma moça da sua idade, depois de alguns anos, a mãe dele também encontrou um parceiro que passou a ser uma companhia para ela, o que também facilitou a erosão da culpa de Douglas quanto à possibilidade de morar longe dela.

Para que não reste, todavia, a impressão de um desfecho mágico no que se refere à possibilidade de separação física entre Douglas e a mãe, penso que esse caso clínico sempre envolveu a existência de duplas – Douglas e Marina, Marina e seu irmão Caio, Douglas e sua nova namorada Joana, Marina e seu novo parceiro, além da dupla analítica que formei com Douglas. Após certo tempo, penso que grande parte do trabalho analítico foi sustentada também pela relação viva e potente de amor que Douglas pôde construir com Joana, apesar de tudo.

Hoje, penso que tive, de alguma forma, também uma outra "dupla" no final do processo, a namorada de Douglas, e foi como se nós duas sustentássemos, cada uma de uma forma particular e à distância, algo que dava a ele a possibilidade de acessar outros afetos além da fúria, da raiva ou do desamparo.

Douglas buscava um olhar de Marina que pudesse reconhecê-lo como homem, como filho, como alguém separado dela. Marina buscava o olhar perdido da mãe, buscava incessantemente um olhar da mãe morta. Marina e Caio, em dupla, só podiam mirar a morte, talvez por isso Marina também lutasse tanto com o filho, em busca de alguma vida autônoma.

Esse desfecho, de algum modo, acabou por reforçar a ideia de relação triangular: por apoiar-se em um terceiro na relação analítica, Douglas conseguiu firmar uma nova relação amorosa com Joana ao mesmo tempo em que Joana passou a ocupar um lugar inaugural, que antes só podia pertencer à mãe dele.

Douglas sempre apresentou muitas emoções ambivalentes quanto à sua mãe. Como mencionamos antes, havia um amor profundo por ela mesclado a muita raiva, uma vontade de agarrar-se a ela e também de ir para bem longe, um desamparo imenso contraposto ao desejo de libertação do laço adoecido, ou seja, sentimentos paradoxais que se impunham fortemente. Talvez

tenha sido essa ambivalência que permitiu que houvesse um furo, que lhe permitiu sobreviver ao vínculo com ela e construir outra relação amorosa. Em algum ponto ele se libertou da fusão.

Grande parte do trabalho analítico em casos como o Douglas será a de repensar a relação filial, assim como as identificações narcísicas alienantes e as fixações pulsionais mais precoces derivadas da sexualidade infantil, o que requer tempo, sustentação e cuidado cirúrgico no processo de simbolização daquilo que remanesce silencioso ou camuflado.

Uma menina que sedimentou a imagem do pai como "o melhor homem do mundo" encontra em análise um campo para apreciar os impactos dessa crença em seus sucessivos parceiros amorosos. A relação filial de um menino que qualificou sua mãe como uma "mulher inigualável" também suscitará questões sobre o espaço deixado para outras mulheres em sua vida.

França (2017a) defende que o aparelho psíquico do analista exercerá terá uma função de suplência, auxiliando na construção das representações sobre o vivido na infância.

Como o sujeito se depara, muitas vezes, com uma desproporção entre o trauma vivido e a sua capacidade de dar sentido e encontrar alguma forma de elaboração, haverá uma nova chance pela via do processo analítico de que ele repare vivências de perdas, desgastes e danos relativos ao mundo e aos seus objetos. Vamos testemunhando, então, nessas modalidades de escuta, que existe algo de muito transformador em se converter o que antes era sintoma inscrito no corpo em uma nova forma de apreensão do vivido no passado desses indivíduos.

Retomando a ideia da triangulação e do analista como um terceiro que oferece um novo olhar, além de reconhecimento, enquadre, escuta empática, acolhimento a movimentos regressivos e também um espaço potencial, daí pode derivar a construção de um ambiente de confiança e, até, de "confissão", dada a possibilidade de endereçamento da narrativa sobre a situação de abuso a outra pessoa, já que não foi possível àquele filho ou filha contar com o outro genitor, que estava morto, ausente, distraído ou que não era suficientemente bom a ponto de protegê-lo(a).

Em tais casos, podem aparecer reações contratransferenciais de repulsa em relação ao genitor fusional, responsável pelo abandono indireto do filho ou filha, pela "colonização" do psiquismo da criança com suas intensidades pulsionais ou pela sedução silenciosa que vai se revelando como parte relevante da infância desses analisados. Cabe ao analista, então, ficar atento a tais reações e ocupar um lugar equilibrado no que tange à condução do processo de luto da relação idealizada.

2.6 HOMENS FUSIONADOS COM SUAS MÃES

Adams e Morgan (2007), na obra *When He's Married to Mom*, tratam detalhadamente de sete casos clínicos de "homens fusionados com as mães" (*mother-enmeshed-men*) e também classificam esse tipo de vínculo como uma síndrome. Tais pacientes são percebidos pelos autores como fóbicos em firmar compromissos (*commitment phobic*), por isso as mulheres que a eles se vinculam experimentam a impossibilidade de intimidade. No começo das relações afetivas, eles se mostram atenciosos e carinhosos, mas, com o passar do tempo, a conexão amorosa vai esmaecendo. São homens que não conseguem se comprometer, pois o relacionamento com a mãe, incrustado de forma inconsciente como uma matriz que define seu comportamento amoroso, impede que outra mulher ocupe aquele espaço.

Os problemas decorrentes de tais "colagens" emocionais, além do sintoma da fobia ao compromisso, também podem gerar outros efeitos. Os autores descrevem indivíduos com baixa autoestima e indecisos, que aprendem como bajular pessoas para agradá-las às expensas deles próprios (*people pleasers*), adictos e com problemas sexuais das mais variadas ordens.

Como desenvolvido anteriormente, a sexualidade não começa apenas na adolescência, mas muito antes disso, em razão das experiências e impressões da criança em seu processo de desenvolvimento, principalmente em decorrência das relações precoces com seus cuidadores. Muitas vezes, nos casos de relações fusionais patologicamente intensas entre mães e filhos, há um pai muito distante e uma mãe excessivamente próxima. E o menino é exposto a situações que geram conotações sexuais com maior intensidade do que ele poderia suportar.

Uma criança não aguenta viver tais intensidades tão cedo, nem fazer parte de uma relação que traga uma carga erótica demasiada; assim, a inocência infantil que deveria ser preservada acaba por ser contaminada em nome das necessidades da mãe adulta. Se ela for emocionalmente dependente do seu filho, mais do que de qualquer pessoa do seu ciclo de convivência, haverá efeitos diretos na contenção de tal potencial erótico emanado da relação mãe-filho e diversos comprometimentos ao desenvolvimento sexual da criança.

São meninos que acabam afetados sexualmente muito cedo e, por isso, cria-se um abismo entre amor e luxúria, do qual podem decorrer vários problemas sexuais futuros.

Para Adams e Morgan (2007, pp. 88 e 92), os afetos carregados de sensualidade precocemente experimentada podem ter uma carga excitatória tão intensa que o menino precisa criar um "compartimento hermeticamente fechado em sua mente" e, por isso, os afetos sexuais ficam cindidos dos sentimentos amorosos. Os autores falam de homens que tiveram mães

excessivamente dependentes e que acabaram se tornando "sexualmente anoréxicos", seja porque suprimiram a sexualidade por medo, seja para não ferir a lealdade a elas.

Na literatura sobre o tema, encontramos um caso grave de um filho que manifestava uma oposição psíquica profunda em separar-se de sua mãe, o que acabou gerando a submissão da controvérsia sobre a validade do seu casamento a um Tribunal Eclesiástico, que proferiu uma sentença sobre a anulação do vínculo matrimonial. Um dos fundamentos do pedido da esposa era o de que o marido não conseguia tomar banho nem defecar no banheiro do novo casal e precisava realizar essas funções primárias no banheiro de sua mãe (PIGOZZI, 2018, p. 75).

O vigário judiciário do Tribunal eclesiástico da Ligúria, Monsenhor Paolo Rigon, na sentença, aponta o que denomina de "mamismo", uma dependência extremada à mãe, como uma das causas a ensejar a declaração de anulação do casamento. No julgamento pronunciado para a inauguração do ano judiciário eclesiástico, o vigário foi bastante drástico afirmando que, quando "por escolha, por qualquer ação, é necessária a aprovação do genitor, que de fato torna-se psicologicamente o verdadeiro cônjuge [...], a pessoa com quem se casou será apenas a substituta. Daí a possibilidade de considerar tal forma patológica de dependência da mãe uma verdadeira causa de anulação do casamento"¹⁴.

Essa conceituação do "mamismo" dada pelo órgão julgador italiano se coaduna com todas as teorizações que vêm sendo desenvolvidas pelos estudiosos da *síndrome do incesto emocional*¹⁵, bem com as ideias de relações fusionais e matrimônios psicológicos aqui desenvolvidos, que requerem, para a sua configuração, uma intensidade significativa e patologizante.

Como esclarecido antes, os homens fusionados com suas mães, desde muito cedo, criam um tipo de radar que sinaliza a melhor forma de satisfazê-las, tornando-se maridos-substitutos. São filhos que sentem culpa e aprisionamento, mas também se sentem desleais quanto tentam seguir suas próprias vidas e seus desejos pessoais.

Para tais autores (ADAMS; MORGAN, 2007), um relacionamento saudável entre mãe e filho é um laço em que a mãe pode endereçar as suas próprias necessidades a outro adulto que possa atendê-la e, assim, ela consegue se ajustar ao atendimento das necessidades do filho, sem sobrecarregá-lo com a demanda de seu suporte emocional. Há uma diferença muito significativa entre uma mãe que ama seu filho ou filha e uma mãe que coloca a criança como o foco principal de sua vida para compensar as próprias frustrações e necessidades de uma vida adulta esvaziada.

¹⁴ TOMASO, Rossi, in *Fatto e Diritto Magazine* (N. da trad. revista italiana), 16/02/2014, *apud* PIGOZZI, 2018, Nota 7, *Stendhal e Estocolmo*, p. 75.

¹⁵ ADAMS (2011), LOVE; ROBINSON (1991); ADAMS; MORGAN (2007).

Nesses casos, há uma diferença importante entre homens e mulheres envolvidos em situações fusionais com suas mães, sobretudo porque uma mulher, para buscar sua individuação, deve se separar da mãe, mas não precisa ser necessariamente diferente dela. Já um garoto deve se separar da mãe e tornar-se diferente dela para poder se tornar um homem. No caso dos meninos, então, há um limite sexual e identitário que é violado pela fusão.

Com efeito, não há dúvidas de que geralmente o laço acaba sendo mais impregnado de um conteúdo romântico e de certa energia sensual ou sexual indevida quando os genitores são do sexo oposto. Por isso, aparecem mais conflitos futuros quanto ao desejo sexual, quanto aos sentimentos românticos e à possibilidade de intimidade e compromisso com um novo parceiro.

Um conjunto de boas experiências na infância influencia positivamente as relações afetivas futuras e as questões inconscientes não atuam de modo intrusivo; mas, ao contrário, danos emocionais marcantes nos primeiros anos de vida e o envolvimento da criança em problemas sexuais do adulto, insatisfações e a responsabilidade de ser um suplente nos cuidados do seu pai ou mãe faz com que o inconsciente emerja em "*acting out*", revelando o conteúdo inconsciente danoso que subjaz à manifestação.

Não se trata, a rigor, de apurar culpados ou provocar ressentimentos e culpas em razão de tais laços, mas, sim, de trazer o assunto ao foco, tentando gerar reflexões quanto a tais formas de rendição entre filhos e suas mães. E entender como uma relação fusional pode representar uma limitação maciça na vivência da experiência emocional de tais indivíduos em razão da força de projeção dos objetos primários nas novas relações já é um primeiro passo.

Nos casos a serem descritos, apreciaremos a situação de Mark, que nega radicalmente sua sexualidade e ingressa no sacerdócio para atender às demandas de sua mãe e permanecer fiel a Deus (e a ela); porém, envolve-se em diversos comportamentos compulsivos. Em outro caso, Warren, subjugado pela mãe durante a infância, busca alívio na adicção a atos masturbatórios inspirados em cenas de dominação por mulheres. Todos eles atingidos por conflitos pré-genitais não elaborados, decorrentes de uma relação ambígua, escomoteada e encoberta com a mãe.

Os casos envolvendo tais filhos serão tratados adiante, mas cabe-nos assinalar também se (e como) esse campo sintomático se irradia sobre as relações envolvendo as mulheres.

Sobre essa questão da *anestesia no campo sexual* no caso das mulheres, Freud já se manifestara desde 1905, ao falar da barreira contra o incesto, usando o exemplo de garotas que se prendem ao amor infantil muito além da puberdade. Diz ele, sobre tais mulheres, que, por isso, quando se casam "se tornarão esposas frias e permanecerão sexualmente anestésicas" (FREUD, 1905b, p. 150). No texto, o mestre de Viena chama atenção para a necessidade de

superação e repúdio às fantasias incestuosas como uma das realizações mais importantes, mas também mais dolorosas da puberdade. Ali, Freud menciona a necessidade de oposição aos pais, mas trata das exceções, falando de pessoas que nunca superam a autoridade dos pais e não retiram a ternura por eles, ou o fazem de modo incompleto.

A frase de Freud merece transcrição literal: "Isso mostra que o amor aparentemente não sexual pelos genitores e o amor sexual *se alimentam das mesmas fontes*, ou seja, o primeiro corresponde apenas a uma fixação infantil da libido" (FREUD, 1905b, p. 150, grifos nossos).

Freud fala em "pessoas apaixonadas por esses parentes consanguíneos", defendendo que cabe à Psicanálise a tarefa de rastrear esses pensamentos inconscientes e traduzi-los com base nos sintomas e manifestações patológicas apresentadas em análise (*ibidem*).

Cabe-nos, por ora, apreciar uma relação incestuosa que acabou por se manifestar entre uma conhecida dupla de mãe e filha, como se ocorresse uma modalidade fusional homoafetiva.

2.7 UM EXEMPLO DE FUSÃO MÃE-FILHA

*... quanto mais mãe, menos filha,
quanto mais imposição, menos sujeito.*

(MEIRA, 2018, p. 23)

O exemplo que se segue visa ilustrar a ideia de que há eventos que antecedem o nascimento de um indivíduo que praticamente retiram da cena psíquica a figura do terceiro e a fantasia da fusão reina solta, sem arestas, sem limites.

Há casos nos quais o terceiro vem a morrer de fato e a fusão com o genitor sobrevivente poderá ter efeitos ainda mais nefastos, tornando-se ainda mais patológica, excessiva e, algumas vezes, praticamente incontornável.

Para abordar essa ideia, cabe mencionar o conteúdo de uma carta escrita por uma mãe à sua filha e, mais, especificamente, uma lembrança expressiva nela relatada. Madame de Sévigné escreve à filha, Madame Grignan, lembrando uma cena na qual a menina se dizia "*uma princesa expulsa da casa de seu pai*" enquanto brincava com seu irmão por trás de uma vidraça, na qual encenava a experiência de que ela e o irmão eram prisioneiros:

O Sr. de Pomponne lembra-se de estar um dia, era a minha filha pequena, em casa do tio Sévigné. A minha filha estava por dentro da janela com seu irmão – mais linda do que um anjo, diz ele: – dizia que estava presa, dizia *que era uma princesa expulsa da casa de seu pai*. Seu irmão era lindo; minha filha

também; tinha nove anos. O Sr. De Pomponne transportou-me a esse dia (SÉVIGNÉ, 1939, 15 de janeiro de 1674, p. 113).

A história da família Sévigné acabou sendo tragicamente marcada pela influência da morte precoce do pai no destino dos dois filhos e pela presença exuberante, porém totalizante, de uma mãe considerada por toda a corte francesa como uma dama virtuosa. Os efeitos mais deletérios e patológicos se irradiaram, sobretudo, na história relacional entre mãe e filha.

No curso desta pesquisa, fomos apresentadas à vasta correspondência enviada por essa mãe célebre, nobre e culta à sua filha. Madame de Sévigné (1626-1696) – viúva do Marquês de Sévigné, um militar nascido em uma rica família da Bretanha, morto em um duelo – destacou-se como uma das mais conhecidas escritoras francesas do gênero de escrita epistolar. Suas mais de 1.000 cartas publicadas foram endereçadas a diversos personagens da corte francesa, porém a maior parte das dirigiu-se à sua filha, Madame de Grignan (1646-1705).

As cartas enviadas pela mãe à filha nos revelam uma temática de especial relevo quanto à dificuldade de separação entre elas e nos coloca em contato direto com a expressão verbal da dor da mãe ao cortar o "cordão umbilical" por ocasião da partida da filha em virtude de suas núpcias. Madame de Sévigné usa expressões dramáticas, superlativas e de profunda comoção quanto à sua perda e à intensidade do seu amor à filha, deixando o leitor de certo modo incomodado e sobrecarregado com a profusão de cartas (quase diárias) que ela remetia à filha.

Testemunhamos, ao ler as cartas, a força desse amor, marcado ora pela idolatria, ora pela angústia, ora pela devoção extrema, outras vezes pela raiva, pelo abandono e por tantos outros afetos de cores intensas que realçam o peso do laço que unia a mãe à filha e, até mesmo o adoecimento de tal vínculo, a ponto de Madame Sévigné reconhecer-se como uma "doente apoquentada" ao se despedir da filha em uma das cartas: "Beijo-a mil vezes, e volto ao meu jardim; depois ao resto da devoção; e, enfim, vou ter com doentes ainda mais apoquentados do que eu" (SÉVIGNÉ, 1939, p. 81).

A mãe relata nas cartas dirigidas à filha o horror da separação entre elas, descrito como "um dos maiores pesares" de sua vida (*idem*, 5 de fevereiro de 1674, p. 116). Em suas palavras, descreve insistentemente a dor de ter a filha distante:

Bem medíocre seria a minha dor se a não pudesse descrever; mas nem tento fazê-lo. Não serviu de nada procurar a minha querida filha: não a encontro; todos os passos que dá a afastam de mim. Fui a Saint-Marie, ***sempre a chorar e morta de saudades: parecia que me arrancavam o coração e a alma***. E, com efeito, que cruel separação! (Carta a Madame de Grignan, Paris, 6 de fevereiro de 1671: Sévigné, 1939, p. 51; grifos nossos)

No dia do casamento da filha, assim se expressa a mãe amargurada, angustiada e triste:

Aqui estou eu, filha, no lugar deste mundo em que, quando se foi, mais lágrimas amargas derramei: só a lembrança disso ainda me faz estremecer. Há mais de uma hora que passeio sozinha no jardim; todas as irmãs contam vésperas, no meio de uma música desastrada; e eu, eu tive a coragem de faltar no côro. **Filha querida, não posso mais; a sua lembrança mil vezes me mata: julguei morrer neste jardim, onde tantas vezes a vi** (Carta a Madame de Grignan, Paris, 6 de fevereiro de 1671: Sévigné, 1939, 29 de janeiro de 1972, p. 79; grifos nossos).

Que dia, filha, o do começo de uma ausência! Como passou a minha filha? Por mim, **sentí com toda a amargura e dor o que tinha imaginado e há tanto tempo contivera**. Que instante aquele em que nos separamos! Que adeus e tristeza, ir cada uma para seu lado, quando estamos tão bem juntas! (Carta a Madame de Grignan, Paris, 6 de fevereiro de 1671: Sévigné, 1939, p. 51, 27 de maio de 1675, p. 118; grifos nossos)

Madame de Sévigné se casara aos 18 anos e se tornara viúva com apenas 25, passando a viver uma vida recatada em relação a afetos e paixões mundanas e a evitar compromissos amorosos com outros homens. Ao renunciar à própria sexualidade, as cartas publicadas parecem indicar que ela foi se tornando influente e respeitada na corte francesa, por falar diversas línguas e se interessar por leituras e pela vida cultural. Embora cortejada publicamente por diversos admiradores, a sua viuvez se manteve como a ostentação de um símbolo de virtude imune a escândalos e críticas dos nobres da época. Ao mesmo tempo, ela foi tomando a filha como um objeto privilegiado e fálico a satisfazer as suas necessidades afetivas mais profundas. Carta a carta, vamos testemunhando que a vivência da separação em razão do casamento da filha teria sido insuportável para a mãe, como se ela precisasse manter um amor idealizado e platônico em constante tensão penosa decorrente da distância que as separava.

Segundo a interpretação de Margaret-Marie Lessana (2000), mãe e filha vivenciavam um embate corpo a corpo por meio da maternidade: a filha tentava engravidar ininterruptamente, o que seria um meio eficaz de se afastar da mãe. Por outro lado, ela sofria diversos abortos sucessivos e os bebês esperados por ela apenas sobreviviam quando a mãe a acompanhava no parto. Madame de Sévigné, por sua vez, padecia de inúmeras desordens físicas e adoecimentos graves quando era tratada com indiferença pela filha. Para Lessana (2000, p. 110), os encontros entre mãe e filha faziam com que a filha se sentisse "envenenada e devorada em seu interior" e, por isso, ela passara a vida tentando encontrar o equilíbrio e uma boa distância que lhe permitisse atender a uma mãe absolutamente devotada a ela e, ao mesmo tempo, sobreviver e não ser aniquilada por esse amor.

A relação incestuosa emocional que as vinculava aparece nas entrelinhas do sonho relatado na carta de 8 de janeiro de 1676:

Até as oito horas da manhã depois de ter sonhado com você me parecia que *éramos mais unidas do que nunca e que você estava tão carinhosa, tão doce e amorosa comigo que me deixava transbordante de amor*. Depois fiquei muito oprimida e triste de ter perdido essa ideia e chorei de maneira imoderada, tanto que precisei chamar Maria e com água fria e água da rainha de Hungria recuperar meus olhos, minha cabeça e meu corpo da horrível opressão que sentia. Isto durou um quarto de hora, mas posso lhe afirmar que *jamais em toda minha vida havia me encontrado em tal estado*. (SÈVIGNÉ, 1939, 8 de janeiro de 1676 *apud* LESSANA, 2000, p. 79, grifos nossos).

Após esse sonho, Madame de Sévigné fica impossibilitada de escrever em razão de um reumatismo grave. A filha se sente culpada ao saber do estado adoecido dela, tem um parto prematuro após uma séria crise e o bebê não resiste. Uma passa a ser culpada pelo adoecimento e pelas perdas da outra. Elas passam a brigar, chegando ao extremo de um rompimento que vai a público, em uma briga exposta com acusações e queixas que mais parecem as de um casal de amantes (MIRANDA, 2021). Na sequência das cartas, Madame de Grignan adoce gravemente, deixa de cuidar de sua filha Pauline e deprime em razão da dor insuportável pela perda do bebê. Ela recusa-se a se medicar, entregando-se de forma masoquista ao amor excessivo da mãe.

Segundo Lessana (2000, p. 113), a filha se sente encurralada entre o amor da mãe e as exigências do marido: "Diante do espetáculo de destruição apavorante que lhe oferece a filha como prova da destrutividade materna, Madame de Sévigné entenderá que só lhe resta declarar sua impotência e admitir que a vida de sua filha não lhe pertence". Madame de Grignan assume definitivamente a família que construiu com o marido. Os corpos de mãe e filha se separam, mas a devastação seguirá como herança dada à Pauline, filha de Madame de Grignan. Pauline torna pública a correspondência e a devastação da própria mãe.

O que sentimos durante a leitura das cartas é que a filha havia sido usada uma prótese narcísica da mãe, um objeto a reparar suas perdas. O corpo da filha é constantemente retratado na obra como um objeto a satisfazer as pretensões da mãe fálica que era Madame de Sévigné, seja quanto à sustentação de um ideal de beleza que dava a toda a família um lugar social, seja pela exaltação da sexualidade materna interrompida que passa a ser vivida através do casamento da filha.

As cartas nos revelam a tristeza e o fascínio que o excessivo amor maternal pode exercer sobre uma filha e, ademais, como o corpo e o psiquismo da filha podem ser objeto de uso e fruição de um genitor fusional quando o terceiro não se apresenta.

Sobre a mãe fusional, assim nos fala Meira (2021, p. 287):

Figura suprema, o ponto de origem de cada um, uma mãe que retém em si a sua prole não fará força nenhuma para que um segundo parto aconteça. ***Ela não pretende que a filha nasça enquanto sujeito, nem cresça, nem mude.*** Essa mãe não suportaria vê-la independente, executando seus próprios movimentos, indo em outra direção, tomando outro rumo na via oposta. Ela deseja mais vê-la sempre na direção que a traz de volta, olhando para a genitora e certificando-a de sua completude e imortalidade (grifos nossos).

Assim como fizemos em outros tópicos, ao usar vinhetas e casos clínicos para ilustrar ao leitor como tais relações fusionais se exteriorizam, intentamos aqui, com este exemplo literário, porém não ficcional, lançar luz sobre a ideia do *terceiro morto* como um elemento que incrementa e intensifica a patologização de vínculos entre os genitores sobreviventes e seus filhos. Madame de Sévigné, ao longo das cartas, apresenta-se como a "posseira do ego" (PINHEIRO, 1995, p. 83) de sua filha, ignorando sua verdadeira dona como ser individual.

Na primeira parte do seu livro, Adams (2011) usa a palavra *vítimas* para falar desses indivíduos "*silenciosamente seduzidos*" por seus entes parentais na via psíquica, não no âmbito físico. Nos capítulos finais, ele faz uso da expressão *sobreviventes* para tratar do possível processo de transformação entre ser uma vítima e poder postular uma vida mais potente.

O pensamento clínico sustentado na presente tese, cabe repetir, consiste em um convite a pensarmos nesses analisandos não somente como *vítimas*, mas também, de forma mais promissora, como *sobreviventes* de um emaranhado confuso e caótico, marcado por uma miríade de demandas intrapsíquicas dos entes cuidadores, pai e mãe. Não se pode esquecer, ainda, das demandas intrapsíquicas significativas do filho quanto à manutenção de uma relação exclusiva e privilegiada, pontos abordados mais detidamente no Capítulo 5.

Passemos, então, à questão essencial albergada pelo *terrorismo do sofrimento*.

CAPÍTULO 3 – O TERRORISMO DO SOFRIMENTO

*As crianças que muito sofreram, moral ou fisicamente,
adquirem os traços fisionômicos da idade e da sabedoria
Também tendem a cercar maternalmente os outros
tornam-se indivíduos bons e prestimosos*

Sándor Ferenczi
(1931, p. 89)

Cabe elaborar neste capítulo uma análise mais detida daquilo que Ferenczi denomina de *terrorismo do sofrimento* como elemento causador do trauma para pensarmos em diversos casos clínicos sobre *relações fusionais*.

No escrito de 1933, como dito, o psicanalista enumera algumas questões relevantes sobre o tema: ele se refere a uma forma de tratamento dispensado à criança que a coloca em uma situação de submissão além de suas forças psíquicas; em tais casos, é imposta à criança a obrigação de resolver conflitos familiares, carregando sobre seus frágeis ombros os fardos de todos os membros da família e a criança acaba por se incumbir da pesada tarefa "para desfrutar de novo da paz desaparecida e ternura que daí decorre" (FERENCZI, 1933, p. 120).

Ademais, tal terrorismo é um gatilho do trauma muito mais silencioso do que os outros dois (o amor apaixonado e as punições passionais), e às vezes, é até imperceptível no plano consciente, porque vem mesclado à imagem valorosa de sacrifício e dedicação do filho à família.

Segundo ensina Ferenczi, algumas dessas crianças se tornam pequenos auxiliares que cuidam de suas mães por toda a vida e tais queixas e demandas do ente parental produzem no filho um efeito traumático.

Ferenczi (1934a, p. 127) define o *katonadolog* – a "sorte do soldado" em húngaro – como uma expressão que retrata que, em tais situações, o que se exige da criança é um grau de heroísmo de que ela ainda não é capaz.

Em alguns dos casos clínicos aqui analisados, mães e pais atuam como agentes causadores do *terrorismo do sofrimento* de tais filhos, pois agem privilegiando as próprias demandas sem priorizar os interesses da criança. São adultos que depositam sobre os ombros da criança seus problemas, queixas, lamúrias e dores da vida adulta, medo, sensação de fracasso, ódio, impulsos e fantasias destrutivas e pecam no exercício do cuidado e do acolhimento necessários ao crescimento psicologicamente saudável da criança, produzindo uma situação de abandono e privação.

Diz Gurfinkel (2017, p. 192) sobre essa posição aprisionante:

A mãe que não pode proporcionar ao filho a experiência de ser criança aprisiona-o inexoravelmente a um papel de *pseudoadulto enfermeiro* que vive a esperança repetidamente frustrada de ganhar o seu direito à liberdade e toda "capacidade maternante" desta criança sofre de uma falha ou inconsistência estrutural pelo fato da impossibilidade de ser cuidada (grifos nossos).

Muito importante essa observação sobre a esperança frustrada de tais crianças de terem, um dia, o direito à liberdade, o que se confirma na escuta clínica de tais casos, em que tratamos de um paciente adulto que relembra da sua infância como um período no qual não lhe foi permitido o simples direito de brincar e de ser criança. São pacientes que tiveram de amadurecer em prematuração patológica para serem os cuidadores de um adulto, pai ou mãe, assumindo o citado papel de *pseudoadulto enfermeiro*.

É muito relevante citar também o caráter da comoção decorrente das situações traumáticas do *terrorismo do sofrimento* nos termos ferencianos, vez que Ferenczi deixa expresso que a comoção pode ser "puramente física, puramente moral ou então física e moral" (FERENCZI, 1934a, p. 126).

Sobre a comoção de *ordem moral*, cabe citar o caso clínico de Warren (ADAMS; MORGAN, 2007, pp. 95-109), que perdera o seu pai quando tinha apenas oito anos de idade em um acidente de carro. Como sua mãe ficou devastada, deprimida e ausente em razão da perda, Warren assumiu suas funções domésticas: ele lavava roupas, colocava seu irmão menor para dormir, acordava-o e o preparava para ir à escola, esquentava o jantar e começou a assumir o papel de um chefe de família. A mãe permanecia alheia, deixando-o sobrecarregado com as tarefas, que ele desempenhava sem reclamar, como uma sina inelutável.

Um dia, Warren contou à mãe que fora o único escolhido da sua série escolar, mediante eleição, para participar da peça da escola. Brincando sobre o fato, retrucou: "um dia serei presidente!" Isso foi o bastante para selar o seu destino: a mãe de Warren emergiu do seu quadro depressivo e do seu silêncio duradouro, embevecida com a ideia. Começou a reagir e se alimentar e, igualmente, a desabafar com o filho sobre sua solidão, sua frustração e seu desapontamento; falava sobre Deus e sobre a nobreza do sofrimento. Warren queria consolar a mãe, pois ela lhe dizia o quanto ele era especial e valoroso, o que o deixava orgulhoso. Ele se sentiu, ao mesmo tempo, "confuso, mas honrado" (*ibid.*, p.100) e passou a ser o herói da mãe, seu *menino de ouro*. Começou a ler a Bíblia dela todos os dias e a fazer-lhe companhia sempre, continuou a ajudar na casa e parou de brincar com seus amigos e com seu irmão. Na escola, tornou-se um menino que vivia para agradar os outros, colegas e professores.

Como se verifica, a comoção incidente nesse caso não era de ordem física, mas moral, apresentando-se de forma tão encoberta que se revestia da condição de algo nobre, caridoso e de alto valor: Warren escolhera ser o cuidador da sua mãe e pagava um preço alto por isso. Mais que isso, ele viu a mãe "renascer" do quadro depressivo e melhorar de forma quase miraculosa, por isso parecia impossível conceber a ideia de decepcioná-la de alguma forma e se tornar responsável por uma suposta recaída dela em termos de padecimento. Desde os oito anos, havia sido usurpado o seu direito de brincar livremente, de falar de assuntos divertidos ou banais, de sorrir ou gargalhar sem motivo; enfim, fora usurpada a sua condição de criança. Por outro lado, havia o retorno narcísico por tal dedicação irrestrita; ele era recompensado com os comentários sobre a sua imagem perfeita e irretocável de *menino bom*.

No início da adolescência, porém, achou algumas revistas pornográficas do seu falecido pai, nas quais havia diversas fotos e relatos de relações de dominação, o que foi dando margem à descoberta da masturbação. Warren experimentava um grande alívio do peso que carregava durante o dia e a masturbação começou a ter um caráter compulsivo, tornando-se um segredo de longos anos, que ele manteve resguardado também da sua esposa quando mais velho.

Apesar de ter sido um dos melhores alunos no colégio e na faculdade e de ter conquistado uma bolsa para estudar Direito fora do país, ele vivia compelido a deixar sua mãe orgulhosa. Passou a vida concorrendo a cargos políticos (a fim de cumprir a promessa de ser presidente), sempre afastado dos próprios desejos e da família que constituiu, profundamente exausto e ressentido com o andamento da sua vida. Para aguentar, ele vivia todas as noites a fantasia de ser dominado por uma mulher poderosa, masturbando-se compulsivamente.

No processo analítico, Warren foi percebendo que a saída masturbatória era uma forma de fugir dos seus sentimentos ambivalentes em relação à mãe, ficando em uma posição passiva na sua fantasia, com uma mulher forte e dominadora no controle. Uma forma de fugir da própria vida – ou de encenar o seu infortúnio noite após noite.

Sobre o que mencionamos quanto a enfocar a relação fusional, sem, contudo, deixar de lado o tema da triangulação, cabe pensarmos que essa também era uma forma distorcida de Warren estar perto do seu pai, fazendo uma remissão às revistas pornográficas que ele usava quando iniciou sua compulsão masturbatória. A ausência paterna faz então sua aparição, mas chama a atenção o modo pelo qual a falta é representada. O pai morto se faz presente e a ideia de substituição indevida do seu lugar repercute como marca psíquica em Warren sob a forma de sintoma do qual ele não consegue escapar.

No Diário Clínico (1932, p. 148), Ferenczi fez uma interessante associação entre a masturbação e o incremento do sentimento de culpa. No texto, o autor faz uma relação de causa

e efeito entre a culpa e a "a evacuação artificial e excessiva da libido", levantando a hipótese de que a pessoa acaba por se responsabilizar quando tem suas funções do ego perturbadas por um "bombeamento da libido provocado, não pelo próprio ego, mas pelo mundo externo".

A que se refere tal associação entre masturbação e sentimento de culpa? Para Ferenczi (1932, p. 148), quando o ambiente do indivíduo não maduro se revela "passional e ignora tudo sobre a psicologia da criança" passa a ocorrer um incremento da libido, seguido de um "bombeamento provocado por uma outra pessoa", até chegar a um ponto no qual a experiência se torna transbordante em termos pulsionais, entrando na esfera do traumático.

O meio passional, personificado na figura de um adulto que não obedece a limitações aos seus próprios desejos, não respeita barreiras geracionais e despeja sua pulsionalidade sobre o *infans*, refere-se à entrada em cena de uma linguagem que não pode ser inscrita no psiquismo infantil, uma linguagem adulta e, de certo modo, traumatogênica.

Podemos pensar na masturbação compulsiva de Warren com essa chave de interpretação? Entendemos que sim, uma vez que, diante das excessivas demandas adultas projetadas por sua mãe sobre o seu psiquismo infantil, a medida encontrada por ele para fazer escoar tal incremento de libido acabou por definir o seu sintoma, como um meio de evacuar de forma artificial a carga libidinal bombeada de forma insuportável durante o seu crescimento, eventualmente fundada também na culpa pela ocupação do lugar do terceiro ausente, seu pai, morto tragicamente.

Ensina Ferenczi (1933) que o amor forçado e as punições insuportáveis têm um efeito de fixação e que os traumas decorrentes podem ser delimitados no tempo e circunscritos a eventos específicos.

Já nos casos de *terrorismo do sofrimento*, constatamos que há uma manifestação difusa: em razão de um pacto fusional, o traumático apresenta-se estendido no tempo, diluído, mascarado pela roupagem do alto valor do sacrifício empreendido pelo filho, sem ponto de ancoragem em eventos certos e determinados. Refere-se a um tipo de tratamento do indivíduo relacionado a diversos eventos prolongados no curso de sua vida infantil.

O que acontece nesses casos? Há um genitor carente, colocando em primeiro plano as suas necessidades e há um filho que se molda à demanda do genitor, que decifra o que ele deseja e atende às suas carências, reclames ou seduções de forma obediente e sem possibilidade de crítica e reação, colocando-se na posição que o pai ou mãe lhe outorga: de parceiro substituto, de amigo do peito ou de bode expiatório. Por atender ao esperado pelo genitor ao adotar tal posição, o filho recebe o reconhecimento do pai ou da mãe, seja como acompanhante, bom ouvinte, parceiro, conselheiro; e/ou recebe o reconhecimento das pessoas do seu entorno,

dando-lhe as insígnias de menino de ouro, cuidador dedicado, filho exemplar, o que lhe traz um reconhecimento narcísico perigoso por lhe aprisionar na condição de refém.

Alguns desses filhos acabam por ter que dividir com seus pais detalhes intrincados da vida adulta, o que escutamos, por exemplo, de indivíduos que revelam em análise que, enquanto crianças pequenas, sabiam de todos os detalhes da partilha de bens de seus pais em um processo litigioso de separação do casal. A exemplo de Marcílio, que contou que sabia quais os bens em disputa no curso do divórcio dos pais e quanto cada genitor ganhava porque participara dos cálculos da sua pensão alimentícia junto com a mãe antes mesmo de chegar aos 12 anos.

Tais filhos se tornam "contadores" ou "economistas" preocupados com as finanças da casa, com os gastos de gasolina, terapias dos pais e mediadores de conflitos. Mas com um alto custo.

Uma relação fusional que se manifesta de tal forma carrega uma distorcida inversão dos papéis entre pais e filhos. O filho cuida da mãe ou pai, quando deveria ser cuidado por eles. O filho não tem quem cuide dele e vivencia um abandono completamente encoberto, revestido de uma imagem de dedicação, devoção e, até mesmo, em alguns casos, de sacerdócio.

Em alguns momentos, escutamos em análise queixas sobre um estado de exaustão e esgotamento por parte de tais indivíduos, que passam a vida inteira na função de cuidadores, defensores, zeladores e vigiadores. Ainda que pensem conscientemente que o melhor seria interromper tal ciclo vicioso, há um mecanismo inconsciente que não cessa de se impor.

Não raro, alguns desses analisados mencionam a relação idealizada de proximidade verdadeira que gostariam de ter com o genitor que tanto cobra e exige, acreditando que, um dia, a demanda imposta poderá ser menos extenuante. Outros vivem muito culpados quando adotam como meio de defesa o afastamento do genitor exigente, visto que a distância tem um peso demasiado do ponto de vista da moral e do dever de cuidados que aprenderam a acatar desde cedo.

A relação fusional gera, então, esse "beco sem saída" tão mencionado durante as sessões: o filho deve seguir cumprindo as tarefas excessivas e sacrificantes esperadas pelo genitor demandante e, para se defender, tem de dessensibilizar seus afetos e ir se desligando de uma relação autêntica com a mãe ou pai, ou, como segunda saída, adotar uma distância segura que lhe faz se sentir menos invadido, menos devassado e cobrado, ou seja, mais protegido. O problema é que, nas duas hipóteses, resta um pesado sentimento de culpa pelo dever não cumprido. O fato é que a relação tão sonhada de proximidade genuína já foi perdida na origem, mas, ainda assim, continua persistente o desejo de conquistar um lugar de reconhecimento verdadeiro, já que perdura o eco da carência por aquilo que nunca tiveram.

A vivência de experiências traumáticas prolongadas no tempo gera desdobramentos, como fissuras no psiquismo que trazem ao indivíduo a incerteza sobre as próprias sensações e percepções internas, ficando comprometido o reconhecimento de si mesmos.

Para Ferenczi (1933), seria como "estar fora de si", visto que o sujeito se retira da experiência, deixando de fazer contato consigo mesmo. Por isso, esses traumas acabam não representados e suas exteriorizações aparecem eventualmente na clínica sob a forma de compulsões alimentares e sexuais, passagens ao ato, perversões e delírios.

3.1 EFEITOS DA VIVÊNCIA TRAUMÁTICA NOS CASOS DE SEDUÇÃO SILENCIOSA E *TERRORISMO DO SOFRIMENTO*

Sobre os efeitos decorrentes da vivência traumática, Ferenczi (1924) elabora o conceito de clivagem narcísica tomando como protótipo a *autotomia* da zoologia: a reação de alguns animais que desprendem, por meio de certos movimentos, partes do seu corpo que estiveram submetidas a uma irritação excessivamente intensa ou causadora de sofrimento. Face à impossibilidade instantânea de autodestruição do corpo ou de partes do corpo humano, em casos de comoção psíquica, a saída pela via da clivagem representa uma destruição da integridade do eu consciente.

Para o psicanalista húngaro, diante do impacto do trauma precoce, o indivíduo empreende uma *fuga psíquica*, que deixa uma parte psíquica envolta em uma crosta de proteção, semimorta, e usa a outra parte cindida como guardiã da vida em estado adaptativo, em manifesto caráter defensivo. Ocorre uma "fuga psíquica diante dos sentimentos demasiado intensos de desprazer" (FERENCZI, 1934a, p. 301). Nos casos de autoclivagem narcísica na própria esfera psíquica, a saída do indivíduo é a de adotar uma forma de resistência passiva para se opor às agressões do mundo externo, deixando "uma parte sensível brutalmente destruída e uma outra parte que, de certo modo, sabe tudo, mas nada sente" (FERENCZI, 1931, p. 88).

No texto *Análise de crianças com adultos* (1931), começam a ser esboçadas construções teóricas sobre crianças que se sentem inconscientemente desprezadas e sobre o processo de negação respectivo. Partindo da situação analítica, Ferenczi fala de casos nos quais, em razão da atitude do analista, o paciente põe-se a brincar sozinho por se sentir decepcionado ou abandonado. Isso derivaria, para o autor, de uma clivagem da personalidade: uma parte passaria a exercer o papel de mãe ou pai da outra, para tornar assim o abandono sem efeito, como um "anjo da guarda interno" – conceito expresso no texto *Reflexões sobre o trauma* (1934a), que deriva dessa ideia embrionária de negação.

Nos casos de *terrorismo do sofrimento*, a criança não tem repertório interno para contestar os reclames parentais e os pedidos de suporte emocional. Fica submetida então a uma situação traumática que tem como raiz uma mentira: a ideia de que sua relação é privilegiada e protegida. A criança submete-se com o auxílio dessa mentira fundante que não dá validade e existência aos seus afetos, sentimentos e sensações e, pior ainda, camufla a realidade distorcida do laço entre o genitor e o filho. A dessimetria deixa a criança vulnerável e suscetível a tal rendição.

Ferenczi (1931, p. 91) define que a criança experimenta um estado de alienação traumática em razão da relação de poder que a envolve, o que nomeia de "paralisia traumática do pensamento". *Erschutterung*, que significa *comoção psíquica* e deriva de *shutt* (restos, destroços), é a palavra escolhida por ele para falar dos efeitos produzidos na criança traumatizada. Para ele, em tais situações, ocorre algo similar a um desmoronamento, em razão do qual a criança perde a sua própria forma e, como saída, adota a aceitação fácil e sem resistência de uma forma outorgada, "à maneira de um saco de farinha" (FERENCZI, 1934a, p. 125).

O que observamos na escuta de tais casos clínicos confirma tal assertiva ferencziana acerca da moldagem a uma forma outorgada pelo genitor ao qual o filho se submete. São filhos que assumem um molde que lhes é imposto pelo seu entorno.

Como se sabe, em razão do choque traumático nos casos de abuso sexual, a criança experimenta uma aniquilação do sentimento de ser, da capacidade de resistir à imposição externa e de manter o pensamento defensivo em relação a si mesma, o que, igualmente, ocorre nos casos de *terrorismo do sofrimento*. Isso se justifica porque, também em tais casos, a criança não é olhada e cuidada levando-se em consideração a sua singularidade; ela serve às finalidades do adulto.

É bem verdade que nos casos de trauma por abuso sexual, a comoção psíquica sobrevém abruptamente, sem preparação, mas os efeitos decorrentes de tal vivência – a perda da confiança em si e no mundo circundante – aparecem também nos relatos feitos por analisandos submetidos ao *terrorismo do sofrimento*.

Diz Ferenczi que a reação aloplástica a tais eventos seria a ação da criança para afastar a causa do distúrbio, defendendo-se ativamente contra a nocividade que advém do adulto para transformar o meio circundante. Equivale a dizer que haveria uma fuga da situação, baseada na crença de uma mudança da realidade em um sentido positivo. Em contraposição à reação aloplástica, a criança pode se render passivamente, adotando uma reação autoplástica.

Nos casos de relações fusionais extremadas, sejam elas decorrentes da tendência incestuosa recalcada dos adultos ou de *terrorismo do sofrimento*, a exemplo disso, a criança reage de forma autoplástica, isto é, face ao sentimento de incapacidade de adaptar-se à situação de desprazer, ela suspende sua atividade psíquica e assume um estado de passividade

desprovido de toda e qualquer resistência. Ocorre, então, uma paralisia total da motilidade, congelando a percepção e, ao mesmo tempo, o processo de pensamento. A personalidade fica sem nenhuma percepção e a esperança de salvamento fica excluída.

Tal paralisação pelo medo da criança dá ensejo à dissociação, através da qual uma parte do psiquismo infantil, para anular o choque traumático, fazendo-o desaparecer; regride defensivamente em uma "beatitude pré-traumática" (FERENCZI, 1934a, p. 119), enquanto outra parte assume capacidades de adulto, em progressão patológica.

A transformação autoplástica ocorre, portanto, quando o indivíduo renuncia a modificar o ambiente; adota a experiência apassivada de quase morte e abre mão de confrontar psiquicamente a realidade para modificá-la. O colorido afetivo esmaece. A vida inconsciente se restringe e fica limitada. O ego empobrece e fica encolhido. A identidade fica com seu desenvolvimento comprometido e aparecem vivências dolorosas (muitas vezes silenciosas e sem possibilidade de decodificação), dadas as oscilações e dúvidas quanto ao próprio valor do sujeito, que muitas vezes, sente-se absolutamente irrelevante, fraudulento e não autêntico, em razão do mimetismo que adota como forma de se defender do trauma.

Ferenczi defende que, diante de uma mudança desfavorável do ambiente, o psiquismo usa mecanismos de simplificação que geram uma maior plasticidade dos elementos, e, por isso, "tornam possível a nova adaptação" (1934c, p. 272).

Discorrendo sobre a forma adaptativa que o indivíduo assume em situações traumáticas, o húngaro defende, em termos simplificados, que a reação *autoplástica* (de entrega passiva ao imposto pelo ambiente) implica uma clivagem da personalidade decorrente do impacto traumático e "a partir do caos é criada uma espécie de nova ordem, a qual se adapta às condições exteriores precárias" (1934b, p. 271).

Reagindo dessa forma, o psiquismo exerce primeiro algumas funções de rastreamento e aferição – "aprecia a gravidade do dano, as quantidades de energia do meio ambiente ou das pessoas próximas" (1934c, p. 272). Em seguida, assume algumas funções referentes à tomada de ciência do evento e à adoção de providências futuras – "parece ter conhecimento de eventos distantes no espaço e saber exatamente em que grau pode ser detida a autodestruição e iniciada a reconstrução". Cria-se uma nova ordem sob o imperativo da submissão.

Em *Thalassa* (FERENCZI, 1924, p. 429), há uma passagem interessante para o tema aqui estudado, quando Ferenczi aborda duas maneiras diferentes de manifestação do que ele denomina "obediência hipnótica": a primeira delas seria a *paralisia por intimidação* e a segunda, a *paralisia por insinuação sedutora*. O autor associa tais formas de paralisia à ideia de hipnose paterna e materna, relacionando a intimidação ao pai e a sedução à mãe.

Nesse particular, na maior parte dos casos aqui tratados como de *matrimônios psicológicos* ou *relações romantizadas*, há a modalidade de paralisação do filho ou filha "*por insinuação sedutora*", quer ocorram entre mãe e filho ou entre pai e filha. Equivale a dizer que é mais importante observarmos "o que" motiva a paralisação e a adesão – no caso, a sedução indevida – do que apreciarmos "quem" é o agente disparador da obediência, já que pai e mãe, indistintamente, podem dar ensejo a tais situações, como vimos nos casos clínicos de Gwen e Marla, cujo agente sedutor era o pai, e de Jim, caso em que a insinuação sedutora partia da mãe.

A *paralisia por intimidação*, por sua vez, pode ser associada aos casos clínicos nos quais o filho ou filha é colocado pelos genitores na posição de ponto de descarga de mazelas, sensação de fracasso, ódio, fantasias destrutivas e insatisfações do adulto (como "bode expiatório") ou nos casos de *terrorismo do sofrimento*, nos quais, mesmo perante o fardo de aguentar uma carga pesada demais para sua idade, permanecem fiéis e obedientes, sem a possibilidade de fazer qualquer oposição às demandas do adulto – como relatado nos casos clínicos de Damiana e Warren.

Constata-se, assim, que Ferenczi desenvolveu um pensamento teórico e clínico ao longo do tempo que comportou um alargamento do campo do traumático. Em um primeiro momento, a ênfase fora colocada na ideia de falta e de escassez – ilustrada emblematicamente no texto *A criança mal acolhida e sua pulsão de morte* (1928), o qual se destaca o mau acolhimento da criança no seio da família e os efeitos deletérios de tal desamparo em seu psiquismo.

Com o passar do tempo, o húngaro ampliou as causas ensejadoras do trauma, em uma manifesta abertura teórica para considerar a ideia de excesso, de abuso e de opressão decorrentes da relação entre adultos e crianças, passando a ser incluídos nesse campo o *amor apaixonado*, as *punições passionais* e o *terrorismo do sofrimento*. Isso vem a significar que o âmbito inicial do estudo ferencziano sobre o desinvestimento emocional do adulto no recém-nascido e sobre a circulação do mortífero como resposta a esse mau acolhimento foi ganhando novos contornos teóricos para abranger outros fatores traumatogênicos decorrentes do excesso da paixão do adulto e sua incidência no mundo infantil marcado pela ternura.

Depreende-se da construção ferencziana ampliada do traumático que tal vivência atinge diretamente a estruturação e o desenvolvimento do ego do sujeito, assim como o seu sentimento de ser. Ataca diretamente o núcleo da confiança do indivíduo em si e da esperança em relação à acolhida e benevolência do entorno.

O estudo teórico do pensamento ferencziano nos oferece, como vimos, elementos fundamentais que aparecem na dinâmica entre abusador e abusado e, mais sutilmente, entre a ideia de submeter e ser submetido, dominar e ser dominado das mais variadas formas.

A ideia de se submeter à autoridade e à dominação emocional do outro, aliás, brota como um pensamento decorrente do exercício clínico de Ferenczi (1933, p. 113), que menciona pacientes que "caem numa extrema submissão". Aqui, o verbo *cair* tem grande importância para pensarmos na posição subjetiva desses indivíduos – metaforicamente encurvados, obedientes, decaídos ou afoitos por agradar. E a explicação para tal posição subjetiva também está expressa no texto, que ele completa ao dizer: "caem... em consequência manifesta da incapacidade ou do medo em que se encontram de nos desagradar com suas críticas".

O que representaria a perda daquele que exige, reclama ou demanda em excesso? O que significaria a perda do agressor não reconhecido como tal? Seria possível a tais indivíduos que renunciassem a seus pais e mães ou resta-lhes a única via de seguir obstinadamente nesse emaranhado? A incorporação do agressor ocorre em decorrência da impossibilidade dessa perda?

Para o entendimento dos emaranhamentos derivados das relações fusionais, cabe-nos seguir na nossa sondagem teórico-clínica e apreciar detidamente os conceitos de introjeção e incorporação, de modo a tentar compreender melhor a questão da estruturação psíquica e o desenvolvimento egoico desses sujeitos traumatizados.

3.2 OS CONCEITOS DE INTROJEÇÃO E INCORPORAÇÃO

Um ser humano submetido no decorrer de sua infância a tais excessos de ternura e intimidação corre o risco de perder para sempre a sua capacidade de agir com independência.

Sándor Ferenczi (1913a, p. 17)

No presente tópico, cabe avaliar os conceitos de introjeção e incorporação a fim de respondermos a uma indagação: o que estaria na base da ideia de *obediência cega* ou de *credulidade* dos indivíduos que passam a vida assujeitados às demandas de seus genitores?

Como dito, a teoria ferencziana dá lugar de destaque aos objetos externos da criança, ao tratar do papel fundamental dos adultos e dos fatores exógenos que acabam por perturbar a constituição psíquica infantil. Por isso, aquilo que é externo e que vem a influenciar a ordem e o ritmo do aparelho psíquico da criança assume grande relevo na obra do húngaro.

Ferenczi (1909, p. 101) começa a teorizar sobre a introjeção e destaca o papel do adulto como um objeto do mundo externo que poderá vir a ser introjetado pelo ego infantil, enriquecendo-o em suas qualidades. Diz ele que os objetos de amor são introjetados, ou seja, passam a ser mentalmente integrados no eu. Em razão do amor que a criança sente por seus pais,

ela se identifica com eles, sobretudo com o genitor do mesmo sexo. Assim, a obediência aos pais deixa de ser um desprazer e passa a haver satisfação com a onipotência paterna, visto que, nos fantasmas infantis, a criança "se apropria desta potência e, assim, obedece a si mesmo quando se curva à vontade paterna". Também no texto ferencziano *O conceito de introjeção* (1912), a introjeção é definida como um processo de investimento voltado aos objetos externos, com o efeito do englobamento do mundo exógeno na esfera do ego e a apropriação egoica desses.

A introjeção decorre, então, da expansão da pulsão, autoerótica na sua origem, até o objeto. Isso revela que a teoria ferencziana desenvolvida nos textos de 1909 e 1912 denota-se similar à ideia freudiana de mônada mencionada em *Introdução ao Narcisismo*, de 1914. Como é sabido, Freud defende em tal texto que uma catexia libidinal original do ego é posteriormente transmitida aos objetos, mas que ela "persiste fundamentalmente, relacionando-se aos investimentos de objeto como o corpo de uma ameba aos pseudópodes que dele avançam" (p. 17). Equivale a dizer que ambos os autores defendem que há uma força pulsional que parte do autoerotismo rumo aos objetos e que tal força enseja a reabsorção do mundo externo e a sucessiva inclusão de objetos de interesse do indivíduo em seu psiquismo.

Para o húngaro, todo amor objetual, ou toda transferência, são considerados uma extensão do ego ou uma introjeção.

A ideia de introjeção nos faz pensar, então, em um processo de englobamento, absorção e apropriação do mundo externo: as pulsões autoeróticas do indivíduo atuam como combustível para que o "corpo da ameba" freudiana começasse a englobar "com seus pseudópodes" os elementos externos, tornando-os próprios. Desse modo, transforma-se o exógeno em endógeno em uma mescla que dissolve as heterogeneidades e converte em material egoico aquilo que vem do mundo objetual pela via das identificações e das novas aquisições psíquicas. Há, então, uma *mistura*, uma *liga* entre o eu e o objeto, que parte da libido autoerótica, sustenta o narcisismo e passa a abranger as relações objetuais já introjetadas no ego.

Em decorrência dessa introjeção, novas representações psíquicas passam a ser constituídas, o que leva Pinheiro (1995, p. 47) a defender que esse processo, tal qual concebido por Ferenczi, seria o responsável pela apropriação do sentido e da diferença entre prazer e desprazer e que "o objetivo da introjeção refere-se sobretudo à subjetividade; trata-se de trazer para a esfera psíquica os sentimentos". Disso deriva que o objeto funciona como "suporte das representações", por exemplo, o seio como suporte das noções de prazer e desprazer decorrentes da amamentação.

Ocorre que o processo de introjeção acaba por se tornar insuficiente face ao contato com a realidade e, dado o aumento de desprazer, a criança acaba lançando mão do mecanismo de

defesa da projeção. A rigor, com o passar do tempo, a criança se depara com o adulto dotado de vontade própria, que gerará eventualmente desprazer com suas ações, presenças e ausências, por não ser um objeto controlável. Isso terá grande impacto nas fantasias de onipotência infantil.

Os estudiosos contemporâneos sobre o tema, na esteira teórica de Nicolas Abraham e Maria Torok (1995), vêm sustentando que aquilo que Ferenczi chamou de "introjeção do agressor" em 1933 significa, na verdade, a impossibilidade de introjeção com enriquecimento do ego. Ou seja, os eventos traumáticos seriam qualificados como casos de introjeção impossível, por isso a expressão "incorporação" deveria substituir a terminologia da introjeção, sobretudo porque o trauma não é psiquicamente representável.

Adotamos a tese defendida por Pinheiro (1995) neste sentido. Para a autora, o trauma gera o efeito de uma introjeção impossível e compromete o investimento que parte do impulso autoerótico aos objetos. O corpo da ameba se encolhe, recolhe seus pseudópodes e o ego fica cindido e empobrecido. O sujeito anestesia partes de si. O produto do desmentido do adulto ao evento traumático inviabiliza a introjeção.

Como hipótese motivadora desse curto-circuito podemos pensar no modo como a experiência pode ser recebida pela criança, com a intensidade de algo intrusivo, e por isso mesmo, desprazeroso. Isso se justifica por ter sido vivido algo como forçado, talvez pela quantidade de libido do adulto, talvez pela incompreensão psíquica do esperado naquela troca, ou até mesmo porque a única via possível teria sido a rendição passiva ao evento, algo além do que a criança poderia suportar como bom.

A impossibilidade de redescrição do evento traumático é fundamental para Pinheiro (1995): o trauma se configura quando fica impedida a interpretação do acontecido que possibilite sua *redescrição*, ou seja, quando a criança não pode se apropriar do que sente e sentiu, perdendo a consciência de si. Bloqueada tal possibilidade, fica consequentemente vedada a introjeção.

Nos casos de traumatismo, o que então ocorre? O ego incipiente em formação acaba sendo invadido pelo agressor, o que gera a sua clivagem; este outro ser é incorporado com os seus afetos, sentimentos e culpas, e, como em uma figura híbrida, o ego e o agressor passam a ser apenas um. O agressor vira, desse modo, "o possessor do ego, ignorando seu verdadeiro dono" (*ibidem*, p. 83).

A ocorrência do abandono traumático, portanto, ensejará uma mudança significativa na circulação libidinal do sujeito afetado, comprometendo seus investimentos amorosos genuínos, porque haverá uma perda da segurança no vínculo erótico com as pessoas.

Com efeito, como o conceito de introjeção, na sua origem, foi concebido como um processo de enriquecimento do ego, o evento que ocupa um lugar de não-inscrição no psiquismo acaba por ser incorporado como corpo estranho ao psiquismo e a introjeção fica bloqueada.

Se não há enriquecimento do ego pela via da introjeção e o "material traumático" fica sem possibilidade de redescrição ou simbolização, torna-se essencial pensarmos no que prende ou vincula esses sujeitos aos seus papéis impostos pelo pai ou mãe. Cabe analisar, por isso, as ideias ferenczianas de fé, ceticismo, incredulidade e confiança cega para entendermos o liame psíquico que une esses sujeitos traumatizados aos agentes que os traumatizam.

3.3 FÉ, INCREULIDADE E CONVICÇÃO. A OBEDIÊNCIA CEGA.

Neste ponto, cabe pensarmos nos motivos subjacentes para que alguns sujeitos perpetuem na sua vida adulta formas vinculares com seus genitores fundadas na credulidade infantil e, ainda, cabe analisar o que levaria o sujeito crédulo a adotar condutas sucessivas baseadas na obediência cega, expressando em atos de sacrifício as consequências patológicas dessa adesão acrítica.

Ao tratar dos temas da *fé*, da *incredulidade* e da *convicção*, Ferenczi (1913b, p. 32) começa a se indagar sobre a "confiança cega" de alguns pacientes em relação ao método psicanalítico. Ele equipara tal ato de "fé" a uma forma de adesão a uma doutrina e ao comportamento de uma criança perante um adulto ou "uma autoridade que esmaga".

O que se verifica, então, é que, mesmo antes de teorizar sobre o traumático e os efeitos psíquicos do mau acolhimento de uma criança pela família, Ferenczi já vinha elaborando, desde a década de 1910, noções extremamente importantes sobre situações nas quais ficam silenciadas as convicções e objeções do indivíduo com o fim de assegurar uma forma de "afeição paterna" pela via da sujeição e da obediência, o que se manifesta sob a roupagem de uma fé cega.

Nesse texto, Ferenczi (1913b) parte de casos em que tal "afeição" é transferida para o médico, mas também passa a nomear casos contrapostos à ideia de crença cega, marcados pela *incredulidade*, nos quais alguns pacientes se opõem reiteradamente a tudo aquilo que o médico propõe ou afirma. Para ele, sobretudo os pacientes obsessivos apresentariam tal hostilidade, pois teriam experimentado certa decepção quanto às figuras de autoridade, o que teria gerado um abalo na confiança sobre o amor deles. Recalcada a confiança primitiva, ficaria evidente o ceticismo.

Os gatilhos para o ceticismo seriam provenientes de duas fontes afetivas distintas: 1) a decepção da criança quanto à capacidade de explicação das pessoas sobre "as coisas e os processos", e 2) a decepção infantil quanto à "disposição delas para dizer a verdade" (1913b, p.

33). Começa, então, a se esboçar uma temática que terá um futuro lugar de relevo na teoria do húngaro: a questão da mentira, do engano, do desmentido.

Além dos pontos extremos da *crença cega* de um lado e da *incredulidade* do outro, haveria também, em alguns casos, a marca constante da *dúvida*, em uma oscilação entre crença e incredulidade, o que bloquearia tanto a formação de uma convicção quanto a negativa de uma assertiva. Nos textos posteriores a 1928, veremos tal sensação de oscilação entre realidade e irrealidade, verdade e negação, crença e incredulidade retratada como uma vivência anestésica experimentada pela criança, ou um estado de falta de consciência de si, no qual ela não sabe se acredita ou não acredita em algo, se o evento traumático aconteceu ou não aconteceu, se é verdade ou não o que experimentou.

O termo ferenciano "anomalias da crença" (FERENCZI, 1913b) envolve três vertentes: 1) a *credulidade ilimitada*, 2) a *dúvida patológica*, e 3) o *ceticismo* e a *desconfiança sistemáticos*. Para ele, todas essas anomalias são sintomas da regressão e de uma fixação no grau infantil de desenvolvimento que ele nomeia de *fase mágica*. Trata-se de uma fase na qual o indivíduo já teve que se confrontar com a renúncia à onipotência dos seus próprios desejos, mas ainda não abriu mão da ideia abstrata de onipotência (de que há alguém que tudo pode), por isso emerge a necessidade de depositá-la em "seres superiores (os deuses)", que estariam aptos a conceder ao homem tudo de que ele necessita e tudo o que quer, desde que respeitados os ritos e cerimônias respectivos. Como esse estágio corresponde à fase religiosa, a tendência geral a destinar uma confiança cega às autoridades é relacionada por Ferenczi a uma fixação nesse período.

Ferenczi fala em um adulto que "na maior parte do tempo não diz a verdade para a criança e a quem ela não pode dizer a verdade do seu próprio vivido" (PINHEIRO, 1995, p. 38), ou seja, de um adulto que nega veracidade ao vivido infantil. O adulto, por isso, gera perturbações ao psiquismo da criança, tanto em razão da imprevisibilidade do seu caráter, fato que a criança não tem como controlar, quanto em razão da mentira, que gera um descrédito quanto à verdade experimentada pela criança, ou, ainda, porque o adulto está atravessado pela linguagem da paixão que irá inundar, em algumas situações, a linguagem da ternura, própria da criança.

Sobre o tema da *obediência cega*, cabe dizer que há situações clínicas que trazem uma combinação entre as duas modalidades de desvio do reconhecimento da criança como um ser individual, conjugando o *matrimônio psicológico* ao *terrorismo do sofrimento*. Esse híbrido se lastreia em uma submissão que pode chegar a extremos, como se verá na descrição do caso do padre Mark, quando a devoção do filho à mãe tornou-se realmente um sacerdócio.

Quanto ao tema da *obediência* e da *submissão*, cabe também pensarmos brevemente nos ensinamentos de Karl Abraham.

Em seus estudos consistentes sobre as organizações pré-genitais da libido, Abraham ([1921] 1927) nos ensina que o primeiro teste severo ao narcisismo infantil se inicia com o treinamento do asseio e as demandas de regularidade nos seus processos de excreção, mas que, em razão das demandas de seus pais, as crianças acabam por se adaptar, mais cedo ou mais tarde. Isso porque, ao se identificar com as demandas dos educadores e perceber o quanto os entes parentais se sentem orgulhosos quanto ao atendimento ao esperado por eles em termos de educação e asseio do filho, a ferida primária ao narcisismo da criança acaba sendo compensada e o sentimento de autossatisfação é substituído pelo reconhecimento dos pais. Em casos favoráveis, as crianças transformam a necessidade em virtude, por se sentirem elogiados como meninos e meninas comportados, educados ou "bonzinhos" no conceito dos pais.

Na passagem pelo erotismo anal, segundo Abraham ([1921] 1927), a criança vai sendo compelida a substituir satisfações autoeróticas e narcísicas pela ideia de agradar o adulto, o que nos faz pensar que nessa travessia também aparecem sentimentos extremamente ambivalentes para a criança, a exemplo do medo de perder o amor e o reconhecimento dos pais, da dificuldade de renunciar a um prazer pulsional que depende do tempo particular de cada criança, da necessidade eventual de lidar com a pressa dos pais em acelerar tais processos repressivos e a raiva ou irritabilidade que isso pode gerar na criança. Há diversos gravames, enfim, que podem ocorrer quando o atravessamento dessa fase do asseio decorre de exigências feitas muito precocemente.

Abraham fala de crianças (e adultos) que têm como características marcantes a "bondade", as maneiras polidas, educadas e a obediência, mas que armazenam seus impulsos "rebeldes" nos subterrâneos psíquicos por terem sido forçados ao controle e à retenção de forma muito precoce. Ele nos dá o exemplo de uma paciente, filha do meio, que, ao nascer, já tinha um irmão mais velho com menos de um ano, chegando, logo em seguida, o terceiro filho do casal parental. Em razão dessas contingências da família, sua mãe havia acelerado o tempo de educação sobre o asseio da paciente e ela se tornou um modelo de limpeza e higiene de forma anormalmente precoce e cresceu de forma surpreendentemente submissa. Quando adulta, ela passou a viver em constante conflito entre uma atitude consciente de submissão, resignação e de boa vontade no sentido de sacrificar-se e, por outro lado, também um desejo inconsciente de vingança (ABRAHAM, [1921] 1927, pp. 373/4).

Equivale a dizer que se o hábito da limpeza é demandado muito cedo e ele é instalado em razão do medo podem ocorrer graves ferimentos ao narcisismo infantil.

A teoria de Abraham nos lança então uma luz importante para a compreensão da obediência de alguns desses sujeitos que, às vezes, parece desmedida, mas que, no subterrâneo, também indica

uma ferida primária latejante ao narcisismo deles, e, como consequência disso, justifica suas incessantes tentativas de reconhecimento que eles encenam com sacrifícios consideráveis.

A ideia de obediência por medo da perda do amor dos pais, que fica aparente na teorização de Abraham sobre o erotismo anal, põe o analista em contato com essa demanda de reparação narcísica que não para de pulsar nesses casos.

O profícuo diálogo entre Freud e seus interlocutores mais próximos naquela época – Karl Abraham e Sándor Ferenczi – já apresentava indícios muito interessantes sobre esse tema da renúncia a prazeres pulsionais e sobre alguns campos de interseção entre o intrapsíquico, a constituição do eu e a interação com os objetos amorosos de cada indivíduo em seu processo de desenvolvimento, ou seja, já começavam a se esboçar elementos introdutórios de um campo relacional envolvendo o eu e o outro, os prazeres e as renúncias, o amor e o medo.

Ferenczi (1913a, p. 16) conta, no texto *Adestramento de um Cavalo Selvagem*, a história do adestrador Ezer, que conseguia reduzir à obediência cavalos indômitos por efeito de sua vontade e sugestão. O psicanalista húngaro foi convidado a um desses eventos para avaliar o adestramento e dizer se ali haveria uma transmissão de pensamento, ou se seria o caso de hipnose ou sugestão. Durante o processo, Ezer trata de uma égua puro-sangue que jamais havia sido controlada para colocar os cascos; ele alterna falas como uma voz forte e com tom autoritário e, em seguida, usa frases "com ternura infinita".

Ferenczi usa tal cena paradigmática para tratar da tendência infantil à obediência cega como algo que pode persistir durante toda a vida do sujeito e, para tanto, fala que tal submissão decorre de dois meios: o *método da doçura*, expresso pela via de "carícias afetuosas, ternos encorajamentos e murmúrios persuasivos"; e o *método autoritário*, que se manifesta pela via da "interpelação energética, injunções e intimidações" (FERENCZI, 1913a). Para ele, os quatro primeiros anos de uma criança definirão, a depender da sua relação com os pais, como ele responderá durante toda a sua vida a uma ou outra forma de influência – pelo método da doçura ou pelo método autoritário.

Dean-Gomes (2019, p. 428) menciona a correlação ferencziana entre os fenômenos hipnóticos e as transferências como um dos fundamentos de extravios na relação entre crianças e adultos face ao amor vivido pelo *infans* como opressivo. O grau de desprendimento de si vivido por alguns indivíduos perante o hipnotizador seria similar ao experimentado pelas crianças perante o adulto. O autor destaca também o texto ferencziano *O adestramento do cavalo selvagem* como um exemplo da ideia de que há uma grande perda de ímpeto para a autonomia por parte de crianças submetidas a excessos de um amor opressivo e que, nesses casos, elas "poderiam permanecer, indefinidamente, sensíveis à sugestão materna ou paterna".

Dos casos clínicos expostos nesta tese, constatamos que há diversas situações nas quais crianças pequenas são submetidas rotineiramente aos dois "métodos" elencados naquele escrito, ora sendo tratadas com carícias e seduções elogiosas (método da doçura), ora com cobranças impetuosas e ruidosas, além de intimidações, que requerem sacrifícios dos menores (método autoritário). Assim como o domador Ezer do texto ferencziano, que usou os dois métodos associados para amansar a égua indomável para conseguir domesticá-la, verificamos nesses casos clínicos que tais analisandos adultos carregam dentro de si também uma criança "domesticada", que obedece cegamente.

O filho, em fé cega ou credulidade benevolente, absorve as mensagens ambivalentes do genitor fusional, que promete um amor ilimitado, desde que algo se manifeste além da obediência, quase um sacrifício, uma subserviência. Há uma ambiguidade na comunicação, que ora aparece sob a forma de uma mãe ou pai apaixonados pelo filho, ora como uma dependência do genitor, difícil de o filho lidar; outras vezes, ainda, como uma mensagem de sofrimento do adulto que requer o amparo do filho, ainda criança ou adolescente. Transmitida a mensagem, há uma confusão na decodificação por parte do filho, que fica capturado em uma teia na qual deixa de discriminar o que é autêntico ou inverossímil, o que é seu e o que é do outro.

No texto *Estar amando e a hipnose*, Freud (1921) nos ensina que existe apenas "um curto passo" entre amar alguém e estar hipnotizado e afirmou que haveria uma *sujeição humilde* do apaixonado ao objeto amado, assim como do hipnotizado perante o seu hipnotizador. Tal sujeição inibe a iniciativa própria do sujeito. E assim como, na hipnose, o hipnotizador ocupa o lugar da instância crítica que tem a função de verificar a realidade das coisas, para o apaixonado também estaria silenciada essa instância crítica, devotada ao objeto amado. Em razão da idealização, o apaixonado supervaloriza seu objeto amoroso, que fica quase livre de críticas, o que gera uma tendência à falsificação do julgamento.

A partir dessa ideia freudiana podemos pensar, por derivação, no filho amoroso, obediente e hipnotizado, submisso e mesmerizado, refém e fascinado.

Ficam evidentes nas situações simbióticas duas figuras sobrepostas: um genitor com o poder de dominar o filho por ter sido idealizado, mas também uma figura que não acolhe as necessidades do filho, ou que as rejeita por estar focado em si mesmo.

Do ponto de vista pulsional persiste um forte apelo no filho de ser olhado com encantamento pelo genitor fusional, mas a isso está constantemente associada uma vivência de aprisionamento por ele saber, no fundo, que a ilusão da díade tem uma natureza fantasiosa que se dissipa facilmente na interação com o mundo real.

Mesmo que ele tente fugir eventualmente da dominação do genitor fusional, acaba por vigorar um pacto adoecido, um pacto tácito firmado sem a concordância do filho que é capturado de modo a não negar os apelos do pai ou da mãe que exerce de forma não castrada o controle sobre a sua vida. O filho submetido fica sem direito a pensamentos próprios, sem direito a ter segredos, gostos particulares, escolhas individuais, sem direito a uma vida privada. Muitos deles desistem, com o passar do tempo, de protestar ou brigar.

Misturam-se nessa equação patológica os afetos da raiva e do medo, aliados ao desejo secreto do filho de se afastar daquela invasão. Contudo, sair do lugar estreito e incômodo também significa, paradoxalmente, sair do lugar familiar e do aconchego ilusório que aquela vinculação trouxe. Isso gera resistências, porque também gera perdas, ainda que tenha sido incômoda a sua objetificação pela mãe ou pelo pai. Seria perdida a esperança de um dia tal filho vir a ser olhado com o tão esperado encantamento do genitor, sempre focado em si próprio.

Qual seria a participação dos membros de cada família na construção dessa credulidade ou fé cega? A configuração familiar poderia ser considerada um ponto relevante nessa ideia de domesticação? Quais seriam os elementos disparadores dessa forma de hipnose tão inebriante?

Essas perguntas nos conduzem a um interessante conceito: o de *famílias claustrofílicas*.

3.4 AS FAMÍLIAS CLAUSTROFÍLICAS. A SÍNDROME DE ESTOCOLMO E A SÍNDROME DE STENDHAL.

Para nascer é necessário abandonar o útero, a casa, para habitar o mundo e não para estar provisoriamente aqui, como se existisse uma suspensão amniótica. É o medo que nos faz valorizar exclusivamente a casa que, como um âmbar, é atraente, mas, como acontece com o inseto fóssil, o filho incluso nela está morto.

Laura Pigozzi (2018, pp. 48/49)

Para analisarmos de forma mais profunda as configurações familiares que nos interessam nesta tese, cabe tomarmos de empréstimo o interessante conceito de *famílias claustrofílicas*.

Do latim *claustrum*, que significa lugar fechado, unido ao grego *Philos*, no sentido de *amor por algo*, a origem do termo claustrofilia¹⁶ aponta para o *amor pelo que é fechado*.

¹⁶ Elvio Fachinelli cunhou o termo no livro *Claustrofilia* (1988), no qual faz um estudo crítico sobre a temporalidade de uma análise e defende que o pacto entre analista e paciente de um tratamento estendido ilimitadamente no tempo pode favorecer o desejo de retorno à unidade dual mãe-bebê, uma relação com a exclusão do outro. A partir dos sonhos da sua paciente Ada, o autor sustenta a existência do fenômeno da *claustrofilia* ou de uma *área claustrofílica* que se revela como um empuxo intenso para o claustro, para o local fechado, similar ao útero materno. Diferente da agorafobia, que implica prioritariamente no pavor de lugares abertos, o autor destaca que sua intenção é sublinhar com o termo claustrofilia "a busca ao fechado", assim como a atração do indivíduo pela ação de se fechar, de trancar-se em si, de se fechar por dentro (pp. 33 e 64).

Propomos, então, que se possa pensar na noção de "família fechada", na qual se experimenta uma vivência estreita de filho-refém como um grande disparador dos sintomas que estamos apreciando neste estudo.

Nas famílias claustrofílicas, os membros engendram uma adesão viscosa em nome de uma "segurança" simbiótica fundada em um sentir coletivo. Nesses casos, como fica vedado um ato substancial de separação entre alguns membros da família, ficam comprometidos estágios evolutivos do sujeito, mas isso se dá com um agravante: em vez de ser reconhecida essa adesividade como um sintoma, ela se torna "modelo de união e de amor" (PIGOZZI, 2018, p. 28).

Ao mencionar a estranha paridade entre os componentes de uma família claustrofílica, a falta de reservas e segredos e, sobretudo, a dificuldade de discriminação entre seus membros, Pigozzi (*ibid.*, p. 27) aponta para um "modelo familiar invasivo e tóxico que produz uma verdadeira dependência dos filhos em relação aos pais, mas também vice-versa". Haveria então um comportamento em espiral, que engole e que, por isso mesmo, vale como um obstáculo constante ao nascimento do desejo, que fica impedido de aparecer quando o indivíduo se coloca em um estado de dependência subserviente que o impede de buscar aquilo que é exogâmico.

A autora qualifica as famílias claustrofílicas como "bárbaras" ou "antissociais" porque não há educação voltada ao laço com o Outro, apreendido como "estrangeiro, alienígena, não idêntico, perigoso". Não há treinamento para o aprendizado da diferença, por isso prevalece o laço biológico sobre o social. Prevalece o útero sobre o mundo. Prevalecem os hábitos e a dependência e, não, o amor que deixaria o filho livre e as escolhas e desejos autorizados (PIGOZZI, 2018, p. 28).

Um dos riscos dessa modalidade de adesão, como vimos acima no caso de Douglas e sua mãe, é o de que a vinculação assuma uma natureza idealizada e que, por isso, passe a ser tão admirada pelos que convivem com a dupla fusional que venha a se transformar em modelo, matriz ou exemplo, deixando esmaecido ou mesmo escondido o seu caráter patológico.

Segundo relatos em análise do paciente Douglas, até que a vida deles se tornasse um duelo constante marcado por atritos verbais e físicos, era comum que outros membros da família ressaltassem o quanto era lindo ver uma mãe e um filho tão unidos, "como um só". Isso foi gerando, aos poucos, uma idealização maciça do vínculo e, por causa de todas as questões prévias da história de vida de sua mãe e da perda do seu irmão gêmeo, a formação patológica da fusão se tornou talvez a única consequência possível.

A hipótese sustentada de forma muito criativa por Pigozzi (2018) é a de que o quadro de inércia de tais filhos e de esquecimento deles mesmos seria uma combinação de duas síndromes: a de Estocolmo, na qual se ama o próprio raptor, e a de Stendhal, em que o ânimo do sujeito que observa algo que o mobiliza e encanta produz um estado de "estupor abissal".

Diz a autora que as duas síndromes têm um ponto de intercessão: "um encantamento de caráter regressivo em que um ser captura outro" e a vivência de uma "apatia estática", que teria como nó oculto a "relação arcaica com o materno, na qual alguma coisa permanece não simbolizada, mas ativa" (*ibid.*, pp. 69 e 72).

Em termos muito resumidos, a Síndrome de Estocolmo foi assim nomeada em razão de um episódio ocorrido em agosto de 1973 naquela cidade sueca, quando dois sequestradores e ladrões, durante o furto a um banco, mantiveram como reféns quatro de seus funcionários, dentre os quais havia uma mulher que desenvolveu um vínculo profundo com um dos sequestradores, laço que perdurou até muito depois da libertação deles. Na oportunidade, os reféns tomaram partido dos ladrões, defendendo-os perante os órgãos oficiais que apuraram o crime. O fato gerou o interesse subsequente sobre tal "síndrome", bem como a popularização do termo na imprensa (*ibid.*, p. 71).

Sobre a Síndrome de Stendhal, Magherini (2007, p. 163) a relaciona a um estado de perturbação enfrentado por um observador ao contemplar uma obra de arte¹⁷. A autora compreende a "fruição da arte" como um complexo de respostas e de atividades psíquicas trazidas à tona nesses episódios de contemplação que expressam uma linguagem particular do inconsciente em um estrato mais profundo, mais arcaico e assimbólico do psiquismo.

Stendhal, conhecido escritor francês, já havia narrado detalhadamente o estado de alienação e crise identitária que ele experimentara em sua viagem a Florença em 1817¹⁸. Segundo contou, ao sair da Basílica de Santa Croce, ele se encontrava tão perdido e atordoado que abraçou o primeiro fiorentino que encontrou na saída da igreja. Magherini escolheu nomear esse fenômeno de Síndrome de Stendhal em razão do rico relato feito por Stendhal em sua obra, mas também dada sua personalidade e sua abertura a experiências emocionais dessa ordem.

A autora menciona ainda vivências intensas de crise de identidade e de falta de coesão do *self* em pacientes que ela atendera em um hospital de emergência em Florença e relembra também da experiência de Freud na Acrópole, por ele narrada na carta a Romain Rolland como um acontecimento estranho que se dera muitos anos antes, em 1904.

¹⁷ O termo foi aplicado a uma série de ataques repentinos sofridos na cidade de Florença, na Itália, por visitantes interessados em arte, que foram estudados e observados na década de oitenta. Tratava-se de pacientes que gozavam de boa saúde física e mental ao deixarem suas cidades de origem rumo a Florença e que lá apresentaram diversos sintomas – ataques de pânico, desconforto físico, medo de desmaiar, sufocamento, medo de morrer ou enlouquecer e desejo de companhia de alguém confiável – associados a uma certa alienação e experimentação do mundo como hostil e ameaçador ao se depararem com algumas obras de arte em sua visitação na cidade. Fenômenos similares haviam sido observados em Veneza e Ravenna, assim como em Jerusalém – local em que os episódios passaram a ser conhecidos como *Síndrome de Jerusalém* (NI, 2007, pp. 169 e 171).

¹⁸ Rome, Naples et Florence en 1817, *Voyages in Italie* (STENDHAL *apud* MAGUERINI, 2007, p. 176).

Freud ([1936] 2010, p. 440) contou naquela carta ter sentido na Acrópole um senso de divisão psíquica em que duas pessoas apreciavam com algum assombro o fato de estarem ali, chegando ele à máxima de que "ver algo com os próprios olhos é muito diferente do que apenas ouvir ou ler sobre algo". A alienação, a despersonalização ou desrealização seriam, para Freud, fenômenos de estranhamento que servem à finalidade da defesa; um sentimento que afastava o Eu de um fragmento da realidade.¹⁹

Para Pigozzi (2018, p. 70), "quando o observador balança e treme diante da beleza da obra de arte é porque encontrou ali, por um momento, um fragmento do primeiro objeto amado, perdido ou arruinado, alguma coisa que foi boa, mas que depois se deteriorou". Tal encontro produz êxtase e terror porque gera a conexão de um detalhe da obra a algo antigo, familiar e sem palavras, segundo a autora, "como foi a primeira experiência de fusão". Na sua concepção, tal síndrome seria uma captura, simulando um gozo do abismo, esplêndido e, ao mesmo tempo, paralisador.

Haveria nesses episódios uma interação muito complexa entre fatores internos e externos, criando impactos na concatenação da história pessoal do indivíduo e desorganizando o equilíbrio das defesas previamente estabelecidas.

Se, por um lado, o contato com a obra de arte favorece que o observador entre em contato com elementos irrepresentáveis e que venha a perder "a âncora do quadro simbólico", por outro lado, essa travessia gera uma desorganização psíquica intensa (*ibid.*, p. 109).

A hipótese é a de que um filho-refém fica na mesma posição inconsciente de alguém que admira uma obra-prima e é acometido pela Síndrome de Stendhal. Ele é tomado por essa mesma vertigem, sentindo-se invadido e obediente. E a justificativa para isso é que tanto o pai quanto a mãe exercem um fascínio primitivo sobre o filho; parecido com um feitiço da mãe arcaica, docemente hipnótico e ao mesmo tempo potencialmente devastador.

Nas duas síndromes, a de Estocolmo e a de Stendhal, ocorre então algo similar a um rapto psíquico, e, "quando o raptor é um dos pais, o filho se abandona ao seu encantamento, confiante como um recém-nascido acolhido pelo corpo da mãe". Um dos dois exerce uma fascinação absoluta sobre o outro. Uma vida depende da outra. Reproduz-se uma condição mãe-recém-nascido e, em razão disso, há uma regressão do sequestrado a um estado primitivo de gratidão àquele que mantém com ele um vínculo de dependência (*ibidem*, pp. 70 e 72).

¹⁹ Posteriormente o evento foi compreendido por Freud, já aos quarenta e oito anos, como um sentimento de que seria intolerável para ele ter chegado "tão longe", levando em consideração a "pobreza e estreiteza" das suas condições de vida enquanto jovem, a história da sua família e, sobretudo, a história do seu pai (FREUD, [1936] 2010, p. 446).

Cabe chamar a atenção, nesta passagem, para a similaridade entre tal pensamento teórico e o disposto por Ferenczi acerca dos efeitos do trauma. Como apontamos linhas antes, ao falar do estado de alienação da criança submetida a uma situação traumática, o autor húngaro menciona que há uma "paralisia traumática do pensamento" (FERENCZI, 1931, p. 91), o que seria equiparável a essa vivência de captura narrada por Magherini quanto à Síndrome de Stendhal.

Nesse ponto, cabe também lembrar como exemplo a fala de Douglas sobre a sua relação com mãe. Como dissemos no item 2.4, Douglas afirmou em análise que era como se ele vivesse em um tipo de cativeiro, mas também escolhesse isso, ou seja, estaria preso em um lugar subjetivo estreito também em razão de suas próprias motivações inconscientes.

Assim como o observador da obra de arte acometido pela Síndrome de Stendhal, o filho-refém também é passivo, obediente e aceita a invasão²⁰.

Há, porém, uma diferença entre eles: o observador, ao contemplar a obra, tem um *insight*, uma epifania que o leva à verdade: o objeto bom materno então pode ser visto como objeto deteriorado, ou seja, passa a haver *a posteriori* a possibilidade de sustentação de ambivalências, de perdas e novas verdades, além de transformações. Já o filho-refém não pode ter essa experiência de verdade, porque ele é vítima de uma miragem: de "que o objeto materno possa permanecer para sempre um objeto 'bom', mesmo na proximidade extrema" (PIGOZZI, pp. 70/71). Em uma defesa maciça, o filho se protege do outro extremo, de enxergar a mãe como objeto mau e ser levado ao aniquilamento.

A criança presa em uma família claustrofílica, cujo fechamento se fez em nome do amor, da sedução ou do sacrifício, ainda que possa viver um estado de êxtase do paraíso materno, também se encontra aterrorizada de ter retrocedido e ter ficado à mercê do gozo da mãe ou do pai. Isto é, a miragem de um objeto artificialmente bom não afasta o temor da criança de que sua mãe se torne maléfica e do seio bom tornar-se mau, ou seja, não afasta o medo intenso de que a "poção mágica" vire "maçã envenenada" (PIGOZZI, 2018, p. 109). A ficção e a ilusão como derivados da sedução engendrada na fusão não protegem o indivíduo de tal medo.

Pigozzi levanta, por fim, uma interessante problemática: de que a interseção das Síndromes Stendhal-Estocolmo inviabiliza o conflito entre as gerações e de que a claustrofilia gera falta de ar e de horizontes. Como consequência de aderir patologicamente a um laço que se projeta funestamente sobre experiências futuras, o membro ali originalmente aprisionado "pedirá ao outro – ao parceiro ou ao amigo – para saturá-lo, preenchê-lo, tratando-o como um grande seio

²⁰ Isso nos faz lembrar das falas sobre a avó de Douglas participando de uma festa de pessoas bonitas, e ela sendo olhada do alto da escadaria como "a mais bonita" (vide Apresentação e item 1.4). E nos remete também ao caso clínico de Henrique, cujo pai morre sozinho depois de uma vida absolutamente desregrada e individualista, mas "continuava lindo" (item 1.4). Algo desse encantamento que aprisiona se mostra nesses olhares.

sempre à disposição" (2018, p. 125). E, não tendo suas demandas satisfeitas, entrará no ciclo repetitivo e mortífero de encenar com outros objetos aquela fusão inicial, assim como fez Mark.

3.5 CASO CLÍNICO: MARK

Um dos casos clínicos descritos por Adams e Morgan (2007) traz em seu bojo a evolução de uma situação originária de devoção de um filho à sua mãe, que, com o passar do tempo, vai tomando proporções tão intensas que ele acaba por se tornar padre em nome da lealdade irrestrita e da matriz inconsciente de fidelidade à mãe.

O nascimento de Mark ocorreu de uma forma muito conturbada, quando seu pai se encontrava no Vietnã e sua mãe Nancy sentia-se profundamente solitária e deprimida. Os pais dele haviam se casado doze anos antes do seu nascimento, em virtude da descoberta inesperada da primeira gravidez de sua mãe. Eles tiveram como primogênita uma menina, Katherine, a quem a mãe jamais se apegara, pois não havia experimentado nenhuma alegria com o nascimento da filha. Nancy sentia-se muito sozinha e cultivava um ódio intenso contra a vida militar do seu marido. Reclamava constantemente das viagens dele e criticava acidamente suas missões no exército.

Mark nasceu em meio a tais reclamações e desgastes entre os pais, quando a irmã já tinha, portanto, doze anos. Katherine passava os dias inteiros sem receber cuidados, quer os concretos, como alimentação e ajuda nas tarefas da escola, quer os afetivos, sem qualquer assistência da mãe e do pai que sempre estava fora; a menina assistia televisão o dia inteiro.

O pai de Mark se aposentou como militar aos 41 anos de idade, mas não tinha habilidades para exercer qualquer função produtiva na vida civil e afundou-se nas bebidas por se sentir deslocado fora da vida militar. Passou a viver constantemente bêbado, frequentando bares rotineiramente, o que gerou uma piora do quadro de ressentimento e desgosto da mãe de Mark. Katherine fugiu de casa ao final do ginásio e jamais informou o seu novo endereço à família.

Com a filha fora de casa e o marido imerso na bebida, a mãe de Mark voltou-se para seu filho como sua tábua de salvação. Ele entendeu de imediato que a mãe precisava de ajuda e que o pai não iria socorrê-la. Ouvia sua mãe chorar e reclamar o tempo inteiro sobre o seu pai e sobre o casamento; descrevia em detalhes sobre o quão infeliz era a sua vida e como se encontrava sem saída e desmotivada. Levava o filho para dormir ao lado dela e, apesar de não haver qualquer conotação sexual, a partilha da cama da mãe se estendeu por longos anos. Mark acolhia sua mãe, dando-lhe suporte emocional contínuo para aguentar a dependência do marido alcoólatra e negligente, confortando-a em sua depressão e em seu pessimismo, que se

agravaram em razão do falecimento da mãe dela, a avó de Mark. Ela chorava sem parar e reclamava incessantemente, pois a filha tinha ido embora, o marido não parava em casa e todas as pessoas que moravam na vizinhança e que poderiam dar-lhe alguma ajuda, haviam se mudado daquela localidade.

Mark estava saindo do ginásio quando a mãe lhe deu a ideia de ser padre, o que lhe trouxe alívio em razão do profundo conflito que vivia por se sentir atraído por meninas da sua escola, pois experimentava uma sensação de ser desleal à sua mãe e sentia muita culpa por seus desejos. A ideia de ser padre, além de proteger o vínculo com a mãe, seria também uma forma de suprimir suas necessidades sexuais. Dada a insistência da mãe em que ele se tornasse padre, ele cedeu e essa acabou sendo a desculpa perfeita para ele se manter absolutamente fiel a ela e tentar tirar da cena todos os seus impulsos sexuais. Ele fez os votos e sua fidelidade declarada a Deus foi um alívio para a mãe. A devoção que ele sempre dedicara a ela transmutou-se em sacerdócio.

A infância de Mark tinha, portanto, todos os elementos não saudáveis de uma relação fusional, na qual sua mãe dirigia-se a ele em busca de suporte emocional, colocando-o em sua cama todas as noites, mas também em uma posição de absoluto abandono traumático. Mark não tinha quem olhasse para suas necessidades de criança e circulava entre ele e sua mãe uma sedução silenciosa que impediu o afloramento de suas descobertas sexuais saudáveis na adolescência.

Como sua mãe não tinha parentes nem amigos adultos, Mark passou a ser sua fonte exclusiva de apoio. Ele sentia que era o único e último recurso da mãe para que ela encontrasse alívio e sempre se mostrava interessado e disponível em ajudá-la a satisfazer suas necessidades.

Muitos anos depois, já adulto, Padre Mark iniciou sua análise em razão de uma ameaça de ser processado por uma das fiéis de sua paróquia, acusado de sedução. Ele havia mantido diversos casos em segredo com suas fiéis ao longo dos anos de sacerdócio. Mark contou também que sofria por uma compulsão alimentar e cometia pequenos furtos; que tinha sérios problemas de saúde e não conseguia interromper as atividades na paróquia para se tratar. Como padre, ele tinha se instalado em um estado de autonegligência e não conseguia conceber outra vida para si mesmo. Ele começou a perceber também, ao longo da análise, que se sacrificara no curso de sua vida para tomar conta dos outros. Começou a entender que a comida havia se tornado um meio de compensar o fato de nunca ter se sentido amado. Ele sempre tivera a crença de que sua vida de sacrifícios havia sido uma escolha dele, mas pôde ir percebendo que outras influências inconscientes preponderaram na sua adesão à função de padre.

No caminhar do tratamento, os sintomas quanto às compulsões sexuais e aos pequenos furtos foram ficando sob controle, mas houve uma preocupante intensificação de sua compulsão alimentar. Ele não conseguia se exercitar e perder peso e estava com a saúde muito

comprometida. Como se houvesse um padrão inconsciente de autodestruição e de impossibilidade de cuidar de si mesmo, Padre Mark estava seguindo resignadamente, até que foi construída a possibilidade de que ele tirasse uma licença médica para cuidar do que já não parecia mais controlável. Mark afastou-se de suas tarefas clericais e pôde experimentar pela primeira vez na vida a ideia de ter um tempo para si. Ingressou em um grupo de apoio. Tempos depois, ele recebeu da polícia de Chicago a notícia da morte de sua irmã, como mendiga; trouxe o seu corpo para a cidade onde morava e preparou o funeral.

Adams e Morgan (2007) tratam a história de Mark como uma versão grandiosa e heroica de um desses indivíduos forçosamente convertidos em cuidadores, mas há inúmeros casos que não apresentam tal escolha de uma virtude aparente. Vários indivíduos sofrem silenciosamente em suas tarefas de cuidar dos seus genitores, sem saída, rendidos, sem barulho, exaustos.

O garoto que vivencia uma relação fusional eventualmente sente raiva da mãe, mas desloca esse afeto para outros ou para si próprio. Ele sente o impulso de se afastar e partir para a conquista de sua individuação, mas é coagido inconscientemente a renunciar a tal autonomia. Acaba por adotar como defesa a saída do *falso self*, pois perde a noção da própria identidade.

Em alguns momentos, aparecem em análise queixas sobre um estado de exaustão e esgotamento por parte de tais indivíduos, que passam a vida inteira na função de cuidadores.

Ainda que pensem conscientemente que o melhor seria interromper tal ciclo vicioso, há um mecanismo inconsciente que não para de se repetir e se manifesta pela via das compulsões.

Sobre a cama dividida entre mãe e filho, cabe lembrar também de Pigozzi (2018), que nos alerta para o fato de que o corpo da mãe desfrutado pelo filho nessa partilha da cama (*co-sleeping*) tenderá a ser substituído no futuro, em uma repetição nostálgica, por outros objetos, tais como comida, drogas, sexo compulsivo, jogo, por se tratar do mesmo gozo para toda uma série metonímica de substitutos da mãe desfrutada, com a triste ressalva de que nesse gozo do Um estará sempre presentificada uma forma de pulsão de morte.

A autora cita o trecho bíblico do *Primeiro Livros dos Reis* (4, 16-28), que assim expressa: "*O filho desta mulher morreu porque ela adormeceu sobre ele*".

Ao transcrever esse fragmento, a autora destaca-se que a mãe que adormece em cima do filho, mesmo que metaforicamente, mata-o (PIGOZZI, 2018, p. 15), como acontecia com Mark ao carregar sua morte simbólica no curso dos longos anos de sua vida clerical.

O sacerdócio de Mark também pode ser pensado à luz da ideia de "beatitude pós-traumática" mencionada por Ferenczi no texto de 1933, já que a religião parecia funcionar no caso como um recurso de negação à sua sexualidade quando ele atravessava a adolescência e começava a sentir impulsos de atração em direção às garotas da sua idade. A religião seria uma

forma de infantilização e tentativa de retorno a um período de inocência, perdão e proteção absoluta em nome da fidelidade e adoração à sua mãe, tudo isso para não enfrentar a possibilidade de romper esse laço simbiótico com ela e vir a se reconhecer homem, adulto e desejante.

A profissão escolhida por Mark (tornar-se padre) estava a acobertar, no fundo, o sacerdócio que o ligava à sua mãe, que era para o filho um objeto distante, inacessível, mas que merecia louvores, como um altar a ser adorado e a quem todos os sacrifícios eram devidos.

3.6 PROMESSA AO AMANHECER

Para ilustrar o exposto sobre a sedução silenciosa e o terrorismo do sofrimento, colocamos ainda em foco a obra literária *Promessa ao Amanhecer* (1988), escrita por Romain Gary e recentemente convertida em filme. Trata-se de uma obra autobiográfica em que o autor discorre sobre o percurso de sua vida, dos seis anos até os quarenta e quatro anos, com especial enfoque para a relação profunda, conturbada, enigmática e ambivalente que manteve com sua mãe.

Já na contracapa do livro, antes de iniciar a leitura, informa-se ao leitor que Romain Gary cometeu suicídio em Paris, em 1980, aos 66 anos, algum tempo depois da escrita da obra.

O autor nasceu em 1914, na Lituânia e aos 14 anos migrou para a França. Percorreu o mundo como escritor, realizou dois filmes e recebeu diversos prêmios (incluindo o Prêmio Goncourt, de 1956). Foi aviador e terminou a guerra como Comandante Oficial da Legião de Honra, como Companheiro da Liberação, Cruz de Guerra. Foi diplomata e representou a França em nove países. Foi, enfim, um escritor de sucesso, um militar reconhecido e um homem que recebeu diversas honrarias e amplo reconhecimento público.

O livro aborda, principalmente, a relação entre Romain Gary e sua mãe, desde a sua infância até a vida adulta, uma filiação marcada por muita intensidade, adoração, temor e grande ambivalência. Há uma absoluta abnegação da mãe à ideia de fazer Romain se tornar um grande homem, um cavalheiro excepcional, um embaixador da França, um escritor de sucesso e um aviador digno de honrarias durante a Segunda Guerra Mundial, projetando sobre o seu filho, um judeu radicado na França, todas as ambições grandiosas que o fazem ficar obstinadamente vinculado à perseguição desses objetivos durante toda a sua vida.

A obra vai sendo escrita de forma bastante comovente, com riqueza de detalhes que impressionam por colocar o leitor de mãos dadas com a criança que foi o autor, seguindo com ele pela história da sua vida de adolescente e de homem que começa a amadurecer. O leitor vai acompanhando as peripécias de Gary no mundo externo, ora em situações de inverno rigoroso e de precariedade financeira, ora em situações de bombardeios de guerra, ou ainda envolvido

em suas primeiras conquistas amorosas. Vamos acompanhando também, com enfoque ainda mais significativo e visceral, o que se desenrola no seu mundo interno, como se Gary se pusesse a ser examinado e esquadrinhado em suas entranhas pelo leitor, compartilhando seus afetos e pensamentos mais contraditórios. Ele nos conta das suas dores, das suas dúvidas, mas sobretudo de sua grande ambivalência no laço afetivo com a mãe.

O livro *Promessa ao Amanhecer* trata das facetas mais traumáticas do vínculo entre Romain Gary e sua mãe, ilustrando o impacto causado no autor pelo amor da genitora e pela captura aprisionante que ele experimentou na infância, assim permanecendo ao longo da vida adulta. Há contrastes muito vívidos entre o seu olhar apaixonado de criança pela mãe, até o absoluto pavor às exigências que ela então lhe formulava. Ele nos mostra tanto o seu orgulho luminoso pelos feitos da mãe quanto a vergonha sombria dos atos maternos perante os vizinhos do local em que habitavam; destaca, ainda, o embaraço diante dos abraços exagerados e das manifestações físicas excessivas de carinho por parte dela e o fascínio e sedução que tais atos exerciam sobre ele. Fala da sensação de invasão de privacidade em contraste com a certeza de que o único lugar para ele confirmar sua existência era ao lado dela. Fala, sobretudo, do seu medo assustador diante dessa dependência tão profunda.

A escrita de Gary traduz esse paradoxo da relação entre ambos: uma devoção absoluta, atrelada ao medo do filho de ser engolfado pela mãe; a ideia de rendição, de sedução, de aprisionamento e de destino inelutável no sentido de acompanhar os desígnios da genitora quanto aos sonhos da sua vida.

Sobre as manifestações de afeto excessivo que desnor-teavam Gary (1988) e, por outro lado, o deixavam fascinado e seduzido, assim ele nos conta:

[...] ela me abraçava apertado, sentada, de olhos baixos, com um sorriso algo culposo e estranhamente jovem, concedendo a mim todas as homenagens e todas adulações às quais a sua beleza tinha, sem dúvida, lhe dado direito em outros tempos e dos quais o gosto ou a lembrança não a tinham talvez deixado inteiramente; eu me encostava negligentemente nela; escutava-a com o ar despreocupado mas com o maior interesse... ***eu era jovem demais para entender que ela tentava exorcizar sua própria solidão feminina, sua própria necessidade de ternura e atenções*** (GARY, 1988, p. 21, grifos nossos).

Eu erguia os olhos. Minha mãe permanecia inclinada sobre mim um longo momento. Depois me envolvia com seus braços e me apertava contra ela. Eu sentia suas lágrimas contra minha face. ***Acabei por fim imaginando que havia naquilo alguma coisa misteriosa e que essas lágrimas perturbadoras não eram inspiradas por mim*** (*ibidem*, p. 56, grifos nossos).

Gary nega expressamente uma relação incestuosa com a mãe, relatando que qualquer ideia patológica para explicar o que ele sentia por ela deveria ser considerada um fruto de "cérebros doentios" (GARY, 1988, p. 68), já que existia apenas um "caráter comum, fraterno e reconhecível" de ternura e que amara a sua mãe como "o mais comum dos mortais". Por outro lado, acentua que tal ato de afastar da cena o incesto poderia ser interpretado como "uma astúcia do subconsciente procurando domesticar o que, ao mesmo tempo, o horroriza e deliciosamente o atrai".

Outro aspecto traumático retratado no livro por Gary refere-se às cobranças reiteradas que sua mãe lhe fazia de que ele entrasse em contato com seus sentimentos hostis e com a sua agressividade, o que era profundamente penoso para quem ainda não estava psiquicamente preparado para tocar tais afetos. Romain conta que ela lhe impunha enfaticamente que ele saísse em sua defesa em situações conflitivas nas quais ela constantemente se envolvia, dando-lhe ordens diretas de que ele desferisse bofetadas em quem a ofendera e que retornasse à casa ensanguentado, mas que a defesa da honra materna deveria ser uma prioridade na vida do filho.

Tal obra retrata um exemplo típico do que Ferenczi (1933/2011) denomina de "*terror do sofrimento*", ou seja, aquele tratamento dispensado a uma criança no qual o adulto transfere para ela a incumbência de carregar sobre seus frágeis ombros os pesados fardos de seus familiares. Gary (1988, p. 42) afirma, rememorando uma das cenas de sua infância: "meu peito transformou-se em uma jaula de onde um animal tomado de vergonha e pânico procurava desesperadamente escapar".

As queixas reiteradas da mãe produzem em Gary um efeito traumático e ele se posiciona forçosamente como um auxiliar, compelido a cuidar dela por toda a vida. Ele nos conta que, em certo momento, a mãe voltou-se para ele desesperada, "com uma espécie de feminilidade vencida e desarmada", para lhe pedir ajuda e proteção. Na oportunidade, com apenas dez anos, Gary afirma que estava preparado para assumir tal papel e que ali compreendera que o primeiro dever de sua vida seria permanecer "imperturbável, calmo, forte, seguro de mim mesmo, viril e altaneiro" (1988, p. 105).

Gary relata o horror que experimentava nas cenas em que tinha que ser agressivo para defender sua mãe e que, para tanto, restava-lhe sufocar a vergonha e atacar aqueles que a haviam agredido: "o infeliz joalheiro, açougueiro, lojista de tabacaria, antiquário" (*ibidem*, p. 36).

A mãe despejava no filho todas as suas frustrações e exigia-lhe uma defesa irrestrita, que poderia inclusive levar o filho a perder a própria vida. Em suas palavras:

- Ouça-me bem. Da próxima vez que isso acontecer, que insultarem sua mãe na sua frente, da próxima vez, quero que você seja trazido de volta para casa numa maca, compreende? (ele fica perplexo)

- **Quero que seja trazido de volta sangrando, ouviu bem? Mesmo que não tenha mais um osso inteiro, ouviu bem?**

- Sem isso, não vale a pena partir... Não vale a pena ir para lá (p. 123).

Lembre-se do que estou lhe dizendo. A partir de agora, você vai me defender. Pouco me importa com o que vão lhe fazer com os punhos. É com outras armas que você machuca mais. *VOCÊ VAI SE DEIXAR MATAR, SE FOR NECESSÁRIO* (p. 124, grifos nossos).

Ele relata o seu silenciamento diante do impacto da violência materna:

Um profundo sentimento de injustiça me assaltou. Meus lábios começaram a se contorcer, meus olhos encheram-se de lágrimas. Abri a boca... Não tive tempo de fazer mais nada. Uma bofetada formidável abateu-se sobre mim, depois outra, e outra ainda. Meu estupor foi tamanho que minhas lágrimas desapareceram quase que por encanto. Era a primeira vez que minha mãe levantava a mão para mim. E como tudo que ela fazia, não deixou o trabalho pelo meio. *Permaneci imóvel e petrificado sob as pancadas. Nem mesmo berrei* (p.123, grifos nossos).

No caso de Gary, resta bem claro que lhe foi imposto um tipo de amor excessivo, oceânico e diferente do que ele parecia necessitar, pois ele era reiteradamente convocado a ser um parceiro substituto de sua mãe, o responsável por aplacar a sua solidão, defendê-la dos males do mundo e dar sentido à sua existência.

No livro *Promessa ao Amanhecer*, Gary retrata o conflito interno que o leva a sentir-se sem saída e preso indefinidamente na relação fusional. Ele diz ter carregado, ao longo da vida, um estado insuportável "de privação, de emasculação, quase de enfermidade" (p. 14) e que, com passar do tempo, foi percebendo em si uma necessidade tão avassaladora que "nunca, nenhuma mulher nem arte bastariam para tranquilizar". Só lhe restava um destino: ser o *happy end* de sua mãe (1988, p. 37).

Gary declara que, em alguns momentos, sentia-se o objeto de um "amor sem trégua" e que isso era mais do que poderia suportar. Sentia que estava fora de questão se indignar ou fazer-se de ofendido. A ideia de ver-se refletido no "olhar apaixonado e dedicado, como único, incomparável, dotado de todas as qualidades e prometido à via triunfante" deixava-o em um estado de conflito incessante por perceber-se frustrado em decorrência de sua consciência do abismo entre a imagem de grandeza que sua mãe lhe impunha e a realidade interna que experimentava (*ibidem*, p. 156).

Há trechos do livro em que aparece bem claro que a própria masculinidade de Romain Gary vai esmaecendo e ele vai se sentindo perdido, tomado por um sentimento de emasculação cada vez mais obsessivo. Começa a sentir-se sem amor-próprio, sem dignidade e sem virilidade

em nome da promessa e da dívida que o vinculava à sua mãe. Ele declara, despossuído, que "só existia, de algum modo, por procuração" (GARY, 1988, p. 37) e que não tinha o direito de evadir e recusar a ajuda materna, sofrendo um abalo irreparável em seu amor-próprio, sua virilidade e dignidade. Tristemente Gary afirma: "A lenda do meu futuro era o que a mantinha viva. Estava fora de questão para mim indignar-me, fazer-me de ofendido" (*ibid.*, p. 174).

No momento da escrita, tais experiências precoces de Gary foram reativadas, fazendo retornar ao presente sofrimentos antigos, talvez para ensejar uma nova elaboração e a liquidação do traumático em condições mais favoráveis. Segundo conta, todas essas desventuras fizeram com que ele se fechasse cada vez mais no seu quarto e passasse a escrever em uma tentativa de representação dos antigos traumas, pois a presença da morte esteve sempre ao seu lado. Gary declara em lamento não saber mais o que era o sonho da mãe em sua narrativa da grandeza futura do filho e o que, de fato, era ele. E que já não aguentava mais "ser incubado" (p. 157).

Não é possível, a rigor, considerar apenas Gary como o protagonista da história, apesar de ser esse o tema do livro e, posteriormente, do filme: a vida do consagrado romancista francês. O protagonismo é tomado pela relação mãe-filho, que se espria pelas obras de forma totalizante.

O escritor, como se vê, sofreu uma pressão devastadora para atender às expectativas de sua mãe e para cumprir todas as promessas impagáveis feitas a ela. Por outro lado, sem tal motivação materna, parece-nos, em vários momentos, que Romain desistiria de viver. Paradoxalmente, ele vive para cumprir os sonhos insaciáveis de sua mãe, mas passa a depender deles para existir.

O livro é o triste retrato de uma vida que poderia ser pujante, potente, mas que acaba invadida pelo vazio existencial em razão desse amor que podemos chamar de fusional ou de emocionalmente incestuoso, que colonizou o filho, deixando-o tão invadido que, por fim, deixou-o sem identidade e sem vitalidade, segundo diz:

Foi somente às vésperas dos quarenta anos que comecei a compreender. Não é bom ser amado assim, tão jovem, tão cedo. Isso cria maus hábitos. A gente crê que é possível. A gente crê que em algum lugar isso existe, que pode ser reencontrado. A gente conta com isso. A gente olha, espera, aguarda. Com o amor materno a vida faz ao amanhecer uma promessa que não cumpre nunca.

Depois somos obrigados a comer requeijado até o fim dos nossos dias. Depois disso, toda vez que uma mulher nos toma em seus braços, nos aperta contra o peito, são apenas condolências. Braços adoráveis rodeiam nosso pescoço, lábios muito suaves nos falam de amor, mas estamos cientes. ***Fomos até a fonte muito cedo e bebemos tudo.*** Quando a sede nos assalta de novo, não adiante procurar por toda parte; não há mais poços, só há miragens (GARY, 1988, p. 30, grifos nossos).

Sobre tal amor indevidamente romantizado, diz o autor que não haveria a necessidade de impedir que as mães amassem seus filhos, mas que seria melhor que elas tivessem "mais alguém para amar". A obra mostra que ser objeto exclusivo do amor materno deixou marcas indeléveis no escritor, que constata tristemente que, se a mãe tivesse tido um amante, ele não precisaria "passar a vida morrendo de sede junto de todas as fontes" (GARY, 1988, p. 30). Restou impedido, portanto, o desfrute de suas futuras relações afetivas em razão da relação fusional com sua mãe.

Podemos pensar que uma trilha de muitas ambivalências foi percorrida e um duelo entre pulsões de vida e pulsões de autodestruição foi travado por Romain Gary durante a sua vida. Diante de severos traumas infantis, atualizados em sua vida adulta, pôs-se freneticamente a escrever em uma tentativa de não permanecer despersonalizado, de não apenas sobreviver dentro da moldura de um *eu ideal* criado por sua mãe. Ao mesmo tempo, na busca da obra-prima que virou a sua meta de vida, nada pôde lhe trazer bem-estar e conforto, nada pôde fazer com que as pulsões de morte silenciassem.

Gary seguiu por esse caminho, no qual restou-lhe apenas a opção de tomar um atalho, retirando-se da vida pela via do suicídio, mas deixando uma obra que vale como uma relíquia para a compreensão dessas relações entre mães e filhos.

Explicitada a teoria ferenciana sobre o trauma e, especificamente, sobre o *terrorismo do sofrimento* – aliada à ilustração de tais modalidades de relação com casos clínicos e o exemplo real do escritor Romain Gary, nos quais ficam patentes as sequelas e os extravios decorrentes de tais relações – cabe-nos agora garimpar alguns subsídios na teoria de Michael Balint para formular um pensamento psicanalítico também voltado à posição passiva das relações fusionais, ou seja, apreciar o lugar ocupado pelos filhos e filhas em tais vínculos.

CAPÍTULO 4 – FILHOS E FILHAS QUE *SE AGARRAM*

Vou dobrar-me à regra nova de viver.
 Ser outro que não eu,
 até agora musicalmente agasalhado
 na voz de minha mãe, que cura doenças,
 escorado no bronze de meu pai, que afasta os raios.
 Ou vou ser menos, talvez isso,
 apenas eu unicamente eu,
 a revelar-me na sozinha aventura em terra estranha?
 Agora me retalha o canivete desta descoberta:
eu não quero ser eu,
prefiro continuar objeto de família.

Carlos Drummond de Andrade (1979)

Nos Capítulos 2 e 3 nos dedicamos mais diretamente a analisar as questões concernentes às demandas inconscientes e conscientes dos genitores, que requerem de seus filhos e filhas a adoção de posições subjetivas que implicam sacrifícios e vivências, ora de invasão, ora de desamparo, com vistas ao atendimento de necessidades adultas. Pensamos, portanto, anteriormente, em um vetor que parte dos pais e mães e se dirige aos filhos.

Neste capítulo e nos que o sucedem o intuito será o de reverter o vetor, pensando nos processos inconscientes que partem dos filhos e se estendem aos genitores, buscando elementos para entender por que alguns indivíduos não resistem à tentativa fusional dos genitores e, ao contrário, deixam predominar a corrente em que se permitem fundir, ficando impedidos de agir no sentido oposto, rumo à emancipação e à autonomia.

Nessa busca, cabe apreciar a tendência primitiva ao *agarrar-se*, tratada por Michael Balint ao mencionar os ocnofílicos e os filobatas.

Cabe, ainda, nos determos nos afetos dos filhos que circulam intensamente nesses casos, a exemplo da angústia de separação, uma pista importante a ser investigada. Tal angústia sentida em graus elevados seria impeditiva da busca da emancipação? Se esse afeto se tornar desprazeroso além do psicologicamente suportável, estaria justificada a resistência ao impulso de autonomia?

Continuando a exploração, lançaremos luz sobre as noções de apego e de afastamento e ainda sobre o uso que esses filhos e filhas fazem de seus genitores como um tipo de amuleto (*soteria*), como uma forma de salvação face aos perigos inexprimíveis do seu entorno.

Antes de adentrarmos no universo teórico de Michael Balint, torna-se especialmente relevante apreciar as sementes conceituais lançadas por Imre Hermann algum tempo antes dele quanto ao apego, sobretudo porque Hermann sedimentou um solo muito fértil sobre o tema.

4.1 IMRE HERMANN: O INSTINTO DE APEGO E O INSTINTO DE *IR-EM-BUSCA*

A importância do legado de Hermann será ressaltada principalmente com base em quatro de suas ideias teóricas: 1) ele postulou a existência de dois instintos dialeticamente opostos: o instinto de apego (*clinging instinct*) e o de "ir-em-busca" (*going-in-search instinct*); 2) a partir de suas observações clínicas, ele trouxe contribuições valiosas sobre "patologias do apego", derivadas da exacerbação do instinto de agarrar-se; 3) o húngaro afirmou que a meta do instinto de agarrar-se à mãe é a de "operar algum efeito em outra pessoa" (HERMANN, 1936, p. 9), trazendo a lume noções preliminares muito preciosas sobre a libido dirigida ao objeto; e 4) ele discorreu sobre o medo e a ansiedade da criança e sobre as manifestações desses afetos no corpo sob a forma de contrações e espasmos, dado o acúmulo intenso e desagradável de quantidade de excitação, o que nos auxiliará na apreciação do tema da *angústia de separação* mais adiante, no item 4.6.

Essas quatro ideias sedimentarão também um caminho mais firme em direção aos estudos sobre o amor primário em Balint, a ocnofilia e o filobatismo e, sobretudo, nos farão pensar mais vagorosamente nos movimentos psíquicos do filho e da filha na formação do laço com seus pais.

Caminheemos, então, nessa trilha investigativa para esquadrihar o tema que abre este capítulo: filhos e filhas "que se agarram".

Imre Hermann, médico húngaro integrante do grupo ferencziano, menos conhecido que outros integrantes do seleto grupo de psicanalistas vinculados a Ferenczi, voltou o seu olhar curioso para o desejo do filho de se agarrar ao corpo de sua mãe como um fator significativo de sua organização mental. O autor percebeu muito cedo, em estudos detalhados de etologia envolvendo chimpanzés e gorilas, a importância do apego do recém-nascido à mãe, com enfoque especial na ideia do *clinging*, isto é, de o filho *dependurar-se* no corpo materno. Com o passar do tempo, tais contribuições essenciais o colocaram na posição de precursor da teoria do apego; e suas ideias, que pareciam um tanto rebuscadas a princípio, foram posteriormente assimiladas como descobertas muito significativas quanto à teoria do desenvolvimento emocional da criança.

A partir desses estudos, que tiveram inegável influência na teoria de Michael Balint, começou a se delinear uma aproximação entre a teoria do apego e a clínica psicanalítica, o que abriu um frutífero campo científico de investigação quanto às separações e às perdas experimentadas pelo bebê em um tempo muito precoce.

Em 1936, Hermann escreveu o artigo *Clinging – Going in Search* e nele defendeu que algo a mais deveria ser considerado em termos pulsionais, além das vivências da fome e da sexualidade infantil tratadas na obra freudiana. Ao apresentar tal artigo, Hermann resume o seu objetivo com as seguintes palavras:

No curso dos últimos doze anos, aproveitei muitas vezes a oportunidade para apontar o papel significativo desempenhado pelo desejo de se apegar ao corpo da mãe na organização mental do ser humano. Já existe atualmente material suficiente para agrupar as várias descobertas antes dispersas sobre esse tema, suplementá-las e demonstrar a posição pertinente de tais dados na estrutura teórica da psicanálise (HERMANN, [1936]1976).

Hermann adotou como ponto de partida suas observações clínicas sobre dois temas específicos – a erogeneidade das mãos e a relação mãe-bebê entre os chimpanzés – e descreveu teoricamente a tendência do bebê a agarrar-se à mãe e a contrair os dedos durante a sucção. Os achados clínicos e etológicos apontaram para a hipótese de que o recém-nascido é afastado muito prematuramente da sua mãe por um ato egoísta do pai primitivo e, por isso, prevaleceria um impulso de apego durante toda a vida, como uma tentativa de restaurar aquela junção original.

Segundo sua teoria, o reflexo de agarrar-se (*grasping reflex*) do recém-nascido está apoiado no instinto de agarrar-se (*grasping instinct*) e, em última instância, no instinto de apego ao corpo da mãe (*clinging instinct*). Ao pensar no organismo do bebê de forma integrada e também em razões neurológicas, Hermann sustentou que não se pode dizer que há um reflexo aleatório e indefinido de agarrar-se. O que existe de forma subjacente, na verdade, é um *instinto de apego* que impulsiona o organismo em direção a uma entidade completa: a unidade mãe-bebê. É como se houvesse uma sensação de que apenas junto à mãe o recém-nascido poderia experimentar a sensação de estar inteiro, fundido em uma unidade dual como uma realidade concreta.

O campo de observação instaurado por Hermann deu assim sustentação à nova concepção de um impulso autônomo de apego: a necessidade da criança de agarrar-se ao corpo materno não deveria ser compreendida apenas como uma necessidade fisiológica, mas primordialmente como uma tentativa de restaurar a unidade quebrada de mãe e filho.

Para Hermann, esse impulso de apego se estende até a velhice, apesar de ter um caráter fundamental para o recém-nascido em razão do seu desamparo primordial, de sua função de sobrevivência e da necessidade de proteção e cuidado do *infans* pelos pais (KACHELE, 2009).

Hermann ([1936] 1976) postulou então a existência de dois instintos dialeticamente opostos: o instinto de apego (*clinging instinct*) e o de "ir-em-busca" (*going-in-search instinct*).

O autor fala expressamente que há a necessidade de avaliar a sua teoria em compasso com a teoria freudiana dos instintos e tentar encaixar os dois instintos por ele "descobertos" dentro da estrutura teórica psicanalítica da época, segundo a qual um instinto tem uma base biologicamente determinada e um objeto a quem é dirigido. Hermann defende, assim, que o instinto de agarrar-se (*clinging*) é dirigido à mãe como primeiro objeto de amor e da libido do recém-nascido, mas ela pode vir a ser substituída por outros objetos no curso do processo de desenvolvimento.

Freud já havia mencionado em *Três Ensaio sobre a teoria da sexualidade* (FREUD, 1905b) o instinto do recém-nascido de puxar de forma ritmada os lóbulos da orelha ou alguma parte do corpo da mãe ao amamentar. Mas o que Hermann propõe no seu artigo é considerar tal movimento em uma direção diferente da adotada por Freud. O húngaro afirma que a meta do instinto de agarrar-se à mãe é a de "operar algum efeito em outra pessoa"²¹, ou seja, diferentemente da noção freudiana de que a meta da pulsão seria a descarga da excitação desprazerosa segundo parâmetros de economia libidinal e que teria natureza intrapsíquica, Hermann traz a lume outro ponto focal, introduzindo elementos ainda muito iniciais (e, por isso mesmo, ainda pouco desenvolvidos) de uma busca prioritária do recém-nascido pelo objeto amoroso de seus cuidados precoces²². A meta do ato de segurar alguma parte do corpo da mãe seria, portanto, a busca do objeto.

Hermann apresentou, assim, uma dimensão bastante diferente: sua teoria lança luz, prioritariamente, sobre a separação prematura que ocorre entre o corpo da criança e da sua mãe e a ansiedade intensa que acaba sendo produzida em razão desse afastamento. O medo da perda dos genitais e a agressividade dirigida ao mundo externo ocupam um plano secundário.

Ao introduzir esses novos instintos – de apego e de ir-em-busca –, Hermann partiu do dualismo de Freud entre os instintos de vida e morte. Para ele, a oposição entre vida e morte se expressava entre dois instintos básicos (*Urtriebe*): o instinto do animal ou da criança que se esforça para se libertar, empurrando o outro para longe, a fim de se tornar independente

²¹ "Na minha opinião, no entanto, a sequência genética é bastante diferente: o instinto de se agarrar procura, antes de mais nada, operar algum efeito em outra pessoa" (trad. livre: HERMANN, [1936], 1976, p. 9). Nesta frase, Hermann introduz uma conceituação que o conecta aos futuros pensadores das relações de objetos e nela já está contida uma oposição subliminar à ideia freudiana *princeps* de que a pulsão busca prioritariamente a descarga. Tal tema será mais desenvolvido nos anos subsequentes por Ronald Fairbairn, que defende que "a pulsão busca o objeto", além de Michael Balint, Donald Winnicott, John Bowlby e outros teóricos.

²² Sobre esse ponto, apesar de Hermann ter inserido tal contribuição fundamental sobre a existência de um instinto autônomo de apego, John Bowlby levanta uma questão sobre a limitação da escola húngara. Diz Bowlby que Hermann não chegou ao ponto de reconhecer teoricamente a ideia de relação de objeto e que, por isso, não teria subscrito uma teoria do apego ao objeto primário. *In verbis*: "Parece, entretanto, que Hermann estava relutante em considerar isso como uma relação de objeto, de modo que provavelmente seria incorreto dizer que ele subscreveu a teoria do apego ao objeto primário" (BOWLBY, 1969, p. 371).

(*Befreiungstrieb*), traduzindo, assim, pulsões de vida; e, de outro lado, a busca de fusão com o outro, representada pelo desejo de retornar à mãe (*Vereinigungstrieb*), aí condensando elementos da pulsão de morte (MARINELLI; MAYER, 2016, p. 71).

Pensando na ideia de Hermann de *Befreiungstrieb* com a conotação de *libertar-se de algo*, de sair de algum lugar estreito, relacionada às pulsões de vida, também é preciso associá-la a uma certa destrutividade, e, portanto, a alguma dimensão do desligamento. Por outro lado, também a palavra escolhida com a conotação de *unificar-se – Vereinigungstrieb* – relacionada à pulsão de morte, engloba igualmente uma fantasia de completude (mãe-bebê) como forma de manutenção e prolongamento da vida. As duas pulsões, de vida e de morte, acham-se aí combinadas e entrelaçadas; e podemos pensar que esses movimentos se repetem também na vida adulta, quando o *dependurar-se ao objeto* passa a adquirir novas conotações, tais como passar a depender dele, viver uma relação de amor adictiva ou, até mesmo, reiteradamente, descartá-lo e afastar-se como forma de conservação da vida.

Em seu artigo de 1936, Hermann trata do medo, da ansiedade e do complexo de castração, abordando reações infantis de medo que fazem o corpo do filho estremecer e dão ensejo ao reflexo de aperto das mãos (*claspings reflex*), além de sobressaltos, tendo como efeito uma reação filogenética da criança de se agarrar rapidamente ao corpo da mãe quando provocada por alguma vibração ameaçadora, fundada em temores muito antigos.

A ansiedade foi ali definida como a expressão que comunica que o *infans* foi exposto a uma situação de perigo, mas que também vale como um apelo pelo socorro da mãe: "A ansiedade tem sua origem em uma situação de abandono e é vivida quando há um perigo de separação da mãe; e os estímulos de sobressalto no corpo são os indicativos no perigo. A ansiedade se devolve rumo a um desejo do filho de se agarrar à mãe" (*ibid.*, p. 12).

Mas qual seria o objeto do seu oposto, qual seria a meta do instinto de ir-em-busca (*going-in-search instinct*), também chamado de instinto migratório (*migratory instinct*)?

Hermann se propõe a pensar nas vicissitudes da libido de objeto e relembra que tal modalidade de libido pode ficar suspensa em condições especiais de tensão (FREUD, 1905b), o que acontece, por exemplo, quando o sujeito está envergonhado ou inibido em situações fundadas na ideia de humilhação que propiciam condições para uma fuga patológica dos objetos. Assim, a vicissitude de o indivíduo vagar e ser errante seria um estado marcado pela suspensão da libido de objeto de forma defensiva ou reativa e, às vezes, ocorreria não só a suspensão, mas a sua interrupção libidinal em virtude de estados de "intoxicação narcísica" (*ibid.*, p. 24).

Como foi se delineando tal descoberta?

Hermann começou a analisar e tentar organizar fenômenos apreendidos clinicamente, a exemplo de certos estados depressivos, da toxicomania, da erotomania, da ninfomania, da cleptomania e do abandono, além da compulsão de alguns indivíduos para vagarem e serem errantes. Ao fazê-lo, verificou em diversos casos clínicos que essas manifestações patológicas se relacionavam ao domínio e à perda do objeto, à desconsolação e ao desejo pelo objeto perdido ou ao desejo por objetos sempre novos (GEYSKENS, 2003, p. 1520).

Tais fenômenos passaram a ser concebidos, então, como derivados do conflito entre o par contrastante do *instinto de apego* e do *instinto de ir-em-busca*, não contemplados diretamente na obra freudiana. Eles foram descritos como "patologias de apego" e traziam como marca fundamental para sua configuração a importância do objeto primordial.

Hermann sustentou, de forma pioneira, que mesmo a erotomania e a ninfomania não são aberrações exclusivamente sexuais e se utilizou de sonhos e memórias de alguns de seus pacientes para firmar a conclusão de que existem esses dois instintos.

Quanto ao instinto de ir-em-busca, ele citou o exemplo de uma paciente que tivera um sonho no qual "estava indo" e esse era o único conteúdo lembrado: uma "vontade de caminhar, mesmo na chuva e na tempestade, sem destino algum – um desejo que às vezes ela realizava com grande prazer" (HERMANN, 1936, p. 15). Essa paciente passava de uma relação amorosa a outra, sentindo-se sempre muito solitária. Havia dormido agarrada à sua mãe até os 14 anos, envolvendo-a com seus braços e pernas e muitas vezes fazia o mesmo com a sua irmã, reproduzindo esse mesmo comportamento de agarrar-se quase desesperadamente ao dormir com o seu marido quando casada. Ela dizia sentir que a ligação amorosa ia esmaecendo quando o parceiro se ausentava e os seus medos mais profundos de perder a pessoa amada tinham uma relação direta com imagens de uma separação física: a paciente imaginava suas unhas sendo arrancadas e seus olhos sendo retirados das órbitas. A paciente lembrou-se ainda de que abraçava o pai, agarrando-o, quando ele chegava do trabalho e de que se comportava mal para ser fisicamente castigada por ele, a quem passou posteriormente a odiar. Hermann nos conta que essa paciente desejava ser uma órfã e queria que todos ao seu redor morressem. Ela sentia o constante desejo de sair andando, afastando-se de todos, sem destino.

Sobre o instinto de agarrar-se, Hermann (1936, p. 15) relata a cena de uma paciente na qual ela "sentou-se em uma escada quando era uma menina muito pequena, com os braços em volta do pescoço de um cachorro grande, que era seu amigo". Na vida adulta, ela repetia o mesmo, ao aninhar-se afetivamente no corpo de um homem. Quanto tornou-se mãe, ela desenvolveu o hábito de manter seu filho "amarrado"/preso a ela, lavando-o com as próprias mãos até os seis anos depois que ele ia ao banheiro. A paciente também ajeitava o cobertor do

filho diversas vezes enquanto ele estava dormindo. Ela se queixava de se sentir às vezes meio perdida e em vertigem porque se sentia sozinha e sem ter a quem se agarrar.

Esses pacientes teriam em comum a vivência do impulso de agarrar-se associado ao seu oposto: uma batalha para se separar, para se afastar bruscamente ou, ainda, uma busca distorcida de se agarrar ao objeto mesmo quando ele já se encontrava presente, como uma tentativa de domínio, de possessão e aderência. Hermann começou então a se dedicar aos fenômenos que se manifestavam nesses pares opostos: a premência de se agarrar e de separar; de fugir para longe e de procurar (*the urge to cling and the drive to search*).

Ao analisar pacientes com esse tipo de patologia, ele passou a procurar "um protótipo histórico-universal" e descobriu um fator infantil subjacente a tais sintomas, uma fantasia primitiva: "a ruptura forçada da relação mãe-bebê primordial" (HERMANN, 1936, pp. 30 e 32). Tais patologias estariam, portanto, relacionadas a uma experiência infantil comum à infância de todos nós, mas certos indivíduos sofreriam o empuxo de outras forças aliadas à exacerbação e à distorção do apego. Para ele, o desejo desmedido pelo objeto perdido não devia ser confundido com amor, por ser uma forma patológica de expressão dessa ruptura forçada de vínculo precocemente.

Em sua teoria, a fratura da relação mãe-bebê poderia ensejar a dor da saudade e do pesar do indivíduo, mas, junto a isso, também poderia produzir o desejo do filho de dominar a mãe e de possuí-la decorrentes de uma frustração do instinto de apego. Frustrado tal instinto, emergiria o instinto de domínio a ser assimilado como uma forma de apego exagerada em razão de uma situação anterior frustrante e traumática.

O instinto de tomar posse e de dominar seria, portanto, uma distorção do instinto de agarrar-se, expressa como uma força de pressão e firmeza crescente no contato com o corpo materno (HERMANN, 1936, p. 25) em uma tentativa mais convulsiva de se aproximar do movimento do coito. Esse instinto de domínio teria a natureza de um tipo patológico de apego e como fonte uma vivência possessiva, agressiva e igualmente de caráter regressivo. Equivale a dizer que, "nos bastidores" do desejo excessivo de se agarrar do filho, estaria subentendida a palavra de ordem dirigida à sua mãe: "se você não quiser, usarei a força" (HERMANN, 1976, p. 28).

Por outro lado, pensando no instinto dialeticamente oposto – de vagar, ser errante, de ir-em-busca (*going-in-search instinct*) –, pode ocorrer que, ao se dar o rompimento mãe-filho, emerja concomitantemente uma formação reativa contra o instinto de apego, que pode se manifestar como um desejo mais exacerbado e radical de separação do objeto primordial, como uma forma de realizar a separação de uma vez por todas. Enquanto o instinto de ir-em-busca seria um instinto original, para ele, o desejo de se separar tem uma natureza diversa e vale como uma formação reativa contra o apego, assumindo um caráter derivado e secundário (*ibid.*, p. 26).

Geyskens (2003) nos fala do jogo do *fort-da* do neto de Freud (1920) como exemplo disso, na medida em que o neto de Freud atirava para longe o objeto que lhe chegava às mãos, marcando tais arremessos pelo fonema 'O-o-o-o' – de *fort* (para longe). Essa atitude representaria uma reação do menino à ausência da mãe, em uma encenação repetitiva e ativa do filho da experiência de jogar a mãe para longe ao atirar o objeto para a direção oposta.

Comparando as duas teorias – a freudiana e a hermanniana – poderia ser dito que a repetição compulsiva da criança, segundo o modelo de Hermann, seria uma tentativa de dominação da perda decorrente da separação mediante uma reação contra seu desejo frustrado de se apegar. O filho, assim, buscaria de forma intencional e ativamente o distanciamento da mãe, agora segundo o desejo de livrar de uma vez por todas do laço que o angustiava.

Segundo Geyskens (2003, p. 1530), a ideia de Freud e Ferenczi quanto à repetição compulsiva do traumático para encontrar alguma simbolização ou ligação "pode ser entendida no modelo de Hermann como uma tentativa ativa de separação do objeto primordial. A tentativa de separação causa dor, mas também uma perspectiva de triunfo sobre a dependência".

No jogo do carretel, a bem da verdade, há também uma espécie de ensaio de lançar-se e recolher-se, em uma dança rítmica de movimentos psíquicos de exogamia e endogamia, pulsões de vida e de morte. Também quando a criança engatinha para longe, há o movimento de sair do lugar estreito, mas quando ela se vira para trás para ver se a mãe continua visível e se está olhando para ela, aparece de novo a vontade de se fundir ao ente materno. Equivale a dizer que tanto no jogar longe há pulsão de vida quanto de morte, assim como no movimento de puxar o carretel de volta há esse entrelaçamento entre pulsão de vida e pulsão de morte.

Há uma repetição compulsiva do separar-se, mas parece que repetir a separação oculta o desejo de repetir também aquele momento de voltar a encontrar aquele que se ausentou, ou seja, o júbilo de se reencontrar com o adulto, já sob a égide do princípio de prazer.

Alguns anos mais tarde, também aparece na obra winnicottiana uma teorização importante sobre o *agarrar-se* do filho à mãe²³, na medida em que Winnicott ([1952] 1978c, p. 205) define que a vida do bebê não tem início apenas com a experiência pulsional oral, mas sim com a experiência de ser carregado, a depender da técnica da mãe de segurar o bebê. Para ele, a ansiedade mais antiga do bebê decorreria de "um modo inseguro de segurar o bebê".

O fracasso da técnica do cuidado materno em fornecer um apoio vivo e contínuo ao carregar o bebê é descrito em um trabalho sobre *vertigem* do Dr. C.F. Rycroft (WINNICOTT,

²³ Embora Hermann fale de *instinto* de apego, podemos pensar que sua teoria se desdobra na ideia de *agarrar-se* como uma *necessidade do eu*, ou seja, em uma leitura à luz de Winnicott haveria, a rigor, a ideia de *necessidade de apego*, ao passo que a noção de instinto (e pulsão) se aplica melhor ao *instinto de ir-em-busca*.

[1952], 1978c), no qual ele sustenta que tal sensação não pode ser desprezada em bebês, apesar de ser mais associada à manutenção da postura ereta nos adultos. Segundo ele, os bebês vivem ameaças indizíveis quanto ao equilíbrio desde a origem, usando a estratégia de agarrar-se na tentativa de serem sustentados pela mãe.

Passemos então aos ensinamentos de Michael Balint sobre filhos e filhas "que se agarram" ou que, ao contrário, lutam arduamente contra o apego ou para se separar dos genitores.

4.2 MICHAEL BALINT: THRILLS AND REGRESSIONS

Como pensar psicanaliticamente sobre casos de relações fusionais entre mães e filhos(as), pais e filhas (os) à luz dos ensinamentos de Michael Balint? O que a teoria balintiana nos ensina sobre os ocnofílicos, indivíduos que adotam a atitude de "agarrar-se" a um ponto de segurança, normalmente o ente materno, e o que essa noção tem em comum com os casos aqui tratados?

Para enfrentarmos as questões aqui propostas acerca de tais enlaces, cabe-nos apreciar o que Balint ([1959]1987) denomina de *área primária*, área que ele explora em sua obra com o intento de afastar uma metapsicologia apenas voltada à apreciação da ideia de *fase oral*. Ele postula que a *área primária* trata de uma relação abrangente envolvendo a mãe e o bebê e que a limitação da gama variada de vivências iniciais de um bebê apenas como experiências *orais* acabaria por comprometer o estudo de um campo demasiadamente rico.

Balint parte do pressuposto de que a relação mãe-bebê abarca diversos fenômenos que podem ensejar ora ajustes felizes e bem-sucedidos, ora ansiedades e desconfianças desesperadoras e vivências de solidão e terror quando o bebê começa a tentar decifrar uma miríade de sensações que lhe invadem, decorrentes do calor, do barulho, dos sabores e odores, dos movimentos que têm ritmo e das surpresas do ambiente com as quais ele precocemente precisa lidar. Para tanto, o autor agrega à ideia de *fase oral* também a noção do contato corporal, falando das experiências musculares e táteis do bebê e da importância das mãos no contato inicial. Com essa abordagem, ele cria e propõe dois novos termos técnicos: a ocnofilia e o filobatismo.

É bem verdade que não podemos falar em tais conceitos apreendidos em um estado puro, e que não pode ser pensada a ocnofilia sem uma mistura híbrida com o filobatismo, em que uma forma de relação surge para reprimir ou compensar a outra. O fato, porém, é que nos casos de relações fusionais aqui apreciados salta aos olhos a predominância dos movimentos ocnofílicos dos filhos, atinentes à busca de segurança, colagem e proteção, além de um tamponamento do afeto da exclusão e uma forma muitas vezes não potente de contornar sua angústia de separação.

Esses conceitos serão aprofundados a seguir, norteados pelas seguintes indagações: por que prevalece nesses casos clínicos o ímpeto onofílico do filho de agarrar-se a um dos genitores? O que faz com que o filho se renda a um lugar fusional? Por que ele não resiste e se entrega a esse lugar mortífero em nome da segurança ou de suas fantasias inconscientes?

Em 1959, Michael Balint escreve *Thrills and Regressions*, influenciado pelo texto *Thalassa* (FERENCZI, 1924), pelos estudos de Alice Balint sobre o amor materno e a relação mãe-bebê, além dos trabalhos de Imre Hermann (acima descritos) sobre a importância do apego nas relações humanas. No texto, o autor defende que haveria dentre os seus pacientes, e dentre as pessoas em geral, duas formas de manifestação diametralmente opostas.

Balint ([1959] 1987) menciona o caso de uma paciente extremamente vinculada a pessoas e objetos, sem os quais não podia viver, e de uma outra que vivia o oposto: nunca quisera uma casa, não tolerava carregar pertences consigo mesma e assegurava sempre uma distância entre ela e as pessoas e os objetos, para não despertar apegos, vínculos e dependência.

O autor tem, então, a ideia original de transportar esses dois tipos psíquicos para o ambiente de feiras e parques de diversão, pois, segundo entende, tais ambientes teriam a finalidade de atender a alguma necessidade humana essencial.

O primeiro grupo de prazeres encontrado em feiras e parques de diversão é relacionado por Balint à *comida*, como em um banquete muito primitivo, envolvendo iguarias muito doces e muito baratas. O segundo grupo consiste nos *prazeres ligados à agressividade* – atirar objetos, quebrar, esmagar, bater etc. – e envolve jogos de tiro ao alvo, teste da própria força ou jogos de pura destruição onde o sujeito arremessa objetos contra pratos para quebrá-los. Nesses dois grupos de prazer, há ensejo à regressão, visto que eles oferecem satisfação para instintos primitivos: o instinto oral e o destrutivo ou agressivo. Equivale a dizer que os impulsos que devem ser reprimidos e as emoções que não podem ter vazão na vida adulta encontram nesses locais de diversão válvulas de escape para tais emoções insatisfeitas, que aí podem ser experimentadas dentro de limites seguros.

Balint defende a insuficiência da terminologia psicanalítica daquela época, afirmando que as experiências primárias do grupo de prazeres ligados à agressividade não poderiam ser descritas pela terminologia *oral*. Nos jogos agressivos e destrutivos, o sujeito está autorizado a liberar sua agressividade, e ainda será recompensado por isso. O ambiente não só tolera a agressividade e a destruição, como oferece ao sujeito oportunidades para que elas sejam exploradas e permite que ele se regozije com sua própria destruição.

Balint começa a tratar de outras modalidades de relações de objeto e sugere o emprego da ideia de *amor primário*, que comporta um laço no qual há uma completa harmonia, ou seja,

uma identificação entre desejos e satisfações de um indivíduo pelo ambiente que o circunda, que acolhe suas exigências e prazeres. Nessa relação, um dos integrantes se abstém de reivindicar, em nome próprio, o atendimento a interesses, desejos e demandas e o outro integrante pode fazer tais reivindicações a serem atendidas, tal como no caso do ajuste de uma mãe ao seu bebê.

Para Balint, usando o exemplo dos parques de diversão e dos *prazeres ligados à destruição e à agressividade*, a ideia de *satisfação* pelo ambiente que está sendo atacado pelo indivíduo a ponto de, por isso, oferecer-lhe recompensas é um forte argumento para sustentar a teoria do *amor primário*. Seria o caso das bolas ao alvo, arremessos e suas premiações. Naquele espaço, o indivíduo revive, de forma regressiva, sensações e prazeres primários e o ambiente dá cobertura ampla ao exercício de tais impulsos. Ou seja, os parques oferecem possibilidades de *regressão* a tal fase inicial do relacionamento humano – a fase do amor primário.

Balint ([1959]1987) passa a analisar, então, o terceiro e último grupo de prazeres, que são ligados à tontura, à vertigem e à perda de estabilidade, tais como balanços, roda-gigante e montanha-russa. Ele usa tais exemplos para explorar situações que geram um tipo específico de ansiedade, derivada da perda de equilíbrio e de estabilidade, ou seja, a perda do contato com o solo estável. No momento de vertigem, Balint observa que as respostas das pessoas a tais situações são instintivas e parecem ser um reflexo de algum tipo: agarram-se a algo firme ou, em situações de maior ansiedade, pressionam o corpo todo contra um objeto seguro e estável.

Nos prazeres referentes à perda de contato com o solo, três atitudes são observáveis: a primeira, uma certa quantidade de *medo consciente*, ou, pelo menos, alguma *consciência de perigo externo real*; a segunda, uma *exposição voluntária de si mesmo* a tal perigo e ao medo provocado por ele; e, por fim, a *esperança* de que o medo possa ser tolerado e dominado, isto é, de que o perigo passe e que seja possível sair incólume da aventura. Há, portanto, um misto de medo, prazer e confiança esperançosa diante de um perigo externo, o que gera a descarga de todas essas emoções. A expressão usada por ele (*thrills*) trata de algo mais abrangente que apenas emoções; são emoções qualificadas, que decorrem de uma carga elevada de excitação, de algo súbito e ligado à noção de aventura como uma forma de experimentar o prazer.

Seguindo em seu estudo, Balint fala de outras emoções muito mais primitivas, mas igualmente importantes. Segundo ele, nas brincadeiras de crianças, às quais ele reputa um caráter universal, é sempre escolhido um ponto de segurança pelo uso de nomes que remetem à proteção materna e que simbolizam o retorno aos cuidados primários porque trazem a sensação de chão firme e ausência de perigo, o que ocorre, por exemplo, no *pique-pega*, *pique-esconde*, *pique-bandeira* e no *polícia e ladrão*, jogos que possuem um perigo externo,

personalizado na figura do perseguidor ou caçador; o necessário afastamento dos jogadores da zona de segurança e a aceitação da exposição ao perigo voluntariamente; e, agregado aos dois, a esperança confiante de que irão estar em segurança novamente, no retorno ao lugar em que a indivíduo "se salva" de ser pego.

4.3 DEFINIÇÕES DE BALINT SOBRE OCNOFÍLICOS E FILOBATAS

Balint propõe, como mencionamos, dois novos conceitos: o de filobata e o de ocnofílico. O filobata é o sujeito que se lança voluntariamente em tais espaços abertos e desfruta das emoções do medo e da esperança. O seu extremo oposto, o ocnofílico, é o sujeito que não suporta balanços e montanhas-russas e prefere se agarrar a algo firme quando sua segurança está em perigo.

As ideias de filobatismo e ocnofilia surgem, como dito, com a específica função de abranger um campo de experiências primitivas que não podiam ser incluídas, explicadas ou discutidas no âmbito da *oralidade*. Esses dois conceitos envolvem, assim, o afastamento e o retorno para a segurança tanto dos filobatas quanto dos ocnofílicos, bem como o estudo dos prazeres experimentados em cada uma dessas situações.

A própria ideia sobre a conexão entre prazer e susto refere-se às experiências corporais no processo das trocas primárias e agrega uma dimensão pulsional ao tema. Balint ([1959]1987), p. 23) fala que o sujeito busca o prazer "entre essas duas incertezas": o aumento do medo diante da percepção do perigo externo e a esperança de que esse perigo chegue ao fim.

Os ocnofílicos não suportam, muitas vezes, tais situações-limite, com incremento exacerbado do medo para encontrar um prazer ampliado; não toleram o estado de suspensão ou espera; preferem a segurança como se tivessem sempre em vista a zona de segurança do pique-esconde: o porto-seguro materno.

Esses modelos, transportados para o psiquismo de seus pacientes, fazem com que o autor enfatize que os indivíduos adotam rotineiramente movimentos regressivos na busca das formas iniciais de relação que mantiveram com seus objetos precoces.

Balint passa, então, a investigar qual seria o mais primitivo entre os dois, o filobatismo ou a ocnofilia, tentando descobrir que emoção precede a outra. Ao pensarmos na matriz da amamentação e no bebê no ato de sucção do seio, o seu gesto de agarrar-se à mãe indicaria que a ocnofilia precede o filobatismo. Todavia, Balint acentua que não se pode firmar a precedência do agarrar-se, já que, em muitos casos, as observações de tais interações revelam que muitas mães precisam ensinar os seus bebês a sugar o seio nas primeiras mamadas, não havendo um

movimento natural em tal sentido. Também não é possível afirmar se o movimento de se afastar do seio ocorre anteriormente. O que ele sustenta é que tanto o filobatismo quanto a ocnofilia são emoções primitivas, apesar de ser inviável firmar tal cronologia entre eles.

Parece, no entanto, decorrer do texto que a necessidade de segurar algo ou agarrar-se a algo é mais primitiva e mais geral do que a necessidade de sentir-se independente. Os objetos aos quais nos agarramos inicialmente – os objetos ocnofílicos – parecem ser, segundo o autor, em primeira instância, símbolos de segurança, ou seja, representantes da mãe amorosa e segura.

Balint discorre sobre a necessidade de segurança mesmo nas situações filobáticas. Alguns exemplos ilustrativos seriam: o equilibrista que segura um bastão, o domador de leões com um chicote na mão e o maestro da orquestra com sua batuta. Por isso, Balint depreende que as atividades de risco que causam maior emoção no expectador e que acabam sendo ainda mais valorizadas são aquelas em que as pessoas envolvidas deixam de usar as mãos, quando não se agarram a nada, ou se seguram pelos pés ou dentes para acrobacias, soltam rédeas de cavalos, o guidom das motocicletas ou entram em jaulas de animais sem chicote.

Os objetos ocnofílicos seriam representantes da segurança; para Balint (1959, p. 29), uma forma de reforço mágico da própria onipotência ou do narcisismo daquele que se arrisca, como se representasse, simbolicamente, "um pênis ereto e potente". Podemos pensar em amuletos e objetos-talismã que dão coragem ao indivíduo para sustentar a sua própria potência narcísica.

O filobata se vê sozinho e sem qualquer suporte e percebe que pode contar apenas com seus próprios recursos. Se tal sujeito prefere a independência, busca uma autossuficiência e não quer estar em contato com os objetos, podemos pensar que ele busca ser e se sentir poderoso e corajoso. Para ilustrar tal vivência, Balint invoca a imagem de um sujeito ereto que se sustenta *longe do chão*, que ele toca apenas com as solas dos pés. Em contraponto, se pensarmos em alguém que se encontra deitado ou rastejando próximo ao chão, a ideia será contrária à imagem da postura ereta e segura; o estado não-ereto transmite a ideia de dependência e impotência.

No filobatismo, há uma sustentação do indivíduo "em si próprio" e ele assume uma imagem firme e ereta, afastada do chão, metaforicamente apoiado "nas próprias pernas" e fundado em seu narcisismo e em uma potência própria. Tais observações sugerem que o filobatismo é simbolicamente ligado à ereção e potência (ao fálico), por isso Balint supõe que, à primeira vista, os símbolos de segurança representam algo mais primário do que a busca de independência.

É bem verdade que estamos nos referindo ao filobatismo em sua vertente mais saudável, mas, em casos patológicos, o filobata pode sentir um medo tão intensificado de depender do outro e de ficar impotente que assume a conduta de se desligar afetivamente, adotando uma posição defensiva de esquizoidia, o que o faria se entregar aos espaços vazios para evitar

pessoas e objetos invasivos, muito próximos, ou demasiadamente intensos e apaixonados. Assim, mantém sob controle os outros indivíduos de sua vida de quem repetidamente desconfia, o que Winnicott incluiria sob o rótulo de uma experiência constante de *reação à intrusão*.

Ou seja, pode haver ambivalências manifestas e difíceis de lidar tanto na ocnofilia quanto no filobatismo, quer em razão do apego intenso e sufocante dos ocnofilicos aos seus objetos cuidadores, quer no desapego extremado de filobatas desconfiados dos objetos que o cercam.

Sobre esse tema, Balint também inclui os novos parceiros sexuais do indivíduo na lista de *thrills* – aquelas emoções intensas com carga elevada de excitação decorrente de algo novo que surpreende – assim como as novas comidas, costumes, roupas e diversas formas de sexualidade perversa.

O que observamos na escuta de alguns pacientes que experimentam relações fusionais com seus genitores parece se tratar de uma saída patológica, partindo da ocnofilia para um tipo de "filobatismo em série", representado por relações com vários parceiros, envolvimento em diversas situações de risco, noites e noites imersos na repetição do sexo virtual, álcool ou drogas, buscando os *thrills* descritos por Balint.

4.4 CASO CLÍNICO SAM

Cabe citar o exemplo de Sam (ADAMS; MORGAN, 2007), que usava a compulsão por sexo virtual para aliviar o seu medo de engolfamento pela mãe e seus sentimentos de inadequação, além de ser uma forma de descarregar sua raiva.

Sua esposa, que deu início ao processo de análise, começou a perceber que ele estava se afastando dela e trocando o convívio entre eles por sua conexão ao mundo virtual, o que se estendia por longas horas, todas as noites; Sam havia também começado a abusar do álcool, por isso ela resolvera procurar ajuda.

Durante o tratamento do casal, o analista foi percebendo que as ligações telefônicas da mãe de Sam eram o gatilho de uma "ressaca emocional" (*ibidem*, p. 85) e quando ele era invadido por tais afetos intensos e negativos à noite, aliviava-se com o sexo virtual. No processo de escuta, ficou claro que ele sentia que tudo o que fazia para atender às demandas de sua mãe era insuficiente e que ele nunca conseguiria atender às expectativas dela, não importa o quanto tentasse.

Sam rememorou que, durante a sua infância, tinha de consertar todos os objetos quebrados em casa, o que acabou por definir a sua escolha profissional. Ele trabalhava como engenheiro-chefe em uma empresa da qual era sócio, mas sentia-se constantemente inseguro e pedia conselhos para empregados que sabiam menos do que ele. Sam manteve na vida adulta a

sua obrigação de consertar tudo, mas também a sensação de inadequação, pedindo desculpas reiteradas ao seu sócio, que não compreendia muitas vezes do que ele estaria se desculpando. Ele trabalhava por muitas horas em um esforço intenso, mas nunca sentia que seus resultados eram suficientes. Passou a ter ataques de ira no trabalho quando algo saía errado; gritava e culpava seus colegas, gerando o temor e o ressentimento deles, além de carregar uma enorme carga de culpa depois de tais rompantes.

Sam bebia de forma regular, em casa, para escapar de sentimentos dolorosos e com a justificativa de que "necessitava" beber (*ibidem*, p. 89). O sexo virtual para Sam funcionava como uma droga no sistema, que trazia para ele uma ilusão de independência.

Com o passar do tempo no processo de escuta, ele começou a descobrir que o uso do sexo virtual não era uma forma de divertimento e relaxamento, mas uma forma de evitar a ansiedade que sentia em decorrência de sua sensação de submissão à mãe. Ele estava tentando convencer a si mesmo de que a mãe não o controlava. Depois de um tempo de tratamento, sua história de relação fusional foi podendo ser simbolizada.

Ele teve muita dificuldade em começar a dizer à mãe que não estava sempre disponível a atendê-la. Teve de enfrentar retaliações severas que, em muitos momentos, desestabilizaram o tratamento, gerando recaídas, tanto no uso do álcool quanto do sexo virtual.

Trata-se de um caso clínico que traduz essa ideia do "filobatismo em série" para escapar, ao menos temporariamente e de forma bastante precária e patológica, da relação fusional que sufoca, gera aniquilamento e perda de identidade.

Por que estamos escolhendo nomear tais atuações maciças e compulsões de Sam de "filobatismo em série"?

Na verdade, a tentativa de Sam de se manter na posição ereta, afastado do chão (BALINT, 1959), cultivando várias relações sexuais no mundo virtual, e, não, "de cabeça baixa", obediente e submetido à sua mãe, incluía inúmeras parceiras, que se sucediam em série para assegurar uma suposta virilidade, mas a sensação de que ele estava agarrado de forma onofílica (e inconsciente) à sua mãe persistia e aparecia sob a forma da raiva. Sam buscava se sentir poderoso e corajoso, mas, na verdade, carregava dentro de si mesmo um estado "não-ereto" de subserviência, aliado à vivência de dependência e impotência derivada da relação primária.

Havia, portanto, um filobatismo artificialmente construído, sem o desfrute da última das características que Balint menciona: o prazer intenso ligado à esperança de ser resgatado e ao conforto do encontro com a segurança. Ele permanecia então nesse ciclo interminável e angustiante que se repetia incessantemente, encenado noite a noite.

Os pacientes que aparecem nesta tese, como tais sujeitos citados por Balint, também estão metaforicamente "encurvados". Vivem suas vidas de forma aprisionada, com a postura pouco ereta, carregam em suas "corcundas" o peso dos fardos familiares e as dores de um ou dos dois genitores por quem tiveram que se sacrificar, se encurvar em reverência, por amor, dedicação, devoção ou por sacrifício.

Muitos deles, antes crianças alegres e solares, segundo suas próprias lembranças, rememoram que algo mudou em certo momento para que se curvassem e envergassem.

4.5 TRÂNSITO ENTRE OCNOFILIA E FILOBATISMO

Balint fala também de algo muito importante para a presente pesquisa: no segundo capítulo de *Thrills and Regressions* (1959), ele aborda a existência de uma possibilidade de trânsito entre essas duas formas de relação, isto é, arriscar-se para experimentar um prazer maior no mundo externo de forma filobática e voltar para o porto seguro ao modo ocnofílico. Ensaiai essas idas e vindas, em um trânsito entre um prazer incrementado e a segurança possível, criando uma via para ser autônomo e independente sem se sentir demasiadamente ansioso e angustiado; fazendo uma ponte entre estar emancipado e ir saindo aos poucos de uma unidade simbiótica com a mãe ou o pai.

Sabemos que há analisandos que não suportam qualquer tipo de exposição ao risco, fazendo uma opção reiterada de não sair jamais da zona de conforto e segurança, como se houvesse uma vivência insuportável à espreita daqueles que se lançam em situações que abarcam algum perigo, real ou fantasiado. Aceitam a ideia do *agarrar-se* quase como um destino irremediável e, por isso, conformam-se com a experimentação de pouco prazer na individuação.

Quando pensamos em ocnofilia e em filobatismo, resta claro que alguma distância já se consolidou entre o indivíduo e seus primeiros objetos de amor e cuidados e que não mais persiste ativa a simbiose dual mãe-bebê do amor primário voraz e sem limites que exige do objeto irrestrita adaptação. Nesse ponto, se já houver alguma separação suportável e sustentável, o indivíduo pode transitar entre o agarrar-se e o soltar-se; ficar seguro ou partir em descoberta do novo.

Balint afirma, como ressalvamos, que raramente são encontradas formas puras de filobatismo e ocnofilia, mas, sim, híbridos dessas duas formas de relações de objeto, que se revezam, reprimem-se ou compensam-se reciprocamente. Ele adota a palavra grega *oxvéw* como significante da ocnofilia e das relações de objeto incondicionais marcadas pelo medo, termo que aglutina tais sentidos: *agarrar-se a, encolher, hesitar e recuar em razão do medo, vergonha ou pena em relação ao objeto* (BALINT, 1959, p. 32).

O mundo ocnofílico é composto de objetos separados por horríveis espaços vazios e, para Balint, o ocnofílico vive de objeto a objeto, cortando caminho entre os espaços vazios da forma mais rápida possível.

A demanda pelo objeto é absoluta, por isso, quando a necessidade emerge, o objeto tem de estar lá. De fato, no estado de necessidade, pouco importa a consideração ou a preocupação voltada ao objeto. Ele é dado por garantido. Tal objeto, porém, é um mero substituto e nunca ensinará a total satisfação esperada, do que decorre que a frustração será inevitável, mesmo porque, independentemente da sua devoção, o objeto tem sua própria vida, "e deve ocasionalmente seguir seu próprio caminho" (BALINT, 1959, p. 33).

Em outras palavras, a relação de objeto ocnofílica é pré-depressiva (*ibidem*) e representa um enlace a um objeto parcial, por isso não será totalmente satisfatória. Na escolha ocnofílica, o indivíduo vai, inevitavelmente, encarar a insuficiência do objeto, sua não responsividade eventual, ou, até mesmo, sua inutilidade, o que gerará frustração e ambivalências.

Nos casos de relações fusionais muito intensas, é comum escutarmos em análise o relato sobre tal momento que Balint delimita: a ideia de que o sujeito que tende a agarrar-se à mãe ou ao pai protetor (usados como objetos ocnofílicos), em algum momento, depara-se com o espaço vazio, ou seja, com a vivência de que aquele genitor não atende no presente, não pôde atender no passado e não atenderá no futuro completamente às suas necessidades como filho.

Assim, mesmo que o ocnofílico viva de objeto a objeto, cortando caminho entre espaços vazios, sempre ocorrerão desajustes às suas expectativas, por mais devotados que sejam os entes cuidadores. Daí decorrerá a necessidade de enfrentar a frustração, sobretudo porque a ideia de *agarrar-se* impede a caminhada autônoma pela vida, na posição potente e ativa.

Com efeito, se o indivíduo adota como escolha a permanência na zona de conforto da "mãe-porto seguro", a consequência direta será a de que estará renunciando às possibilidades de desfrutar da "posição ereta", uma metáfora da ideia de que tal indivíduo terá dificuldades na constituição de um ego autônomo, de construir um senso de identidade e de se apropriar do que deseja.

Como dito antes, a escolha regressiva terá efeitos na circulação da pulsão de morte na vida de tal indivíduo. A segurança e a morte estarão imantadas na sua origem (FIGUEIREDO; TAMBURRINO; RIBEIRO, 2012, p. 121) e essas ligações feitas em nome da proteção contra o risco e dos desejos inconscientes de desfrutar de uma relação privilegiada com o pai ou a mãe fusional geram efeitos deletérios nas experiências emocionais do filho aprisionado nessa teia, já que ele perde potência, autenticidade e, pior ainda, sente-se despersonalizado e destituído de um ego livre e desimpedido.

Como se pode concluir, a temática sobre o agarrar-se ao porto-seguro ou lançar-se de forma autônoma no mundo diz respeito à confiança ou desconfiança no ambiente. Figueiredo (2007) nos fornece o exemplo de um pai (ou mãe) que joga seu bebê para o alto e o segura de volta de forma sorridente e divertida em um abraço seguro. Com as idas e vindas do lançá-lo ao alto e amparar seu retorno, dá-se a chance de experimentação do susto, do voo livre e da segurança ao término da brincadeira. Com esse trânsito instala-se a confiança primária de forma lenta e progressiva.

Esses *thrills*, que podem ser incluídos nas primeiras atividades lúdicas de um *infans*, são agentes disparadores de cargas pulsionais nas brincadeiras de "balanços, rodopios, galopes, cócegas, sustos etc." e ensinam tensão e distensão, excitação e relaxamento e, por isso, segundo o autor, fazem parte "da 'educação sentimental' dos humanos e da difícil tarefa de articular alguma desconfiança, o preço incontornável da separação e da autonomia, com a confiança básica no ambiente e nos objetos, sem a qual se adoece" (FIGUEIREDO, 2007, p. 79).

A experiência proporcionada pelos *thrills* assume, contudo, um caráter ainda mais ampliado que a ideia mais simplista do trânsito, do ir e vir, já que acrescenta um aspecto da carga pulsional elevada, tanto de prazer quanto de medo antes de o porto seguro ser encontrado. Figueiredo (2007, p. 81) defende que nessa vivência "o voo livre é tão essencial quanto o abraço seguro, inclusive porque ele se contrapõe a outro motivo de desconfiança: a de que o abraço seja um claustro, uma prisão, um engolfamento mortífero".

Estamos tratando nesta tese de casos em que há essa experiência de claustro. Há essa vivência de receber um abraço mortífero por parte de indivíduos que, em estado de vulnerabilidade, foram submetidos a falhas dos objetos externos em tempos primevos e não puderam desfrutar do estado de confiança primária no seu entorno.

Por ora, cabe nos dedicarmos ao conceito de angústia de separação, que merece investigação detida, uma vez que, ao se tornar insuportável a vivência angustiada do indivíduo quando se separa do genitor, a saída psíquica que ele geralmente encontra é renunciar à autonomia. Para tanto, retornemos no tempo brevemente para apreciar a teoria freudiana, sobretudo porque fica bem claro que a questão da separação entre a mãe e a criança e da perda experimentada pelo filho passaram a ser vistas por Freud como fundamentais no que tange a quadros psicopatológicos.

Seguimos então a nossa trilha na tentativa de entender pais e filhos que se envolvem em relações fusionais. Em razão disso, cabe lançar a pergunta feita por Freud em 1926: por que algumas pessoas são capazes de elaborar o afeto de angústia, apesar da sua qualidade peculiar, e outras fracassam nessa tarefa??

4.6 A ANGÚSTIA DE SEPARAÇÃO

Desde 1905, nos *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, Freud (p. 145) já havia explicitado a ideia de que "o medo das crianças não é outra coisa, originalmente, senão a falta que sentem da pessoa amada".

Freud (1905b, p. 146) usa o exemplo da escuridão e do temor que a criança sente do desconhecido, declarando que ela teme a escuridão porque nela não se vê a pessoa amada. Para fundamentar tal conclusão, ele nos conta, em nota de rodapé, a história de um garotinho de três anos que, dentro de um quarto escuro, falou: "Tia, fale comigo; tenho medo, porque está muito escuro". Quando a tia exclamou que de nada adiantaria falar pois ele não a estava vendo na escuridão, ele retrucou: "Não importa. Quando alguém fala, fica claro". Freud declara que o garoto não estava sentindo medo por causa da escuridão, mas, sim, pela falta da pessoa amada e que uma pequena prova de sua presença (no caso, a voz) seria suficiente para tranquilizá-lo.

Naquele momento, o conceito de angústia ainda se encontrava entrelaçado à ideia de medo. A angústia era, então, ainda definida como uma transformação da libido não satisfeita²⁴.

A teoria de que a angústia seria proveniente de um excedente da libido não utilizada, porém, foi revisada em *Inibição, Sintoma e Angústia* (1926)²⁵ e veio a ser inteiramente abandonada na Conferência XXXII de suas *New Introductory Lectures* (1933a), na qual Freud defendeu que, mesmo na neurose de angústia, o surgimento de angústia era uma reação a uma situação traumática e não a própria libido transformada.

Ao longo dos anos e dos seus sucessivos textos, Freud foi expressando uma mudança substancial na sua concepção sobre o tema, até afirmar que os elementos propulsores para o aparecimento da angústia no indivíduo são: sentir a falta de alguém que se ama e deseja; ou se sentir ameaçado de perder o objeto de amor. Ele revisa sua ideia original de angústia e passa a defini-la como uma forma de reação a situações de perigo.

Freud tenta, em 1926, buscar o sentido da angústia e a define como um estado afetivo marcado por um caráter muito acentuado de desprazer que tem sede no Eu. Segundo descreve, a angústia vem acompanhada de sensações físicas referidas a órgãos específicos do corpo, como o trato respiratório e o coração, em decorrência de processos oriundos das inervações motoras;

²⁴ "Nisso a criança se comporta como o adulto, que transforma sua libido em angústia quando não pode mais satisfazê-la; e o adulto, quando fica neurótico, comporta-se como uma criança em sua ansiedade, começa a temer ficar só, isto é, sem uma pessoa de cujo amor acredita estar seguro, e a querer atenuar essa angústia com medidas mais pueris" (FREUD, 1905b, p. 146). Este ponto de vista foi também defendido no *Rascunho E* (FREUD, 1894), *Interpretação dos Sonhos* (FREUD, 1900), *Gradiva* (FREUD, 1907) e *Repressão* (FREUD, 1915).

²⁵ "[...] temos o direito de nos apegar à ideia de que o Eu é a genuína sede da angústia, e de rejeitar a concepção anterior de a energia em movimento do instinto reprimido é transformada em angústia" (FREUD, 1926, p. 22).

ou seja, em razão de um estado de desprazer, seguem-se descargas por trilhas específicas para ensejar o alívio daquele desconforto.

Na tentativa de averiguar de onde vem a energia produtora de um sinal de desprazer, Freud levanta a hipótese de que a defesa contra um estímulo interior indesejado também poderia ser repetida face a estímulos exteriores; melhor dizendo, diante do perigo externo, o organismo procederia a uma tentativa de fuga, retirando o investimento daquilo que percebe como perigoso e adotando medidas musculares para subtrair-se à ação do perigo. Assim, o investimento retirado do representante do instinto geraria a liberação do desprazer.

Para Freud, o processo se dá da seguinte forma: o aparelho psíquico trabalha para manter as excitações reduzidas ao menor nível possível e o bebê, ao mamar, tem reduzidas suas excitações desconfortáveis decorrentes da fome, por isso ele passa a ter o conhecimento, por experiência, de que a mãe satisfaz suas necessidades sem demora. Em razão disso, ele registra uma imagem mnêmica de quem se incumba da sua satisfação e a imagem dessa pessoa pela qual a criança passa a sentir "anseio" é intensamente catexizada, de forma alucinatória inicialmente.

Diz Freud que seria razoável supor que o anseio se transforma em angústia porque a criança, ainda em estado precoce, não teria meios de lidar com a catexia de tal anseio, ficando em um estado de desorientação. Para ele, "a angústia seria uma expressão de perplexidade, como se aquele ser ainda pouco desenvolvido não soubesse fazer nada melhor com esse investimento de anseio" (*ibid.*, p. 78). A situação que passa a ser considerada como um 'perigo' é a ameaça de insatisfação, o que gera uma crescente tensão com a qual o ego incipiente não consegue lidar.

O parâmetro da perturbação econômica predominava no pensamento freudiano e, portanto, havia a ideia de que o acúmulo de excitações desprazerosas precisava ser eliminado, gerando angústia. Por isso, segundo Freud, a criança reage chorando ao dirigir a descarga para o aparelho respiratório e os músculos vocais, chamando a mãe para perto de si. Ao perceber que a chegada da mãe põe fim à situação de perigo, o conteúdo do perigo que ela teme é deslocado da situação econômica para a condição que determinou essa situação, a saber, a falta do objeto.

Desse modo, a ausência da mãe passa a ser a situação de perigo que dá o sinal de angústia. E essa mudança gera a possibilidade de se pensar, ao mesmo tempo, em uma angústia automática, de aparecimento involuntário e também em angústia como um sinal de perigo. Diz Freud: "[...] antes eu acreditava que o medo sempre surgia automaticamente, por um processo econômico, enquanto a atual concepção de angústia como um sinal emitido pelo Eu para influir sobre a instância prazer-desprazer nos torna independentes dessa coação econômica" (1926, p. 82).

Freud ensina que há duas formas como a angústia pode surgir: como um "fenômeno automático", de uma maneira "inapropriada", quando o indivíduo experimenta uma nova situação de perigo, ou de uma maneira "apropriada", como um "sinal salvador", a fim de dar um alerta e impedir que tal situação ocorra (1926, p. 80).

Equivale a dizer que a angústia é a reação ao perigo, mas também tem a função de ser uma advertência para que se evite a situação de perigo. Ela tem uma relação direta com a seguinte estimativa: a força do paciente comparada com a dimensão do perigo, levando em conta o desamparo enfrentado: desamparo físico, se o perigo for real, e psíquico, se for instintual.

Ao avaliar a experiência do nascimento como um protótipo de situação desprazerosa, Freud levanta algumas objeções (às quais não nos dedicaremos, face à circunscrição do objeto desta tese), mas declara estar inclinado a considerar os estados de angústia como uma reprodução do trauma do nascimento, como reações que se reproduzem sempre que um estado de perigo se apresenta.

Freud supõe que duas vivências devem ser análogas para a criança: a experiência de nascer e a vivência de acúmulo intenso e desagradável de quantidades de estímulo que não conseguem ser dominados psiquicamente ou descarregados. Na segunda situação, haveria uma repetição da situação de perigo já experimentada. Por isso, a angústia equivaleria a um "produto do desamparo psíquico do bebê, que é a contrapartida evidente do seu desamparo biológico" (*ibidem*, p. 80). Freud explica que tanto a angústia do recém-nascido quanto a da criança de colo são condicionadas pela separação da mãe, e que a situação biológica da criança como feto é substituída para ela por uma relação de objeto psíquica quanto à sua mãe. O processo de nascimento, então, é tomado como a primeira situação de perigo, e a convulsão econômica que ele produz torna-se o protótipo da reação de angústia. Essa primeira situação de perigo se liga e é determinante da angústia em todas as situações posteriores que representem uma separação da mãe – de início somente num sentido biológico, e a seguir como uma perda do objeto.

A angústia, por conseguinte, é para Freud, por um lado, uma expectativa do trauma e, por outro, uma repetição dele em forma atenuada. Seguindo a sequência *angústia-perigo-desamparo (trauma)*, defende Freud que "a situação de perigo é a reconhecida, recordada e esperada situação de desamparo" (1926, p. 116).

Para Freud (1926), o conceito de angústia "como um sinal" se refere à resposta do ego diante da ameaça de uma situação traumática. Ameaça de quê? De uma situação de perigo que aponta para a separação ou perda do objeto amado ou a perda de seu amor. E quais seriam as consequências acaso consolidada essa perda ou separação? O indivíduo experimentaria duas sensações interligadas: um acúmulo de desejos insatisfatórios e uma sensação de desamparo.

Em resumo, o Eu experimenta um trauma passivamente e então, em reação, repete-o ativamente de forma atenuada, em uma versão enfraquecida, na tentativa de controlar seu curso, tal como fazem as crianças quando reproduzem em suas brincadeiras algumas vivências aflitivas não elaboradas e difíceis de lidar para integrá-las ao psiquismo, migrando da passividade para a atividade.

O progresso da criança em seu desenvolvimento, sua independência e suas novas necessidades influenciam o conteúdo da situação de perigo, ou seja, aquilo que era apreendido como perigo na infância vai sofrendo atenuações à medida que o sujeito amadurece.

No texto *Inibição, Sintoma e Angústia* (FREUD, 1926), uma indagação é feita ao leitor: por que algumas pessoas são capazes de elaborar o afeto de angústia e outras fracassam na tarefa?

Muitas vezes, a criança não consegue distinguir o que se trata de uma ausência temporária de um afastamento permanente; por isso, a cada retirada da mãe, ela pode se sentir desamparada, como se nunca mais fosse vê-la novamente. Ou seja, dada a incompreensão dos fatos pela criança, a situação de sentir falta da mãe não é vivida apenas como uma situação de perigo provisória, mas como uma situação traumática. Em razão disso, serão necessárias diversas vivências de consolo até que a criança possa assimilar a ideia de ausência seguida de retorno, ou seja, criar a representação de que sua mãe vai e volta, sai e regressa ao seu encontro, como é ensaiado repetidamente na brincadeira de esconder o rosto com as mãos e reaparecer. Assim, a criança vai aprendendo a lidar com a ideia de sentir um anseio desacompanhado de um desespero insuportável.

Seguindo os passos freudianos e de tantos outros que se dedicaram ao tema da separação entre mães e filhos e os quadros de angústia decorrentes de tais processos, outros autores abordaram do assunto, ampliando o nosso campo de visão para incluir a questão do *apego*.

4.7 O APEGO E A NOÇÃO DE *SOTERIA*

Dorothy Burlingham e Anna Freud registraram diversas experiências envolvendo crianças pequenas em creches no período da Segunda Guerra Mundial (BURLINGHAM; FREUD, 1942 e 1944), tratando de situações de ausência da figura materna ou de abandono, além das consequências relacionadas às figuras substitutas da mãe. Nesse trabalho nas Hampstead Nurseries, no qual cada enfermeira cuidava de um grupo delimitado de crianças, as autoras observaram que havia fortes reações das crianças à separação e à perda da atenção da pessoa que exercia uma função materna suplementar, com manifestações intensas de ciúme quando a enfermeira incumbida de um grupo dava atenção a outras crianças. Elas nos dão

notícia do paciente Jim, internado desde os 17 meses, que desenvolveu um forte apego em relação às enfermeiras que dele cuidavam, mostrando-se agarrado e possessivo, a ponto de impedir que elas se afastassem dele²⁶.

Alguns estudiosos dos primeiros anos de desenvolvimento relatam que, quando se dá o afastamento da mãe ou daquele que a substitui, a criança adota primeiro o comportamento reativo do *protesto*: grita, chama a mãe, prende-se a ela, exige que ela não se afaste e esperneia. Com a constatação do afastamento real da mãe, a criança assume uma posição de *desespero* relacionado à expectativa do seu retorno e ainda à incerteza sobre se a mãe retornará: checa a porta por onde a mãe saiu, vigia os movimentos dos adultos do recinto e tenta entender quando a mãe voltará. Quando a criança constata que a mãe demora demais a retornar ou ficam caracterizados o abandono e a perda da esperança por parte da criança, aparece a manifestação comum de que a criança adote a postura da *indiferença*.

Dentre esses autores, Bowlby (1984, p. 33) relaciona a citada *fase do protesto* ao problema freudiano da angústia de separação; a *fase do desespero infantil* à questão do luto em Freud e às elaborações da perda do objeto; e o autor associa a *fase do desapego* à ideia freudiana de defesa, quando a criança desesperançosa adota a atitude da indiferença.

Para Bowlby (*ibidem*), diante do medo, a criança ameaçada de abandono, tomada pelo pavor de perder a mãe novamente, gruda-se a ela, vigiando os seus movimentos. Ela adota um comportamento de *apego*, aproximando-se demasiadamente para encontrar proteção.

Na obra *The neuroses in Clinical Practice*, Henry Laughlin (1956) faz uma tentativa de sistematização e simplificação de fobias, usando alguns termos técnicos conhecidos e também novas expressões para nomear mais de vinte tipos fóbicos, relacionando-as ao objeto temido.

O que nos interessa das suas teorizações refere-se ao uso de objetos de uma forma bem específica: Laughlin (1956) cria o termo *soteria* como o oposto de fobia, referindo-se a situações em que pessoas ou objetos são usados como um recurso que elimina o medo e encoraja o sujeito a enfrentar tarefas que normalmente lhe fariam recuar.

Essa terminologia escolhida por Laughlin – *soteria* – não foi difundida ou reproduzida nos ensinamentos teóricos de outros autores da Psicanálise, ficando circunscrita à sua obra. Escolhemos utilizá-la aqui dada a falta de uma expressão sintética sobre a posição em que os filhos colocam seus pais nessas relações fusionais: pais como portadores da salvação diante de uma angústia de separação que beira o insuportável, algumas vezes como próteses narcísicas dos filhos.

²⁶ O que nos faz lembrar o "instinto de domínio" descrito por Imre Hermann (vide item 4.1) como uma forma de expressão patológica do instinto de agarrar-se (*clinging*).

Poderíamos também nomeá-los de *objetos antifóbicos*, de *objetos fusionados*, de *objetos de salvação* ou de *objetos com propriedades mágicas*. O que importa, no caso, é menos a nomenclatura e, mais, o uso feito pelos filhos e filhas assolados por um afeto exacerbado que os paralisa quanto ao seu movimento emancipatório. Além do uso, há a função imaginária de se levar um pedaço da mãe, do pai ou da "casa" sempre consigo para que o indivíduo não se sinta sozinho.

Diz Laughlin que o indivíduo usa a pessoa escolhida ou o objeto como um brinquedo-amuleto ou um talismã para aguentar uma vivência de sofrimento ou intenso desconforto pela exposição ao risco (LAUGHLIN *apud* BOWLBY, 1984, p. 148). Esse objeto traz uma sensação excessiva de segurança, a *soteria*, e ele o batiza de *objeto soterial*.

Soteria tem os seguintes significados no Léxico do Novo Testamento Grego (*The KJV New Testament Greek Lexicon*): libertação, preservação, segurança, salvação, libertação do abuso de inimigos, ou, "num sentido ético, aquilo que constitui para a alma segurança ou salvação"²⁷.

Sabe-se ainda que, na mitologia grega, *Soteria* (grego antigo: Σωτηρία) era a deusa ou o espírito (*daimon*) da segurança e salvação, libertação e preservação do mal. E na pesquisa etimológica, a palavra *salvação* se origina de *soteria*, abarcando a ideia de cura, redenção, remédio e resgate²⁸. *Soteria*, portanto, deriva da palavra grega usada para a evasão de uma situação de perigo ou para a celebração após a recuperação de uma doença; e refere-se a objetos que dão conforto a sujeitos perante situações de medo e risco, tais como talismãs e amuletos.

Esse desenvolvimento da ideia de *soteria* (LAUGHLIN, 1956) pode nos auxiliar a pensar nas perguntas formuladas no início deste capítulo, cuja reprodução por ora se faz importante. Ao abirmos a discussão, perguntamos:

- 1) O que faz com que o filho se renda a um lugar fusional? Por que eles não resistem?
- 2) Por que se entregam a um lugar mortífero em nome da segurança?

Vamos então pensar nas conexões entre *angústia de separação* para Sigmund Freud, *zona de segurança* para Michael Balint e *soteria* para Henry Laughlin.

Voltando muito brevemente aos ensinamentos de Freud no texto de 1926 (p. 116), ele chama a atenção para a sequência *angústia-perigo-desamparo (trauma)* e sustenta que, na angústia-sinal é o desamparo que aciona o alerta como uma situação de perigo "reconhecida, recordada e esperada", compelindo o indivíduo a buscar proteção para atenuar seu desprazer.

Para Balint, o ocnofílico corre para a zona de segurança quando se vê ameaçado por uma situação de perigo que supõe não ter forças para enfrentar. Ele retorna ao porto-seguro, muitas

²⁷ Soteria meaning in Bible. Disponível em: www.biblestudytools.com/lexicons/greek/kjv. Acesso em: 13 abr. 2020.

²⁸ SALVAÇÃO. Disponível em: pt.wikipedia.org/wiki/salvação. Acesso em: 13 abr. 2020.

vezes representado pela mãe. Lembrando dos exemplos do autor, nas brincadeiras de pique-pega, pique-esconde, a criança volta a um ponto de origem e grita: "um, dois, três, estou salvo".

Para Laughlin, como visto, diante do risco ou da ameaça de risco, alguns indivíduos recorrem à *soteria*, ou seja, a amuletos e talismãs para enfrentar seus pavores e fobias, encontrando neles uma "preservação" ou a "salvação" dos perigos.

Esses três conceitos se encontram bastante entrelaçados.

Imaginemos uma cena em que uma criança está com sua mãe e se sente ameaçada face à iminência da separação entre eles, separação que pode ser temporária ou não, mas que é vivida de forma intensa e desprazerosa e, que, por isso, pode se converter em desamparo e trauma.

O "combustível" da cena é a angústia, o estado afetivo de alerta, de advertência de que a criança será invadida por uma sensação de desamparo desprazerosa e difícil de lidar em termos pulsionais. Algumas crianças se desesperam com a intensidade da excitação negativa, e, em protesto, gritam, choram alto e/ou esperneiam para proceder à descarga dessa angústia. A experiência desesperada gera outras ações para além das ações de descarga do choro e do grito.

Junta-se a essas reações de descarga a ação de *agarrar-se*. Lembrando de Balint e da palavra que ele adota (*oxvév*) como significante da ocnofilia e das relações de objeto marcadas pelo medo, as ações subsequentes seriam: "*agarrar-se a, encolher, hesitar e recuar em razão do medo, vergonha ou pena em relação ao objeto*" (BALINT, 1959, p. 32).

A criança, assim, vai moldando uma forma de reação que se repete em situações nas quais novos transbordamentos desprazerosos e intensos se repetem: agarra-se à mãe, hesita em se lançar na descoberta do mundo, recua em razão do medo e vai matando aos poucos sua curiosidade e o afeto que Phyllis Greenacre (1957, *apud* MAHLER, 1972) batiza de "caso de amor com o mundo".

A ideia de *soteria* entra nesse cenário como uma saída, como uma solução claudicante e precária: a mãe passa a ser o amuleto da sorte, ou o pai passa a ser o talismã que representa a salvação da criança contra os riscos do viver. As crianças "colam" nessas pessoas/objetos como tábuas de salvação para protegê-los do enfrentamento da realidade do processo de individuação e elas passam a funcionar como um tipo de prótese do seu funcionamento psíquico.

Pode ser estendida a noção de *soteria*, analogicamente, ao uso dos chamados objetos transicionais na teoria winnicottiana?

Falaremos mais detalhadamente dos objetos transicionais no Capítulo 6, mas já cabe adiantar que o *objeto soterial* se aproxima mais do objeto fetiche, que tem o fim de obturar a falta e tamponar a angústia de separação da dupla filho-genitor fusional. De fato, a ideia de uso

do pai ou da mãe como prótese narcísica para amortizar a dificuldade de enfrentamento dos perigos do mundo externo se aproxima mais do uso distorcido ou patológico do objeto.

Podemos pensar em um espectro relevante da questão: os objetos transicionais, pelo seu uso e manuseio, representariam um caminho mais saudável que comporta a tentativa psíquica de integração entre o mundo externo e o mundo interno do filho. O objeto soterial, por sua vez, pode ter a função de proteção e de auxílio na transitividade, já que porta uma função antitraumática e reparadora, porém tal função se expressa marcada pela concretude do objeto ou pelo apego excessivo à pessoa. Ele poderia até se aproximar do objeto transicional, como um talismã, a exemplo de santinhos que assumem a função religiosa de eliminação do mal, mas nas relações fusionais mais intensas o objeto soterial acaba por carregar a mesma função do objeto fetiche, ou seja, de valer como meio artificial de eliminação da falta e como prótese narcísica de alguém que não consegue encarar a separação sem se aproximar do aniquilamento.

Como contou o analisando Douglas em análise, ilustrando o uso de sua mãe como um objeto de salvação, como uma *soteria*, ele lembrou que "vivía grudado nela como uma cola", acrescentando que "eram só os dois e era perfeito". Como fui testemunhando, eles pareciam dividir um psiquismo para dois e se sentiam incompletos quando separados e dependentes um do outro, usando-se mutuamente como uma prótese dos seus narcisismos originalmente fraturados.

É muito pertinente discernir, portanto, com sensibilidade clínica e acuidade de escuta, em que casos o *objeto soterial* leva à fusão e em que hipóteses já se pode cogitar que ele passa a ter, paulatinamente, uma função transicional de mediador de um início de separação. Pela via do agarrar-se a um objeto que ajuda o equilíbrio, como o malabarista na corda bamba, pode ser que o indivíduo passe a fazer um uso mais saudável de objetos antes usados apenas para negar a falta e a separação. E o processo de análise será uma via promissora para sustentar e elaborar essas novas aquisições de trânsito entre um lugar mais patologicamente fusionado e novos encaminhamentos à autonomia.

E o que dizer de indivíduos que "aderem" ao seus pais não exatamente para encontrar proteção, mas para se posicionarem como os protetores do adulto? Estariam eles também agindo em razão de algum outro afeto relacionado à ansiedade, à angústia e ao medo?

Como vimos do exposto até aqui, a ocnofilia e o filobatismo se sucedem e se revezam, assim como o *apego* e o *afastamento* são comportamentos que andam juntos e têm a função de proteção, como podemos ilustrar pelo exemplo da criança que vê um animal que a assusta pelo seu tamanho ou estranheza e, por temê-lo, dele se afasta e corre na direção da mãe ou do pai.

Bowlby (1984, p. 111) lança indagações interessantes sobre uma situação de medo que abrange a mãe e a criança ao mesmo tempo, ou seja, situações nas quais a mãe também teme o

perigo de algo que a ameaça. Como a criança reage? Ele usa o exemplo de um cão que "começa a ladrar" entre a mãe e a criança, trazendo à cena um conflito, porque a criança que correria naturalmente para a mãe como um lugar de proteção percebe que ela também está desesperada e desamparada diante da situação. Algumas crianças paralisam. Outras passam por "objetos assustadores" para conseguirem se aproximar do que ele chama de "figura de apego".

Comparando os dois movimentos – de afastamento e de apego –, o autor fala que a experiência comum indicaria de que "o comportamento de apego tem precedência sobre o de afastamento", falando em carneirinhos que arriscam a vida ao atravessar uma estrada perigosa quando se veem afastados de sua mãe, do lado oposto da rua. Bowlby (1984, p. 112) declara, segundo pesquisas comportamentais, que as "crianças tendem a proceder da mesma forma".

Os casos clínicos que descrevemos nesta tese demonstram o acerto dessa afirmação: há diversos indivíduos que, ao se verem em uma posição passiva que gera medo ao lado de um genitor que também está acuado, desamparado ou amargurado, tendem a fazer o mesmo que a criança que ouve os latidos do cão feroz que ameaça ambos ao mesmo tempo. Aderem ao genitor e passam por "objetos assustadores" para conseguirem se aproximar da "figura de apego" (BOWLBY, 1984, p. 111). Ou seja, constroem relações fusionais que acabam anulando a possibilidade de sustentarem identidades separadas e desejos próprios e se sacrificam por elas.

Além desses casos, há outras situações nas quais é a própria figura de apego que provoca o medo, ou a ansiedade, a preocupação, a angústia.

Vimos no exemplo de Warren (ADAMS; MORGAN, 2007, pp. 95-109) que ele temia o destino de sua mãe deprimida desde que o seu pai morrera em um acidente de carro. Com apenas oito anos de idade, passou a executar tarefas domésticas de forma integral, apesar de ter certamente experimentado o encargo como assustador em alguns momentos. Ele se dedicou a lavar roupas, colocar o irmão para dormir, prepará-lo para a escola, e assumiu o papel de um chefe de família, abrindo mão das brincadeiras da sua infância. Como "recompensa", ele grudara em sua mãe, usufruindo dessa posição isenta de riscos, porém despersonalizante.

O caso clínico de Douglas também demonstra que, diante do desespero e do vazio de sua mãe, que se sentia como "uma metade dela mesma" desde que o seu irmão gêmeo falecera, o filho passou a fazer com ela uma dupla na qual estavam misturados os papéis de mãe, filho, marido, cuidador e objeto de cuidado. O filho sentia forte angústia de separação a cada vez que precisava se afastar da casa materna, vivendo de forma perturbadora essa mescla de medo, ansiedade, preocupação com a mãe e ciúmes quando ela se afastava em busca de outras companhias.

Como encontrar um meio de renunciar ao olhar do outro sobre si? Como fazer o trabalho de luto da experiência de ser olhado de forma totalizante, colonizadora ou muito "apaixonada"

pelo genitor? O que fazer diante da perda desse olhar? Se lograr a separação teria como consequência o fato de não ser visto pelo outro, o que se poderia almejar para além desse olhar?

A bem da verdade, esses filhos acabam aprisionados no olhar dos pais, e acabam sendo definidos por eles; por isso, de um modo enviesado, a despersonalização por estar demasiadamente perto pode parecer menos assustadora do que a despersonalização de não saber quem se é, como no caso de Douglas que sentia não se ter uma identidade.

Nos exemplos que estamos tratando, há casos em que os analisandos, quando crianças, eram acompanhados pelo medo constante de que mãe ou pai deprimisse, percesse, sucumbisse e desistisse de viver. Viviam também a angústia de serem desamparados se não atendessem ao modelo esperado pelos genitores, o temor de perder a ligação especial acaso não se submetessem a todas as demandas e exigências deles, e o medo de serem atingidos por outro tipo de violência, que poderia vir sob a forma de crítica, censura, retaliação, ou até descaso.

Essas hipóteses, aliás, já foram contempladas por Freud desde 1926, ao falar de situações nas quais a ameaça da abandono vem do adulto cuidador, seja com uma feição disciplinar para deter o filho em alguma atitude, seja porque o pai ou mãe, sobrecarregados na tarefa de educar, usam uma declaração ameaçadora, avisando à criança que podem adoecer e morrer, ou ainda, de forma mais drástica, colocam em cena a ameaça de suicídio de um dos pais – o que, na verdade, pode ser expressamente declarado ou apenas sentido pela criança como um risco potencial.

Diz Bowlby (1984, p. 112) que, em tais casos de temor à ameaça de violência, "as criaturas jovens (humanas ou não) tendem a agarrar-se à figura ameaçadora ou hostil, em vez de fugirem dela". Ele sugere o uso da expressão "apego com angústia" para falar da angústia de separação em tais casos, já que ela engloba a necessidade de se firmar uma ligação muito estreita com a pessoa do apego baseada no medo de que aquela relação termine (*ibid.*, p. 317).

O comportamento de *se agarrar* se repete em vários momentos da vida do indivíduo e pode aparecer com a faceta de ciúme, desejo de posse do objeto amado, voracidade e dependência.

Os caminhos trilhados até aqui nos mostram que os ensinamentos freudianos sobre angústia têm uma relação de causalidade com os ocnofílicos em Balint (1959), visto que, diante do estado afetivo da angústia (pela separação do objeto de amor), constitui-se a *situação de perigo* e o indivíduo corre ao socorro da zona de segurança, agarrando-se ao porto seguro mencionado por ele. O conceito de soteria de Lauglin (1956) nos aproxima do caráter de salvação que a fusão passa a assumir, inviabilizando a busca da emancipação em alguns casos.

Cabe seguir, então, o nosso percurso clínico e teórico, com vistas a entender como essas questões se ligam ao complexo de Édipo e a questões relevantes atinentes ao seu atravessamento.

CAPÍTULO 5 – AS RELAÇÕES FUSIONAIS E O COMPLEXO DE ÉDIPO

Tirésias para Édipo;

– Afirmando que és tu o assassino que procuras!

Sófocles²⁹

Como vimos nos capítulos anteriores, a apreciação mais aprofundada do tema das relações fusionais aponta para uma diferença marcante entre as hipóteses mais precoces da dificuldade de separação-individuação do bebê em sua relação simbiótica com a mãe (que ensejam patologias mais severas, como autismos e psicoses) e, por outro lado, as hipóteses de "matrimônio psicológico" e de *terrorismo do sofrimento* que ocorrem em uma fase posterior, envolvendo questões simbióticas experimentadas na origem do laço entre o filho e seus genitores, mas que se prolongam até a fase de atravessamento do Édipo, além das questões atinentes ao conflito edípico que acabam por gerar fortes impactos na adolescência e na vida adulta de tais indivíduos.

Freud ([1909] 2015) abre o seu texto *O romance familiar do neurótico* com sua costureira genialidade sintética, apresentando um fato emocionalmente conhecido por cada um de nós: ele afirma que a emancipação da autoridade de pai e mãe, apesar de uma das conquistas mais fundamentais do desenvolvimento, é uma das aquisições mais dolorosas de cada indivíduo. Naquele escrito, ele dá um tratamento primordial a tal emancipação, a ponto de sustentar que apenas o embate entre as gerações sucessivas permite e fundamenta o progresso da sociedade.

Em um artigo emblemático quanto ao complexo de Édipo, o tema é enfrentado detalhadamente por Hans Loewald (1979), que nos traz contribuições importantes na sua leitura.

Para ele, o longo caminho percorrido até um indivíduo tornar-se adulto requer uma travessia na qual laços emocionais com os genitores deverão ser cortados e tal ato disruptivo não ocorre apenas como efeito da ameaça de castração ou por força de outras circunstâncias externas, mas, sim, como a transmutação de uma posição passiva dos filhos para uma posição ativa no sentido de renunciarem à autoridade dos seus pais. Tal renúncia decorreria de um "impulso ativo no sentido da emancipação", que ocorre no curso do processo de separação-individuação.

²⁹ SÓFOCLES. *Édipo Rei*. Tradução por Donaldo Schüler. Rio de Janeiro: Lamparina, 2004.

5.1 O CONCEITO DE PARRICÍDIO

No referido artigo, denominado *O declínio do complexo de Édipo*, Hans Loewald (1979, p. 387) empreende uma análise tanto das correntes pré-edípicas envolvendo pais e filhos quanto das correntes edípicas. O autor parte do conceito de *parricídio* – "assassinato de alguém que represente ou simbolize um pai, uma mãe e até mesmo a traição séria de uma empresa ou grupo que represente a autoridade parental" – sustentando que tais casos abrangem a ideia de *assassinato da autoridade parental*.

Na luta edípica entre as gerações, os descendentes têm a função de reivindicar e tomar para si a autoridade e a responsabilidade que pertence aos seus pais. Para tanto, o indivíduo precisa ter nos genitores "oponentes" que possam participar desse jogo, que envolve conquista de poder, aquisição de autoridade sobre as próprias decisões, autonomia nas escolhas de vida e elaboração da culpa. Equivale a dizer que para o indivíduo tornar-se autônomo e poder se responsabilizar por sua própria vida, no sentido de tornar-se "um", haverá de atravessar uma experiência psíquica de assassinato simbólico dos pais e suportar a culpa envolvida no processo. Em tal caminho, tanto a autoridade dos pais será ativamente reivindicada quanto os pais, em si mesmos, decairão da posição de objetos libidinais do sujeito.

Por outro lado, sabe-se que o desejo incestuoso infantil revela a vontade subjacente da criança de eliminar o terceiro e estabelecer uma relação privilegiada e exclusiva com um dos genitores, uma relação simbiótica e absoluta, na qual o terceiro não é permitido. Trata-se do desejo de viver uma relação dual, que seria a reconstituição da relação primordial mãe-bebê.

Tal relação fantasiada e puramente imaginária está na contramão do impulso para a emancipação, pois ela se refere a um movimento regressivo, não somente de retorno à relação primária com a mãe real, mas, sim, a um estado anterior ao próprio nascimento, a uma posição ainda intrauterina. A ideia da relação exclusiva, por isso, é no fundo mortífera.

Assim, teremos duas ações opostas: uma movimentação vital, que segue um caminho rumo à autonomia, e, por outro lado, um movimento que é regressivo, fundado na fantasia de relação exclusiva, absoluta, sem entorno, sem terceiro. Para Loewald, o caminho complexo de travessia do Édipo representa uma articulação dessas duas movimentações para a produção de uma saída.

Segundo o autor, o indivíduo nunca abandonará completamente a fantasia da relação exclusiva, que vai continuar inscrita no seu inconsciente e, alguns momentos, vai emergir com muita força – a exemplo do que acontece nas reações de ciúme, que comporta, na sua base, tal fantasia da exclusividade.

Deriva do artigo citado a lição de que os filhos devem rejeitar ativamente os pais como objetos libidinais em certa fase do desenvolvimento; devem usurpar-lhes o poder, a competência e a responsabilidade para, a partir dessa separação, poder firmar uma relação de ternura, confiança e respeito, tanto com seus pais quanto com outras pessoas que venham a fazer parte da sua vida. O autor fala em *apropriação* da autoridade paterna como uma via imprescindível para o sujeito tornar-se "agente" e poder assumir a responsabilidade perante si mesmo e perante a lei em sentido amplo, o que se constituirá no superego como "representante interno dessas normas" (LOEWALD, 1979, p. 392).

O assassinato simbólico dos pais representa, na verdade, uma transformação narcísica das relações edípicas: por um lado, organiza-se o superego com a internalização das figuras parentais e, por outro, as relações objetais edípicas entre o filho e seus pais se convertem em uma relação estrutural interna, intrapsíquica. Como resultado da operação, resta o resíduo da culpa e seus derivados que dão origem a padrões e exigências que o indivíduo passa a estabelecer para si próprio para lidar com o fato de ter cometido o parricídio (por exemplo, que homem/mulher devo ser, que padrões éticos e morais devo adotar). Desse modo, o decurso bem-aventurado de tal processo pode gerar a vivência de um luto que origina um superego maduro e um psiquismo apto a firmar relações não incestuosas.

Assim declara, de forma assertiva, Loewald: "Ao desenvolver a nossa própria autonomia, o nosso próprio superego e ao nos envolver em relações de objeto não incestuosas, estamos, em um sentido importante, *matando os nossos pais*" (*ibidem*, p. 390, grifos nossos).

A ideia de parricídio afigura-se, portanto, como uma vivência necessária para que o sujeito possa se emancipar e constituir novos objetos de amor para além dos seus pais. No curso do processo, alguns aspectos das relações edípicas serão internalizados e haverá a apropriação das qualidades admiráveis e amáveis nos pais. Como recompensa, a autoridade paterna pode ser transformada em algo melhor, ou seja, em um superego não severo, destrutivo e perseguidor, mas, sim, capaz de garantir ao sujeito certa autonomia sem grande carga de culpa ou angústia.

Como naturalmente o sujeito se sente abandonado e sem proteção ao se afastar da autoridade dos pais, é preciso que o superego lapidado no processo também seja capaz de protegê-lo, de orientá-lo e de interditar certas coisas, estabelecendo alguns limites e criando leis internas e referentes éticos em nome próprio.

Resumindo, Loewald enumera diversas possibilidades de enfrentamento do conflito edípico e algumas saídas, dentre elas: 1) repressão; 2) "destruição" pela internalização (ou melhor, declínio do complexo de Édipo), envolvendo o parricídio, a culpa e a reparação e 3)

"destruição" no plano do objeto de amor, pelo abandono dos laços incestuosos e a recriação de laços edípicos assassinados e pranteados em luto através de novas relações amorosas (p. 394).

No caso da *repressão* das fantasias incestuosas ou agressivas da criança fundadas no desejo de relação exclusiva com a mãe, há o uso de tal mecanismo de defesa como uma saída pela via neurótica, porém associada à possibilidade constante de retorno do recalcado com a correlata produção de sintomas. A *autopunição* ou a *punição* do genitor também não são boas formas de resolução do conflito edípico, sobretudo porque tanto uma quanto a outra criam um ciclo interminável de culpa, angústia e punição e ensejam obstáculos ao amadurecimento do indivíduo.

Loewald fala então em seu texto sobre a necessidade de pensar em algo "a mais" para que o sujeito possa ir fazendo tal travessia de uma forma mais saudável ou menos patológica, algo além dos processos de repressão e de punição. É isso que o autor chama do trabalho de *reconciliação* ou *reparação (atonement)*, no qual a culpa deixa de ser apenas um fardo insuportável e promotor de angústia para ser um motor para o próprio amadurecimento emocional e intelectual, ou seja, para o desenvolvimento do sujeito.

5.2 O CONCEITO DE RECONCILIAÇÃO OU REPARAÇÃO (*ATONEMENT*)

Na teoria de Loewald, fica claro que o avanço da organização interna da vida psíquica do indivíduo depende diretamente da tolerância à culpa decorrente do parricídio, ato ao qual é atribuído um valor positivo como uma das forças motrizes da organização do *self*.

A capacidade do indivíduo de sustentar a culpa por ter tomado para si a autoridade dos pais é imprescindível para que ele encontre um lugar psíquico para si mesmo. E tal lugar deve ser construído não somente na família, mas no mundo das relações externas e do trabalho. Isso porque, quando há uma vivência exacerbada de culpa pela contestação à autoridade paterna e a saída escolhida é a autopunição, fica impedido o crescimento psíquico, pois o sujeito se sente cada vez mais obrigado a ser punido, entrando em uma compulsão repetitiva de punição. Igualmente quando culpa é projetada no mundo externo pela via da identificação projetiva, a saída psicótica ou *borderline* se mostra como solução precária perante o conflito edípico. Já quando há uma culpa suportada, abre-se o caminho para a emancipação e para a possibilidade de gratidão.

Loewald cita o caso clínico de um estudante que trabalhava na mesma área de seu pai. Não se trata precisamente de um exemplo de relação fusional, mas sim da culpa intensificada de um indivíduo quanto ao processo de superação da autoridade paterna. Ele precisava concluir sua tese e, apesar de ser brilhante intelectualmente, começou a enfrentar problemas desde que o pai falecera, recorrendo a procrastinações sucessivas na escrita do trabalho. Começou a sentir dúvidas

constantes sobre a originalidade da tese e buscou o apoio do orientador, assim como do seu analista. O analisando se imobilizara diante do desafio de assumir sua independência e a autonomia nas diretrizes da sua vida e o tema da responsabilidade surgiu na análise, dando ensejo a que Loewald formulasse uma interpretação sobre a relação dele com o pai. Como o estudante afirmava que a conclusão da tese era de sua responsabilidade exclusivamente e de mais ninguém, mas não encontrava meios de se dedicar a isso, o analista entendeu que ele poderia estar falando de responsabilidade em um nível mais inconsciente, sobre suas ambições e seu medo de superar o pai falecido, aí incluída a ideia simbólica de "matar o pai". O filho carregava, de algum modo, a responsabilidade por um crime que ele queria adiar, evitar ou reverter.

Se ele se mantivesse aprisionado à culpa de superar o pai na área de atuação de ambos e permanecesse estagnado, o ciclo compulsivo de culpa e punição continuaria a produzir efeitos que perpetuariam sua impotência quanto à execução do trabalho. Todavia, face ao desenrolar da análise e a elaboração de tais questões pelo estudante, a conclusão da tese converteu-se em uma forma de "conciliar o parricídio com o amor pelo pai e de conciliar a sua busca de emancipação e autorresponsabilidade com o seu desejo de identificação e comunhão com o próprio pai" (LOEWALD, 1979, p. 392). O ato de conclusão foi uma reparação (*atonement*), dada a integração de necessidades conflitantes e não apenas uma defesa contra uma ou outra dessas correntes.

A rigor, a reparação ou reconciliação (*atonement*) tem um aspecto especialmente benéfico: como resultado dela, as velhas relações edípicas são demolidas e reconstituídas criativamente, o que enseja novas maneiras de o indivíduo se relacionar com os objetos, em relações de amor maduras. De um jeito contrário à repressão, à punição e à projeção da culpa nos outros, o sujeito dá aos pais o reconhecimento pelo que recebeu deles, demonstra uma gratidão genuína e consegue adotar ações concretas (tais como escrever uma tese), devolvendo ao mundo a cultura herdada deles; ou seja, encontra uma solução melhor para a culpa e a expressa pela execução de um trabalho criativo, fundado em restituições e sublimações.

Nesse trabalho reparatório, o filho vai adquirindo maturidade, criando suas próprias referências, seus elementos de proteção e de prescrição, suas leis internas e reconhecendo a alteridade, visto que o destino das pulsões por meio da introjeção e da sublimação gera uma boa travessia do Édipo, com a viabilidade de relações entre ego e superego mais colaborativas.

Loewald nos propõe uma nova leitura do parricídio e do incesto, ideias imbricadas uma na outra, que são representantes dos instintos primários da agressividade e da sexualidade. Para ele, sem a consumação da ideia de parricídio não há como ser constituído um *self* autônomo.

Na mesma direção, Melanie Klein (1952) defende que a mãe deve garantir ao filho o direito de encenar com ela sua fantasia agressiva ou destrutiva, mas que ela tem de sobreviver ao ataque. Igualmente Winnicott ([1969] 1975c) ressalta que é preciso que o alvo da agressividade do bebê seja capaz de sobreviver a tais fantasias, não retaliar e ainda oferecer *holding*. A sobrevivência do objeto, após experimentar a raiva e a destruição da criança, fornece a garantia de que ela possa acessar o concernimento.

Como exemplo de retaliação dos entes paternos, com efeitos danosos no processo de emancipação do filho, o paciente Sandro contou-me, em seu processo de análise, sobre uma experiência de sua infância que deixou "um gosto muito amargo": quando ele tinha uns sete anos, após passar uma tarde animada brincando com seu amigo da escola, encontrou a sua mãe que foi buscá-lo e, feliz com o dia, fez muitos elogios à mãe do amiguinho com quem brincara. Disse que ela era divertida e carinhosa. A mãe de Sandro, enciumada, perguntou: – E eu? E Sandro disse-lhe: –Você é legal, mas, às vezes, me maltrata. Depois do que ele disse, a mãe e o pai, juntos, fixaram o castigo de Sandro: ele iria passar seis dias inteiros sem brincar com ninguém. O pai teve uma conversa dura com Sandro sobre o "desrespeito" dele com a mãe e o filho nunca esqueceu desse castigo, nem do medo constante que passou a sentir de falar qualquer coisa que incomodasse os pais. Ele também começou, desde então, a temer se expressar perto de outros adultos e desenvolveu uma timidez que o acompanhou por toda a adolescência. Ficava sempre ao lado da mãe, quieto e observador, e pouco se aventurava em brincadeiras. Sandro, já adulto, vive constantemente inseguro quanto às suas capacidades, apesar de ser bem formado e pleno de habilidades produtivas objetivas. No caso, a tentativa infantil genuína dele de comunicar sua felicidade à mãe provocou nela um abalo narcísico de tal ordem, dada a sua comparação com a outra mãe, que ela partiu para uma retaliação severa e extremada para a idade do seu filho. E, pior que isso, agiu em aliança com o pai de Sandro, o que trouxe para ele a vivência que nomeou como "o dois contra um". Ele silenciou a sua espontaneidade, sua autonomia e a possibilidade de "estar bem na própria pele".

Se os pais se sentirem feridos, magoados ou narcisicamente atingidos em razão do processo de separação dos filhos, algo de negativo pode ocorrer. De fato, há pais que reagem de maneira violenta à tentativa de autonomia dos filhos ou que, por outro lado, demonstram uma fragilidade tal que não permitem os ataques deles decorrentes de uma saudável agressividade em relação a suas características pessoais ou a valores do passado; há, ainda, muitos pais que dependem dos filhos ou precisam de filhos dependentes deles, o que acaba por impossibilitar a conquista desse direito, gerando inibição, quando deveriam aceitar de forma resignada a contestação deles.

5.3 A FANTASIA DE RELAÇÃO EXCLUSIVA E O INCESTO

Na clínica psicanalítica, escutamos muitos indivíduos que nos revelam que a força dos seus objetos primários pode acabar sendo projetada sobre qualquer novo vínculo que se inicie, impedindo que sejam estabelecidas relações diferentes daquelas iniciais. Assim, os novos objetos amorosos ficam excessivamente sobrecarregados como uma reedição de uma figura pré-edípica.

Isso ocorre, por exemplo, nas hipóteses de homens que projetam no casamento com outra mulher expectativas e ecos derivados da relação que tinham com a mãe ou de mulheres que passam a vida adulta comparando cada novo parceiro com o pai – como vimos no caso clínico de Marla, que se frustrava ao constatar que nenhum homem chegava "aos pés" do seu pai. Ou ainda, como vimos na situação de Warren, que havia sido tão subjugado pela mãe, que passava as noites reproduzindo a cena de ser dominado por uma mulher poderosa na sua fantasia masturbatória.

O vazio e a frustração aparecem porque essa equação não tem um resultado positivo possível, vez que as relações com os novos parceiros ficam sempre na superfície quando as figuras pré-edípicas da mãe e do pai ocupam todo o centro da fantasia amorosa, agressiva e/ou sexual.

Loewald (1979) defende que essa fantasia de relação exclusiva com um dos genitores vigora como uma permanência ao longo de nossas vidas, à qual temos de ser capazes de renunciar, ainda que não completamente. Ou seja, ele nos ensina que não há uma destruição absoluta do complexo de Édipo, mas, sim, um *declínio*, que é importante para que as relações de objeto possam ser construídas de forma potente. Quando o declínio vai acontecendo, isso vai favorecendo um campo de relações de objeto possíveis e viáveis; mas, em sentido oposto a isso, quando um indivíduo tem o seu Édipo erigido na crença de uma relação exclusiva com a mãe ou com o pai sua relação amorosa futura vai apresentar uma precariedade muito grande.

Para um bebê, a ideia de que sua relação com a mãe é exclusiva decorre do seu estado de desamparo biológico e emocional e da dependência absoluta a ela e, por isso, o seu desejo é de que não haja quaisquer alterações nesse estado de completude. Fica difícil renunciar a tal crença, como se ali houvesse um templo, algo a ser valorizado e consagrado, o que dá a esse laço um caráter sagrado, mas fundado em uma ilusão.

Segundo o autor citado, tal vínculo cria as condições para a identificação primária, ou seja, a possibilidade de o indivíduo sentir-se *sendo* a partir desse lugar, que apesar de ser pré-genital, já tem um caráter sexual, por ter energia libidinal circulando, no sentido freudiano.

De fato, quando há uma circulação libidinal, já temos sexualidade, mas nesse momento ela está disfarçada de não-sexualidade para proteger uma relação sagrada, generosa e de puro acolhimento. Seria um equívoco supor que a sexualidade adulta do pai e da mãe tenham sido

extintas a partir do nascimento daquela criança ou que o cunho sagrado dessas relações afaste seu caráter sexual, mas o fato é que a qualidade da sexualidade desse período abrange algo meio etéreo e angelical, que não aparece como sexual, pois tem uma aparência de dessexualização.

À medida que a separação vai se constituindo e surge um espaço entre o bebê e seus cuidadores pode advir seu desejo inconsciente e sua sexualidade emergente. Equivale a dizer que quando os pais ocupam lugares discriminados e separados do filho, isso possibilita que a criança os deseje, mas ela também passa a temê-los. Nessa fase, ao mesmo tempo em que o *infans* tem a expectativa de estabelecer uma relação profunda com os pais, também teme que eles possam se tornar perigosos. Daí emerge uma sexualidade explícita. O bebê começa a estabelecer relações com mais liberdade e pode ir cedendo espaço para novas relações de objeto.

E nas relações incestuosas abertas ou camufladas, como a separação segue seu curso?

Loewald (1979) diz que as relações incestuosas seriam relações híbridas entre aquelas fundadas em identificação primária (com um caráter sagrado) e aquelas nas quais já começam a aparecer o desejo, o temor e a sexualidade produtora de efeitos excitatórios.

O objeto incestuoso, portanto, é uma entidade ambígua, já que não pode ser um objeto libidinal inteiro, o que se justifica porque ele aglutina na mesma pessoa a figura do objeto libidinal e aquele que originalmente foi, e continua a ser, um objeto de identificação, o que torna o incesto desorganizador do psiquismo. Para o psicanalista, as relações de objeto incestuosas "interferem ou destroem esse vínculo sagrado da família, e não simplesmente no sentido de exclusão do terceiro rival ou triunfo sobre ele" (*ibidem*, p. 396):

A minha tese é que os laços identificatórios pré-edípicos no seio da família, diretamente derivados da unidade narcisista, são sentidos como sagrados, pertencentes a um estado de inocência, e que fantasias e atos incestuosos são sentidos como uma violação dessa inocência sagrada (*ibidem*).

Em tais casos, haveria a combinação nefasta do direcionamento de fantasias relacionadas a objetos libidinais às pessoas com quem o indivíduo já firmou vínculos de identificação primária, de natureza pré-objetal (mãe ou pai). E não é possível que o indivíduo tenha uma identificação profunda e primária com um objeto e também concilie nele a figura de um objeto de desejo, sendo inviável agrupar esses dois estatutos do objeto num único sujeito sem que disso decorram sérios problemas psíquicos com a produção de inibições, sintomas e angústias, pois o caráter sagrado do laço exige que o desejo seja colocado fora da família.

Ademais, a inocência "sagrada" da unidade primária entre a criança e o ente parental vale como uma fonte da sexualidade emergente da criança e esse manancial fica comprometido se o

objeto identificatório for também incestuoso, ou seja, como a estrutura saudável do psiquismo infantil é pensada com vistas à liberação natural da agressividade e do desejo sexual para além do campo destinado ao sagrado, essas vias ficam obstruídas em um tempo muito precoce.

Na verdade, quando os objetos da libido são objetos incestuosos, o sujeito tem um declínio insuficiente no complexo de Édipo e ficará tomado por relações pré-edípicas, por isso não conseguirá abrir espaço ao pós-edípico, ao desejo possível e à agressividade.

Cabe agora lembrar o quanto apreciado quanto à sexualidade infantil, decorrente das vivências e impressões da criança nas relações precoces com seus cuidadores. Vimos no Capítulo 2 que uma criança não suporta viver certas intensidades muito cedo, seja porque o seu corpo não está apto a decodificar certas cargas excitatórias demasiadas, seja porque ainda não há uma genitalidade constituída a viabilizar o escoamento da carga desprazerosa que daí decorre.

Assim, se a dependência emocional e psíquica dos pais em relação ao filho gerar uma carga erótica acentuada demais ou se eles se sentirem tomados por um amor avassalador, sem contorno ou indiscriminado, de caráter próximo ao oral (o que aparece, por exemplo, em relatos em tom de brincadeira de mães e pais que falam do desejo visceral de "comer" o pé do filho, a barriga do filho e/ou devorá-lo inteiro em nome desse amor), isso produzirá efeitos diretos na sexualidade futura da criança, dada a impossibilidade de contenção e tradução desse potencial erótico despejado nela, que acaba como algo irrepresentável. A inocência infantil a ser preservada acaba por ser contaminada.

Falamos acima de relações fusionais patologicamente intensas entre mães e filhos, em que um pai muito distante e uma mãe excessivamente próxima favorecem a exposição do filho a situações com conotação sexual com intensidade maior do que ele poderia suportar. Mencionamos ainda os prejuízos daí decorrentes quando tais meninos enfrentam uma sensualidade precoce tão intensa que enseja cisões radicais dos afetos sexuais e dos sentimentos amorosos, criando um "compartimento hermeticamente fechado em sua mente" (ADAMS; MORGAN, 2007, p. 88). Dessas cisões resultam sérios problemas futuros, a exemplo de homens que suprimem a sexualidade por medo, para não ferir a lealdade a suas mães excessivamente dependentes e acabam se tornando "sexualmente anoréxicos".

Vimos que, entre meninos e suas mães, entre meninas e seus pais e, igualmente, entre pais e filhos do mesmo sexo (como no caso de Madame Sevigné, no item 2.7), pode ocorrer a violação de limites pulsionais pela simbiose no curso do desenvolvimento sexual; e o laço filial acaba impregnado de um conteúdo romântico e/ou de energia sensual ou sexual geradora de conflitos quanto ao desejo por outros parceiros em relações exogâmicas, assim como eivado de dúvidas quanto a sentimentos românticos e à possibilidade de intimidade e compromisso.

É exatamente a esse aprisionamento no pré-edípico que se referem os casos de relações fusionais, à dificuldade de certos analisandos de se separarem de suas histórias precoces em virtude de invasões, excessos ou cobranças e demandas descabidas dos entes parentais e, sobretudo, aos percalços que eles enfrentam para abandonar os movimentos regressivos e seguir em direção à autonomia e à maioridade que ensejaria uma caminhada para frente.

Na verdade, uma das grandes dificuldades na travessia do complexo de Édipo é a de abrandar a força do pré-edípico, do endogâmico, da identificação primária com as figuras parentais para dar lugar a relações de objeto livres, independentes e exogâmicos.

O declínio do complexo de Édipo deve afastar da cena, aos poucos, a relação exclusiva com um dos genitores e suas fantasias correlatas, dando ensejo a novas relações de objeto vividas fora do núcleo familiar. Uma relação incestuosa, aberta ou camuflada, profana a dimensão sagrada do "templo" familiar, que funciona como limite psíquico necessário ao senso de identidade de cada um. Quando a libido ultrapassa a barreira incestuosa, ela se converte em pulsionalidade mortífera, porque tal ato está diretamente ligado ao movimento regressivo de retorno às identificações primárias.

Loewald (1979) recupera a ideia de *Totem e Tabu* (FREUD, 1913), segundo a qual o tabu ao incesto é mais universal do que as moralidades impostas em cada sociedade, que impedem as relações endogâmicas. A interdição de tais relações incestuosas não tem um caráter apenas moralizante, normativo ou restrito a determinadas culturas e leis, mas, sim, assume uma conotação universal, vez que a sua transgressão trará a sensação de profanação daquilo que deve ser preservado e resguardado no âmago do ser. Há algo que é estrutural nesse interdito.

Por outro lado, quando a destruição parricida se converte em liberação da pulsionalidade erótica, com a elaboração da culpa e com a saída pela via da reconciliação e da reparação, abre-se o horizonte para a sexualidade madura e genital.

Como visto, a travessia do complexo de Édipo de Loewald é uma condição para o acesso à vida adulta, tanto em termos narcísicos quanto eróticos. E, para isso, é preciso delimitar bem o campo do sagrado – o fundamento narcísico de cada um de nós – para abrir o campo do desejo exógeno e permitir que o indivíduo possa estar apto a sonhar, amar, desejar intensamente, contestar, rivalizar, destruir autoridades e construir a sua própria história.

Há um declínio gradual do complexo de Édipo, que não é totalmente destruído nem no caso de meninos, nem de meninas. Por isso, ao longo da vida, haverá inúmeras situações nas quais o indivíduo terá de assassinar a autoridade de alguém, investindo contra a sua soberania (ou seja, cometer parricídios) e novamente será tomado de angústias e culpas, a serem elaboradas para que se faça a trilha necessária ao crescimento.

Cria-se, assim, um novo âmbito de reconciliação, no qual o sujeito mata a autoridade e se reconcilia com ela na medida em que pode interiorizá-la, o que se dá repetidas vezes. Ou seja, o declínio do complexo de Édipo gera um trabalho interminável entre o domínio do sagrado e do profano, um trabalho que se repete durante toda a vida do sujeito, em várias fases.

Tratamos do complexo de Édipo sob essa nova roupagem, nele incluindo noções explicitadas por Loewald quanto ao pré-edípico, para evidenciar que o dilema de que estamos cuidando nesta pesquisa – entre a fusão e a separação – deve também ser inserido na apreciação das lutas e conflitos edípicos concebidos em sentido amplo, já que a problemática de tornar-se autônomo psiquicamente tem uma relação direta com o separar-se dos desejos originários de perpetuar uma relação de exclusividade com um dos genitores; e também porque a formação do superego como organizador do psiquismo é uma conquista do processo de separação-indivuação.

O aporte teórico deste tópico nos faz pensar que há muito mais questões psíquicas contidas na situação edípica do que pôde ser descrito na obra freudiana, ponto antevisto e reconhecido por Freud, ao ressaltar que as questões da identificação primária e da simbiose poderiam trazer uma nova compreensão sobre o complexo de Édipo (*apud* LOEWALD, 1979).

Com as investigações psicanalíticas mais frequentes e o maior interesse sobre esse momento inicial mais primitivo e seus impactos na vida mental, Loewald nos coloca em contato com a ideia de que também uma vida psíquica normal é atravessada por correntes inconscientes muito profundas que geram vicissitudes e produzem núcleos psicóticos no atravessamento da unidade narcisista primária rumo a uma separação-indivuação.

O autor nos ensina que, apesar dos ganhos objetivamente conhecidos com a aquisição da autonomia por um indivíduo, há algo que deve ser reconhecido – e de fato vem sendo revelado em muitas pesquisas psicanalíticas – justamente em sentido oposto à indivuação: trata-se do esforço "que busca unidade, simbiose, fusão, união, identificação – qualquer nome que se queira dar a essa sensação e desejo de não separação e não diferenciação" (*ibid.*, p. 398). É desse esforço poderoso, enigmático e enraizado no inconsciente mais profundo que tratamos aqui.

5.4 MÃE E PAI COMO ENTIDADES CINDIDAS. A FANTASIA DO INIMIGO E A FANTASIA DO SALVADOR.

Neste momento de nossa apreciação, persiste muito viva a indagação sobre a motivação das saídas buscadas por esses analisandos, dos escapes que se manifestam sob as formas de adições e compulsões das mais diversas, que fundamentam suas queixas iniciais ao chegarem em análise, mas que, no fundo, albergam, muitas vezes, questões bem mais profundas.

O ponto central nessas escutas, como vem sendo dito, é a forte ligação entre esses pais e filhos, aliada à dificuldade de separação, seja porque os pais não permitem, não favorecem ou não ajudam no processo de emancipação, seja porque os filhos não querem, consciente ou inconscientemente, fazer uso de seus recursos para a busca de autonomia, seja, ainda, porque não aguentam a separação ou temem demasiadamente o mundo lá fora, devido às fortes angústias de separação que carregam.

Cabe mencionar, neste item, que além das angústias de separação citadas no Capítulo 4, alguns desses indivíduos também são atormentados por angústias persecutórias.

Como pensar nas medidas de escape e entorpecimento como as adições e compulsões? A que servem? Qual o seu elemento propulsor? Qual a forma teórico-clínica de melhor escutá-las?

Para beneficiar a nossa análise, passamos a esquadrihar alguns aspectos bastante relevantes da teoria kleiniana como o uso de defesas mais radicais, a exemplo de cisões dos objetos da vida do analisando em uma polarização muito extremada entre objetos bons e objetos maus. Para tanto, em nossa busca usaremos os ensinamentos de dois autores pós-kleinianos, Ronald Britton e Paula Heimann, para falarmos de um importante ponto: o uso das drogas e a função das compulsões como recursos para aplacar os objetos maus internalizados pelo sujeito.

Paula Heimann (1942) trabalha essa questão das adições em um texto muito ilustrativo no qual fala de um caso clínico de uma paciente viciada em morfina. A hipótese interpretativa que ela levanta é a de que a morfina era usada pela analisanda para aplacar seus *demônios internos*. Ela estaria intoxicada por maus objetos, muito persecutórios, que precisavam ser enfrentados, por isso usava a morfina com uma medida de neutralizá-los, entorpecê-los e fazê-los dormir.

Precisamos, portanto, ter em mira que estamos tratando da dificuldade extremada de separação desses entes fusionais, mas é preciso visar também um aprofundamento na problemática do uso de entorpecentes para lidar com os maus objetos cindidos, que se tornam extremamente perigosos quando incorporados em razão de fantasias inconscientes de alguns desses indivíduos.

Para fazer um elo de ligação entre tais pontos vale pensar em alguns temas: a princípio, avaliaremos a dificuldade de tais indivíduos quanto ao acesso à posição depressiva, e também o conseqüente recurso às cisões radicais entre bons e maus objetos; em seguida, apreciaremos o tema da criação da fantasia inconsciente do *inimigo* (objeto totalmente mau) e do *salvador* (objeto totalmente bom), para, por fim, pisarmos em um solo mais firme a ponto de pensar na teoria de Heimann sobre a busca de entorpecimento para neutralizar os maus objetos internos.

Sigamos então nessa trilha construída pelos dois citados autores pós-kleinianos.

No texto de Loewald, como vimos, fica ressaltada a importância de considerarmos o complexo de Édipo sob os ângulos da sua entrada, sua travessia e seu declínio. Cabe trazer ao nosso campo de estudo, então, uma visão que auxilia o estudo das relações fusionais, apreciando-as sob outro ângulo: a ideia de Ronald Britton, psicanalista da linhagem kleiniana, sobre as dificuldades de acesso à posição depressiva como uma forma de comprometer a separação entre mãe e filho ou pai e filha, além do uso defensivo do que ele chama de *ilusões edipianas*.

Como visto ao longo desta tese, quase sempre as relações simbióticas com um dos pais se constituem em detrimento do terceiro, ou, mais incisivamente, com a exclusão do terceiro, esboçando-se, em diversos casos clínicos, uma configuração sintomática menos neurótica e mais *borderline* ou narcísica, ou seja, mais regressiva. Nesses casos, predominam relações diádicas que não permitem o aparecimento da raiva, do ressentimento, do despeito, dos ciúmes, pois a relação é exclusivamente com a mãe ou com o pai.

Britton (2003a) dedica-se a estudar os acréscimos significativos aos ensinamentos freudianos sobre o Édipo, dando grande destaque às contribuições de Melanie Klein e, sobretudo, à noção kleiniana de *situação edipiana*, que gerou uma ampliação do conceito originário de complexo de Édipo para nele incluir uma fase anterior aos quatro anos de idade da criança.

Para desenvolver a ideia kleiniana de entrelaçamento do Édipo à noção kleiniana de posição depressiva, Britton percorre uma trilha histórica sobre o "nascimento" do conceito de Édipo. O autor começa pela *carta de 1897 de Freud a Fliess*, na qual Freud menciona a descoberta da existência de impulsos hostis de filhos contra os pais, mais especificamente de um desejo de morte dirigido "no caso dos filhos contra o pai e no caso das filhas contra a mãe", o que ele então investigava baseado em um sonho narrado pela babá Lisl. No mesmo ano, Freud relatou a Fliess que alguns elementos da sua autoanálise o faziam crer que esses desejos poderiam ser universais, evocando, para tanto, o drama grego Édipo Rei como um protótipo do que cada membro da plateia viveria "em germe e fantasia" quanto aos próprios pais. Em tais escritos já aparecem, assim, as ideias centrais do complexo desenvolvido mais adiante: "um desejo de morte em relação ao pai do mesmo sexo, e um sonho de realização de desejo ou mito de tomar o lugar de um dos pais e casar com o outro"³⁰ (BRITTON, 2003a, p. 54).

A denominação de *complexo de Édipo*, porém, apareceu apenas no texto *Um Tipo Especial de Escolha de Objeto pelos Homens* (FREUD, 1910b), no qual fica evidenciado o

³⁰ "Mas a lenda grega capta uma compulsão que toda pessoa reconhece porque sente sua presença dentro de si mesma. Cada pessoa da plateia foi, um dia, em germe ou na fantasia, exatamente um Édipo como esse, e cada qual recua, horrorizada, diante da realização de sonho aqui transposta para a realidade, com toda a carga de recalçamento que separa seu estado infantil do seu estado atual" (FREUD, Carta 71 a Fliess, 1897).

caráter conflitivo entre o relacionamento exclusivo que a criança deseja ter com a mãe e a ideia de existência de uma relação sexual prévia entre os pais. O menino passa a desejar a mãe de um jeito novo ao descobrir sobre a sexualidade dela e passa a odiar o pai, como o rival que impede o exercício desse desejo.

Seria um desvio neste momento buscar o aprofundamento do conceito de Édipo na obra freudiana, por isso a escolha que adotamos é a de usar apenas alguns elementos introdutórios sobre a origem do conceito em Freud para podermos apreciar mais de perto a questão que nos mobiliza nesta tese, norteados pelas seguintes questões:

Quais as questões intrapsíquicas do filho e da filha que aparecem nos vínculos fusionais? Que desejos inconscientes de filhos envolvidos em relações desse tipo são gatilhos para que eles fiquem emaranhados com suas mães e pais?

A fantasia primitiva de uma relação exclusiva com o pai ou a mãe, quando não elaborada, gera efeitos nesses laços? Há, nesses casos, uma mistura ou confusão entre objetos de identificação primária e objetos de desejo?

Para Britton (2003a), Klein tem o grande mérito de incorporar a *cena primária* e as *fantasias primárias* ao complexo de Édipo, usando, para tanto, o conceito de *situação edipiana*. As *fantasias primárias* seriam uma versão infantil criada para explicar o ato sexual dos pais, cujo aparecimento foi observado por Klein ao conduzir análises de crianças pequenas, que encenavam atos idílicos ou violentos como tema em suas brincadeiras. Aliado a isso, ela descobriu também que as fantasias agressivas das crianças, quando direcionadas à relação dos pais, traziam culpa e desespero e apareciam associadas a um desejo de reparação do dano.

Klein afastou, em sua teoria, o caráter concreto que Freud atribuía à ideia de *cena primária* como o testemunho efetivo do coito entre os pais por uma criança em idade muito precoce, defendendo que a cena primária poderia se referir à fantasia infantil dessa união sexual entre ambos, sem que ela houvesse necessariamente testemunhado tal ato.

Além disso, a ideia restritiva de *cena primária* real foi ampliada e passou a abranger outras cenas agressivas ou violentas entre os pais, assistidas ou imaginadas, com potencial de gerar no filho a vivência de uma exclusão intolerável às suas capacidades, quer em razão da impossibilidade de representação do vivido, quer em razão da quebra da fantasia primária de uma relação exclusiva com a mãe. São cenas marcadas simultaneamente pela passionalidade e pela exclusão que abarcam não apenas a ideia de prazer, mas também, alguma carga de violência vivida entre os pais, sem a inclusão do filho, que colocam em curto-circuito as suas capacidades elaborativas.

Como dito, Klein (1928) sustentou a existência da *situação edipiana* em um período arcaico, um Édipo precoce, que se configura antes mesmo do complexo de Édipo em sentido estrito. Para ela, tal fase influenciaria diretamente o desenvolvimento do impulso epistemofílico da criança e, nos casos em que persistiam mistérios indecifráveis para o infante sobre a sexualidade dos pais, haveria a possibilidade de uma correlata inibição no desejo de aprender dos filhos.

Segundo observações clínicas de Klein (1928, 1945), podiam ser detectados sentimentos de culpa em crianças muito novas, o que decorreria de um superego arcaico construído por introjeção das figuras paternas. Diante das frustrações da criança por falhas e desajustes da mãe e do incremento das excitações desprazerosas decorrentes das fantasias inconscientes de exclusão, surgiam os afetos de raiva, inveja e ciúmes e essa vivência fazia com que ela projetasse sua agressividade no ambiente. A criança, então, ao atacar o ambiente, passava a ter medo da revanche, e, dado o retorno do seu próprio sadismo, temia as figuras paternas como ameaçadoras. Haveria, por isso, uma diferença entre a angústia decorrente da *culpa* por tal projeção, dada a expulsão da agressividade nos objetos impregnados do sadismo infantil (*angústia depressiva*) e a que deriva do *medo* (*angústia persecutória*), dada a fantasia das figuras parentais como perseguidoras.

Se, nos primeiros meses, há um bebê que se relaciona com a mãe como um objeto parcial, a ser consumido por ele de acordo com as suas necessidades, o desmame irá trazendo à cena uma mãe que pode ser apreendida como objeto total porque, com seu afastamento, o bebê pode reconhecê-la como um outro ser, já inteiro, que há de ser preservado e cuja ausência ele teme. Assim, quando os sentimentos de amor e ódio do bebê são dirigidos à mãe já apreendida como *total*, surgem sentimentos de culpa pelos ataques e pelos danos infligidos, além do medo de perdê-la.

O bebê parte, portanto, de uma posição esquizoparanoide, dividida e fragmentada, podendo acessar uma nova posição caso tenha condições de elaborar essas perdas. Diz Britton (2003a, p. 58) que a passagem à posição depressiva seria uma forma de integração entre "um mundo separado, de bem-aventurança fora do tempo num universo ideal"; e um mundo de "terror e perseguição", como se eles pudessem se transformar "em um mundo só". Seria a junção de "experiências contrastantes de enlevo e de horror" como provenientes de uma única fonte.

Para Cintra e Figueiredo (2010, p. 83), a predominância da posição depressiva sobre a paranoide significa ter havido "uma firme introjeção de um objeto bom, o que é decisivo para a capacidade de amar e reparar", ou seja, uma introjeção da experiência positiva entre a necessidade da criança e o que o ambiente pôde efetivamente lhe proporcionar, que aumenta a capacidade de o aparelho psíquico tolerar estados transitórios de privação ou frustração, por ser

uma forma de preenchê-lo com experiências prazerosas, criando uma "reserva" interna de boas experiências que podem valer como garantia de acesso ao prazer e à segurança.

Ao desenvolver a ideia de integração de objetos bons e objetos maus como forma de elaboração da posição depressiva, devem ser pensados, então, os efeitos em relação aos cuidadores do sujeito. Deriva daí a ideia de que, nessa fase de elaboração, a criança irá começando a perceber tanto a existência em separado da mãe, como também o fato de que ela pode ter relações com outras pessoas. Para isso, é necessário que a criança possa se enlutar e ir renunciando aos poucos à ideia de um mundo ideal, repleto apenas de objetos bons. Deverá aos poucos renunciar aos pais ideais e ir introjetando as figuras paternas reais no seu mundo psíquico.

Klein (1933) afirma que na posição paranoide há uma cisão entre as figuras excessivamente boas ou más, e os mecanismos defensivos – negação, expulsão e projeção – são mais radicais. Nesses casos, quando há dificuldade de elaborar a posição depressiva, vigora uma forte desconfiança dos objetos e uma baixa capacidade de identificação com os pais, experimentados como perseguidores externos contra os quais defesas deverão ser organizadas.

Britton (2003a) fala sobre casos de cisões muito radicais entre *seio bom* e *seio mau* em sujeitos que permanecem na posição esquizoparanoide, o que vai significar que, na fantasia, apenas um dos genitores concentrará o lugar de bom e terá todas as qualidades positivas, ao passo que serão atribuídas ao outro todas as falhas e privações experimentadas pela criança.

Um genitor acaba sendo intensamente idealizado e o outro vira o portador de todo o mal. Um é idolatrado; o outro é demonizado. Um vira o salvador; o outro, o inimigo.

Mas por que essas defesas arcaicas seriam mobilizadas?

Segundo a teoria kleiniana, os processos de cisão mais radicais se justificam em casos em que precisam ser cindidas as más experiências do indivíduo, que se tornam intoleráveis dada a sua intensidade. Nessas situações, o sujeito se defende separando radicalmente os objetos maus dos objetos bons em virtude de sua impossibilidade de sustentar a ambivalência: mesclar no objeto características positivas e negativas, amá-lo e odiá-lo simultaneamente.

O que ocorre, contudo, é que, por se tratar de uma defesa precária, na fantasia inconsciente do sujeito que recorreu à cisão, o objeto mau acaba por se fortalecer, assumindo uma natureza de indestrutível (KLEIN, 1952). Como resposta à cisão surge então a necessidade de aderir a outra fantasia contraposta a essa: a de um objeto bom, mas igualmente indestrutível, ou seja, a fantasia de um objeto totalmente bom, idealizado, ao qual o sujeito poderá permanecer colado com o fim de gerar uma experiência boa suficientemente forte para combater a má experiência prévia.

Como dito acima, Paula Heimann (1942) nos fornece um interessante exemplo desse uso de defesas radicais, como a cisão entre objetos bons e objetos maus. Ela nos conta o caso de uma paciente viciada em morfina que procura análise em razão das dificuldades que passou a enfrentar no seu ofício como pintora. A sua capacidade de ser criativa e de adotar alguns processos de sublimação enriquecedora do ego havia sofrido sério comprometimento e ela começou a apresentar diversos núcleos psicóticos a que chamava de "demônios internos".

Na faixa dos 30 anos, a analisanda era uma mulher inteligente e atraente, de uma família de classe média, mas que, em razão do trabalho do pai, acabara por se mudar repetidamente de casa durante a infância e a adolescência. Como ela possuía um irmão apenas um ano mais velho, ele tornou-se sua companhia mais íntima ao longo dessas mudanças e também o objeto de inúmeros joguetes sexuais que geravam prazer, culpa e ansiedade. A relação deles comportava afetos intensos de amor e ódio, posse e ciúmes, culpa e inveja. E, além dessa relação intensa e tumultuada com o irmão, foi também aparecendo no curso do processo analítico o mecanismo da analisanda de cindir radicalmente seus genitores entre o bom e o mau objeto. O pai era completamente bom, e a mãe, completamente má, "burra, sem graça e com a mente limitada" (HEIMANN, 1942, p. 21). As boas experiências com a mãe eram inteiramente negadas.

O pai havia abandonado a mãe no início da adolescência da paciente e retornou ao lar alguns anos depois como um homem "quebrado" e viciado em álcool, tendo sido o alcoolismo a causa da sua morte precoce. A analisanda então passou a se desinteressar pelos estudos, fracassar na escola, sofrer longamente de depressão e ser constantemente pressionada por pensamentos suicidas, inibições no seu trabalho como pintora e problemas sexuais, além de uma grave adicção em morfina, o que a fez buscar o tratamento quando mais velha.

A hipótese suscitada por Heimann era a de que ela usava a morfina para fazer adormecer seus maus objetos internos, porque ela estava intoxicada de angústias persecutórias³¹.

A gravidade do adoecimento e da adicção em morfina e o caráter mais persecutório das suas angústias, todavia, só puderam ir aparecendo com o passar do tempo. A analista foi percebendo que a analisanda era habitada por fantasias inconscientes de ser possuída e habitada por demônios internos que vagavam dentro dela causando dores físicas (dores de estômago seguidas de vômitos) e dores emocionais que paralisavam suas atividades produtivas e que a

³¹ A mesma teoria é defendida por Herbert Rosenfeld, que confere às adições a natureza de defesas maníacas fundadas na idealização, na onipotência dos pensamentos, no controle de objetos e na identificação com o objeto ideal contra ansiedades primitivas originadas na posição esquizoparanoide. O uso adictivo das drogas seria para o autor uma forma de manter o objeto bom separado do objeto mau em virtude de uma fixação patológica na posição esquizoparanoide (1968, p. 149, *apud* HUMBERG, 2014, p. 69).

dominavam. As fantasias inconscientes começaram a tomar uma proporção violenta, sob a forma de ataques contínuos à analisanda, que se sentia sendo devorada por dentro. Contra as angústias persecutórias, ela usava morfina e assim colocava "para dormir" seus demônios, deixando-os drogados ou paralisados, mas a angústia persecutória apenas era aplacada temporariamente. Com o tempo de análise tais demônios foram reduzidos a dois: os *demônios azuis da pintura* e os *demônios da morfina*, representantes dos seus pais em antagonismo um com o outro ou, às vezes, representando o casal parental em aliança contra ela (HEIMANN, 1942, p. 23).

Para Heimann, a agressividade que a analisanda projetara no casal parental em razão dos ciúmes e da ansiedade que sentira parecia reverter como ataque a ela e eles se tornaram, na sua fantasia, agentes de sua destruição. Tais demônios eram, portanto, representações distorcidas do seu pai, da sua mãe e também do seu irmão, em razão da projeção de seus impulsos hostis e destrutivos, o que ensejou a incorporação deles como objetos internos persecutórios. Havia também, em oposição a essa imagem dos pais, outra imagem idealizada do casal parental, juntos e em harmonia com seus filhos, que a analisanda relacionava à sua criatividade, à bondade e ao amor.

A partir da análise dos seus objetos internos demoníacos, a infância da paciente começou a ser reconstruída e com a simbolização e compreensão dos processos internos que ela experimentou na infância e na adolescência, a dependência de morfina começou a diminuir.

O que se observa em tais situações de cisões muito radicais do casal parental entre objetos bons e objetos maus, o inimigo e o salvador, é que não há triangulação edípica, muito menos a entrada na posição depressiva, que faria com que pai e mãe pudessem ser apreendidos como objetos "mesclados", comportando o bem e o mal, além de serem reconhecidos na sua diferença e na sua alteridade. Os ciúmes transbordam. A hostilidade se intensifica. E os afetos hostis projetados nos entes parentais voltam sem trégua ao mundo interno do filho.

Desde 1952, Klein defendeu expressamente que "os estágios iniciais do complexo de Édipo e a posição depressiva estão intimamente ligados e desenvolvem-se simultaneamente". E qual seria o fundamento de tal ligação? Para ela, quando a criança começa a tomar ciência do objeto, ocorre sucessivamente a consciência de si no tempo e no espaço, assim como da mãe total, separada e possuidora de outras relações; ou seja, passa a haver a representação inicial da existência de um terceiro, de um "outro da mãe". Diz Britton (2003a, p. 58, grifo nosso) que "a posição depressiva é *provocada* por esse maior conhecimento do objeto".

Na posição esquizoparanoide, a criança já consegue perceber que a sua mãe tem "outros" (outras relações, amores, interesses e demandas) e já sabe que ela tem uma relação prévia com o pai, por isso começa a entrar em contato com uma configuração triangular de alguma maneira.

Ocorre que a criança, para fugir da exclusão decorrente da entrada do terceiro, acaba formando uma dupla ligação diádica simultânea, isto é, mantém uma relação diádica com o bom objeto e uma relação diádica com o mau objeto. Por isso, não temos aí ainda uma triangulação.

Uma relação substancial existe quando podemos sustentar o reconhecimento da ambivalência direcionada à mesma pessoa, ou seja, quando podemos reconhecer que "odiamos aquele que sentimos como a mesma pessoa que amamos" (BRITTON, 2003a, p. 60). Todavia, indivíduos que se tornam incapazes de sustentar tal ambivalência acabam por adotar a defesa esquizoparanoide de considerar um genitor "permanentemente bom" e outro "permanentemente mau" e essas cisões geram efeitos em suas relações futuras, vez que o indivíduo preso a tal divisão passará a reencenar as mesmas defesas em sua vida adulta.

No fundo, a triangulação edípica impõe uma exclusão moderada e uma inclusão também moderada do filho na relação dos genitores, ou seja, uma simultaneidade de inclusão e exclusão para viabilizar o declínio do complexo de Édipo e para que o sujeito possa estabelecer relações objetais mais sadias, com menos projeção de maus objetos ou de bons objetos muito idealizados. Como demonstrado no tópico anterior, a repressão do complexo, para Freud, é a base da neurose e o seu declínio abre o caminho necessário para um desenvolvimento saudável, o que se encontra diretamente ligado ao processo de luto e à internalização das figuras parentais.

Em contrapartida, a permanência na posição esquizoparanoide e a dificuldade de elaboração dessas cisões maciças entre objetos bons e maus, assim como o sucessivo alojamento de objetos maus no psiquismo do sujeito, abrirão espaço para manifestações mais graves de núcleos psicóticos, permeados por angústias persecutórias que se repetem compulsivamente e, por isso, requerem medidas aplacadoras ou pacificadoras como as que vemos nesses casos clínicos.

Se for possível perceber que a relação que os pais mantêm entre si não exclui a relação que existe entre o filho e os pais, vai sendo pavimentado o caminho de acesso à triangulação do Édipo e os objetos primordiais, pai e mãe, assumem suas identidades próprias.

A bem da verdade, a experiência de exclusão não precisa ser necessariamente catastrófica; ela pode ser tolerada. Para alcançar a ideia da autonomia e amadurecimento nas relações de objeto, o indivíduo não pode continuar imaginariamente fusionado a objetos, mas também não pode se desesperar por uma exclusão completa, absoluta e mortífera.

Nessas situações edípicas poderíamos pensar na presença de um terceiro, que teria como função principal a de interditar a fusão e instaurar uma triangulação edípica bem constituída, viabilizando a travessia e o declínio do complexo de Édipo pelo filho sem deixar que vigorem de forma preponderante as fantasias exclusivistas ou incestuosas.

A situação edípiana e a posição depressiva estão em constante elaboração a cada nova fase da vida do sujeito, que naturalmente lutará para minorar os sofrimentos dessa travessia.

Cabe apreciarmos, por ora, outras estratégias usadas para driblar as dores da travessia edípica, a exemplo das ilusões edípianas, de conotação muito menos grave que a das cisões radicais que citamos, mas igualmente de ordem defensiva e produtora de efeitos dignos de nota.

5.5 AS ILUSÕES EDIPIANAS

Sobre o conceito de *ilusões edípicas*, pensemos por um instante em um recorte do mito de Édipo, trazendo a lume duas cenas: a primeira delas é especificamente o momento em que Laio barra a passagem de Édipo quando eles se encontram na encruzilhada da cidade de Tebas. Ali há um símbolo do obstáculo imposto pelo pai ao desejo do filho; ou seja, emerge uma representação metafórica que pode ter uma aplicação mais universal sobre a necessidade de corte ou restrição ao desejo ilimitado da criança quanto à posse exclusiva da mãe. Se nos transportarmos para uma segunda cena, por outro lado, teremos a visão de Édipo sentado no trono com sua "esposa-mãe" cercado por toda a corte. Para Britton (2003a, p. 63), que nos convida a esse recorte, a última cena representa uma ilusão edípiana encenada, ou seja, uma imagem na qual "a ilusão reina soberana".

As ilusões edípianas são conceituadas por esse autor como defesas que aparecem no atravessamento edípico de alguns pacientes aprisionados nos dramas da própria travessia com seus sofrimentos e dores. Eles criam tais ilusões como se pensassem: "aceito a triangulação, pois existimos os três, eu, minha mãe e meu pai, mas não aceito a minha exclusão". Engendra-se desse modo uma relação privilegiada com um dos genitores no campo imaginário.

A criança admite que existem outros interesses da mãe ou do pai, isto é, que existam os "outros do outro", mas esses outros não são sequer considerados possíveis rivais, uma vez que vigora a fantasia da criança de que ela irá prevalecer sobre eles. Há, em resumo, uma aceitação da triangulação, mas não da exclusão.

Para manter a ilusão edípiana, a criança destitui geralmente a figura do genitor do mesmo sexo, qualificando-o como inadequado e/ou inconveniente, o que seria uma razão suficiente para que fosse ele o excluído. Assim, o menino suprime o pai da cena e a menina suprime a mãe, mantendo com o ente do sexo oposto uma relação privilegiada que lhe permite ficar imune ao sentimento de exclusão. Com isso, fica reprimido o reconhecimento do casal parental e fica eliminada a história de como o casal se formou.

Essas ilusões podem ser frequentes no desenvolvimento normal, podem ter um caráter transitório e gravitar nos ciclos de ilusão e desilusão, mas as marcas patológicas aparecem quando a ilusão ocupa um lugar tão proeminente que inviabiliza o declínio do complexo de Édipo.

Se, inspirado por uma ilusão edipiana, o sujeito executa um parricídio imaginário – "mata" um dos genitores com base no desejo inconsciente de ter uma relação exclusiva com o outro –, mas esse ato não produz culpa, há sérios problemas, visto que a ideia de assumir a autonomia e a responsabilidade pelo seu "grito de independência" requer o processo de luto, a elaboração de culpa e um caminho pela via da reparação e da introjeção das figuras parentais.

Consideremos a ideia de *Totem e Tabu* (FREUD, 1913/2016), de que o filho possa "matar o pai e fazer um banquete totêmico", ou seja, comemorar o parricídio e "comer o pai", introjetando as suas qualidades, sua força e seus imperativos morais e criar, entre irmãos, as próprias leis e as próprias regras. Nesses casos em que a culpa pelo parricídio é excluída, o processo não enseja autonomia, mas, ao contrário, consoma a ideia de uma relação incestuosa, regredida e mortífera, com um objeto de identificação primária que se transmuda indevidamente em objeto de desejo.

Algumas relações fusionais aqui apreciadas trazem, em geral, essa distorção grave. Quando se considera que "Fulano não conta" (na condição de par do pai ou da mãe), seja por seu baixo valor, seja porque já "morreu", tal exclusão não produz culpa. É essencial poder encontrar um rival que vale a pena e cuja morte possa ser comemorada, tendo como matéria-prima a culpa e a necessidade de reparação para que se possa fazer a "festa totêmica", brindar a emancipação e o direito adquirido a se enlaçar a objetos fora da família em relações exogâmicas.

A ilusão edipiana acaba fomentando relações incestuosas. Ela pode se estender pela história da vida do sujeito e pode ser mantida em relação à preterição de qualquer um dos membros do casal parental (ou seja, o pai ou a mãe podem ser os excluídos); ela será norteadada pela ideia da incompreensão sobre o motivo pelo qual os pais teriam virado um casal, o que cria uma série de dificuldades na própria autorrepresentação do filho.

No livro *Madame Freud*, Nicolle Rosen (2008) elabora um retrato íntimo da vida conjugal do Sigmund Freud e Martha Freud, usando como artifício as cartas supostamente trocadas entre a esposa do mestre de Viena e uma jornalista americana, baseando-se em fatos históricos e preenchendo lacunas sobre os vínculos familiares, com especial enfoque para a relação firmada entre Freud e sua filha, Anna Freud, que ela define como a "filha escolhida".

A autora conta ao leitor que, na cerimônia de cremação de Freud, em 26 de setembro de 1939, Anna era a pessoa mais importante e que ela atraía todos os olhares e homenagens, como

a herdeira da obra freudiana "a quem ele havia publicamente manifestado que ela importava mais que tudo a seus olhos" (ROSEN, 2008, p. 11).

Martha Freud, em uma de suas cartas, menciona o alto preço que Anna Freud teve que pagar em razão da sua relação com Freud: ela decidira cuidar do pai e ficar em casa com ele quando tinha apenas 25 anos e, como consequência, perdera (para a mãe) todo o charme e toda a feminilidade, assumindo um aspecto viril e passando a usar vestidos sem forma que caíam aos seus pés, "verdadeiros sacos", além de gorros enfiados na cabeça. Martha, em tom crítico, sustenta que Anna teria renunciado a qualquer sedução (*ibid.*, p. 11).

A esposa do mestre de Viena confessa que o tratamento diferenciado que Freud dedicava a Anna, que conquistara rapidamente o coração do pai, talvez fosse uma forma de ele reparar todo o mal que ela lhe fazia como mãe, repelindo-a sistematicamente. Ela declara: "essa última gravidez foi-me bastante difícil, e assim que a criança nasceu, afastei-me dela". Martha Freud se autocensura, destacando que uma mãe não poderia ter se comportado assim, mas se reconhece impotente para ter feito algo diferente. Em uma fala de triste impacto, diz: "Não aguentava mais e não sentia nada por aquela pequenina, a não ser repulsa" (ROSEN, 2008, p. 46).

No livro, aparece uma Martha Freud ressentida e amargurada, assumindo seus ciúmes pela inversão de papéis entre ela e Anna Freud, que havia se tornado a verdadeira companheira de Freud, incumbindo-se do papel mais importante da vida dele e mantendo com o pai uma relação de cumplicidade e amor, que para a mãe, era uma "relação de amor exclusivo e excessivo por ele" (*ibidem*, p. 184). Além de tudo, Anna ocupara também o lugar de sua acompanhante na doença, mais próxima do seu corpo do que qualquer outra pessoa.

É bem verdade que se trata de uma narrativa ficcional, mas não se pode negar que a pesquisa histórica feita pela autora e uma série de fatos públicos sobre Sigmund Freud e sua filha Anna atestam algo que parece ter ocorrido nos subterrâneos de tal vínculo. Martha jamais se conectara à filha, desde o seu nascimento, deixando claro que ela era uma criança que não desejava. Ela se ressentia da relação de Anna com o pai, acabando por aproximá-los ainda mais. Era com Anna que Freud gostava de passar o seu tempo livre e era nela em quem ele confiava no período final de sua vida. Por outro lado, Martha Freud não tinha condições de rivalizar com a filha intelectualmente e se resignava em ocupar um papel acessório e obediente, como uma coadjuvante que fazia a casa funcionar com perfeição, "uma mulher de dever, que assume suas tarefas com perfeição, sem jamais se deixar levar pela emoção" (*ibidem*, p. 33).

No livro, Martha relata não conseguir compreender como Freud teria aceitado que sua filha lhe dedicasse aquele amor exclusivo e excessivo, como se estivesse aprisionada. No esboço do retrato realista e também atormentado e cáustico de Martha, a autora coloca nas

palavras da esposa de Freud a dúvida sobre a relação entre pai e filha: "Ele a chamava de sua Antígona, esperando dessa forma assinalar o heroísmo que ela lhe demonstrava. Na verdade, ele revelava assim a origem incestuosa desse amor: *Antígona, filha de Édipo*"³².

A boa travessia do Édipo depende de se aceitar uma relativa exclusão e reconhecer a autonomia e o direito dos outros para escolherem as suas parcerias. A relação entre pai e mãe deve ser legitimada simbolicamente para lastrear a própria existência individual e psíquica do filho, visto que a percepção da criança de que os pais formam uma dupla independentemente dela tem o efeito de integrar o seu mundo psíquico, viabilizando outras experiências de inclusão positivas em que a criança pode exercer sua gratidão por firmar novas relações com outros.

Como vimos no texto de Loewald (1979), há inúmeras vantagens em cometer o parricídio quando ele não é disfarçado. Mas no caso das ilusões edípicas, em que ele vem disfarçado, há um parricídio sem as vantagens subjetivas da possibilidade de introjeção e das conquistas citadas por ele, como se o sujeito dissesse, hipoteticamente: "Não sou eu que mato; é o sujeito que não vale nada e que morre por si mesmo".

As agruras e dificuldades da travessia podem incentivar e potencializar novas ilusões às quais o indivíduo ficará aprisionado ou, nos piores casos, regredir para uma posição diádica na qual o terceiro não será reconhecido efetivamente. Desse modo, ele não poderá atravessar a posição depressiva, nem poderá haver o declínio do complexo de Édipo.

Diz Britton (2003b, p. 70) que, se a mente da criança conseguir tolerar "o vínculo entre os pais, percebido como amoroso e odioso", disso resultará "um protótipo para uma relação de objeto de um terceiro tipo, na qual a criança é uma testemunha e, não, um participante". Ela está ali relativamente excluída, mas tolerando a exclusão, o que gera uma terceira posição.

Vai sendo descoberto pela criança, aos poucos, que as relações podem acontecer simultaneamente e que é possível ligar-se a mais de uma pessoa. Para o autor, o triângulo da família origina dois elos separados ligando a criança a cada genitor, mas mantém a ideia de um terceiro elo, entre pai e mãe, que não a inclui. A passagem de uma relação dual para uma relação que envolve um terceiro só começa a se delinear com a passagem da posição esquizoparanoide para a posição depressiva.

Para Britton, o mundo bem instalado é exatamente uma expansão do espaço triangular, uma espécie de protótipo do campo no qual se pode usufruir como indivíduo, com muitas relações de objeto diversas com pessoas diferentes, vários coletivos de pessoas, mas onde também haverá exclusão em várias relações e apenas uma observação externa delas.

³² ROSEN, 2008, p. 185, grifos nossos.

5.6 AS SAÍDAS DEFENSIVAS

Relembrando os casos clínicos citados nesta tese, observamos que Damiana (item 1.4) usava a defesa da *reparação onipotente* diante das cobranças excessivas e queixas infundáveis formuladas nas ligações telefônicas de sua mãe aos domingos. Em razão do laço firmado como a "melhor amiga" da genitora, ela não podia reconhecer quaisquer de seus limites para resolver os problemas da mãe nos dias de segunda-feira, ainda que se sentisse profundamente invadida. Damiana sentia raiva, irritação e vontade de cortar a ligação telefônica; era tomada pela culpa, e, após a "ressaca emocional", sentia-se imbatível, "uma fortaleza", e afirmava, de forma onipotente, que já estava acostumada a cuidar da genitora desde pequena.

Já Henrique (item 1.4) adotou a *perversão* como saída, o que aparecia em seus relacionamentos sucessivos com mulheres a quem ele chamava por números (a "número 3", a "número 4") e com quem jamais se comprometia ou se envolvia emocionalmente, tudo isso para compensar o que viveu ao ser colocado precocemente como "melhor amigo e confidente" do seu pai, ouvindo histórias carregadas de sexualidade e violência cedo demais.

Marla (item 2.2) teve sucessivos casos fracassados com homens mais velhos para poder lidar com a sua sensação de desvalia e de que nenhum homem jamais se equipararia ao seu pai, o que teve como elemento motivador a relação indevidamente romantizada que ele cultivou com a filha desde a sua mais tenra infância.

Warren (Capítulo 3) encontrou na *masturbação* de caráter compulsivo o alívio para o peso que carregava em decorrência da sua relação fusional com a mãe.

Sam bebia regularmente e o *sexo virtual* era como "uma droga no sistema, que trazia para ele uma ilusão de independência" (item 4.4) para barrar a ansiedade que sentia por ter se submetido à mãe desde muito pequeno, o que se estendia até a sua vida adulta.

Mark (item 3.5) havia sido acusado de sedução por uma das fiéis de sua paróquia e havia mantido diversos casos em segredo com suas fiéis ao longo dos anos de sacerdócio; ele cometia pequenos furtos e tinha problemas de *compulsão* alimentar.

Nesses casos de relações fusionais nos chamam atenção as manifestações sintomáticas e as saídas defensivas pela via das compulsões sexuais, das compulsões alimentares, adições em álcool e drogas, além das relações em série e outras modalidades de adições.

Tais "saídas" podem ser albergadas, segundo pensamos, pelo conceito kleiniano de "reparações maníacas onipotentes" ou o que a autora chama de "métodos obsessivos pela via de atos compulsivos de modo a desfazer o que tinha sido feito na fantasia" (BRITTON, 2003a, p. 55).

Em tais casos, ficam explícitos os diversos efeitos deletérios que podem ocorrer quando o sujeito não consegue renunciar a uma relação privilegiada com um dos pais, sobretudo porque a manutenção de tais vínculos tem efeitos na sua ligação com a realidade.

Há de se pensar também nesses processos de escape e nessas encenações adictivas e compulsivas como mecanismos para lidar com a culpa por usurpação do espaço do faltante. Equivale a dizer que esses mecanismos podem ser igualmente encarados como tentativas de lidar com as culpas persecutórias que se abatem sobre o sujeito dada a ocupação indevida pelo filho do lugar de um terceiro adulto que se ausentou, distraiu-se, morreu ou não pôde interditar a fusão e ser suficientemente bom para aquela criança.

Tais indivíduos criam o que Britton chama de uma "ficção escapista", deixando à parte do seu psiquismo uma área de reserva na qual incide o princípio de prazer ilimitado sem o atravessamento do princípio da realidade, ou seja, uma área na qual está negada a realidade da relação sexual entre os pais e está mantida em fantasia a relação privilegiada entre mãe-filho ou pai-filha ou mãe-filha, pai-filho.

As compulsões e adições são adotadas como tentativas de sustentar essa ficção escapista e falando dessa reserva, declara Britton (2003b, p. 60):

Pode se tornar o lugar onde algumas pessoas *passam a maior parte de suas vidas* e, nesse caso, as relações são usadas para reencenar esses dramas apenas a fim de dar uma espúria pretensão de realidade a suas fantasias. Em outras a *reserva pode ser preservada como uma ilha de atividade, tal como uma perversão*, separada do curso principal da vida do indivíduo. (grifos nossos)

Nos casos aqui apreciados, fica bem caracterizada essa ideia de Britton de uma "ilha de atividade", com a natureza de uma perversão, "separada da vida principal do indivíduo", visto que, na maior parte deles as repetições mortíferas ocorriam clandestinamente, de forma segregada da vida "oficial" desses analisandos, vivida paralelamente àquilo que eles apresentavam à luz do dia. De fato, as cenas repetitivas de sexo virtual, compulsões alimentares e masturbação compulsiva descritas acima nos revelam, sobretudo, que, em vez de experimentar prazer em tais atos, eles encenavam uma solidão existencial continuada, como se recorressem a medidas entorpecedoras e calmantes apenas para se reconhecerem vivos, inteiros e separados do vínculo fusional.

Em tais casos, as relações externas do indivíduo seriam meras formas de reencenação desses dramas internos para dar a cobertura de um manto de realidade àquilo que é fantasia. O autor destaca que, quando acontece um "curto-circuito" na integração da posição depressiva, o indivíduo "pode recorrer a atos obsessivos e compulsivos para consertar o dano imaginado" (*ibid.*,

p. 57) e, nesses casos, fica comprometida a "capacidade para a formação de símbolos e o pensamento racional". Por isso, dado o afastamento da realidade, a solução perversa e a psicótica são acionadas antes da possibilidade de se ingressar em um campo de adocimento neurótico.

Relembrando o quanto descrito por Ferenczi (1933, p. 118), há possibilidade de que a vida sexual de certos indivíduos assuma formas perversas como uma das consequências de um abuso, aliada ao fato de que a criança obedece mecanicamente e fica fixada em uma atitude obstinada.

Apesar de Klein não ter se dedicado expressamente ao tema das adições, os autores que nela se inspiram usam seus conceitos de posições esquizoparanoide e depressiva, de ambivalências entre amor e ódio, de onipotência, cisão e idealização para tratar das defesas organizadas contra tais vivências precoces. A exemplo disso, Glover (1932, *apud* HUMBERG, 2014) defende que os pacientes que se entregam às adições ao álcool e outras drogas não estariam apenas fixados em fases anteriores do desenvolvimento libidinal, mas, na verdade, tentando fazer a reparação de um trauma precoce, ou seja, que um dos objetivos dos adictos seria batalhar repetidamente pela restauração do ambiente primário.

Já na teoria de Kalina, o adicto seria alguém que não consegue se separar da mãe em função do caráter patológico da simbiose, assim como do nível insuportável de angústias esquizoparanoides derivadas da separação, temendo a irrupção de suas partes psicóticas. As drogas servem como aplacadores das angústias, pavores e frustrações propiciados pela interação com a realidade (KALINA; KOVADLOFF, 1983).

Falamos no item 5.4 das angústias persecutórias e do retorno dos impulsos hostis projetados pelo filho no genitor, mas é preciso ressaltar que o uso das drogas acaba também funcionando como antídoto para o indivíduo evitar as angústias depressivas. Como a droga passa a ocupar o lugar de um objeto ideal incorporado ao mundo interno, o efeito que ela produz reforça a onipotência dos mecanismos de negação e divisão (HUMBERG, 2014, p. 70) e aplaca artificialmente perdas e frustrações, apesar disso se dar de forma provisória e precária.

O uso da teoria kleiniana por tais autores nos auxilia então a pensar nas interrelações dos adictos manifestada em dois pares de conflitos: as ambivalências entre amor e ódio e os impasses no trânsito da fase esquizoparanoide para a entrada na fase depressiva, em razão das intensas angústias persecutórias experimentadas por esses indivíduos.

A escuta de casos clínicos como os aqui expostos em cotejo com as medidas escolhidas por esses analisandos para encenar seu mundo interno solitário e mortífero poderá, muitas vezes, suscitar dúvidas sobre estarmos lidando com uma relação fusional como coisa inteira e indivisível, ou, por outro lado, com uma triangulação quebrada, imperfeita ou ineficaz, na qual

existem dois sujeitos enlaçados em fusão porque há um outro ausente, morto ou insuficientemente bom para o genitor fusionado ao filho.

Mas será que podemos pensar em uma coisa divorciada da outra? Pensamos que não, porque vão aparecendo nesses casos entrelaçamentos de causas e efeitos; ou seja, a rigor, quanto mais ausente, fraco, insuficiente, cúmplice ou realmente falecido for o terceiro que poderia criar alguma distância saudável entre os dois membros do vínculo fusional, mais forte poderá ser o enlace mortífero. Não seria, então, uma coisa ou outra, mas ambas produzindo efeitos deletérios.

Podemos então pensar, de um lado, em um enlace entre dois indivíduos que não conseguem se perceber separados e andam pelo mundo como se fossem, figurativamente, gêmeos siameses – assim como Douglas se sentia ao andar com a sua mãe na rua, como um substituto do gêmeo dela, imantado a ela, como uma metade dela e também uma metade de si mesmo. De longe, na rua, um observador veria duas pessoas caminhando, mas a natureza psíquica de ambos apontava para a existência de apenas uma unidade: a díade Marina-Douglas.

Igualmente podemos pensar em um filho que se culpa inconscientemente pela ocupação indevida de um lugar e, por trás da díade, persiste a sombra de um terceiro, por isso ele recorre às compulsões, às relações adictivas e às repetições mortíferas para negar ou escamotear essa parte da realidade. Mesmo não havendo uma triangulação bem-sucedida, esse outro pode aparecer inclusive nas escolhas sintomáticas de muitos desses indivíduos, o que acontece, por exemplo, quando Warren passa a se masturbar com as revistas pornográficas do pai, ou quando o padre Mark escolhe sua carreira e entra em crise em idade próxima a do pai, ou, até mesmo, do analisando Douglas, que busca a análise em idade próxima à da perda de autonomia do tio. Mark e Warren parecem buscar alguma possibilidade de identificação com a figura ausente. Vigora, assim, a ideia de ocupar o lugar de um morto. Isso se dá, também, no caso Douglas, em que emerge a questão de viver para além da idade do tio, ocupar seu lugar, mas não padecer de seu destino da loucura e morte precoce.

Existe algo de mortífero que esses sujeitos tomam para si, forçadamente, ocupando o lugar de um outro, o que os impede de serem inteiros e construírem uma história autônoma.

Ressoa algo de melancólico em todas essas histórias, por isso a história dos genitores se revela tão fundamental, já que eles carregam um luto interminável ou mal elaborado que continua reverberando incessantemente na vida dos seus filhos.

Esse tema nos leva diretamente ao estudo das patologias da transicionalidade.

CAPÍTULO 6 – PATOLOGIAS DA TRANSICIONALIDADE

Com a imagem usada na Introdução desta tese – de uma mãe que ajuda o seu filho a dar os primeiros passos – sustentamos que há genitores que auxiliam ativamente o processo de autonomia e emancipação de seus filhos, dando, inclusive, um "leve empurrão" (MAHLER, 1975/1993, p. 87) com o encorajamento e a oferta de recompensas que favorecem uma individuação saudável.

Esses impulsos autorizadores se reproduzem e se repetem ao longo da vida.

Podemos pensar em uma criança de quatro anos (ou mais) aprendendo a andar de bicicleta: a mãe ou o pai, que inicialmente segura a bicicleta enquanto corre ao lado do filho, deve soltá-lo para que ele viva a experiência de se equilibrar, ainda que titubeando no começo, com movimentos desencontrados, até dominar o trajeto e as curvas e seguir pedalandando sozinho. O olhar do pai ou da mãe e as palavras de incentivo gritadas ao longe enquanto o filho vai se afastando valem como um cordão que sustenta a transição entre o estar preso e o estar solto, entre a proteção e a liberdade, entre o temor do inesperado e a conquista de um novo espaço. Essa aquisição abrange tanto um espaço inaugural externo e sensorial, ligado ao prazer de sentir o vento no rosto e à visão de novas paisagens, quanto um espaço interno e psíquico de confiança em si e de integração de *self* com a apropriação de novas capacidades de domar as angústias de separação, o medo de cair e a assunção de novos prazeres da individuação.

Podemos imaginar também um filho ou uma filha de 18 anos que conclui os trâmites do aprendizado para dirigir um automóvel. A princípio, o filho dirige ao lado do genitor, que lhe empresta coragem, ao mesmo tempo em que transmite as regras de trânsito e formas de dirigir. Depois desse período, o pai ou a mãe entrega-lhe a chave do carro da família, exteriorizando com esse ato a confiança de que o filho já pode sair dirigindo sozinho, passando a desfrutar de um novo âmbito espacial e geográfico de suas fronteiras externas e internas.

Essas transições bastante significativas, como rituais de passagem, às vezes representam a alegria e o júbilo de pais e filhos em partilharem novas explorações e conquistas de independência, mas, em outro sentido, podem ficar truncadas, travadas, sem trânsito permitido.

A escolha de metáforas relacionadas ao trânsito, seja sob a forma dos primeiros passos, seja das primeiras pedaladas em uma bicicleta ou dos treinamentos para dirigir um carro, tem o propósito específico de ressaltar o tema do ir e vir, do trânsito, do transicional, dos espaços intermediários entre o dentro e o fora, o fusional e o separado, o medo de descobrir o mundo e o desejo de crescer, a angústia de se separar do cuidador e a alegria de fazer novas conquistas.

A rigor, o ponto nevrálgico da problemática das relações fusionais é precisamente a questão situada nessa área de trânsito: que tem na fusão seu ponto de origem e se encaminha para a conquista da autonomia.

No Capítulo 1, tratamos dos ensinamentos de Mahler sobre o "*período da exploração*", o momento especial do processo de separação-individuação do bebê movido pelo seu impulso emancipatório quando ele passa a experimentar um "caso de amor com o mundo" (GREENACRE, 1957, *apud* MAHLER, 1982, p. 58). Esse laço com o ambiente externo, que decorre de um grande investimento narcisista da criança em suas habilidades corporais, projeta-se também sobre os objetos da realidade. Nesse tempo de conquista e exaltação, vigora uma menor dependência e um novo domínio de funções locomotoras e cognitivas, e a criança chega a esquecer-se da presença da mãe, passando a acolher a presença de adultos substitutos.

Nos Capítulos 2 e 3, na mirada ferencziana, para tratar do mesmo conceito de trânsito, vimos ser necessário um "prodigioso dispêndio de amor, ternura e cuidados" por parte dos pais para que o *infans* possa receber uma imunização progressiva contra os atentados físicos e psíquicos das pulsões de morte e possa partir ao mundo externo, permitindo que comecem a prevalecer as pulsões de vida (FERENCZI, 1929, p. 58). O tratamento ofertado pela família e, sobretudo, o acolhimento da criança, ganham lugar de destaque na trilha *do útero ao mundo*.

Com os legados teóricos de Balint, já no Capítulo 4, estudamos o trânsito entre a ocnofilia (estar agarrado à zona de conforto materna) e o filobatismo (lançar-se em espaços amplos e ocupar lugares no mundo). A criação de uma rota de autonomia e independência requer o trânsito entre essas duas formas de interação, com a adoção do risco de experimentar um prazer maior no mundo externo de forma filobática e voltar para o porto seguro ao modo ocnofílico. Traduz-se, assim, um ensaio repetido desse ir e vir, entre um prazer incrementado e a segurança possível, entre a libertação e a unidade simbiótica com a mãe ou o pai.

Aqui também neste capítulo este mesmo ponto central se replica, agora sob o sensível olhar winnicottiano ao tratar da unidade mãe-bebê, do caminho da fusão à separação psíquica e dos impactos da sustentação do ambiente em todo esse percurso.

Em contraposição a essas imagens de conquistas e triunfo, ao longo dos capítulos anteriores, tratamos também de casos nos quais o inverso ocorre: pais que impedem, por suas próprias demandas adultas inconscientes, que seus filhos experimentem "andar sozinhos", instilando culpas, angústias de separação aterradoras, deveres e atribuições extremamente pesados para a maturidade emocional e psíquica deles durante o seu processo de crescimento, deixando-os imantados a uma condição de refêns de forma longa e duradoura.

Acompanhamos histórias clínicas de filhos que ocuparam lugares traumáticos ou martirizantes no vínculo de filiação, funcionando ora como parceiros amorosos, ora como melhores amigos, confidentes, conselheiros ou "bodes expiatórios" de um genitor em estado de frustração ou desamparo em sua vida adulta. Por isso, eles acabaram impedidos de usufruir prazerosamente da aquisição de novos espaços, de se encantar com outras paisagens e de enfrentar alguns riscos para ampliar o seu território emocional. Eles preferiram regredir ao local seguro, à proteção e atender ao movimento de agarrar-se à mãe, ao pai, à casa, ao "útero".

Neste capítulo, buscamos formular uma construção sobre a transicionalidade, ou melhor, sobre as relações fusionais como formas de *patologias da transicionalidade*.

Para tanto, os primeiros alicerces do capítulo terão por meta fincar bons pilares sobre a noção winnicottiana da "capacidade de estar só" e o seu reverso negativo, a "incapacidade de estar só". A intenção será a de demonstrar que falhas ambientais nos primeiros anos de desenvolvimento podem repercutir na organização psíquica do indivíduo, ensejando escapes e saídas patológicas para fazer face a agonias impensáveis e ao excesso pulsional decorrente de vivências traumáticas que se atualizam na vida adulta desses indivíduos. Lançaremos o foco na concepção de que, se há um problema na transicionalidade, esse indivíduo não conquistará a "capacidade de estar só", que se dá após a fase do concernimento, desde que haja um transcurso bem-aventurado do processo de transicionalidade.

A abordagem da temática nessa ordem tem relação direta com a importância de apreciarmos primeiramente as manifestações sintomáticas de tais indivíduos ao ingressarem em análise e também diz respeito à intenção de deixar claro para o leitor qual o impasse que se exterioriza, logo de início, na cena analítica, clamando por ser escutado pelo analista: a incapacidade psíquica de estar só desse indivíduo.

Cabe lembrar que, como há cisão do aspecto distorcido da relação fusional, tais indivíduos iniciam a análise fundados na ilusão de uma relação filial privilegiada; por isso serão os sintomas de repetição, os atos compulsivos e as adições que trarão à lume a exteriorização do abandono precoce que ocorreu de forma encoberta nesses casos; são tais manifestações sintomáticas que apontarão para o analista o vazio e o abandono que tais filhos experimentaram no período mais primitivo de suas infâncias.

Tais indivíduos ingressam em análise com a queixa de estarem vinculados a objetos e pessoas de forma patológica. Relatam relações fetichistas – o que ocorrera com o analisando Warren, viciado nas revistas pornográficas do pai e na masturbação compulsiva (capítulo 3); e com o analisando Sam, preso compulsivamente ao sexo virtual (item 4.4.). Outros também relatam mentiras e furtos, a exemplo do caso clínico do padre Mark (item 3.5), lamentam-se

sobre o uso abusivo de drogas e álcool, assim como fazem uso de um dos genitores como aquilo que Winnicott (1951/1975a, p. 19) denominou de "talismã dos rituais obsessivos" ou como o que Laughlin (1956) batizou de forma original de *soteria* (item 4.7).

Sobre a relação entre essas saídas patológicas, as citadas manifestações sintomáticas e os problemas na conquista da transicionalidade, seguiremos falando dos desenvolvimentos teóricos e clínicos de Donald Winnicott (1951/1975a) no caso do "menino do cordão", do qual emergiram elementos que fundaram uma ligação entre o campo das adicções e o fetichismo.

Naquela oportunidade, Winnicott inaugurou um campo de estudos sobre a relação, o intercâmbio, os impasses e os extravios que poderiam ser pensados tendo como foco as psicopatologias dos fenômenos transicionais, a exemplo de certas modalidades de fusão tratadas nesta tese, impeditivas da separação e da individuação dos filhos.

Cabe abordar, por isso, as contribuições winnicottianas sobre a transicionalidade que se mostram significativas para o nosso estudo, mas, para abrir o tema, lançamos a problemática referente à *incapacidade de estar só*, começando pelo "Fort-Da" do netinho de Freud até chegarmos a um caso clínico em que fica explícita a incapacidade psíquica de estar só de Marie, analisanda já adulta, que desenvolveu uma bulimia associada a momentos de incontável voracidade alimentar, dada a sua impossibilidade de desfrutar de um estado de solidão tolerável.

6.1 A INCAPACIDADE DE ESTAR SÓ

Freud (1920) nos conta a conhecida história do seu pequeno neto jogando um carretel para longe de si. Observando a brincadeira, o avô percebeu que a criança lançava o objeto para longe e marcava o arremesso com o fonema "oooo" – de "fooort, fort, para longe, vai para lá". Ao buscar o carretel para reiniciar a brincadeira, ele expressava o fonema "'daaaa' – para perto, para cá". Assim emergiu o pensamento teórico sobre o brincar e, principalmente, sobre tudo o que ele pode abranger: desde a descarga dos afetos do desamparo e de angústia do filho decorrentes da ausência da mãe até a sua função simbolizante quanto à separação entre mãe e filho e quanto à capacidade de estar sozinho do *infans*. Esse excedente no psiquismo da criança precisava de um veículo de vazão e na brincadeira do *fort-da* encontrou sua expressão.

A atitude de jogar o carretel para longe seria, então, uma representação da reação do netinho de Freud à ausência da mãe e o fato de repetir inúmeras vezes o "fooort-daaaa" implicaria uma brincadeira, mas também em uma forma de repetição compulsiva com a meta de imaginar-se, de forma ativa, jogando a mãe para longe e dominando a experiência de perda

decorrente da separação ao perceber o objeto afastado. Haveria, então, dentre outros aspectos, uma busca intencional de distância do objeto para se livrar da carga de angústia.

A leitura que Winnicott faz sobre a aptidão da criança de estar sozinha, por sua vez, embora contemple essa dimensão intrapsíquica, abre também um campo de experiências que vai um pouco além da questão da angústia da separação mãe-bebê, das vivências de perda, de desamparo e da tentativa ativa de dominar a vivência pulsional dolorosa da ausência materna.

Diferentemente do *fort-da* de Freud (1920), há uma ampliação da compreensão sobre a cena da criança "brincando" sozinha para englobar um campo positivo de desfrute: a criança usufruindo psicologicamente da experiência de estar em um estado de solidão pacífica, embora ainda não se saiba sozinha, porque nesse momento ainda não há uma separação Eu/não-Eu. Como a mãe ainda não pode ser apreendida como um objeto externo e se trata de um tempo de transicionalidade, a criança ainda não pode ascender à "capacidade de estar só", mas usufrui de forma enriquecedora da sua sustentação pela mãe-ambiente. Isso depende, porém, da capacidade do cuidador de se abster de intervir na vivência, de fazer reserva de si, o que gerará o desenvolvimento de aptidões quanto ao brincar criativo do filho, o faz-de-conta e sua capacidade imaginativa sem ter que erguer barreiras defensivas à intrusão do mundo externo.

Winnicott (1958/1990a) lança então uma luz mais intensa sobre a capacidade do bebê em sustentar estados de não-integração, de estar só sem se desintegrar e sem se desesperar, ou seja, sem ter uma agonia impensável³³. Do ponto de vista do observador, o bebê está só, mas do ponto de vista do bebê, a sustentação vem da mãe-ambiente. Aqui estamos nos referindo a um percurso que parte do período da transicionalidade rumo à conquista da capacidade de estar só, quando a criança já se apresenta minimamente integrada, podendo, por isso, relaxar, mas sem temer se desintegrar. Winnicott inscreve, portanto, a "capacidade de estar só" em um contexto de felicidade temporária do *infans* consigo mesmo, independentemente da ausência ou presença do outro, isto é, a criança pode desfrutar desse estado mesmo na presença da mãe.

Nos textos *A capacidade de estar só* (1958/1990a) e *o Medo do Colapso* (1974/1994), o autor sustenta que a experimentação de *ser em si mesmo* só acontece quando essa forma de solidão puder ser integrada como um elemento estruturante do psiquismo e não como um elemento aglutinador de angústias fragmentadoras.

A escolha teórica de Winnicott, como se sabe, é a de defender a importância fundamental do ambiente no amadurecimento egoico de cada indivíduo, o que tem influência direta na bipartição entre os quadros de saúde e os de doenças mentais graves. Os distúrbios à

³³ As agonias primitivas e impensáveis são assim definidas por Winnicott: agonias de 1) desintegração; 2) cair para sempre; 3) não ter conexão alguma com o corpo; 4) carecer de orientação (WINNICOTT, 1962/1990c).

saúde mental são por ele concebidos como uma montagem de defesas rígidas face a falhas ambientais no início da vida e os casos de psicose, casos-limite e esquizoidias têm como causa certas falhas significativas de atendimento a necessidades egoicas, principalmente no momento mais primitivo da dependência absoluta.

No início, há um "si mesmo" incipiente, já que a aquisição de um Eu só ocorrerá após a fase do uso do objeto. Esse "si mesmo" ainda em *estado de não-integração* irá se encaminhando para a unidade, a depender de um ambiente facilitador que favoreça o acesso à integração como uma conquista do amadurecimento. Aos poucos, o bebê vai apreendendo novas experiências decorrentes das sensações oriundas do próprio corpo, ao ser alimentado, banhado, cuidado, tocado e olhado amorosamente e vai fazendo uso do que Winnicott batiza de elaboração imaginativa das funções corpóreas. As experiências parciais e fragmentadas vão se compondo de modo mais coeso e a maturação do processo de aquisição do "eu sou" e o alojamento no corpo próprio trarão a possibilidade de o bebê se lançar em direção às pessoas e aos objetos.

Nos primeiros meses de vida, ou seja, no período que antecede a fase dos fenômenos transicionais, a mãe funcionará como aquela que fornece um ambiente que sustenta o tempo necessário à separação psicológica do bebê daquela unidade primitiva mãe-bebê. Na medida em que a mãe sustenta esse tempo, o bebê vai se desenvolvendo e amadurecendo, tomando ciência de si a partir de vivências derivadas da realidade. Ogden (2018, p. 176) fala em um "interjogo entre maturação biológica e experiência real" nesse período primevo em que, de acordo com a teoria winnicottiana, não existe um bebê concebido psicologicamente sozinho.

Winnicott (1960/2011f) define a *preocupação materna primária* como um modo de ser-estar da mãe no curso desse processo primário de troca e comunicação, que inclui a decodificação daquilo que seu bebê singularmente necessita em um espaço de tempo razoável, que não o submeta a um estado de desamparo, de desesperança ou de decepção em virtude da demora dos cuidados e da presença e, por outro lado, que represente um ajuste materno não caracterizado por excessos, invasões e antecipações que poderiam impedi-lo de se apropriar do seu gesto espontâneo.

Nos primeiros dias, a mãe experimenta esse estado mental de confusão e mistura com seu bebê – a preocupação materna primária – como uma forma de se perder no outro e sentir-se do lugar dele. Movida por esse elemento subjetivo, a mãe se mescla à figura composta mãe-bebê e essa nova entidade traduz a ideia de uma "unicidade invisível" (*apud* OGDEN, p. 178).

A mãe que não acessa a preocupação materna primária, contudo, sentirá seu bebê como um objeto externo. Já a mãe presente, mergulhada na preocupação materna primária, fornecerá ao filho uma ilusão de ser para ele um "objeto subjetivo", algo que reside dentro dele, ou seja,

será criada uma unidade entre realidade interna e externa. E daí emergirá a fantasia de que o seio deriva da fome do bebê, como uma parte dele mesmo, não ainda como um objeto externo. Essa ideia de criação do seio como fruto do amálgama mãe-bebê parece preciosa, na medida em que a mãe nem sequer é percebida. Segundo Ogden (2018, p.179), "o cuidado da mãe é bom o suficiente quando é discreto a ponto de não ser notado".

Os estados de não-integração do bebê se referem a esses períodos tranquilos, não excitados, nos quais ele se relaciona com a *mãe-ambiente* e pode se dirigir ao mundo com seu próprio ritmo e curiosidade para novas descobertas.

A mãe-ambiente fornece o espaço mental no qual o bebê começa a gerar a experiência. Ogden (2018, p.184) assevera que "foi somente com Winnicott que a psicanálise desenvolveu uma concepção da mãe como a matriz psicológica do bebê". A palavra *matriz*, segundo relembra, deriva da palavra em latim que define o *útero*. E, de acordo com a teoria winnicottiana, tal *matriz* descreve o "espaço continente silenciosamente ativo no qual as experiências psicológica e corporal ocorrem" (*ibidem*, p. 205).

Durante o período dos fenômenos transicionais, pouco a pouco, o bebê vai internalizando essa matriz psicológica e, com o tempo, tal matriz vai começando a sofrer um "estado de erosão contínua". Com a transcurso de vários meses de sustentação, "o bebê começa a consolidar a sua capacidade de gerar e manter sua própria matriz psicológica" (OGDEN, 2018, p. 185). A mãe seria, assim, uma "coautora invisível do espaço potencial" e, com o exercício dessa relevante função, ela passa a alicerçar a capacidade de estar sozinho do seu filho.

Winnicott nos descreve então uma mãe que adota uma aproximação do seu bebê de modo a se ajustar às suas necessidades e, com isso, acaba por protegê-lo de se sentir assustadoramente separado dela. Por outro lado, um excesso na dose da aproximação ou na medida da oferta materna gerará como efeito a reação à intrusão e um obstáculo ao acesso ao seu próprio desejo. As estruturas de defesa mais enrijecidas ou hipertrofiadas podem derivar, assim, do excesso de reatividade em tempos precoces.

A *desintegração* é, portanto, bastante diferente dos estados positivos de não-integração. A *desintegração* é uma defesa contra a agonia impensável vivida pela falta de suporte no estágio da dependência absoluta e, atrelado a isso, contra a falta de auxílio ao ego por parte da mãe.

No desenvolvimento da capacidade de estar sozinho, a internalização que se dá é a da mãe como ambiente, uma concepção de mãe fundada por um paradoxo: uma mãe que "é ausente enquanto objeto, mas está ali como o espaço-continente-despercebido, porém presente, no qual a criança está brincando" (OGDEN, 2018, p. 186). Segundo tal teoria, se a criança, em vez de internalizar a mãe como um ambiente de sustentação despercebido, fizer a sua descoberta

prematura como um objeto onipotente isso acarretará a internalização da mãe de um modo avassalador, como uma presença tão importante enquanto objeto que pode vir a gerar a consequência negativa de que a criança se torne adicta a ela.

Como estamos acompanhando nos casos clínicos aqui estudados, podem ocorrer excessos e invasões dos entes cuidadores e uma imposição de necessidades de fora para dentro, ou seja, do mundo externo/adulto para o mundo infantil ainda em desenvolvimento. Tais cuidadores, como vimos, deixam de atender às necessidades do filho para atender às suas próprias, no intuito de manterem esses filhos grudados a eles.

Nesses casos de desintegração e de defesa contra a intrusão, naturalmente será importante diferenciar se a mãe e os cuidadores mais próximos foram invasivos desde o início da vida de tais filhos e em que intensidade isso se deu; ou se, por outro lado, eles passaram a firmar relações de fusão e emaranhamento quando o processo de individuação do filho já iniciara seu curso e já havia se dado, portanto, alguma forma de separação.

Como vimos no caso descrito no item 1.5, de uma mãe que alegava que gostava tanto de dar de mamar ao seu filho que, quando ele já estava cheio, ela "punha o dedo na sua boquinha e fazia ele vomitar", a colonização daquele psiquismo desde os tempos mais primitivos e a intensidade funesta de tal invasão deram origem à configuração de uma esquizofrenia no filho, que nunca pôde ser visto como sujeito inteiro, mas, sim, como um pedaço dela e um objeto parcial a ser usado reiteradamente para satisfazer seu desejo pessoal de amamentar.

Equivale a dizer que, quanto mais precoce for a invasão, mais intensa será a defesa ativada e teremos quadros clínicos de possíveis esquizofrenias ou autismos. Se, todavia, as falhas, desajustes e invasões dos cuidadores se evidenciarem na oportunidade em que alguma separação já se delineou, poderemos estar eventualmente diante dos casos de padecimentos decorrentes de relações fusionais como as que estão sendo aqui tratadas.

Diz Winnicott ([1962] 1990c) que o bebê tranquilo, em estado de não-integração e quietude, em paz com seu entorno, sinaliza que não está lá para ser encontrado. Por esse motivo, o que vem de fora de modo invasivo interrompe a *continuidade do seu ser* naquele momento e tal excesso acaba sendo traumatogênico.

Embora o bebê se impulsione, desde sempre, mesmo nos estados excitados, em busca de algo que complemente o seu gesto espontâneo, apenas com a conquista de alguma integração vai sendo possível se apropriar da noção de existência de um objeto externo. Como dito, se a mãe for suficientemente boa, adaptando-se às necessidades do filho, ele vai se retirando da zona de controle mágico, superando a ilusão de que o seio foi por ele "criado" e percebendo que o objeto de satisfação (seio), em verdade, não é parte dele mesmo, mas sim algo externo a ele. Desse

processo de passagem pela fase do uso do objeto, quando o bebê destrói a mãe enquanto objeto subjetivo, nasce a possibilidade de separação Eu/não-Eu.

Essa experiência referente à capacidade de estar só do bebê e do conseqüente desfrute desse espaço é chamado por Catherine Audibert (2009) de uma "relação com o ego" em uma "solidão serena", que só é conquistada quando já há um Eu e quando é possível firmar um círculo benigno entre o mundo interno e o externo.

Em outras palavras, é defendida a ideia de que a aquisição da capacidade de estar só por uma criança faz com que ela passe a usufruir de um sentimento de *ser em si* e de uma solidão serena, muito diferente da solidão mortífera decorrente de vivências avassaladoras e traumáticas de desamparo e vazio ocasionados pelo afastamento do outro ou por movimentos intrusivos em períodos muito precoces do desenvolvimento. Ou seja, sustenta-se a ideia de que pensar em *capacidade de estar só* e em seu oposto, na *incapacidade de estar só* de alguns indivíduos, seria percorrer uma linha tênue entre a normalidade e o patológico (SANTI, 2009).

Por outro lado, a aquisição da capacidade de estar só também tem uma relação direta com o atravessamento da posição esquizoparanoide e o acesso à posição depressiva, quando o indivíduo consegue integrar afetos ambivalentes sem uma desorganização psíquica e sem ser invadido por angústias avassaladoras. Lembrando do item 5.4, a teoria kleiniana nos ensina que a criança apenas passa a ter consciência de si no tempo e no espaço quando começa a tomar ciência do objeto e a se relacionar com uma mãe total, separada dela; ou seja, o próprio conhecimento do objeto externo impele ao atravessamento da posição depressiva, propiciando o início da fase do concernimento e uma nova forma cuidar do laço com o outro.

Ademais, quando há aquisição pela criança da *capacidade de estar só* são construídos bons recursos para o atravessamento do Édipo (como vimos no Capítulo 5), deixando-a mais apta a enfrentar as vivências de exclusão relativa e ainda de se apropriar de uma noção psíquica bem delineada de um casal parental unido, vivo e fecundo. Sustentar a solidão inerente a esse reconhecimento sem se sentir fragmentada e isolada agrega ao processo de amadurecimento da criança novas capacidades, ao tempo em que afasta a ameaça de aniquilação.

Da teoria winnicottiana deriva a necessidade de pensarmos inicialmente em duas pessoas para que alguém possa estar sozinho; ou seja, está albergada a ideia de que "são necessários dois para que o sujeito possa vivenciar a sua solidão fundamental sem sentir que desapareceu" (AUDIBERT, 2009). Em cada encontro do indivíduo com um novo alguém, então, duas situações podem ocorrer: a possibilidade de trocas intersubjetivas enriquecedoras e significativas, que tragam novas qualidades de presença e intercâmbios de desejos e afetos ou, em direção oposta, uma experiência de solidão que reative todas as traumatizações precoces do sujeito.

Falamos nesta tese de pais e mães que apresentam aos filhos, muito precocemente, demandas complexas, adultas e intrincadas, fazendo com que tais crianças padeçam por excesso de presença, por intrusão. Em muitos casos, em razão desses estímulos incidentes sob um psiquismo infantil ainda em formação, são cristalizadas situações traumáticas se a criança passar a cuidar de tais demandas e se ocupar da função de evitar o sofrimento dos genitores.

Vimos ainda que quando se encontra prejudicada a diferenciação Eu/não-Eu e, conseqüentemente, comprometida a capacidade do indivíduo de ficar só, há normalmente o uso de estratégias, como as saídas adictivas e compulsivas para combater a solidão desorganizadora do psiquismo e as agonias primitivas, dentre elas a agonia de desintegração; de cair para sempre; de não ter conexão alguma com o corpo e de carecer de orientação (WINNICOTT, [1962]1990c).

Nos casos de padecimentos irrepresentáveis – e, por isso mesmo, da ordem do indizível – observamos que tais indivíduos recorrem a estratégias para sanar a solidão avassaladora sentida na vida adulta, como um meio a compensar a sensação de "incapacidade de estar só" no mundo.

Diversos autores, a exemplo de Audibert (2009), têm se dedicado ao estudo das adições, relacionando a temática à *incapacidade de estar só* do sujeito. Para a autora, a *incapacidade de ficar só* não foi observada detidamente pela psicopatologia psicanalítica face à escolha de uma apreciação centrada na angústia de castração, de separação e no extravio na individuação.

Em uma nova direção, a literatura psicanalítica sobre as adições vem retirando a ênfase dos objetos eleitos pelo adictos, tais como as drogas, o álcool, os jogos e as compras, e acentuando a necessidade de apreciação das relações de objeto que correm subterraneamente, como pano de fundo dessas formas de adesão a objetos.

Como visto, muitos dos indivíduos referidos nesta tese recorrem a substâncias adictivas, ações repetidas, compulsões variadas, relações perversas, e, muitas vezes, confundem relações de necessidade com relações de amor, no escopo de evitar a solidão mortífera de que são acometidos.

As adições nesses casos são formas substitutivas e paliativas de lidar com o vazio psíquico e com sofrimentos muito arcaicos desses indivíduos e de buscar estimulação e prazer no mundo externo dos objetos dado o desamparo vivido internamente. Audibert (2009) chama essas formas substitutivas de *estratégias de sobrevivência* com as quais se arquiteta um tipo de *fuga na doença*, de forma a impedir que o indivíduo sucumba.

Como o corpo do indivíduo retém traços de uma solidão traumática, os mecanismos adictivos seriam "uma última tentativa de defesa antes da loucura ou mesmo da morte psíquica" e o uso de certas drogas representaria "um resguardo com relação ao objeto" em um refúgio ou um espaço protegido que vale como uma tentativa paradoxal do indivíduo de "passar sem o outro". A intersubjetividade é experimentada como insuportável para tais sujeitos, motivo pelo

qual, na tentativa de não depender de outro ser humano, entra em cena a dependência de um objeto de gozo, ou vários objetos de gozo (SANTI, 2009).

A ilusão de onipotência decorrente dessas estratégias afasta a necessidade de apelar para o outro e experimentar sentimentos de dependência e, assim, tais "drogas" em um sentido amplo fazem com que a solidão-angústia fique sob controle. As drogas assumem nesses casos a natureza de remédios envenenados, assim como o amor desiludido e a solidão-angústia, representando a encruzilhada do jogo sutil entre presença e ausência, entre cheio e vazio, entre o outro e o eu, entre o ser social e o ser-só, e, para alguns, entre o ser e o não-ser (AUDIBERT, 2009).

A lógica que vigora é a de que evitar investir em objetos amorosos e afetivos garante uma proteção contra a dor de sua perda. Todavia, a solidão das adições gera um isolamento defensivo e mortífero porque são criados artificialmente momentos de *solidão serena* sem a necessidade de encontro com outros, e, apesar de se acalmarem algumas ansiedades diante da ameaça de caos e desorganização psíquica, não há elaboração de agonias primitivas mais profundas.

Uma grande contribuição de Audibert (2009) sobre o tema – que se liga diretamente aos ensinamentos de Francis Tustin (1990) – consiste em sua conclusão de que as "drogas" nesses casos não representam *meios substitutivos do autoerotismo*, ou seja, não são apenas formas de acesso ao prazer pulsional com a exclusão do objeto. Nessas situações, o uso também se dá para assegurar a sensação de existência do próprio sujeito, apesar de remanescer a dimensão do prazer.

Tais indivíduos encontram antídotos variados contra a solidão pela via de sensações corpóreas induzidas pelo sexo, pelas drogas, pelo álcool, pelo jogo etc., havendo aí uma função paradoxal e oculta das compulsões quanto ao encobrimento da incapacidade do sujeito de ficar só.

Segundo Audibert (2009), a incapacidade de ficar só pode levar, de forma paradoxal, ao afastamento do outro, no modelo do retraimento autista. A autora sustenta que tais pacientes usam as adições para se defender do sofrimento derivado das agonias primitivas descritas por Winnicott; por isso, recorrem a experiências autossensuais como se fizessem um recolhimento a um mundo autístico de sensações. Assim, garantem a continuidade do ser por intermédio de substâncias ou atos repetitivos e adesões a pessoas e objetos para acalmar a ameaça de colapso.

O fato é que a violência dos excessos produzidos nas relações humanas originárias desses indivíduos exacerba o que a autora nomina de *solidão-angústia* e isso se torna intoxicante e corrosivo com o passar do tempo. A saída encontrada é o uso de meios de natureza autossensual, como no autismo, para "obter o envelope protetor de uma solidão serena, para bloquear a experiência de solidão-angústia" (*ibidem*). A compulsão ao ato autossensual assume, com o passar do tempo, formas repetitivas para assegurar a continuidade do sentimento de existência.

A autora menciona as manifestações de enurese, encoprese e fricção na pele como técnicas autossensuais implementadas desde a infância como estratégias para evitar que a sensação de vazio se instale. Como exemplo disso, cabe aqui lembrar o que escrevemos acima sobre a paciente Cora, filha de uma mãe invasiva que não permitia que as portas de quartos e banheiros da casa fossem trancadas, controlando a higiene corporal da filha e a movimentação das pessoas para evitar contatos físicos indevidos. Como saída adictiva, Cora descobriu o prazer na retenção da urina para burlar a vigilância de sua mãe, mas na vida adulta a presença de um outro era temida e ela só conseguia viver o prazer sexual solitariamente (LOBO, 2018, p. 37).

Diante do exposto, os comportamentos adictivos crônicos adotados pelos indivíduos mencionados nesta pesquisa podem ser compreendidos como formas de evitar o temor de que eles sejam tomados por um sentimento de vazio insuportável.

Sabemos que os objetos transicionais são constituídos no início da vida do bebê, fazem remissão à presença da mãe e facilitam o adormecer da criança porque funcionam como uma ponte entre o seu mundo interno e o mundo externo (WINNICOTT, 1951/1975). Tais objetos já se encontram fora do controle mágico do bebê e seu uso revela uma caminhada evolutiva no processo de desenvolvimento do ego, pois tal manuseio faz um elo entre a ideia de uma mãe fusionada ao bebê e uma mãe existindo como outro ser, percebida como realidade externa a ele.

Conceber o objeto transicional como uma ponte deve ser compreendido, porém, não no sentido simplificado de uma passagem direta de um ponto para outro, mas, sim, de constituição de uma nova realidade derivada de um espaço, uma nova área que se abre e se formata. Sendo o objeto transicional um prolongamento da fusão mãe-bebê e da ilusão de onipotência do bebê, fica bem claro que esse objeto não é o bebê, nem é a mãe. E é precisamente esse paradoxo que possibilita que o bebê comece a ter acesso a outra realidade, que já não é mais apenas a sua realidade subjetiva, mas também ainda não chegou a se constituir como uma realidade objetiva. Na relação com o objeto transicional, o bebê migra de um controle mágico para um controle muscular, com a manipulação do objeto. A princípio, ele ainda não percebe a mãe como realidade externa destacada. É como se, ao estar com o objeto, partes da mãe também estivessem ali. Nesse percurso transicional, a mãe vai passando a ser percebida como realidade externa e pode vir a ser destruída como objeto subjetivo.

Como se observa, no legado de Winnicott aparecem paradoxos a serem aceitos, embora não necessariamente solucionados. Isso se dá, por exemplo, na concepção de espaço potencial, de terceira área, de objeto criado-encontrado pelo bebê em desenvolvimento, assim como na teorização sobre os fenômenos transicionais. A solução do paradoxo não se encontra em optar por um lado ou por outro, mas por adotar uma compreensão sobre o espaço entre eles.

Segundo entendemos, os objetos escolhidos e as medidas adictivas adotadas pelos analisandos sobreviventes de relações fusionais valem como meios precários de estimulações sensoriais e motoras, que não geram um estado de satisfação, mas apenas uma vivência de calma e entorpecimento. São acessadas por eles excitações "relativamente monótonas, equivalentes aos procedimentos autocalmantes, por meio das quais o indivíduo procura neutralizar um excesso de excitação ou sua drenagem desmesurada, ambos traumáticos" (MALDAVSKY *apud* COSTA, 2008, p. 90).

Cabe-nos, então, questionar:

– Qual seria um meio concebível para construir, restabelecer ou fazer aflorar a capacidade de solidão serena de um indivíduo, como uma semente a originar futuras relações afetivas e amorosas que incluam uma troca intersubjetiva não desagregadora?

– Se a adesão a outros sujeitos e objetos se faz na órbita da adicção e da necessidade, como reverter e/ou vitalizar essa forma automática ou compulsiva de adesão?

Catherine Audibert (2009) nos oferece o exemplo clínico de Marie, uma menina de 20 anos, que iniciou a análise em razão de um colapso nos estudos, assim como sofrimentos intensos em suas relações afetivas. Filha única de pais divorciados desde a sua infância, com uma mãe frágil, mas fria e impassível, Marie se mudara da casa materna em razão da má relação com seu padrasto, que a distanciara muito da mãe. Sempre fora muito solitária e, durante a adolescência, comia sozinha no quarto, com a TV sempre ligada e sentia um vazio profundo e um transbordamento qualificado como nojo. Quando saiu da casa da mãe, Marie transformou o isolamento que vivia em uma profusão de saídas, passando a andar sempre cercada de pessoas e a cultivar aventuras amorosas múltiplas e sucessivas, evitando qualquer tempo de repouso. Apesar disso, sempre se sentia muito sozinha, dispersa e fragmentada em mil pedaços, seja quando estava realmente só, seja quando estava acompanhada de uma multidão.

No seu novo apartamento, não raro a mãe aparecia com o pretexto de fazer pequenos concertos, o que fazia Marie sentir-se invadida e muito incomodada.

Marie desenvolveu uma bulimia e, quando se encontrava sozinha, comia vorazmente para se sentir preenchida, em uma compulsão que a fazia se empanturrar de comida. O mesmo acontecia antes de se encontrar com alguém especial, seja um novo pretendente amoroso, sejam os reencontros com seu pai e sua mãe. Ela comia vorazmente, bebia em eventos sociais e começou a se engajar em compras compulsivas, deixando seu quarto repleto de objetos que ela nunca usava. Marie fumava muito na intenção de reequilibrar artificialmente seu metabolismo, pois acreditava que a nicotina queimava as calorias que ela ingeria com a comida e o álcool.

Segundo a analista, Marie se refugiava paradoxalmente na solidão para se afastar das intrusões do outro ou do risco de abandono, mas sua solidão não era serena, por isso usava outras estratégias para se sentir viva: comer, ingerir álcool e fumar demasiadamente, assistir televisão excessivamente, ligar para várias pessoas, mas sem marcar encontros qualitativos com ninguém.

De certo modo, ela tentava exercer algum controle sobre essas substâncias – comida, álcool, fumo – como se pudesse dominar a vivência de intrusão com esse aparente controle, o que não gerava efeitos duradouros, e pior, trazia mais danos à sua saúde física e psíquica.

Marie começou a ser invadida por uma sucessão de sintomas, apresentando noções embaralhadas e desorganizadas sobre o tempo, o espaço e o próprio corpo. Ela vivia a ausência do outro como se fosse uma perda física, o desaparecimento de partes de seu corpo ou a perda de substâncias corporais por orifícios que ela temia não controlar, motivo pelo qual o vazio não podia acontecer e tinha que ser sempre preenchido, para ela não sentir o "abismo sem fim".

A analisanda telefonava quando a analista estava de férias e durante certos fins de semana mais difíceis e solitários quando se sentia desamparada como se tivesse sido "jogada no vazio" por um amante. As experiências arcaicas de vazio traziam, às vezes, a sensação de que ela iria desaparecer e ela começou a ficar depressiva a ponto de temer cair no "abismo assustador".

As compulsões alimentares eram assunto de diversas sessões, quando ela contava que precisava comer tudo que se encontrava armazenado em sua casa, a ponto de esvaziar todos os armários, a geladeira e pacotes de biscoitos, como se ao comer ela estivesse tentando domar o medo de desaparecer no outro, de ser comida pelo outro, ou de que o outro desaparecesse.

O tempo se confundia em sua mente, mas ela reconheceu que precisava de momentos de solidão em um ritmo saudável, que pudesse incluir "os momentos cheios e os momentos vazios". Ela começou a nadar várias vezes por semana para recuperar o contato mais suave com seu corpo, sem a sedução frenética de estar com vários amantes em potencial, a quem ela foi aprendendo a dizer "não", mesmo que isso significasse passar algumas noites sozinha em casa.

Audibert (2009) fala do uso dessas *estratégias de sobrevivência* de forma positiva, como se fosse um trampolim importante para a cura, advertindo o analista a observar as motivações inconscientes quanto às escolhas de cada analisando e tentar entender como a análise pode ajudar o paciente a transformar sua incapacidade de ficar sozinho em uma capacidade de estar só.

Segundo ela exprime, o tempo de análise pode propiciar que o vazio, o silêncio, a ausência e o desaparecimento que remetem o sujeito ao *Hilflosigkeit* (desamparo sem nome) tornem-se então um lugar de criatividade, pois a solidão-angústia poderá ser ouvida, simbolizada, trabalhada e metabolizada em uma solidão-serena, mas sobretudo graças a essa qualidade de presença-ausência que restaura a boa solidão do paciente. Nessas escutas,

portanto, entende a autora que não se trata de "desconstruir", mas de "construir" um espaço de solidão para recriar a capacidade de estar só, o que requer um analista implicado e não entrincheirado em uma posição subjetiva de neutralidade e distância.

Uma pergunta clínica que remanesce sempre muito ativa e pulsante nesse tipo de escuta é: como criar um espaço analítico que possa fazer tais funções transicionais ou funcionar como espaço potencial para a veiculação de tais questões sobre ser quase insuportável o estar só?

Antes de tentarmos chegar a tal resposta, cabe buscar um aprofundamento mais consistente quanto à teoria winnicottiana no que tange aos fenômenos transicionais e sua relevância incontestada no processo de amadurecimento de cada um de nós.

Pensando nos aspectos mais patológicos do tema da transicionalidade, Winnicott (1951/1975a, p. 18) menciona situações em que não há objeto transicional "à exceção da própria mãe" e nos conta que "um bebê pode ser tão perturbado em seu desenvolvimento emocional que o estado de transição não pode ser fruído". Esse tema se liga diretamente ao fetichismo e as adicções, já que, em caso de novas vivências de privação daquela criança, pode reaparecer o interesse por objetos dos primeiros tempos e, assim, o objeto transicional pode se transformar em um objeto de fetiche e persistir na vida sexual adulta.

Qual a relação entre os objetos e fenômenos transicionais, o fetichismo e as adicções?

6.2 OS OBJETOS E FENÔMENOS TRANSICIONAIS

Como um passo preliminar à apreciação detalhada dos conceitos de objetos e fenômenos transicionais, cabe lançar uma indagação de interesse clínico: se a mãe ou o pai impõem ao filho a necessidade de suportar uma pesada carga pulsional decorrente das suas demandas adultas, tal qual ilustramos nos casos antes descritos, como o filho poderia experimentar os fenômenos da transicionalidade de forma saudável?

Falamos ao longo desta tese de três hipóteses que traduzem desvios na rota dos cuidados: a *primeira* delas, no caso da criança que passa a exercer o papel de *parceiro substituo* da mãe ou do pai, que se dirige ao filho em busca de intimidade e companhia para compensar infortúnios em sua vida amorosa, depositando sobre o menor demandas que seriam destinadas a um parceiro adulto de uma relação amorosa. Um *segundo* extravio efetiva-se quando o genitor expõe o filho a detalhes sobre a sua sexualidade, contando segredos e compartilhando perdas e complexidades adultas que confundem e sobrecarregam a criança, como se ela o fosse um *amigo e confidante*. Apesar de não haver a natureza de um amor romantizado em tais casos, não são validadas as fronteiras psíquicas da criança. A *terceira* posição extraviante é a alocação do

filho no lugar de *depositário de frustrações* e raivas decorrentes da vida adulta, como se a criança fosse capaz de metabolizar essa matéria indigesta.

Como vimos narrando, tais vivências distorcidas retratam o esquecimento das necessidades da criança e geram impacto traumático. Por outro lado, falamos também que o objeto transicional representa o seio materno, mas também o objeto primordial, e, ao se relacionar com ele, o bebê faz uma migração do controle onipotente (mágico) para o controle muscular, aí envolvendo o erotismo muscular e o prazer da coordenação.

O que ocorrerá então em casos nos quais a criança não puder desfrutar desse erotismo muscular de forma balanceada? Ela desinvestirá em relações potentes com os objetos externos? Ela recorrerá a meios repetitivos e entorpecedores?

Na escuta clínica, vamos percebendo que há uma tendência de que esses indivíduos que tiveram inibido ou prejudicado o uso saudável de objetos transitacionais busquem na vida adulta, eventualmente, experiências de calma provisória e repetitiva decorrentes dos objetos de adicção, como se estivessem fazendo um caminho regressivo à satisfação oral e autoerótica, tal qual o uso de um objeto pacificador (*pacifiers*), como a chupeta de um bebê.

Poderíamos então pensar que uma compulsão a repetir atos de prazer superficial advém como um escape quando a oferta da mãe ou do pai traz intrusão, inundação, desamparo intenso e impossibilidade de aquisição do objeto concebido/criado/encontrado pelo bebê? Seria a compulsão a repetir uma tentativa de criação do objeto, impossibilitada para esses analisandos, devido à invasão dos seus pais? Pode haver uma fixação em adicções porque o conteúdo daquilo que é ofertado é denso, demasiado, sufocante ou incompreensível?

Para tanto, cabe a apreciação teórica dos conceitos em destaque.

Ao discorrer sobre objetos e fenômenos transitacionais, Winnicott (1951/1975a) adota como ponto de partida o uso que os bebês fazem dos polegares, dedos e punhos em estimulação da zona erógena oral para satisfação instintual, destacando que, com o passar do tempo, eles passam a brincar com bonecos e a eles se tornam apegados. Há, então, uma sequência de eventos iniciada no corpo do bebê (polegar-boca), que vai migrando e fazendo ligação com o manuseio e o uso de outros objetos externos (ursinho, boneca ou outros brinquedos macios ou duros).

Esses dois fenômenos importantes para o desenvolvimento saudável do bebê são separados por um intervalo de tempo e, apesar de sua base ser a pulsionalidade oral, surgem outros fatores expressivos na experiência: a natureza do objeto escolhido, a capacidade do bebê de reconhecer o objeto como "não-Eu", a localização do objeto (fora, dentro, na fronteira), a capacidade do bebê de criar, imaginar, inventar, originar e produzir um objeto, além do início de uma relação de objeto afetuosa.

Winnicott (1958/1975a, p. 14) fala de uma área intermediária que traduz um liame entre o campo pulsional e as relações de objeto e que, por isso, confirma a relevância do ambiente para a constituição do *self*, sobretudo porque esse espaço fundamenta a ideia de construção de realidade interna de cada indivíduo.

Para se atingir o "estádio de ser uma unidade", devem então ser pensadas em conjunto as noções de mundo interno e mundo externo do indivíduo limitados por uma membrana. Mas, além disso, Winnicott reivindica (esse é o verbo que ele adota) uma terceira parte da vida do ser humano: uma área intermediária de experimentação, um "lugar de repouso para o indivíduo empenhado na árdua tarefa humana de manter as realidades externa e interna separadas, ainda que inter-relacionadas". Ele se interessa por essa área entre aquilo que é vivido como subjetivo e o que passa a ser objetivamente percebido pelo bebê, face à constatação de que o bebê transita de uma inabilidade em reconhecer e aceitar a realidade e vai se desenvolvendo rumo a essa percepção. Em razão disso, dedica-se a estudar o manuseio de objetos "verdadeiramente não-eu", objetos "diferentes-de-mim" e qualifica tais objetos transicionais como uma primeira possessão não-eu (1958/1975a, pp. 15-16).

Um pedaço do objeto transicional (como a ponta do cobertor, por exemplo) simboliza um objeto parcial (seio da mãe) e, com o passar do tempo, com o uso do objeto vai entrando em cena a realidade externa, incluindo composições e distinções entre fantasia e fato, entre objetos internos e objetos externos, entre a criatividade primária do bebê e a percepção do mundo exterior. Nessa jornada percorrida pelo bebê entre aquilo que é puramente subjetivo até a apreensão da objetividade haverá a aquisição do simbolismo no tempo, inserindo nesse processo a aceitação da diferença e da similaridade derivadas do caminho de experimentação.

Tal processo vai começando a fazer sentido para o bebê: sua atividade mental desenvolve-se a partir desse emprego inicial de satisfações autoeróticas e começam a ser integradas as ideias de passado, presente e futuro em razão das sensações do bebê de recordar, reviver, fantasiar e sonhar. Isso se torna possível se houver um cuidador confiável e adaptado às suas demandas para que o bebê mantenha em si um objeto interno vivo, real e suficientemente bom, ou seja, não muito persecutório, que lhe permitirá criar e usar um objeto transicional.

No padrão da saúde, vão sendo feitas trocas graduais pelo bebê entre os prazeres desfrutados na satisfação autoerótica e vão sendo ampliados seus campos de interesse para incluir novos objetos. Como o espaço entre o Eu e o outro introduz também a noção do tempo ("agora o cuidador está presente, agora não está"), o entrelaçamento de tais ideias alberga tanto a tolerância ao intervalo, quanto a noção de uma separação sustentável e uma autonomia possível.

Como dito, é necessária a presença de uma mãe que se adapte às necessidades do bebê e que permita que essa adaptação vá diminuindo gradativamente para que ele possa ir tolerando frustrações. Isso gera frutos positivos, já que a desilusão paulatina do bebê tem por consequência tornar reais os objetos, permitindo que eles venham a ser amados e odiados. Desse modo, ele vai começando a aprender a lidar com o fracasso materno em razão da repetição da sua experiência de frustração em um limite temporal suportável, que deve ser curto, a princípio.

Sabemos que a mãe experimenta uma regressão à dependência nos primeiros momentos de vida do bebê que lhe permite compreender visceralmente o desamparo vivido por ele e que dessa relação de dependência absoluta deriva uma relação fusional mãe-bebê; com o tempo, porém, são necessárias desilusões homeopáticas que vão instalando os fenômenos transicionais para permitir o desenvolvimento emocional do bebê rumo à autonomia. Há casos, contudo, em que tal simbiose permanecesse constantemente ativada e reativada ao longo do tempo.

Ogden (2018, p. 194) ressalta, de forma sintética, essas três funções relevantes da mãe presentes na teoria winnicottiana que já mencionamos até aqui: 1) o papel da mãe como ambiente; 2) o processo de desmame e desilusão progressiva do bebê, que gera a internalização da matriz psicológica da mãe; e 3) o papel materno na conquista do bebê de um *status* unitário, referente à relação com objetos inteiros na posição depressiva.

Na saúde, a ilusão do bebê de que o seio da mãe faz parte dele é o resultado de uma adaptação quase completa da mãe e tal ajuste gera a vivência de controle mágico pelo bebê. Uma mãe suficientemente boa gerará o efeito de que o seio é "criado" pelo bebê repetidas vezes. Ou seja, surge a fome, ele concebe o objeto que "resolveria a demanda" e, no mundo externo, o objeto aparece. Criado e encontrado. Concebido e depois desfrutado de forma concreta. Surge, então, uma área intermediária entre a criatividade primária do bebê e a sua percepção objetiva baseada no teste de realidade (1958/1975a, p. 26).

A criança precisa, todavia, tolerar o medo evocado pela ausência da mãe. Quando ele não pode ser tolerado, o equilíbrio entre "criar e descobrir o objeto" desmorona e é substituído pela fantasia onipotente, que envolve uma recusa da externalidade e da passagem do tempo. Tudo indica que, se a criança não consegue tolerar o medo que emerge, a mãe pode ter se afastado por um tempo longo demais e, por isso, o bebê perdeu a confiança no ambiente e ficou em posição de reação. A criança vive a ausência como se fosse um desaparecimento, e não um intervalo suportável e isto impede o processo de simbolização e a capacidade de reconhecer os objetos externos e fazer uso deles. A mãe, por outro lado, pode não ter desempenhado seu papel de auxiliar do bebê na conquista do seu *status* unitário, por ter-lhe lançado demandas excessivas e incessantes que podem ter gerado como extravio também a reação à intrusão.

Como vimos no Capítulo 5, com o atravessamento da posição depressiva, o filho fica menos dependente da mãe e passa a se relacionar com ela como objeto externo. Nessa fase, caberá à mãe sobreviver aos ataques e não retaliar, garantindo ao filho o exercício de suas fantasias agressivas ou destrutivas para viabilizar que ele possa chegar ao concernimento (WINNICOTT [1969] 1975c). Após sobreviver à raiva e ao exercício da destrutividade da criança, a mãe fornece um suprimento psíquico que permite ao filho se apropriar de possibilidades de reparação e de novos ciclos virtuosos que repercutem em possibilidades ainda mais expandidas de reparação no futuro (WINNICOTT [1988] 1990g). O filho pode ir renunciando aos poucos ao objeto interno onipotente desde que a mãe real esteja presente, a ser descoberta e usada por ele, o que dá margem à criação e à descoberta da externalidade.

Quando, porém, o indivíduo enfrenta graves falhas ou invasões ambientais que impedem a aquisição da externalidade, a consequência direta será um aprisionamento ao mundo objetal interno onipotente. Ou seja, perde-se a estrutura da mãe-ambiente como um elemento fundador de uma matriz psíquica própria ao bebê e entra em cena a mãe como objeto invasivo, onipotente e, por fim, adictivo. De forma sintética, "a intrusão persistente da mãe na brincadeira do bebê resulta uma dependência extrema do objeto-mãe-externo-real" (OGDEN, 2018, p. 203).

Se, por um lado, a contribuição da mãe para a criação do espaço potencial não é percebida pelo bebê, por outro, a quebra da sustentação pelo ambiente pode ser catastrófica. Nesse ponto, Ogden (2018, p. 187) nos alerta que o risco de aniquilação iminente e de perda de si mesmo decorrente da falha na relação com a mãe-ambiente pode dar margem à "dependência de uma mãe como objeto ausente", a exemplo de bebês insones que se tornam adictos à presença da mãe real por dificuldade de considerá-la como ambiente suficientemente bom.

Resumindo: o bebê parte da unidade mãe-bebê e o *holding* materno oferece uma *matriz* (expressão derivada, como dito, da palavra em latim *matrix*, que define o *útero*, o *materno*); e tal matriz proporciona um invólucro ao corpo e ao psiquismo do filho. A mãe assume então a natureza de um objeto subjetivo do bebê e, dada essa ilusão, ele fica protegido da realidade externa da separação. Na fase da transicionalidade, o bebê vai começando a experimentar uma integração entre presença e ausência do ente materno, ensaiando brincar sozinho com a mãe presente e brincar sozinho com a mãe ausente. Na fase do uso de um objeto, o bebê "assume direitos sobre o objeto" e, ao fazê-lo, ocorre uma certa ab-rogação da sua onipotência, quando o bebê começa a expulsar a mãe do lugar de objeto subjetivo e, como efeito, começa a experimentar pequenas amostras de autonomia. Como ab-rogar significa revogar, abolir, o bebê, ao fazer uso de um objeto, em certa medida e vagorosamente, começa a fazer uma mescla

entre sua fantasia do "tudo posso", abrindo mão de certa onipotência e passa ao reconhecimento de limites internos e externos, passando a outra regra: "a realidade me limita".

Esse trabalho de criação da externalidade, todavia, não se dá "em uma só tacada". O indivíduo deverá "constantemente resistir à atração do laço primitivo com o objeto interno" e, para que se abra espaço à descoberta e redescoberta do objeto externo, essa destruição do objeto interno deverá ser feita incessantemente (OGDEN, 2018, p. 202).

Se a mãe for intrusiva, haverá um extravio ao acesso à externalidade e passará a vigorar uma dependência intensa da mãe como objeto real. Para Ogden (2018, p. 203), isso "leva a uma internalização defensiva da mãe-como-objeto e a um relacionamento adictivo a um objeto-mãe-interno onipotente, em vez do estabelecimento do *holding* interno autogerado pelo bebê (matriz psicológica)". Isso nos faz pensar então em vários casos aqui estudados como *patologias da transicionalidade*, visto que ficou comprometida justamente a descoberta dos objetos externos.

Fica bem claro, então, que a transicionalidade não é uma característica intrínseca ao objeto, mas, sim, que o objeto transicional representa um elo entre dois estados do bebê: um estado inicial, no qual ele está fundido à mãe e um outro, em que ele se relaciona com ela como ente externo, inteiro e separado. A transicionalidade, contudo, não é apenas uma passagem em sentido estrito, já que o seu ponto culminante, ressalve-se, é a criação de uma outra área.

O objeto transicional será acariciado, amado e também mutilado. Ele deve sobreviver ao amor instintual, ao ódio e à agressividade pura daquele que o manuseia e deve permanecer sem mudanças, a não ser quando o bebê as faça. Tal objeto deve parecer que tem vitalidade própria e realidade diferente do bebê. Do ponto de vista do adulto, ele pode ser considerado um objeto externo; mas, do ponto de vista do bebê, ele não é totalmente externo, mas também não provém de dentro, como se fosse uma alucinação. Ele tem um estatuto intermediário entre o mundo interno e o externo do bebê e deverá ser gradativamente, descatexizado; ou seja, dele será retirada energia psíquica aos poucos e esse desinvestimento possibilitará que tal energia fique disponível para ser investida em outros objetos. Ele simplesmente perde o significado, mas não é esquecido e pranteado, já que ocorre um tipo de pulverização de fenômenos transicionais, que se irradiam para outros âmbitos do "território intermediário entre a realidade psíquica interna e o mundo externo", batizado de "campo cultural"(WINNICOTT, 1958/1975a, p. 18).

O que está incluído nesse campo cultural winnicotiano, tanto no âmbito da saúde quanto no seu desvio patológico, interessa-nos bastante: o brincar, a criatividade, a apreciação artística, o sentimento religioso, o sonhar, o fetichismo, o mentir, o furto, a origem e a perda do sentimento afetivo, o vício em drogas, o talismã dos rituais dos obsessivos.

A questão que nos toca diretamente quanto aos pacientes aqui estudados pode ser apreciada à luz de três aspectos importantes da teoria da transicionalidade: *primeiro*, que o interesse nos objetos transicionais e seus substitutos pode voltar posteriormente; *segundo*, que o interesse é ativado quando há novas privações; e *terceiro*, que eles podem ser usados como objeto-fetichismo na vida adulta. Ou seja, no campo da distorção, o objeto transicional pode se transformar em um objeto de fetichismo e persistir na vida sexual adulta sobre a forma de adições e adesões a objetos específicos, dado o grave comprometimento na transicionalidade.

Escutamos casos em que a adaptação ativa da mãe restou prejudicada nos primórdios porque ela se encontrava absolutamente tomada por problemas emocionais. Em outros casos, a chegada do bebê representou para o cuidador, ora uma solução para seus problemas da vida adulta, ora um consolo para lutos e tristezas profundas, ora uma adesão que deveria ser esperada de um companheiro de vida erótica adulta que não pudera ser encontrado no mundo externo.

A psicopatologia aponta, assim, para casos clínicos em que, em vez de o objeto transicional ser descatexizado e sofrer o destino de ser relegado ao limbo, ocorre, ao contrário, seu uso exacerbado com a finalidade específica de negação à separação ameaçadora entre o bebê e a mãe ou o cuidador. Em sentido contrário à saúde, portanto, há indivíduos que não podem desfrutar dos fenômenos transicionais como estádios do uso da ilusão e têm avariado o significado de uma relação de objeto em que possam perceber os cuidadores como externos a si, tais como os casos clínicos apreciados nesta tese.

6.3 O EXAGERO DO USO DO OBJETO TRANSICIONAL E O MENINO DO CORDÃO

Winnicott nos conta, como mencionamos, o caso clínico de um menino de sete anos, levado pelo pai e pela mãe ao Departamento de Psicologia do Hospital Infantil Paddington Green. Segundo a narrativa dos pais, as manifestações sintomáticas do menino começaram a ficar abundantes: ele dizia que iria cortar a irmã em pedacinhos, passou a lamber coisas e pessoas compulsivamente, fazia ruídos com a garganta, recusava-se a evacuar e depois sujava tudo.

Na consulta terapêutica, Winnicott percebeu os sinais de uma mãe depressiva e, escutando os relatos sobre a primeira infância da criança, tomou ciência de que a irmã mais nova do menino nascera quando ele tinha apenas três anos e três meses, e que, além disso, a mãe fizera uma cirurgia pouco tempo depois. Ocorreram ainda, na sua tenra infância, diversas internações da mãe em hospitais psiquiátricos por períodos estendidos em razão de quadros depressivos, deixando o menino aos cuidados de uma tia. Além dessa irmã, o menino tinha

ainda uma irmã mais velha, de dez anos, que frequentava uma escola para crianças excepcionais, o que o deixava bastante ansioso com o atraso no seu desenvolvimento.

Na sessão que Winnicott fez com o menino após a entrevista com os pais, todos os desenhos dele no Jogo do Rabisco estavam associados a cordões: ele desenhara um laço, um chicote, um chicotinho, um cordão de ioiô, um nó em um cordão, repetindo tais desenhos sucessivamente. Falando sobre o tema com os pais, o analista veio a descobrir que o menino estava obcecado por amarrar objetos com cordões, a exemplo de cadeiras e mesas, pendurando almofadas na lareiras, chegando, em certo dia, a amarrar um cordão no pescoço da sua irmã, o que teria despertado o alerta de todos sobre os riscos das amarrações, visto que a esse fato se seguiu uma cena muito mais extremada na qual o menino se pendurara de cabeça para baixo em uma árvore, preocupando a todos, pois a mãe temeu, ao chegar, que ele tivesse se enforcado.

Da análise dos desenhos, aliada ao relato dos pais e do estado geral da mãe, o psicanalista inglês pôde concluir que aquelas amarrações feitas pelo menino não eram aleatórias, mas, sim, plenas de significação simbólica: havia o indício claro de que o cordão era usado como um artifício para negar a separação entre ele e a mãe em razão das experiências traumáticas enfrentadas por ele quando sua mãe era internada.

Depois da intervenção de Winnicott expondo suas conclusões quanto ao uso distorcido do cordão, a mãe, apesar de não acreditar muito naquela "teoria", resolveu falar abertamente com o filho sobre as separações vividas por eles e o menino pôde contar à mãe sobre o intenso medo despertado nos períodos de sua ausência. O brincar sintomático com os cordões parou temporariamente depois da conversa. Mas, quando começaram a ocorrer novos episódios de depressão da mãe, seguidos de internações, as brincadeiras com o cordão voltaram à cena.

Confirmou-se, então, o pensamento winnicottiano sobre a questão da transicionalidade envolvida no uso patológico do cordão naquele caso clínico, abrindo-se um novo âmbito de investigação a ser esquadrihado posteriormente sobre as patologias relacionadas a tal travessia.

As vinhetas clínicas expostas nos capítulos precedentes nos fazem ver que os objetos de adicção eleitos pelos analisandos de que falamos podem também ser compreendidos à luz de experiências que eles viveram em tempos precoces. Mas será que poderíamos considerar que a relação fusional que eles estabeleceram foi determinante para as suas saídas defensivas?

Qual a relação entre os laços precoces patológicos e a compulsão a repetir o uso e manuseio de substâncias adictivas ou de repetir ações de caráter mecânico apenas para pacificar excessos pulsionais, sem a vivência de satisfação?

Como vimos, a abordagem winnicottiana oferece uma mudança de perspectiva na ênfase dada pela teoria freudiana ao âmbito pulsional, às noções de excitação e satisfação oral, passando

a haver um acento marcante na temática relacional e nos vínculos com os primeiros objetos.

Winnicott (1951/1975a, pp. 30-31) fala de uma "psicopatologia manifestada na área dos fenômenos transicionais" e destaca que, além do vértice da normalidade dos fenômenos transicionais, há outro aspecto importante atinente ao patológico. Ele chama atenção, especificamente, para o "modo como a separação pode influenciar os fenômenos transicionais".

Segundo ensina, se a mãe se afasta do filho por um tempo razoável, a imagem dela permanece como uma representação mental do bebê, mas a continuidade da força e vigor dessa imagem na ausência da mãe depende da razoabilidade do tempo de espera e do nível de desamparo suportado pelo psiquismo infantil, a depender da maturidade em cada época. Se o bebê ficar desatendido e solitário por tempo demais, a imagem começa a se apagar e os fenômenos transicionais começam a perder o sentido.

O que acontece então? Nas palavras dele, "exatamente antes da perda", pode ser percebido "um exagero do uso de um objeto transicional como parte da negação de que haja ameaça de ele se tornar sem sentido" (WINNICOTT, 1951/1975a, p. 31).

Em razão da ausência materna difícil de ser tolerada, o bebê reage e defende-se pelo desinvestimento, mas antes desse processo há um uso exagerado e distorcido do objeto transicional. Para Gurfinkel (2007, p. 20), isso se dá sob a forma de "hiperinvestimento, como tentativa de negação de que haja ameaça do objeto se tornar sem sentido", fato que observamos com o "menino do cordão", no qual o cordão não abarcava significados como comunicação e ligação, mas representava a insegurança do filho ou a falta de comunicação entre ele e a mãe.

No caso do "menino do cordão" a função do objeto foi modificada, passando de um meio de comunicação para um instrumento de negação da separação e, segundo Winnicott (1951/1975a, p. 36) "como negação, o cordão se torna uma *coisa em si*, algo que possui propriedades *perigosas* e necessidades que precisam ser dominadas". Ou seja, o uso do cordão passa a valer como defesa e uma estratégia diante da ameaça de aniquilamento em razão da separação; assim, o cordão passa a ter propriedades mágicas, com a finalidade de não permitir que desapareça em definitivo a imagem da mãe que ameaçava esmaecer na sua ausência.

Quando ele menciona o uso do cordão como uma coisa em si transparece a ideia de que ele perde (ou nem sequer chega a assumir) a natureza do objeto transicional, visto que não é um objeto mesclado com áreas internas e externa da criança tentando elaborar a separação da mãe, mas uma coisa concreta, externa, separada, sem esse potencial de conexão entre áreas diversas que é inerente ao objeto transicional. Haveria, aí, então um apego delirante à coisa em si, o que quebra a trilha da criatividade na criação do mundo, por ser um "falso objeto transicional" ou "um substituto do falo materno ao qual não se quer renunciar" (GURFINKEL, 2007, p. 21).

Esses objetos "são hiperinvestidos com o objetivo de preservar o *self* do indivíduo". Haveria, então, uma integridade do *self* construída patologicamente, decorrente de uma atuação reativa, equiparada a "uma espécie de respiração artificial por sobre o objeto". Diante da iminência do colapso, o indivíduo no estágio de dependência recorre a uma estratégia de sobrevivência como uma couraça. Em vez de cair no vazio do desinvestimento do objeto e do *self*, o sujeito recorre à negação para evitar o colapso. No caso do "menino do cordão", portanto, tal uso representava uma "defesa contra a perda do sentido do estar no mundo" muito parecida com o que ocorre nas adicções (GURFINKEL, 2007, p. 20). Não havia naquela forma de brincar uma ligação saudável, mas, sim, a expressão da falha de comunicação entre mãe e filho e uma busca compensatória. Porém, a comunicação feita à mãe sobre o desvio da função do cordão foi determinante para o caso, segundo Winnicott, ao dizer que ela conseguiu lidar com a questão "antes que fosse tarde demais, quando esse uso ainda continha esperança" (1951/1975a, p. 36).

Como analistas, nos deparamos com esse interrogante impasse: quando o uso de objeto-fetice ainda contém esperança de alguma resignificação de traumas precoces do sujeito?

Para Winnicott, nos casos em que falta esperança e o cordão (ou algo que o valha) representa uma negação da separação configura-se "um estado de coisas muito mais complexo, um estado que se torna difícil de curar por causa dos ganhos secundários oriundos da perícia que se desenvolve sempre que um objeto tem de ser manuseado a fim de ser dominado" (1951/1975a, p. 36).

Transpondo essa construção para o tema das relações fusionais, fica bem claro que a escuta de casos em que o sujeito está preso patologicamente a um dos genitores nos põe em face de um estado de coisas complexo e "difícil de curar". Isso se justifica sobretudo porque as saídas adotadas tamponam a problemática da transicionalidade e da separação e somente emergem à superfície quando passa a haver uma centralidade na vida do sujeito da adesão a substâncias como álcool, drogas ou relações perversas, isto é, quando já há prejuízos de larga extensão porque tal intensidade do movimento compulsivo cria obstáculos difíceis de transpor.

Cabe-nos, então, tratar mais detidamente das adicções.

6.4 AS ADICÇÕES

Não pretendemos nos aprofundar especificamente no campo particular das adicções, problemática de ampla dimensão que extrapolaria os nossos objetivos. Tal estudo das adicções, aliás, já foi feito de forma elogiável, profunda e longitudinal por outros autores³⁴.

³⁴ A exemplo de Décio Gurfinkel (2011) e Lígia Humberg (2014).

O que ocorre nos casos aqui mencionados ultrapassa o princípio do prazer, as cargas e descargas, tensões e alívios relacionados a excitações quantitativas de ordem pulsional sádico-oral ou sexual e agressiva, e inclui também – de forma fundante – as ideias de integração e desintegração do indivíduo, separação e autonomia, sustentação do eu e colapso identitário, aniquilação e sobrevivência; ou seja, há questões narcísicas relevantes envolvidas no processo.

As drogas e, em sentido mais ampliado, as compulsões e as ações repetitivas, valem nesses casos como um meio de encenar momentaneamente a ideia dupla de fusão e separação.

Do que expusemos até aqui sobre os objetos transicionais, cabe indagar: o que o bebê encena, ensaia, antecipa e elabora no manuseio e no descarte deles, segundo a teoria winnicottiana? Nos parece que é realçado que o bebê ensaia estar fundido com o objeto, em uma relação subjetiva, antes simbiótica e depois separado, autônomo e emancipado.

Vimos que os fenômenos transicionais e a noção do brincar em Winnicott abarcam a luta de cada indivíduo de manter-se integrado e, ao mesmo tempo, separado. A luta para criar um mundo interno vivo e criativo sem se fragmentar, transitando da fase de dependência absoluta à fase de independência relativa.

O adicto estaria buscando o mesmo? Estar misturado, fusionado, satisfeito, completo e, ao mesmo tempo, independente e sob controle, relacionando o interno ao externo com o uso da droga ou com o comportamento repetitivo, mortífero e circular? Ou há distorção desse uso?

Como vimos no item 6.1, a internalização da *mãe-ambiente* desenvolve a *capacidade de estar só* do indivíduo. Sozinho e inteiro; não fragmentado. Sozinho, ainda que na presença da mãe; e integrado mesmo que na ausência da mãe. Por outro lado, os adictos se confrontam em seu mundo interno com a incapacidade de estarem sós, por isso recorrem a tais "coberturas" ou "capas de chuva" para fazer a travessia dolorosa pelas intempéries da solidão mortífera.

A *adicação* relaciona-se à ideia de consumo persistente de drogas, de medicamentos ou de substâncias psicoativas, de origem psíquica ou física, assim como a uma propensão do indivíduo a hábitos compulsivos, a comportamentos invariáveis qualquer que seja a situação; e ao "fato de sentir compulsão por certa coisa"³⁵. O *adicto* seria, então, aquele que se apega ou se afeiçoa a algo, a que se dedica e é devotado, mas também pode ser considerado aquele que dependente de algo, ou aquele que se submete a alguém.

Na etimologia da palavra *adicto*, segundo o Manual Elementar de Direito Romano (2008), o *addictus* figurava dentre os cinco tipos de escravos normatizados no *jus civile* no

³⁵ Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Disponível em: www.houaiss.uol.com.br. Acesso em: 12 out. 2020.

direito antigo, ao tempo da Lei das XII Tábuas. O *addictus* era o devedor insolvente e condenado (*addictus*), vendido como escravo pelo seu credor.

Cabe pensar nesses casos, portanto, também sob o ponto de visto econômico.

Como o *adicto* era o devedor insolvente escravizado pelo seu credor na origem do termo em latim, cabe primeiro indagar: o que significa ser um devedor insolvente?

De forma bastante simplificada, o conceito se refere àquele indivíduo que, em dado momento, possui mais dívidas do que bens, ou seja, alguém que não tem patrimônio suficiente, em razão da sua situação econômica, para honrar uma prestação devida que ele previamente assumiu. Ele tem uma ou mais prestações a cumprir, mas elas estão quantificadas acima dos seus ativos patrimoniais, isto é, além de suas "forças" econômicas.

Podemos então fazer uma correlação entre a ideia de devedor insolvente como um conceito jurídico ou econômico, atinente a forças financeiras concretas e contábeis, e um outro conceito presente no campo da Psicanálise desde o seu nascedouro: o de economia psíquica.

Os recursos psíquicos internos que cada indivíduo constrói ao longo da vida decorrem de uma complexa combinação de fatores que se referem: ao desejo de seus pais sobre o seu nascimento, aos cuidados iniciais que lhe puderam ser oferecidos, ao ajuste ambiental às suas necessidades enquanto bebê e criança, ao seu desmame e ensinamentos quanto ao asseio, às identificações e cargas pulsionais suportadas, à sua constituição narcísica, ao atravessamento do complexo de Édipo, assim como à sua capacidade de firmar relações objetais, dentre tantas outras aquisições e dificuldades. Enfim, há uma miríade de trilhas entrecruzadas, às vezes paralelas, que influenciam umas às outras no processo de desenvolvimento e de constituição do eu.

Como vimos ao longo desta tese, há indivíduos que acabam enfrentando diversos revezes nesse caminho. E se, a princípio, sabemos que é o ambiente que precisa ofertar acolhida àquele que chega a uma família e se adaptar ativamente ao bebê (segundo as teorias ferencziana e winnicottiana), é comum escutarmos indivíduos que nos contam que o ambiente em que estavam imersos não cumpriu esse papel de acolhimento, ajuste e adaptação, e, por isso, acabou sendo necessário que eles, ainda com poucos recursos, tenham sido compelidos a se adaptar ao entorno.

E por que estaríamos falando deles dentro de um contexto de devedores insolventes?

Dada a precariedade daquilo que o ambiente lhes ofertou nos primeiros anos, tais sujeitos acabam por se envolver em tarefas extremamente custosas psiquicamente e, às vezes, até mesmo fisicamente. São prestações de serviços muitas vezes diários, ofertas e qualidades de presença que eles assumem precocemente e, em algum momento, é acionado um alerta sobre a impossibilidade do cumprimento daquela dívida interminável ou sobre a insustentabilidade da ocupação daquele lugar que lhes foi destinado em razão das agruras que assolaram a família de origem.

Vamos lembrar do exemplo de Warren, aos oito anos, citado no Capítulo 3. Em um dia normal, ao despertar, ele já assumia as seguintes tarefas: acordava seu irmão menor enquanto a mãe estava deitada, deprimida, trocava a roupa do irmão para eles irem à escola, preparava o lanche que ambos iriam levar. Ia com ele à escola e lá se comportava como um "menino de ouro". Ao voltar para casa, lavava roupas, esquentava o jantar e colocava o irmão para dormir. Além disso, ele dedicava um bom tempo a estar com a sua mãe entristecida e lia diariamente a Bíblia com ela. Não bastassem essas tarefas quantificáveis que ele até poderia exercer sem se confundir emocionalmente quanto à posição que ocupava na família, foram aparecendo indícios de que a mãe, para agravar a situação, esperava que ele fosse assumindo o papel do chefe de família e lhe servisse de companhia e consolo por tantas perdas enfrentadas por ela.

A dívida ia se avolumando, as prestações diárias também e Warren se comprometia efetivamente como um devedor; ou seja, estavam presentes todos os elementos que poderiam desembocar em uma dívida que se tornaria impagável ao longo do tempo, dada a exiguidade de recursos de um menino de oito anos ou um pouco mais que isso – já que essas prestações duraram também até a sua adolescência.

Logicamente, o represamento de tantos afetos ambivalentes e a execução de tantos sacrifícios diuturnamente, por mais que tenham gerado reconhecimento narcísico, iriam vaziar em algum ponto. Ocorre que, em vez de haver um estouro da represa ou um reconhecimento de um estado de "insolvência psíquica" que fizesse Warren afirmar que não tinha mais forças nem recursos internos para prosseguir naquele ritmo e se libertar do jugo da sua mãe, apenas foi possível que esse transbordamento fosse sendo vazado gota a gota, pingo a pingo, por pequenos furos na represa psíquica dele. Assim, ele recorreu ao torpor diário da masturbação compulsiva que gerava uma drenagem artificial desses afetos sem que ele entrasse sequer em contato com a raiva, a irritabilidade ou o sentimento que ele carregara desde sempre de ser injustiçado pela mãe. Apenas em análise, ao longo de muito tempo, isso pôde encontrar vazão e nomeação.

Já no caso de Mark, além das tarefas diárias que ele executava para agradar a mãe e consolá-la pelo alcoolismo do seu pai, havia também o agravante de que a mãe o convidava rotineiramente para dormir com ela e essa partilha da cama da mãe se estendeu por longos anos.

Não à toa muitos desses indivíduos nos contam que lembram de suas infâncias como um claustro ou como um cativo, fazendo a remissão a um local estreito e sem saída.

A associação do adicto à ideia de escravidão por uma dívida que deixa o sujeito submetido a outrem se encontra instituída desde aquele momento histórico da Lei das XII Tábuas, o que se irradia também dentre os psicanalistas que se dedicaram ao termo, tal como

Gurfinkel (2011, p. 50), para quem a adicção é uma forma de escravização porque "o viciado perdeu sua capacidade de escolha, pois é incapaz de escolher entre usar e não usar o objeto".

O adicto age como um "*despojado*", como alguém que "perdeu sua identidade e, simultaneamente, adotou uma identidade imprópria como única maneira possível de saldar sua dívida". Com essa renúncia à sua identidade verdadeira que seria insustentável em seu ambiente, ele restabelece falsamente um equilíbrio. Em outras palavras, o adicto aceita publicamente que não teria direito a uma identidade pessoal e que "para ser alguma coisa, devia aceitar que não era ninguém" (KALINA; KOVADLOFF; 1983, p. 24).

A expressão *escravidão por dívida* nos faz pensar também no caso clínico de Marla (item 2.2) e, ainda, no quanto narrado autobiograficamente por Romain Gary (item 3.6), pois a história de ambos aponta precisamente para a ideia de uma dívida impagável contraída por dois filhos em razão de demandas inconscientes e profundas, respectivamente, do pai e da mãe.

Marla e seu pai eram representantes, como dito, de um caso de "incesto emocional" por viverem emocionalmente como um casal, no qual a filha aceitava incondicionalmente as bebedeiras do pai em nome de um vínculo simbiótico no qual o pai agia como um namorado ciumento, impedindo-a de sair e ter encontros com garotos da sua idade. Só muito tempo depois, já marcada por desilusões decorrentes de relações em série com homens mais velhos, ela pôde descobrir que o pai podia ser cruel e que era totalmente autocentrado. Marla descobriu que não tivera o direito de construir uma identidade própria enquanto tutelada por ele, contraindo uma dívida que perdurou longamente. Ela não teve a permissão para ser uma criança livre. Ela não pôde ser olhada e cuidada pelo pai como uma filha. Ela fôra tomada como um objeto para o atendimento das necessidades do adulto solitário que ele se tornara.

Romain Gary, por sua vez, era um filho abnegado à sua mãe e contraiu uma dívida que perdurou durante toda a sua vida: converter-se em um grande homem *para ela*, um cavalheiro excepcional, um embaixador da França, um escritor de sucesso e um aviador digno de honrarias durante a Segunda Guerra Mundial. Conquistou todas essas posições, mas viveu tão aprisionado e em servidão voluntária à sua mãe, que salta aos olhos do leitor do livro, de modo comovente e incômodo, o seu estado de rendição e seu destino inelutável de cumprir esses desígnios até o fim dos seus dias. Isso de fato ocorreu, dado o seu suicídio algumas décadas depois da escrita da obra, talvez como uma tentativa de silenciamento da pulsão de morte que o assolava diante da sua vivência constante de despersonalização e perda identitária face à dívida.

Segundo o dicionário Aurélio, a palavra *adicto* vem do latim *addictu*, que é um adjetivo que significa: afeiçoado, dedicado, apegado, adjunto, adstrito, dependente ou escravo³⁶.

Todos os filhos aqui mencionados – Warren, Mark, Marla e Romain Gary – tinham essas qualidades em comum. Por serem muito afeiçoados, extremamente dedicados e visceralmente apegados aos seus genitores, acabaram colados a eles, "adjuntos, adstritos", desembocando em uma relação não saudável de dependência e escravidão.

As palavras eleitas por Freud para falar nas adições químicas são: habitualidade e de dependência³⁷. Na sua teoria quanto ao desenvolvimento da sexualidade, as adições se relacionam à ideia de fixação e normalmente são associadas à fase oral de desenvolvimento. O *adicto* estaria em busca de uma reedição da completude da relação primária mãe-bebê (FREUD, 1905b).

Na obra freudiana, apesar de não ter havido uma explicitação sistematizada do tema, as adições aparecem, em uma primeira compreensão do seu uso, relacionadas à regulação da excitação pulsional, a exemplo dos casos de masturbação patológica, vinculada à satisfação autoerótica. Elas seriam defesas contra o excesso de angústia de separação vivida pela perda do objeto. Nesses casos, o uso de um objeto externo teria a função de neutralizar ou eliminar a carga pulsional excedente, ora entorpecendo o indivíduo ansioso, ora agitando o indivíduo pacato ou apático, ou, na via masturbatória, funcionando como um alívio da excitação demasiada.

Se, todavia, a primeira tópica freudiana teve seu acento na busca do prazer e na evitação do desprazer, dando ênfase à descarga regulatória da homeostase do aparelho psíquico, a partir da segunda teoria pulsional passou a ser incluída a ideia de transbordamento pulsional como elemento regulador do equilíbrio psíquico (FREUD, 1920). Surgiu, a partir daí, a questão do traumático e das vivências precoces que carecem de simbolização primária e, por isso, acabam voltando repetidamente à cena psíquica como material cindido em busca de ligação. Dada a sua carga intensa demais, haveria também nesse retorno do cindido uma abertura para a busca de entorpecimento e de anestesia viabilizada pelos comportamentos repetitivos e pelas adições.

Em uma segunda acepção, as adições também podem ser apreendidas como uma forma de incorporação tortuosa de um objeto ausente, que acaba sendo impeditiva da tramitação do trabalho de luto, tal qual descrito de *Luto e melancolia* (FREUD, 1915/1917a).

A exemplo disso, Rosenfeld (1960, p. 152) sustenta que essa forma de adesão ao objeto trata-se de uma "*doença da incorporação*", da mesma forma que se dá com o melancólico. Para

³⁶ Verbetes *adição* e *adicto*. Disponível em: <https://alvissarismo.wordpress.com/2016/03/02/o-que-e-a-adiacao-e-quem-e-o-adicto/>. Acesso em: 12 jun. 2021.

³⁷ Os aprofundamentos que abaixo desenvolvemos encontram lastro na tese defendida por Lygia Vampré Humberg (2014), seguindo a trilha teórica da autora na busca de fundamentos em autores que se dedicaram profundamente ao estudo das adições.

ele, tanto na toxicomania quanto na melancolia há uma identificação com o objeto doente ou morto e, no caso dos adictos, a droga passa a ocupar o lugar desse objeto. O uso abusivo, compulsivo ou descontrolado de drogas com o fim da intoxicação e do entorpecimento aponta então para uma incorporação do objeto que se manifesta de forma muito concreta: com o ingerir, o inocular, ser penetrado e repetir cenas para obter ora excitação, ora alívio, ora descarga.

Também podemos conceber as adicções em sua conexão ao narcisismo patológico, como uma estratégia adotada para a exclusão do reconhecimento do outro. Elas valeriam como substitutos artificiais e precários das relações objetais, ou seja, como um modo de excluir a entrada do outro e impedir o reconhecimento da alteridade.

Como demonstramos nos Capítulos 1 e 2, a relação mãe-bebê vale como matriz das relações amorosas futuras e pode ensejar uma abertura saudável do indivíduo a se relacionar com outros objetos; todavia, acaso ocorram fixações patologizantes, ele pode ficar preso ao objeto primário, sempre perseguindo a fusão experimentada em tempos primordiais, com maior ou menor intensidade e urgência, reproduzindo em seus novos vínculos sensações de privação, insegurança e angústia de separação a cada afastamento ou ausência dos objetos eleitos.

O adicto teria sido, então, vítima de um abuso no processo de simbiotização-dessimbiotização na leitura de Kalina e Kovadloff (1983) e, por isso, apresenta uma falha na capacidade de perceber o outro, pois não desenvolveu a capacidade de reconhecer a si próprio.

Há ainda uma terceira acepção para as adicções: em *O mal-estar na civilização*, Freud (1930) menciona a adesão a substâncias adictivas relacionada a duas correntes: uma ativa, referida à busca do indivíduo de intensificar experiências de prazer para experimentar cargas pulsionais cada vez mais fortes e outra corrente passiva, alusiva à necessidade de neutralizar o desprazer. Nesse último caso, a adicção seria uma forma de "silenciar a pulsão de morte", com a construção de um lugar de proteção ao indivíduo invadido por um sofrimento transbordante. Ele fala em substâncias estranhas que trazem sensações prazerosas, mas que também neutralizam impulsos desagradáveis.

A bem da verdade, a dinâmica adictiva de tais indivíduos e o uso de meios calmantes e amortecedores contra a solidão nos faz pensar na segunda teoria pulsional: eles buscam uma ausência de tensão, a inércia e o retorno ao inanimado em decorrência da pulsão de morte pregnante nesses casos. O uso de substâncias adictivas sem moderação ou a repetição intensa de atos compulsivos, artificialmente a serviço do princípio do prazer, parece ser uma forma disfarçada de encobrir a pulsão de morte que circula nos subterrâneos desses psiquismos.

Como constatamos nesses casos, o adicto consegue afastar precariamente o desprazer ao se vincular de forma adesiva a alguma substância tóxica ou reproduzir atos repetitivos entorpecedores. Ele obtém uma satisfação pulsional provisória que cala momentaneamente o

sofrimento, mas, para isso, precisa também se afastar do princípio da realidade. Em outras palavras, seria possível afirmar, a partir da escuta de tais casos, que o princípio de prazer falsamente montado seria um "escravo" da pulsão de morte – como os devedores insolventes e condenados, escravizados pelo seu credor na Lei das XII Tábuas do Direito Romano.

Persiste então a questão: será que o adicto poderia ser apenas vinculado a uma imagem de morte e de autodestruição, como se ele estivesse atraído apenas por um canto mortífero?

Parece que, nesses casos, além dessa imagem, emerge também um indivíduo que luta para restabelecer a esperança usurpada na sua infância e, para tanto, usa o que Audibert (2009) chama de "estratégias de sobrevivência" para ressuscitar o que está semimorto dentro de si com o uso do objeto-droga. Ele repete tal busca compulsivamente para tentar encontrar um objeto vivo, para sustentar a ilusão primária que não ocorreu antes e, por fim, para encontrar algum sentido.

A solidão se torna insuportável para o adicto exatamente por deixar ressaltado o seu ego sem amparo, ou seja, ele revive a mesma solidão enfrentada em razão do ambiente insuficiente que o circundara em sua infância. E "este reencontro com o ausente (os afetos) tem para o adicto uma experiência de uma catástrofe" (KALINA; KOVADLOFF, 1983, p. 39).

Diante dessas três acepções das adições elencadas de forma consistente por Lygia Humberg (2014) – adições como meios reguladores da excitação pulsional; como a "incorporação tortuosa de um objeto ausente" (ROSENFELD, 1960, p. 152); e adições como formas de silenciamento da pulsão de morte – o analista confrontado com tais modos de sobrevivência estará desafiado a escutar os sofrimentos de superfície que decorrem da própria adesão adictiva e sintomática, mas igualmente convocado a cuidar das questões mais profundas atinentes aos processos iniciais de separação e individuação de tais indivíduos.

A separação dos entes primordiais, a autonomia, a constituição do *self* e a construção de um lugar psíquico individual aparecem como pontos de relevo. A objetividade do objeto e a subjetividade do *self* não são dadas como certas nesses casos. Volta à cena, em constante reedição, o processo de separação-individuação e a elaboração da diferença entre aquilo que é do sujeito e o que é do outro, como uma forma de encenar idas e voltas aos primeiros estágios pré-edípicos.

Igualmente voltam à cena analítica movimentos resistenciais a essa aquisição da subjetividade do *self*, sob a forma de forças ocultas que trabalham em direção à busca de fusão, simbiose, mistura, emaranhamento, e que expressam o desejo de não separação e a incapacidade de tais indivíduos ficarem sozinhos e desfrutarem de uma solidão serena.

6.5 OS EXTRAVIOS DA FUNÇÃO DO OBJETO

Alguns autores vêm se dedicando ao estudo teórico do deslocamento do eixo pulsional e da excitação-satisfação oral na Psicanálise contemporânea rumo à problemática das relações de objeto. Esse olhar teórico-clínico nos parece muito pertinente ao pensamento sobre as relações fusionais, por isso dele ora nos valem em nossa busca de compreensão sobre as saídas defensivas das adições, perversões e compulsões que aparecem na clínica ao escutarmos casos clínicos em que a fusão com a mãe ou com o pai tem uma centralidade na vida adulta do analisando.

Por que tais saídas se revelam tão sedutoras e determinantes na vida de tais indivíduos?

Gurfinkel (2007) parte de *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905b), relembando que Freud retrata a distorção adotada pelo fetichista ao se fixar a um objeto como matriz de sua conduta sexual. Essa fixação restritiva seria uma tendência contrária à lei mais geral do funcionamento pulsional, que aponta para contingência do objeto de satisfação, ou seja, a ideia de que há a possibilidade de satisfação com o uso de objetos variados, de formas diferentes e em tempos distintos. A multiplicidade de objetos a satisfazerem o desejo do indivíduo seria a regra mais geral e a especificidade fetichista, a regra limitadora da satisfação.

O objeto-fetice "nasce" nos primórdios do psiquismo do indivíduo, adquirindo forma de acordo com fatos da sua vida e demandas pulsionais que permanecem inconscientes. Segundo Freud (1927), no uso do objeto-fetice há a negação da castração e de suas implicações psíquicas, gerando uma solução situada entre a psicose e a neurose, que gera uma cisão do Eu.

A questão fica delimitada no texto *A cisão do eu no processo de defesa* ([1938b] 2018), no qual Freud diferencia o mecanismo da recusa (*Verleugnung*) e do recalque (*Verdrängung*). Segundo ele, a criança ameaçada pela castração faz uso da recusa (*Verleugnung*), conciliando em seu psiquismo duas ações dissonantes simultaneamente: por um lado, *rejeita* a realidade e *recusa-se* a aceitar qualquer proibição quanto à satisfação pulsional, mas, por outro, reconhece o perigo da realidade e assume o medo dele decorrente como um sintoma patológico. Desse modo, dado o conflito entre a exigência pulsional e a percepção da realidade objetiva limitadora da satisfação almejada, o indivíduo conserva as duas impressões, o que provoca uma *cisão do eu* (*Ichspaltung*). Produz-se, assim, a satisfação do pulsional, mas há uma manifesta dissociação entre a experiência e as representações psíquicas correlatas.

Assim como ocorre com o fetice (FREUD, 1927), também na toxicomania se dá uma cisão do Eu e a recusa à realidade, o que enseja a criação simultânea de uma neo-realidade. Nesses casos, o objeto "é buscado incessantemente como única fonte de prazer para o indivíduo", ou seja, a droga passa a assumir a natureza de um objeto-fetice (GURFINKEL,

2007, p. 18). Em resumo, a adicção teria a natureza de um fetichismo sem o sentido simbólico, como se qualquer conexão significativa tivesse sido desligada e passasse a vigorar tão-somente a busca compulsiva pelo objeto da adicção em decorrência de uma forma de fixação.

O objeto-fetichismo, portanto, tem maior vinculação ao uso patológico de pessoas e objetos com a função de prótese narcísica. Haveria então uma manutenção artificial da fantasia de fusão e uma zona de conforto psíquica montada na ilusão de eliminação da falta.

Que efeitos podemos extrair das relações fusionais engendradas precocemente nos casos narrados nesta tese? A negação do abandono traumático e da vivência de um desvio por parte dos pais ao privilegiarem suas demandas em detrimento dos filhos faria com que tais filhos necessitassem de mecanismos para escamotear a realidade? Eles precisariam, de algum modo, criar uma neo-realidade para encobrir o abandono traumático e entorpecer?

O caso clínico de Sam (item 4.4) nos revela que ele recorria a uma compulsão por sexo virtual para aliviar o medo de engolfamento pela mãe. Ele vivia na internet por longas horas, todas as noites e começou a usar o álcool de forma compulsiva, o que foi motivo para que sua esposa se mobilizasse a procurar ajuda. Durante a escuta, restou claro que o gatilho para suas compulsões eram as ligações telefônicas de sua mãe, que lhe traziam sentimentos intensos e negativos, que eram os disparadores da busca de alívio. Como ele se sentia sempre insuficiente diante das demandas dela, fazia uso de tais recursos repetitivos, compulsivos, mas apaziguadores do excesso pulsional que experimentava. Sam bebia regularmente e o sexo virtual tinha para ele a natureza de uma droga que lhe dava uma ilusão artificial de independência, já que, durante o dia, ele era oprimido por uma sensação de inadequação, sentindo-se sempre culpado e nunca recompensado ou satisfeito, apesar da alta energia dispendida. Seus ataques de ira ocasionais o assustavam e a culpa que ele sentia depois de tais extravasamentos ficava pendente de metabolização, muito mal digerida.

Henrique (item 1.4), como vimos, dizia colecionar relacionamentos em série, garantindo que entre ele e cada uma das mulheres com quem se envolvia não haveria uma relação de intimidade, mas, sim, uma mera combinação de alívio de tensão, fetichismo e saídas sexuais casuais, nas quais o compromisso estava sempre excluído do pacto. Cabe lembrar que o pai de Henrique tinha deixado marcas profundas em seu psiquismo ao transformar-lhe em "melhor amigo", desde que pagasse o alto preço de ouvir detalhes picantes sobre suas relações sexuais com meninas muito novas. O relato das aventuras do pai com mulheres, álcool e drogas negavam a validade das fronteiras emocionais e psíquicas do filho, que acabou sendo depositário do desprezo que seu pai sentia pelas mulheres e pela ideia de romantismo. Aos 50 anos, Henrique sentia uma angústia excessiva, por perceber que, após viver inúmeras relações,

sentia-se esvaziado, solitário e deslocado na própria vida; e, por isso, usava o sexo compulsivo como válvula de escape. Não conseguia lembrar de pessoas com quem teve ligações verdadeiras e quando pensava no pai sentia certa melancolia por intuir que ele não tinha conseguido amar mais ninguém além dele mesmo.

Mark (item 3.5) é um outro exemplo de analisando envolvido em diversos comportamentos compulsivos ao longo da vida. Ele deu à sua mãe um suporte emocional continuado para aguentar um marido alcoólatra e negligente. Porém, ninguém olhou para suas necessidades de criança e ele permaneceu em uma posição de abandono traumático, entregue a uma sedução silenciosa pela genitora que o impediu de fazer suas explorações sexuais no curso da adolescência. Mark desenvolveu uma compulsão alimentar, manteve casos sucessivos e cometia pequenos furtos. A comida havia se tornado o seu meio de compensar o fato de nunca ter se sentido amado, a ponto de desenvolver sérios comprometimentos à sua saúde física em razão da sua voracidade ilimitada. Ele sempre tivera a crença de que sua vida de sacrifícios havia sido uma escolha dele, mas pôde ir percebendo que havia outras influências inconscientes que preponderaram na sua adesão à função de padre.

Esses indivíduos sofreram silenciosamente porque houve desacertos e troca de papéis, nos quais acabou por vigorar uma dependência invertida, pois suas mães ou pais não conseguiram ocupar um lugar suficientemente bom no ajuste. Eles não puderam identificar as necessidades dos analisandos enquanto bebês, crianças e adolescentes, não conseguiram acatar suas demandas e gestos espontâneos, nem conseguiram lhes prover um *holding* tranquilo e consistente no tempo. Com isso, em vez de permitir um acesso relativamente natural aos fenômenos transicionais, eles experimentaram angústias de perda e separação que os conduziram às saídas defensivas relatadas.

Como o uso de um objeto como fetiche corresponde a uma "inversão potencial entre sujeito e objeto, tornando-se o primeiro um sujeito-quase, semimorto ou semivivo, escravo de um objeto metamorfoseado em coisa" (GURFINKEL, 2007, p. 21), o estado de dependência que se instaura nessas relações traduz algo patológico, sem enredo, compulsivo e mortífero. Configura-se uma patologia derivada da matriz da relação de objeto, que Winnicott considera uma patologia da função transicional e uma *predisposição* para a adicção, pois o objeto transicional, que poderia representar a união e também a separação da mãe ou pai, muda a sua natureza e a sua finalidade, pervertendo o seu uso ao se converter em um objeto-fetiche.

Os percalços e extravios na relação com os genitores causam o que Savietto (2011, p. 60) nomeia de "toxicidade concernente aos objetos primordiais". Como a sexualidade se instaura no psiquismo humano a depender das primeiras trocas com os cuidadores, nesses casos

de excesso pulsional ou de ausência ou insuficiência de apoio por parte desses objetos, "a sexualidade tende a se *reduzir a um tóxico*, a se manifestar *como um tóxico*". Há, ainda, "uma segunda vertente de toxicidade", relacionada à captura narcísica do filho quando os pais vivem como uma ferida ao seu próprio narcisismo a separação/diferenciação da criança. Tais filhos, então – como os analisados descritos nesta pesquisa – não terão suas demandas singulares reconhecidas. Esse indivíduo será então "cuidado – pode-se dizer: (narcisicamente) abusado – em função das demandas de uma *outra pessoa*" (SAVIETTO, 2011, p. 64).

Quando há captura narcísica e a subjetividade de um filho fica emaranhada ou apagada pela subjetividade de um pai é mesmo possível pensar em alienação e intoxicação.

Savietto (2011) nos ensina que esse indivíduo lutará contra a dependência patológica a um outro (interno) indiferenciado, intrusivo e dominador e, por isso, o drogadicto se lançará à fusão com um pseudo-objeto externo manipulável. Resumidamente, porque um objeto (interno) "intoxicante" está excessivamente presente, o drogadicto procura desintoxicar-se de modo paradoxal: aderindo à intoxicação pelas drogas. O adicto adota a onipotência como um antídoto contra sua dor, trocando a fantasia aterrorizante da falta ou da intrusão pela concretude da droga.

O adicto de que falamos estaria "invadido pela toxicidade e pela dependência ligadas aos 'desencontros' com os 'maus' objetos primordiais"; convertendo-se em um corpo que não pode pertencer ao próprio sujeito porque é experimentado como "dominado pelo outro" (SAVIETTO, 2011, p. 67). Ele vive atuando reativamente em resposta a uma privação grave ocorrida nos primeiros tempos e o objeto de adicção funciona como o simulacro de um objeto mágico. A solução adictiva equivale a um modelo de uso de um objeto fetichizado para que se crie um mundo à parte no qual a droga se encaixa e tampona provisoriamente o vazio. O adicto persegue um "paraíso artificial" para lutar contra sua experiência de ilusão quebrada na origem.

Como escutar tais dores no curso do processo analítico?

Cabe-nos seguir a nossa trilha para construir um pensamento clínico sobre a escuta de tais casos.

CAPÍTULO 7 – PENSAMENTO CLÍNICO

Em tantas ocasiões me ocorre a infância como contra mim. Somos a frente e o verso de uma mesma matéria e conflituamos, porque nos queremos imiscuir. Uma acusação na ressonância daquela promessa primeira de ser o melhor possível.

E repenso a ideia de curar a infância, coisa que só se poderá fazer, afinal, a distância, salvos o bastante para que a observemos sem obrigação de lhe corresponder e arriscar sucumbir. Salvos o bastante para lhe sermos mais fortes e podermos lembrar sem rancor ou necessidade de regresso, mandando algo, protestando, confrontando nossos pequenos e grandes predadores.

A saudade não é imediatamente essa vontade de regresso. Esta saudade é sobretudo a oportunidade de filtrar, perante outra coragem, o que nos define, o que nos domina e aquilo que passamos a dominar. Esta saudade é bravura e serve inteira para apaziguar o presente e magnificar o futuro.

Valter Hugo Mãe (2020, p. 248)

A epígrafe traduz algumas ideias de absoluta importância para pensarmos na construção de um pensamento clínico sobre os casos de relações fusionais.

O ponto de partida consiste na ideia de uma infância que o autor batiza, em sua liberdade poética, de uma infância "contra mim", ou seja, ele intui que a infância de muitos indivíduos (e a dele próprio, ao que tudo indica) pode albergar a quebra daquela "promessa primeira de ser o melhor possível". Em seguida, ele nos adverte que é preciso "curar a infância", um trabalho psíquico e emocional que só se pode fazer "a distância", em uma época na qual não se encontra mais tão acirrada a obrigação de corresponder ao esperado ou, ainda, quando se acha menos intensificado o medo de sucumbir. Nessa hora, em prontidão, apareceria então a abertura possível para o indivíduo enfrentar "pequenos e grandes predadores", para, por fim, segundo ensina o autor, "filtrar, perante outra coragem", aquilo que o define, que o domina e o que ele pode dominar.

Valter Hugo Mãe se inclui nessa trilha de cura da infância e enfrentamento de pequenos e grandes predadores do passado e, com a sabedoria de quem escreve por metáforas, presenteia-nos com a descrição de um caminho que pode nos fazer olhar para a criança alojada dentro do adulto que bate à nossa porta anos depois e nos procura para ser escutado em análise.

Ele finaliza a epígrafe de modo grandiloquente, chamando de "bravura" essa "saudade" de cada indivíduo de rever a infância; e nos brinda com a ideia de que essa bravura "serve inteira para apaziguar o presente e magnificar o futuro" (MÃE, 2020, p. 248).

Pensemos então nesse ato de bravura, de simbolização das dores do passado, de representação do vivido na infância que acabou sendo objeto de cisão e que insiste em retornar no presente. Pensemos em aspectos clínicos já tratados na tese, tendo como mirada essa ideia singela e bonita do autor de "apaziguar o presente e magnificar o futuro", quando for possível.

Por ora, vamos cuidar em conjunto de várias ideias que fomos incluindo pouco a pouco, na tentativa de formular, em considerações finais, um pensamento clínico sobre tal escuta.

Quando um recém-nascido chora, berra, ou pede socorro serenamente com balbucios e manhas, ele está lançando aos seus cuidadores tanto sua soberania (na condição de *Sua Majestade, o bebê*) quanto sua vulnerabilidade (sob a forma do seu desamparo biológico e estado de dependência absoluta). Ele apela ao mundo exterior em razão de sua necessidade ou de seu desconforto e há uma espera de acolhida, escuta e ajuste à sua demanda.

O adulto que recebe tal apelo também está atravessado por seus próprios enredos, demandas, traumas e tensões, ou seja, também se encontra em certo estado de vulnerabilidade diante do pedido de socorro. Como dissemos no item 1.5, cada adulto carrega dentro de si a criança ávida de amar, mas também portadora de todos os seus ferimentos, sofrimentos, necessidades e comoções da sua vida precoce. Segundo nos ensina Cintra (2021), esse encontro da criança com seu cuidador coloca em cena dois indivíduos em estado de vulnerabilidade e desamparo, o que a autora nomeia de *complexo do Nebenmensch*.

O *Nebenmensch* é o ser ao lado, o próximo, o vizinho, o semelhante e ele tanto pode ser qualificado como aquele que é capaz de prestar socorro à criança quanto também como uma "ajuda estrangeira" (FREUD, [1895]1950, p. 326) que pode assumir a natureza de um primeiro objeto hostil. Por se tratar de uma vinculação intrinsecamente marcada pela ambivalência, o apelo da criança pode encontrar no cuidador tal disponibilidade para satisfazer suas demandas iniciais; porém suas necessidades emocionais mais importantes podem cair no vazio ou ensejar a atividade invasiva, agressiva ou violenta do cuidador (CINTRA, 2021) – como constatamos em vários casos clínicos aqui tratados.

Cintra (2021) nomeia três faces do *Nebenmensch*: o *semelhante*, o *exterminador* e o *salvador*. Como *semelhante*, o *Nebenmensch* ocupa para a autora o lugar eventual do primeiro objeto de satisfação do indivíduo, por isso toda a atividade primária e secundária do psiquismo gravitará em torno do encontro e do reencontro dessa vivência. Na condição de *exterminador*, o outro que cuida também poderá figurar como o primeiro objeto hostil, já que o pedido de socorro, em vez de ser atendido, pode se confrontar com a violência do outro ou até mesmo provocá-la; ou pode ainda cair no vazio e nem sequer ser ouvido. A terceira face do *Nebenmensch* é a do salvador, como "única potência capaz de prestar socorro", dada a

passividade radical do recém-nascido. Em virtude da dívida de gratidão que vincula o ser indefeso por ter sido cuidado, será instaurado o desejo de retribuição pelo recebido e disso derivará o seu sentimento de responsabilizar-se pelo outro. Para Cintra (2021), daí também se origina o sentimento de *responder* ao salvador e o desejo de fazer reparações.

Em outras palavras, face à necessidade de ajuda alheia e do desamparo biológico primordial, o bebê humano necessita e depende de um outro que lhe é próximo, o que marca de forma inexorável a entrada da alteridade e sua função essencial na formação da subjetividade de cada indivíduo. Por isso, quando entra em cena o *Nebenmensch*, seja para acudir o bebê desesperado, seja para acolhê-lo em seu desamparo ou, nas piores circunstâncias, para atacá-lo ou deixá-lo à deriva e desassistido, instala-se essa condição de dependência inicial associada à busca incessante daquele primeiro rosto que pôde resgatá-lo de tais agonias impensáveis.

Dessa dependência que o sujeito tem daquele que está próximo deriva também o poder do cuidador, que aparece então imantado à própria constituição do sujeito, dada a sua posição já delineada por Freud de seu "primeiro objeto satisfatório [do sujeito], seu primeiro objeto hostil, além de sua única força auxiliar" (FREUD, 1950[1895], p. 383). Do poder do cuidador decorre também a dívida daquele que nasce sob os seus cuidados, dívida que pode ser paga em moeda afetiva, ou pode vir a ter um alto custo psíquico, tal qual estudamos nesta pesquisa.

Coelho Jr. e Figueiredo (2004, p. 12) mencionam que tais dívidas para com os outros, fundantes da constituição do *self*, serão enfrentadas de modo particular por cada indivíduo. Cabe reproduzir o pensamento dos autores sobre tal temática da intersubjetividade:

No entanto, o campo das psicologias confronta-se, cada vez mais, com as exigências éticas colocadas pela necessidade de reconhecimento da alteridade como elemento constitutivo das subjetividades singulares. ***Trata-se, em última análise, de como as dívidas para com os outros, contraídas na constituição do self, podem ser enfrentadas e assumidas por cada indivíduo.*** Além de sua implicação ética, é uma questão importante no campo da saúde mental (grifos nossos).

Vimos que muitos dos indivíduos aqui mencionados choraram, berraram ou, eventualmente, pediram socorro aos seus genitores serenamente, mas encontraram em resposta um tipo de ajuda que acabou se convertendo em objeto hostil, não de forma clara, a céu aberto, mas, sim, de forma silenciosa, quase secreta.

Escutamos as histórias de pais e mães que acabaram por cuidar de suas próprias dores de uma vida adulta insatisfatória, infeliz ou solitária às expensas do filho ou da filha. Nesses casos, o apelo de satisfação de demandas emocionais e psíquicas da criança encontrou um

adulto em franco estado de desamparo, desespero ou frustração decorrente de seu enredo pessoal, de seus traumas mais profundos. E, em uma equação compensadora das sequelas da vida desse adulto, tais filhos entraram em cena como seres em dívida, que pagaram com o capital de sua infância ou adolescência um alto preço para ocupar os lugares de parceiro, companheiro, cuidador ou conselheiro; enfim, os lugares mais variados de apoio e parceria, salvo aquele pertinente ao seu desenvolvimento maturacional e psíquico.

Em razão disso, eles enfrentaram um estado de privação que se consolidou ao longo do tempo como abandono traumático, revestido, porém, da qualidade nobre de um vínculo especial, privilegiado e exclusivo.

Como escutar tais dores? Essa foi a pergunta que continuou a ecoar ao longo dos capítulos.

Neste capítulo, é importante refletir sobre como construir um enquadre interno do analista, como pensar no que é eficaz e relevante na escuta clínica de casos nos quais *o amor entre pais e filhos transborda* e nos quais as infâncias de tais filhos são silenciosamente usurpadas; enfim, mergulhar mais no campo transferencial-contratransferencial.

Faz-se necessário apreciar mais detidamente o processo analítico desses pacientes, focalizando na experiência psíquica, afetiva, mental e empática entre analista e analisando em tais modalidades de atendimento.

O intento é desenvolver um pensamento clínico particularizado a respeito desses casos, adotando como fonte essencial a tradição psicanalítica. A pergunta que deve permanecer muito viva é: como mergulhar na tradição e dela emergir? Como nos apropriarmos de aportes teóricos de autores que nos são caros para construir um pensamento clínico que precisa ser criado singularmente a cada novo atendimento?

Como se depreende na apreciação da história da Psicanálise ao longo do tempo, a questão da sexualidade recalcada, de grande expressão na clínica psicanalítica, foi cedendo espaço a outras questões psíquicas que foram tomando vagarosamente o centro da cena teórico-clínica – tais como as patologias narcísicas, as questões alusivas aos estados-limite, as passagens ao ato, as compulsões, adicções, somatizações e a falta de simbolização primária de vivências decorrentes do trauma precoce e do desamparo vivido em um período pré-verbal.

Por isso, o referencial central das patologias neuróticas e a meta de acessar o inconsciente reprimido para extirpar a ideia patogênica (FREUD, 1905a) foi se expandindo a outras searas de pensamento clínico. Na técnica, a escuta fundada na associação livre, na atenção flutuante e na metapsicologia do sonho, além do uso da interpretação dos derivados do inconsciente, ampliou-se em novas direções.

Como sabemos, a escuta das neuroses clássicas impunha como diretrizes ao analista as noções de neutralidade, abstinência e a distância do analista, consubstanciadas nos modelos metafóricos do analista *como espelho opaco*, o analista *como cirurgião* ou *como receptor telefônico* para acessar os derivados do inconsciente oculto (FREUD, 1912).

Com o passar dos anos, Freud incluiu duas ideias teóricas absolutamente relevantes para pensarmos na clínica das relações fusionais, com a introdução do conceito de pulsão de morte e do dualismo pulsional em *Além do Princípio do Prazer* (1920), além da reviravolta metapsicológica decorrente de *O Eu e o Id* (FREUD, 1923) e da formatação da teoria estrutural da mente: 1) a noção de compulsão à repetição e 2) os mecanismos de defesa do Id.

Se o sintoma neurótico deixava ao analista a tarefa analítica de desvelar o que estava camuflado, nos casos das não-neuroses (como os que aqui apreciamos), o analista passa a ser convidado a uma construção daquilo que ainda não se encontra representado. Vai sendo criado, assim, um espaço *entre dois*, entre o paciente e o analista, fazendo emergir um terceiro, que é o objeto analítico, que firma essa nova qualidade da *terceiridade* da construção de novas formas de pensar, elaborações inéditas e representações inaugurais sobre o vivido não-representado.

Neste capítulo, iremos percorrer um caminho que se abre em um primeiro tópico no qual nos propomos a refletir sobre a *dimensão do testemunho do analista* na escuta desses casos.

Como segundo passo, nos dedicaremos ao estudo do *terceiro em Psicanálise*, demonstrando como a figura do terceiro vem sendo concebida em termos metapsicológicos por importantes autores dedicados ao tema, e, mais precisamente, como o terceiro se fez presente ao longo dos sucessivos capítulos desta tese, ora como um terceiro ausente, morto ou insuficientemente bom para interditar a simbiose; ora, por outro lado, como uma potencialidade de formatar um espaço de separação estruturante entre os genitores mencionados e seus filhos.

Em seguida, será necessário revisar alguns conceitos ferencianos no escopo de discernir os efeitos do seu legado para a clínica psicanalítica atual, assim como a influência do seu conceito de *tato* na concepção de "escutar com o terceiro ouvido" (REIK, 1948).

Como aspecto fundamental da construção de um pensamento clínico, apreciaremos mais detidamente o processo de simbolização da história fusional desses analisandos, para desembocar no último tópico – *uma terceira margem* –, no qual tentaremos articular a teoria de Donald Winnicott e de André Green, com vistas a tratar da ideia de enquadre analítico.

O diálogo entre Winnicott e Green pode se revelar muito produtivo, na medida em que unirá o que foi declinado no Capítulo 6 quanto aos fenômenos transicionais e o aporte clínico que estamos buscando para pensar na transferência e na contratransferência nesses casos de relações fusionais como uma *terceira área*, propiciadora de novas enlances de ordem simbólica.

André Green começa a pensar nesse novo "capital clínico" das patologias contemporâneas e passa a delinear uma psicanálise que possa se adaptar à situação clínica do analisando, fundada especialmente na ideia de enquadre interno do analista (GREEN, 2002/2010), incluindo nessa concepção a ideia a participação do inconsciente do analista no processo de construção dos processos terciários pelo par analítico.

Como a grande marca da produção teórica de Green se refere a uma busca incessante de um entrelaçamento metapsicológico entre pulsão e objeto, destacam-se em sua teoria os efeitos da pulsão de morte quanto ao "desligamento" das relações objetais (a desobjetalização), o que pode trazer subsídios para pensarmos exatamente sobre esse *vivido não-representado* pelos filhos enlaçados em relações fusionais. Especificamente sobre a técnica analítica, suas ideias nos ajudam a cuidar dos ataques à elaboração psíquica e ao pensamento, decorrentes dos efeitos da pulsão de morte (destrutiva) voltada aos ataques ao próprio eu.

Como vimos, o enquadre clássico foi se mostrando insuficiente, ao longo da história da Psicanálise, para sustentar a escuta da ação da pulsão de morte, por exemplo, em relação aos ataques à simbolização e ao pensamento, por isso passou a ser fundamental pensar em "tratamentos de encontro" (GREEN, 2012), com realce à presença do analista e ao trabalho analítico como a necessária construção de "um continente que permita o acolhimento daqueles pensamentos que a pulsão destrutiva atacou ou destruiu" (*apud* MARUCCO, 2013, p. 80).

Na leitura de Green feita por Marucco (2013, p. 69), "é preciso um analista que dê provas, como objeto, de sua aliança com 'Eros' e sua luta representativa contra a autodestruição". Um analista que "não poderá ser 'neutro' nem 'abstinente' ante a repetição desse embrião pulsional" (o inconsciente soterrado, "prévio" à linguagem, para quem do recalque). Marucco conclama a presença de um analista que "terá de servir de 'suporte' da pulsão de vida", em um movimento da dupla que opera no intrapsíquico, mas também no campo intersubjetivo, tendo como motor os investimentos em análise que contrastam com a pulsão de destruição. Haveria, assim, uma "emergência do objeto primário na atualidade da transferência" (*ibidem*), facultando a criação de algo inédito no encontro analítico.

A tarefa do analista contemporâneo, segundo defende André Green, e que representa uma posição à qual nos filiamos neste capítulo final, é então a de revisitar a técnica analítica, transformando-a pela clínica e a recriando, na medida em que, diante dos grandes desafios acionados pela ação da pulsão destrutiva, o encontro possa vir a albergar uma aposta na pulsão de vida, na ligação, na vinculação da dupla, e, por consequência, na frutificação do encontro e sua irradiação em pontes e novas simbolizações do material cindido.

Sigamos então a trilha clínica descrita, com passos firmes, mas com o devido vagar.

7.1 A DIMENSÃO DO TESTEMUNHO DO ANALISTA

Como ponto de partida podemos nos indagar: o que a presença do analista pode provocar e proporcionar, em sua condição de terceiro, em contraposição à relação fusional de natureza dual, ao testemunhar a narrativa desses analisandos sobre suas relações com seus genitores?

O que a dimensão do testemunho de um terceiro agrega a esses casos clínicos?

Vimos ao longo do desenvolvimento desta tese que a escuta desses casos traz a lume questões muito arcaicas, de forma diversa do que ocorre com a escuta de pacientes neuróticos. Aparecem situações traumáticas, às vezes encobertas, mas que representam longos períodos de privação de cuidados compatíveis com as necessidades de filhos que chegam em análise já adultos, padecendo das sequelas do vivido na relação fusional. Situações que ora apontam para uma sedução silenciosa que transbordou os limites da assimilação pelo psiquismo e/ou pelo corpo infantil, ora revelam a vivência camuflada de um matrimônio psicológico ou da chamada *síndrome do incesto emocional* (LOVE; ROBINSON, 1991) sob a imagem de uma relação favorecida e exclusiva com um dos genitores. Além dessas formas de privação, vimos que há situações bastante dolorosas, mas demasiadamente valorizadas, de *terrorismo do sofrimento* (FERENCZI, 1933), nas quais foram requeridos atos de dedicação, sacrifício e apoio superiores às forças da criança ou adolescente em uma idade muito precoce.

Ademais, ficou também explicitada uma questão que deixa muito mais complexa tal escuta: ao mesmo tempo em que há um pedido (implícito ou expresso) do analisando de libertação do vínculo fusional, emerge também uma resistência feroz ao afastamento do genitor fusional. Como dito, o analista é confrontado com essas duas demandas contraditórias: a demanda de separação do ente fusional e um empuxo da resistência a tal separação, experimentada como um tipo de morte ou aniquilamento.

É preciso, portanto, dispor do tempo como um aliado, construir novos ritmos de interação e esperar pela maturação do processo de simbolização da "história da relação fusional", ou seja, esperar que o tempo possa decantar vagarosamente a ideia de que aquilo que, ilusoriamente, parecia ter sido um privilégio, pode ter sido, na verdade, um estado de privação vivido de forma estendida no tempo, sob a roupagem da dupla perfeita, dos melhores amigos, do sacerdócio, da devoção, do sacrifício, mas que, no fundo, gerava as sequelas de um abandono traumático.

É importante, por isso, falar da posição do analista como um terceiro e incluir a ideia de que tal figura pode ir favorecendo a simbolização primária sobre a questão do objeto ausente, morto, ou insuficientemente bom, que não apareceu para interditar o emaranhamento fusional na época precoce – o que aconteceu, por exemplo, no caso do analisando Douglas.

Lembremos um pouco do começo da narrativa sobre o caso Douglas.

A ideia de introduzir a problemática das relações fusionais com o caso Douglas, que transbordava passionalidade, excesso, incesto, onofilia e tantos outros afetos desordenados e intensos, teve por escopo dar as mãos ao leitor e apresentar o clima afetivo do trabalho analítico.

Na Introdução, falamos que na sessão em que ele narrara uma briga mais séria com sua mãe, com desdobramentos arriscados de violência física, a percepção analítica era de que "o tom, estranhamente, não parecia ser de medo, mas, sim, de uma grande carga de erotismo e agressividade sem limites entre os dois". Havia a impressão de que a relação tumultuada entre eles comportava muita excitação e ainda a intensa dificuldade do filho e da mãe de se separarem. Logo de início brotou a suspeita de que a meta da luta seria uma indiscriminação entre eles e uma estranha busca de que eles virassem "um só". Ali mencionamos que emergiu para a analista uma das primeiras impressões a nortear essa escuta: a impressão de que "o caso exalava uma certa aura de incesto e morte".

Por outro lado, também foi verbalmente explicitada por Douglas a importância da presença de alguém para funcionar como um terceiro entre eles e ofertar um testemunho do que estava ocorrendo entre filho e mãe. Relembramos que Douglas afirmava que a briga apenas parecia uma experiência real (e horrível) quando era narrada em análise. Ou seja, ele indicava expressamente que a presença do terceiro-analista favorecia que se trouxesse à luz sua experiência emocional antes suprimida. A incidência de um outro olhar, do meu olhar, e a escuta na condição de analista fundavam um novo enquadre, ao tempo em que inseriam uma distância que lhe permitia analisar o vivido, experimentá-lo como uma vivência individual, refletir sobre ela e, até mesmo, ficar assustado ou até assombrado pela intensidade do que se passara.

Narrar algo torna real o vivido. Nesse caso, aparecia algo horrível ou "surreal" aos olhos de Douglas, talvez não pela presença da analista, mas porque, pela primeira vez, ele estava podendo realmente entrar em contato com o que sentia quando falava e também com o que vivera ao longo de sua vida. O mais difícil parecia ser então escutar o que ele próprio contava e isso demandava estar em análise, frente a um outro. Havia um enorme impacto decorrente da escuta de si mesmo, a princípio alienada. Com o distanciamento, ele podia dizer de um outro Douglas que viveu as brigas físicas carregadas de conteúdo emocional, ou seja, ele via as cenas das quais participara e isso o horrorizava, mas ele estava acompanhado nesse percurso.

Essa vivência também nos lembra o Édipo. O horror ao incesto, que só é horror quando consumado, revelado, trazido à consciência. E de fato, o que acontecia entre Douglas e Marina era dessa ordem do incesto, da morte, e dos tabus que nos causam horror.

Douglas, como visto, começou a poder se assombrar com as cenas narradas por ele, com o transbordamento do excesso, da passionalidade entre ele e sua mãe e com a suspeita de que havia algo incestuoso em estado de gravitação entre eles. O clima afetivo do trabalho analítico fazia com que ele pudesse espantar-se acompanhado da analista, porque as cenas violentas estavam, de certa forma, em outro lugar e em outro tempo. Ao narrá-las, ele podia também começar a experimentar certa sensação de alívio, por não estar mais dentro do vivido cruamente. Ali então começava a ser fundado um novo espaço: o *setting* analítico como um lugar seguro, como um enquadre montado para sustentar a sua entrada nesses pontos obscuros que causavam estranhamento, turbulência e dor psíquica.

Sobre o enquadre interno do analista, cabe dizer que a distância temporal inserida em análise entre o fato traumático e a narrativa permite ao analisando se apropriar de experiências emocionais desconcertantes ou incompreensíveis, além de cadenciar um novo ritmo temporal que se dá com os intervalos das sessões e com a marcação da presença e a ausência do analista combinadas, intercaladas e integradas psiquicamente. A estabilidade dos encontros propicia um aprendizado das alternâncias entre presença e ausência, além de um ensinamento sobre a espera do momento do próximo encontro, o que enseja o incremento da tolerância à frustração.

Instala-se uma confiabilidade particular e valiosa no *setting* analítico e, junto a essa vivência de um espaço de confiança, se modula um compasso que afasta a urgência e permite que, a cada sessão, possa ir sendo encenado, representado e escrito um capítulo da história de cada vez, parte por parte, fragmento por fragmento, com vagar e apropriação subjetiva até poder vir a se constituir em uma narrativa.

Essa ideia nos permite pensar no *setting* analítico e na presença do analista como uma combinação favorável a dar contorno ao vivido pelo analisando, dar continência a experiências brutas (e, às vezes, brutais) antes desordenadas, aflitivas e angustiantes. Pensando no *duo* de figura e fundo, de tela e moldura, o terceiro-analista abre caminho ao trabalho do negativo (GREEN, [1976] 2017), tendo sempre em vista a necessidade de moderar o senso de intrusão, conter as interpretações invasivas e criar um suporte ambiental facilitador da simbolização do abandono traumático antes experimentado nesses casos.

No que tange à moderação do senso de intrusão, isso nos remete ao favorecimento aos processos de regressão em análise, que viabilizam um retorno do indivíduo ao ponto do amadurecimento no qual algumas experiências se tornaram insuportáveis psiquicamente, tal qual ocorreu no caso de Douglas, por exemplo, nas oportunidades em que ele compareceu às sessões usando as calças do pijama. Era como se ele expressasse, na privacidade de sua roupa de dormir, uma tentativa regressiva de construção de um contato confortável ou não ameaçador

diante da analista, ensaiando experimentar ser respeitado em uma situação íntima, apesar de, por outro lado, arriscar ser invadido em seus limites.

Para pensarmos na noção de *analista não-intrusivo* (BALINT, [1968] 1993) como um requisito fundamental nesses casos, é importante lembrarmos novamente do netinho de Freud (1920) jogando o carretel para longe e puxando-o posteriormente para perto. O avô estava lá, silenciosamente, como uma presença em reserva, testemunhando a cena do *Fort-Da* sem nela intervir, permitindo que o neto fosse, pouco a pouco, consolidando elaborações sobre a presença e a ausência de sua mãe. Ao fazê-lo, Freud oferecia um testemunho que permitia ao netinho ir integrando seus impulsos ativos de jogar simbolicamente o desprazer para longe, no escopo de encontrar saídas motoras da posição passiva penosa em que se encontrava na ausência da mãe.

Podemos comparar a presença de Freud-avô assistindo àquela cena com a presença não intrusiva do analista, necessária para a integração das questões intrapsíquicas e intersubjetivas atinentes às relações fusionais e cujo testemunho funcionará como um ponto de referência nas idas e vindas do analisando na tentativa de elaboração do vivido em sua história relacional.

No caso de Douglas, dois afetos foram encontrando espaço para metabolização entre as sessões: a tolerância à frustração e, ainda, a confiança no reencontro, fundada na ideia de que a analista não iria abandoná-lo se ele se ausentasse por um tempo. Ocorria um "*Fort-Da* sob controle", encenado por alguém cuja mãe não conseguiu fazer bem essa separação, que invadia seus limites a ponto de machucá-lo, e que o ameaçava caso se ausentasse, se afastasse demais.

Ocorrem nesses casos duas coisas simultaneamente: o analista funciona como uma testemunha para que a fala aconteça, uma vez que só é possível narrar a alguém de fora as cenas vividas e, ao mesmo tempo, o analista sustenta uma tentativa de construção de uma nova relação a dois, que não ameace o analisando de aniquilamento e que não o seduza ao incesto. Uma experiência a dois que permita vislumbrar outras possibilidades de vínculo.

A análise vigora como uma possibilidade de reconstrução, não no sentido de se voltar ao passado para consertar, retificar, desfazer, desmentir ou apagar o vivido, mas de criar uma possibilidade de transformar o vivido em uma experiência emocional integrada.

Conforme expusemos no item 2.5, nos casos de relações fusionais, o analista também deverá estar atento ao conceito de *identificações narcísicas alienantes* (FAIMBERG, 2005), definido como aquelas identificações que se transmitem de uma geração a outra com o manto dos segredos silenciosos que acabam por gerar efeitos de propagação em um plano inconsciente bastante arcaico. Como dito, tais identificações alienantes e suas ressonâncias futuras acabam por produzir eventualmente efeitos concretos na vida do indivíduo que vem a nascer uma ou duas gerações depois de o evento ter ocorrido.

Vimos que tais questões identificatórias são qualificadas por Faimberg (2005, p. 2) como "invisíveis" e "inaudíveis", e, por isso, toda essa temática haverá de ser objeto de construção no curso da análise do sujeito para que se tornem visíveis, audíveis e, por conseguinte, possam vir a ser elaboradas ao longo das sessões. Segundo a autora, nesses casos, a dupla analítica acaba sendo convidada à reconstrução simbólica disso que insistentemente se repete na vida psíquica do analisando.

Faimberg (2005) nos ensina igualmente sobre o processo de cisão que ocorre com as *identificações narcísicas alienantes*, motivo pelo qual elas não podem ser diretamente ouvidas pelo analista porque acabam sendo incorporadas em estado bruto, como dados históricos condensados, mas que não se relacionam de modo direto à história do analisando. Trata-se de objetos históricos que não podem ser objeto de introjeção, com o consequente enriquecimento do ego. Eles são incorporados e valem como criptas que não viram passado; retornam em compulsão à repetição, buscando alguma ligação ao psiquismo organizado do sujeito. Por isso, a transferência analítica será um meio a propiciar a descoberta e a possível representação da história escondida como um segredo.

No caso de Douglas (item 2.4), que chegou ao mundo como um substituto do irmão gêmeo falecido de sua mãe e tornou-se uma "dupla para sempre" de sua genitora, o analisando não tinha, a princípio, conhecimento consciente das dores mais precoces de sua mãe. Apesar disso, lançou-se na missão de dar-lhe suporte emocional, passando a desempenhar diversas funções diferentes do seu lugar de filho: a função de parceiro da mãe, pedaço complementar do psiquismo materno, companhia, consolo e motivação para ela viver. Como a mãe se sentia apenas "uma metade" em razão da morte do seu irmão gêmeo, Douglas passou a ser também apenas uma metade dele mesmo, destituído de identidade, de desejos e de convicções sobre si.

Douglas trouxe à análise uma história sobre um pacto de vida e morte da geração que lhe antecedeu. A mãe, sentada no alto da escadaria de sua casa com o seu irmão gêmeo, fazendo com ele o pacto de união "para sempre", selou o destino psíquico do filho Douglas sem que ele tivesse qualquer interferência, o que se tornou uma sombra determinante em sua vida.

A história de Douglas pôde ilustrar que "memórias" cindidas podem ser integradas no processo analítico e gerar transformações que fomentam uma desidentificação da identificação alienante. Quando o passado pode virar passado, ele deixa de se repetir em compulsão mortífera e o sujeito pode se desalienar e liberar seu desejo para a construção de um porvir.

Vamos escutando nesses casos clínicos um medo mortífero: se o filho permanecer na díade, pode ser engolfado pelo genitor; se sair, seja sob ameaça de perder esse amor, seja sob a ameaça de ser atacado ou afetado pelo terceiro cujo lugar foi usurpado, também pode ser morto.

O analisando vai, então, tentando sem sucesso construir sozinho um caminho e encontrar uma saída com maior autonomia que viabilize o seu ingresso em uma vida adulta mais potente e vigorosa; enfim, separada. Em virtude desse insucesso, da sua inércia, ou da frustração quanto ao alcance de vias válidas de acesso à potência, ele permanece na díade.

A rigor, na maioria dos casos, não nos parece que haja a fruição de um prazer na fusão, mas meramente um gozo insistente, artificial, continuado, imoderado, às vezes aborrecido e tedioso, que se repete sem que o sujeito consiga elaborar uma rota criativa para continuar vivo e desejante. Tudo o ameaça. E se a ameaça é reiterada, a análise pode se tornar uma via nova, distante o suficiente das figuras ameaçadoras, internas e externas, mas que, ao mesmo tempo, pode também ter a função de fincar os alicerces para a construção de um novo lugar, uma terceira área, que pode se inaugurar a partir de um convite, um ensaio ou um teste.

O sujeito pode se permitir, assim, tentar pôr em cena uma arquitetura original de saída da relação aprisionante, da família claustrofílica ou do matrimônio psicológico que viveu e esse convite, ensaio ou teste será partilhado com um novo terceiro que o acolhe, escuta-o empaticamente e não o ameaça de aniquilação.

Não há como se negar que, na cena original desses indivíduos, já havia um terceiro, só que insuficiente para executar um corte psíquico, por diferentes motivos.

É sobre esse terceiro ausente, tão presente na condição de uma sombra na vida do analisando que também estamos falando ao tratar das relações fusionais. Esse terceiro que cada sujeito implora que exista e que se apresente para salvá-lo, para constituí-lo, para impedir o engolfamento e a aniquilação.

Por outro lado, apesar de ausente de vários modos, é um terceiro que assombra o indivíduo, um terceiro que é invalidado pelo outro genitor do casal parental, destituído de sua posição de autoridade e de afeto, e que, por isso, faz despontar no filho ou na filha uma parte morta que ele tem que carregar pela vida e que lhe é estranha, ainda que familiar. O filho tenta sobreviver carregando essa parte mortífera, mas, ao mesmo tempo, precisa deixá-la de lado, extirpá-la ou integrá-la ao seu psiquismo pela via da elaboração do vivido em sua história vincular para, enfim, poder viver.

Além do terceiro morto, todavia, é extremamente importante falar do terceiro vivo, a quem o analista empresta o semblante.

O analista pode ser alguém com quem o indivíduo pode engendrar formas de se relacionar com o seu próprio passado e edificar também a tentativa de "apaziguar o presente e magnificar o futuro" (MÃE, 2020), como mencionamos na epígrafe deste tópico. Ele pode ter

a função de um terceiro que abre uma pequena fresta de ar na experiência da narrativa de relações simbióticas demasiadamente colonizadoras e sufocantes.

Ainda assim, é preciso observar a ambivalência latente nessa intenção de magnificar o futuro, na medida em que ela insinua uma forma de libertação do passado, mas também vale como um representante do que parece ser a mesma voz da criança que tinha concebido para si um futuro glorioso a se realizar caso não tivesse sido atropelada pelos pais e assoberbada pelos conteúdos adultos que foram nela despejados.

No processo de análise é por esses caminhos tortuosos, às vezes íngremes ou silenciosos, que se efetiva o trabalho. Não se trata puramente de um adulto olhando para a criança que ele foi, mas aquela criança silenciada reivindicando um dizer singular que foi suprimido. Talvez por isso mesmo até na busca de uma saída remanesce um ímpeto narcísico de construir um futuro magnífico. E isso nos remete ainda à possibilidade de interpretar que há, no encontro analítico da atualidade, a criança que habita aquele indivíduo tentando novamente, não apenas elaborar, mas firmar uma relação inédita não ameaçadora que possa incluir reedições do vivido com o uso de novos recursos partilhados pelo par analítico.

O processo de escuta desses casos abarcará também, com a historicização do vivido, um novo demarcador de diferenças entre as gerações e isso permitirá, como defendemos antes, que o tempo volte a correr, saindo de uma circularidade em espiral e gerando uma separação mais saudável entre as gerações envolvidas nas identificações alienantes.

Cabe repetir que o analista deve lançar mão, para tanto, de uma visão ampliada e de maior alcance como atitude transferencial na busca de uma genealogia das identificações alienantes.

As falhas ambientais nos primeiros tempos de desenvolvimento de um indivíduo, aliadas a essas poderosas identificações narcísicas alienantes, podem trazer dificuldades emocionais e vinculares, sobretudo porque, diante de um genitor muito demandante, carente, sedutor ou retaliador em excesso, a agressividade e o ódio ficarão impedidos de escoar. Nesses casos, a análise pode ser uma via propiciadora da elaboração de tais afetos cindidos.

Quando é nomeado o trauma sobre a posição fusional ocupada pelo filho, começa um lento processo de elaboração dos lutos decorrentes da perda da autonomia e da infância usurpada desse indivíduo, que passa a ter a chance de prantear o tempo perdido e ressignificar as defesas montadas, a ponto de poder eventualmente acreditar em outras possibilidades, além da adesão absoluta e a superação da sensação de passividade radical vivenciada precocemente.

O trabalho de análise irá na direção de degelar estruturas defensivas muito arcaicas para que o indivíduo possa encontrar um espaço para viver de forma mais autêntica.

Ressaltamos, ainda, anteriormente, um ponto de fundamental importância quanto ao processo analítico: pelo fato de o filho da relação fusional ter ocupado o lugar de um terceiro que se ausentou por algum motivo ou que, ainda que presente, estava alheio às necessidades da criança, a análise será um meio também para a simbolização de vivências indecifráveis de *culpa* pela substituição indevida do ausente ou pela usurpação do espaço do faltante. Junto com a culpa, outros afetos, tais como o medo de retaliação do genitor excluído e a dor da distância que se estabeleceu entre ele e o(a) filho(a), terão na cena analítica um espaço propício à elaboração.

Como dito, o espaço de análise ainda haverá de incluir o domínio da triangulação, para que possam ser representados os reflexos da formação da dupla fusional no vínculo familiar.

Como vimos na apreciação do caso clínico de Douglas, aparece ali a manifesta importância da ideia de relação triangular apoiada em um terceiro na relação analítica. O analisando buscava um olhar de sua mãe, que pudesse reconhecê-lo como alguém separado dela: um homem, um filho. Enquanto isso, Marina vivia incessantemente em busca do olhar perdido da mãe morta; por isso juntos eles miravam a morte, a impossibilidade de serem emancipados um do outro. Com a sucessão dos anos em análise, Douglas conseguiu firmar uma nova relação amorosa com Joana, que inaugurou um novo vínculo com ele, vínculo que antes somente podia ser mantido com sua mãe.

Os sentimentos paradoxais que uniam Douglas à sua mãe puderam ser simbolizados, cuidados vagarosamente, de forma que isso lhe permitiu construir uma nova relação amorosa.

Em resumo, uma parte muito significativa do trabalho analítico em casos como o de Douglas será a reconstrução representacional da relação filial. Além disso, deverá ser aberto espaço para a simbolização das identificações narcísicas alienantes e das fixações sexuais infantis, pontos que foram silenciados ou camuflados ao longo do processo de crescimento e, por isso, demandarão tempo, sustentação e zelo para que possa vir a ser simbolizados.

Não há dúvidas de que, na clínica do trauma, há de ser escutado o que é aparentemente inaudível. O analista, então, irá constatando que, de algum modo, o seu testemunho e a sua continência em relação à simbolização dos afetos cindidos da experiência vivida pelo analisando em sua infância e adolescência irão gerar a sua inclusão em uma triangulação engendrada de uma forma melhor, já que havia um terceiro-fantasma participando do triângulo patológico e passa a figurar em cena um terceiro vivo, representante de uma alternativa que não seja apenas a morte.

Gagnebin (2001, p. 93) define a condição de testemunha, afirmando que não é necessário que a pessoa veja o evento com seus próprios olhos, mas, sim, que se posicione como "aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras revezem a história do outro".

E o analista passará a ocupar, paulatinamente, o lugar de um terceiro que faz ofertas também inéditas: de reconhecimento do analisando, de escuta do seu passado, de enquadre, olhar empático e acolhimento a movimentos regressivos. Por outro lado, também incluirá a dimensão do assombro, da elaboração sobre a posição de vítima ou sobrevivente daquele indivíduo, incluindo afetos como privação, raiva cindida, culpa, triunfo, até o senso de ter sido injustiçado ou usurpado em sua infância e quaisquer outros sentimentos mais hostis que não puderam aparecer antes em virtude da supressão da agressividade e da acentuada moldagem mimética ao esperado pelo meio externo daquele filho não apenas dedicado, mas abnegado.

O analista comporá uma nova área com o analisando, uma área intermediária e um espaço potencial, qualificado pela confiança e pela construção de uma representação sobre a história fusional vivida por aquele filho, tomando, por conseguinte, o lugar de um terceiro, isso porque o genitor excluído da díade que poderia ter separado a dupla emaranhada, ou proporcionado uma triangulação relativamente saudável, não foi suficientemente bom a ponto de fazê-lo, ou estava morto, ausente ou distraído, favorecendo a configuração patológica.

Cabe pensarmos então na concepção de terceiro em Psicanálise.

7.2 A FIGURA DO TERCEIRO NA PSICANÁLISE

Como esclarecido na Introdução, a presente pesquisa partiu de uma escuta clínica centrada em casos que traziam a ideia do par, do duplo, do gêmeo ou geminado, do emaranhado, indiscriminado e indiferenciado, daqueles que se apresentam e se sentem sem contorno e/ou sem identidade, em muitos casos bordejando as ideias de vida e morte, de sexualidade e Nirvana, de emancipação e proteção, de liberdade e dependência.

No curso da escrita desta tese, porém, a ideia de terceiro começou a se impor fortemente. Em cada caso, havia a sombra de um terceiro que fazia sua aparição sorrateira, enevoada e sem clareza, deixando uma incógnita sobre tal questão.

No presente tópico, como dito, faz-se necessário também trilhar um percurso sobre a noção metapsicológica de *terceiro*, de forma a fundamentar um pensamento clínico que rumará em direção à sustentação de uma escuta fundada em um *terceiro ouvido*.

Em um estudo detalhado sobre as origens e os desenvolvimentos da noção de *terceiridade* em Psicanálise, Coelho Júnior (2016, p. 1107) nos apresenta dez figuras representativas do terceiro no campo da Psicanálise. De forma sintética e precisa, o autor nos ensina que "em Psicanálise, há o terceiro que separa, mas também o terceiro que religa, o

terceiro que gera distância, mas também o terceiro que aproxima o que estava irremediavelmente separado".

Em termos de progressão no tempo, a ideia teórica de uma psicologia da relação dual (*two body psychology*) foi edificada como uma crítica à noção teórica clássica que a precedera (*one body psychology*), que orbitava em torno do mundo pulsional e do intrapsíquico, até que, face aos estudos sobre a contratransferência, essa nova dimensão bipessoal veio a ser estudada mais a fundo. Coelho Júnior (2016) aponta a formulação conceitual de John Rickman (1951) e seu aprofundamento por Michael Balint (1952/1985, p. 235) como as bases que sedimentaram a ideia de que há algo que transcende a *Psicologia de Um só Corpo* em uma situação analítica, para incluir *Dois Corpos*. Atualmente, vigora uma nova abertura teórica, de ampliação da perspectiva dual, para ir desembocando em uma concepção de terceiridade. Para Coelho Júnior, todavia, é importante ressaltar que não se pode perder de vista que tais concepções acerca da dualidade e da terceiridade podem ser suplementares e, por isso, devem operar em conjunto.

É bem verdade que, no citado artigo, o autor usou o particular enfoque quanto às concepções de André Green sobre a terceiridade, cuja teorização derivou de questões psicopatológicas que emergiram da sua clínica, e de Thomas Ogden sobre o *terceiro analítico*, concebido a partir da sua própria compreensão sobre a situação analítica de forma mais elaborada a partir dos anos 1990.

De fato, a teoria greeniana inclui a noção de terceiridade como resultado do seu esforço metapsicológico de integrar a dimensão intrapsíquica à dimensão intersubjetiva, ou seja, no seu trabalho de suplementação à teoria freudiana para incluir a teoria das relações de objeto com o fim de favorecer a escuta de novos quadros psicopatológicos, como as neuroses narcísicas e as patologias *borderline*. Para Green, as relações de objeto não devem ser compreendidas em termos exclusivamente duais e devem sempre ser incluídas referências ao terceiro (*apud* COELHO JÚNIOR, 2016).

Coelho Júnior (2016) fez menção a outros autores que já vinham se utilizando do conceito de terceiro de formas distintas, a exemplo do terceiro do Édipo em Freud, o terceiro do nome do pai em Lacan, o terceiro da posição depressiva em Klein, o terceiro do espaço intermediário em Winnicott, o terceiro simbolizado pela interpretação (e/ou pela linguagem) e o terceiro intersubjetivo, dentre outros que o autor enumerou em uma lista autoral bastante consistente.

Dentre as figuras elencadas aparece o terceiro como uma presença material que interrompe um par já constituído, exemplificado pelo modelo do complexo de Édipo e da triangulação edípica. O autor menciona também "o terceiro da ausência" nos termos concebidos por André Green, para quem qualquer relação dual traz em si um terceiro, valendo como um paradoxo de uma presença ausente (GREEN, 1981). Outra formulação sobre a terceiridade diz

respeito ao terceiro pensado como o espaço 'entre dois'. Aqui a concepção se refere ao espaço concebido por Winnicott como espaço intermediário entre a dimensão subjetiva e a dimensão objetiva (como tratamos no Capítulo 6).

Usando a teoria de Green (2002, p. 251), a sessão analítica é tratada como uma composição de três partes: dois pedaços separados e um objeto que corresponde à sua junção. O objeto analítico seria esse terceiro objeto, com a natureza de um produto da junção entre aqueles formados pelo analisando e pelo analista. O enquadre analítico seria, por sua vez, um elemento auxiliar do processo de estruturação psíquica, um terceiro que conecta pulsões e objetos.

Na sucessão da escrita dos capítulos desta pesquisa, a figura do terceiro vinha forçando sua aparição, mas ele surgia discretamente, ora sob uma forma omissiva, atrás do biombo da relação fusional, ora como uma cumplicidade silenciosa por parte do genitor excluído da díade fusional por não interditar a patologização do vínculo entre o outro genitor e o filho.

Nos Capítulos 1 a 4 apreciamos casos clínicos nos quais havia uma figura do terceiro ausente, indiferente, morto ou insatisfatório a interditar o emaranhamento e a fusão.

Podemos pensar nos ensinamentos de Green (1981) quando afirma que há uma função paterna inserida desde o início na relação mãe-bebê, o que ilustra o seu conceito de "terceiro da ausência", no sentido de que uma relação inicial dual já inclui a figura do terceiro. Para ele, a posição de *outro da mãe* pode ser ocupada pelo pai, ou, na sua falta, pelo tio, avô, irmão, ou seja, por uma outra pessoa ou coisa que tenha existência psíquica separada do objeto materno e que, por isso mesmo, institui um limite quanto à relação direta entre o corpo da mãe e do filho. Green (1981) postula o Édipo como um *triângulo aberto com o terceiro substituível*, ou seja, com um vértice que pode ser ocupado por um outro que substitua o pai, mas que garanta uma função mediadora entre a mãe e o filho, o que será estruturante do psiquismo da criança.

Vimos no Capítulo 1 que Margaret Mahler se dedicou ao estudo do processo de individualização e separação entre o recém-nascido e seus cuidadores imediatos, tratando tanto dos êxitos quanto dos extravios atinentes ao nascimento psicológico de cada indivíduo.

Como apreciamos, apesar de Mahler ter partido da meta de tratar do processo *normal* de separação-individuação do bebê, as importantes contribuições dessa autora nos fazem pensar sobre os impactos traumáticos decorrentes da separação e, também, sobre os efeitos patogênicos decorrentes da interação da criança com seus objetos primordiais e, sobretudo, das sequelas que um desenlace negativo na fase simbiótica pode projetar sobre a vida futura de um filho ou filha.

Na tentativa de formular um pensamento clínico, todavia, não podemos deixar de pensar que a questão relacionada ao desejo de agarrar-se e do desejo de se afastar dos cuidadores está presente em todos os processos de constituição psíquica e que tal movimento aparecerá

repetidamente durante toda a vida desse sujeito e, por isso, também fará sua aparição no laço transferencial. Assim, a cada descoberta em análise ou face à proximidade de alguma questão psíquica relevante que ameace a continuidade da simbiose em foco, novas defesas e resistências do analisando podem se intensificar, deixando o analista às voltas com a meta da simbolização do vivido pelo indivíduo ao mesmo tempo vítima e sobrevivente da experiência que lhe usurpou uma série de possibilidades de uma constituição identitária mais autêntica.

Nos Capítulos 2 e 3 tratamos das ideias de sedução silenciosa, matrimônio psicológico, síndrome do incesto emocional, terrorismo do sofrimento e ali chamamos atenção também para a questão da cumplicidade do terceiro como um elemento a favorecer que a fusão pudesse vir a acontecer de forma tão acentuada.

Podemos pensar mesmo sob a ótica de um ganho secundário do cônjuge que é expelido ou afastado do vínculo fusional, porque enquanto seu marido, esposa ou companheiro vai despejando no filho ou filha seus problemas, dores e insatisfações, tal mecanismo deixa aquele que está excluído da fusão livre das mazelas, queixas e lamentações decorrentes dos problemas conjugais. O filho entra como elemento de compensação nessa equação afetiva e aparece então essa cumplicidade silenciosa daquele que se retira, sai de cena e segue em outras direções, deixando a dupla livre e desimpedida para mergulhar cada vez mais na simbiose. O cônjuge excluído sente certo alívio, tem ganhos secundários, mas, por outro lado, pode viver ressentido em relação à dupla formada, mas normalmente se cala e acaba por se distanciar.

Como vimos no caso de Marla, a tenista "venerada" pelo pai, com quem ele passava a maior parte do tempo em treinos, torneios, festas e hotéis, havia uma configuração familiar que apontava, já nos primeiros tempos, para essa ideia do terceiro ausente.

A mãe, segundo ela relatou em análise, não tinha mais energia para uma nova filha quando ela nasceu, o que nos faz pensar imediatamente em *A criança mal acolhida e sua pulsão de morte* (FERENCZI, 1928a). Por outro lado, é importante lembrar que, naquele momento, a relação do casal parental já não mais existia e, por isso, a mãe constituía um vínculo fusional com seu filho mais velho enquanto o pai se voltara para Marla de forma quase tirânica, totalizante e, de modo ambivalente, também de forma muito apaixonada.

Duas fusões – pai e filha, mãe e filho – relacionadas graficamente a dois triângulos nos quais havia um vértice com um terceiro ausente. Cada um dos pais ligou-se a um dos filhos de forma fusional. Marla, a analisanda em apreço, acompanhava o pai, porém sofria sem ter consciência pelos ataques verbais que sua mãe lhe dirigia.

Na análise desses casos, observamos que as oscilações aparecem com força no que se refere à renúncia à fantasia de que tais pacientes tiveram uma relação especial, de privilégios e

que foram filhos prediletos em detrimento de outros. A proximidade da verdade psíquica de terem vivido uma relação de algum modo desequilibrada em virtude da desigualdade de forças emocionais entre o genitor adulto e eles, na condição de filhos, poderá gerar eventuais ataques ao laço transferencial e a ativação de novas defesas, que permitam manter o encobrimento da verdadeira natureza da vinculação fusional.

Apreciamos também no Capítulo 4 a tendência de alguns filhos de agarrar-se (*clinging*) ao genitor fusional, escolhendo uma zona de conforto e proteção e renunciando ao processo de autonomia e emancipação em razão dos riscos e das angústias envolvidos. Buscam a calma no colo, a casa familiar, tornam-se "objetos de família" (ANDRADE, 1979) em nome de uma escolha inconsciente de manter uma relação privilegiada com o genitor que alberga a segurança.

Sobre o terceiro, se ele já tiver falecido, a fusão com o genitor sobrevivente poderá vir a ser ainda mais excessiva. Porém, ainda que o terceiro esteja vivo, se ele for fraco, indiferente, ausente ou distante, o laço simbiótico poderá ser igualmente mortífero.

No Capítulo 5 retomamos a noção de terceiro nas situações edípicas, pensando no terceiro como aquele que tem como função principal a de interditar a fusão e instaurar uma triangulação edípica bem constituída, viabilizando a travessia e o declínio do complexo de Édipo pelo filho, sem deixar que vigorem de forma preponderante as fantasias exclusivistas ou incestuosas.

Por isso, o analista deverá pensar na relação fusional, sem desviar o olhar da relação triangular, ainda que se trate de um terceiro que já morreu, que se ausentou, revelou-se distante, cruel, indiferente, insignificante ou insuficientemente bom.

Outra questão importante consiste na ideia de que pode restar dessa relação a culpa inconsciente do filho pela indevida ocupação do lugar de um terceiro excluído ou ausente. Ficou realçado então que há um trabalho fundamental a ser feito em análise a esse respeito; melhor dizendo, que o analisando possa suportar a culpa inerente à travessia edípica para ganhar a liberdade de "destruir" pais e mestres, matá-los simbolicamente e acessar a maioridade psíquica.

O indivíduo poderá então firmar uma "autorização" para ser quem é, em termos de identidade individual. Talvez seja isso que o analisando invoca como subtexto do seu discurso: uma autorização para "matar" o genitor abusivo sem o risco de ser punido ou morto, como se o analista fosse um representante da lei que define ser justo o assassinato simbólico. Em oposição a isso, aquele que não faz travessia do trabalho psíquico de elaboração da culpa acabará por não se libertar dos afetos endogâmicos, permanecendo colado à sua vida pulsional infantil.

No Capítulo 5 tratamos também de outras manifestações da terceiridade citadas por Coelho Júnior (2016), a exemplo do terceiro como objeto interno da posição depressiva (item 5.4); e o terceiro como observador do próprio *self*, segundo Ronald Britton (item 5.6), para

quem a apropriação do espaço triangular refere-se a uma boa travessia do complexo de Édipo e à capacidade de experimentar relações objetais com a liberdade assegurada na triangulação. De relevância particular, também citamos o terceiro segundo Klein, como forma de acesso à posição depressiva: o sujeito em relativa exclusão passa a observar os dois integrantes do triângulo edípico sem enfrentar angústias aniquiladoras.

As compulsões, as relações adictivas e as repetições mortíferas, apesar de serem como antídotos para anestesiar, negar ou camuflar a realidade da adesividade aos genitores e do aprisionamento aos reflexos amorosos endogâmicos do passado fusional (como se ali fosse experimentada certa liberdade), acabam sendo, na verdade, uma tentativa pífia de escamotear a posição de refém do filho pela via de um gozo imediato. Elas já fazem transparecer, pelo seu próprio exercício e por si mesmas, uma marca do emaranhamento.

O escape pelas ações repetitivas se revela então paradoxal: de um lado, elas impedem o contato direto com a representação do aspecto patológico da relação fusional, mas, de outro, já são, por si mesmas, uma manifestação exterior do vínculo subterrâneo adoecido.

Como dito, por trás da díade, remanesce a sombra de um terceiro e as escolhas sintomáticas de muitos desses indivíduos terão uma relação direta ou indireta com tais questões acerca da sua culpabilização, por não ter havido uma triangulação bem-sucedida.

Cabe pensarmos, então, em saídas teóricas encontradas por autores pós-freudianos no que se refere à ideia do terceiro como um elemento que pode trazer à vida do indivíduo alguma esperança de estruturação psíquica, seja pela via simbolização, seja pela via das trocas vivenciadas pela dupla analítica dando margem à integração do sofrimento prévio e da experiência emocional cindida.

No Capítulo 6 apreciamos a concepção do terceiro ilustrado pela teoria winnicottiana. Ali foi inserido o *terceiro* como um indício de "movimento, passagem e surgimento da alteridade", como um espaço "entre dois", uma terceira área, um "espaço intermediário entre a dimensão subjetiva e a dimensão objetiva, que tem uma função constitutiva dessas duas dimensões" (COELHO JÚNIOR, 2016, p. 1108). Incluímos assim a criação do seu novo campo de pensamento sobre uma área não previamente formatada e delimitada, para além da oposição entre realidade material e psíquica, mas em potencial construção, apta a trazer à cena um espaço de ilusão e de criatividade. Nas palavras de Coelho Júnior, uma "região psicanalítica por excelência" e "uma das figuras mais potentes do terceiro em Psicanálise" (*ibidem*).

Para o ponto de vista clínico declinado neste capítulo, os ensinamentos de Winnicott importam sobretudo no que dizem respeito ao espaço intermediário que se constitui entre analista e analisando, um espaço terceiro.

Antes, porém, é importante pensarmos na transmissão do legado ferencziano e suas possíveis ressonâncias no analista que, na escuta de tais casos, precisará estar munido de subsídios teóricos e clínicos para que possa ir sustentando essa posição de terceiro, de testemunha, daquele que reconhece o material cindido e afasta o desmentido na companhia do analisando, que sustenta o espaço potencial, que sobrevive à escuta daquela história relacional, não obstante o seu assombro e que, por isso, participa de um processo que pode desembocar em transformações psíquicas e afetivas relevantes na vida do analisando.

7.3 O LEGADO FERENCZIANO PARA A CLÍNICA PSICANALÍTICA

Na mais fiel tradição freudiana, Ferenczi saiu em busca do trauma perdido, transformando dores proustianas em esperança de uma psicanálise melhor.

Jurandir Freire Costa, 1995, p. 10

Sabemos que a teoria ferencziana passou a reverberar intensamente na clínica psicanalítica e na ética de cada psicanalista que se põe a escutar pacientes traumatizados. A noção ferencziana de adaptação da família à criança, a exemplo disso, passou a ter uma grande força de incidência em seus desdobramentos clínicos, desembocando na ideia de que um analista deve ter por meta se ajustar empaticamente ao paciente que o procura.

Diferentemente da concepção de que o paciente deveria se adaptar ao método psicanalítico clássico, calcado no tripé da associação livre, da regra de abstinência do analista e no uso da interpretação para decifrar os conteúdos inconscientes reprimidos, Ferenczi inaugura um novo pensamento clínico no sentido de que cabe ao analista buscar a maleabilidade necessária para escutar as dores e sofrimentos daqueles que buscam a Psicanálise em decorrência de vivências traumáticas ocorridas nos primeiros tempos de constituição psíquica. Como uma tira elástica, o analista deve adaptar-se, deve "ceder às tendências do paciente, mas sem abandonar a tração na direção de suas próprias opiniões, enquanto a falta de consciência de uma ou outra dessas posições não estiver plenamente provada" (FERENCZI, 1928b, p. 37).

O texto *Adaptação da família à criança* (FERENCZI, 1928a) nos apresenta a vinculação entre a criança e seus cuidadores como uma relação potencialmente traumática e Ferenczi faz uma inversão já no título, ao falar em adaptação *da família* à criança e, não, *da criança* à família. Para ele, a adaptação deve partir do adulto e ela envolve uma atmosfera de cuidados marcada pelo acolhimento e pela hospitalidade daqueles que convivem com o *infans*. São cuidados singulares que se referem à constituição de um lugar de aconchego, de investimento amoroso,

um olhar afetivo, ritmos suficientemente bons de presença e ausência; enfim, que se relacionam à busca de uma adaptação aos sinais e códigos emanados pelo bebê de uma forma singularizada.

Tal texto tem então um caráter transformador, por abarcar uma concepção inteiramente nova atinente à ideia de que é fundamental o aspecto relacional nos primeiros tempos para a constituição de um espaço psíquico saudável. Amplia, portanto, o olhar teórico do campo intrapsíquico (derivado da tradição freudiana) para inserir a relevância do campo intersubjetivo e suas incidências sobre a constituição do psiquismo infantil e sobre o conceito de traumático.

Na clínica dos pacientes que viveram ou vivem relações fusionais, igualmente, essas questões sobre a construção de um espaço de acolhimento, hospitalidade, maleabilidade e confiança estarão também em cena.

Como vimos nos Capítulos 2 e 3, Ferenczi fundou-se em um campo de observações clínicas digno de relevo e, a partir da engenhosidade de suas questões e da acuidade de suas conclusões sobre o processo analítico de seus pacientes difíceis, conseguiu inaugurar um novo olhar metapsicológico sobre a posição do analista, assim como sobre as revivências em análise de experiências arcaicas por pacientes traumatizados. Para ele, a presença do analista tinha importância fundamental quanto a tais manifestações nos corpos dos analisandos, funcionando a relação transferencial como um elo entre o passado e o presente (1931, 1934a).

Sobre essa temática, aliás, desde 1909, no texto *Transferência e introjeção*, Ferenczi já se dedicara à questão da transferência, a princípio fundado na teoria freudiana, compreendendo-a como uma tendência ao deslocamento no caso de patologias neuróticas: diante da necessidade de recalcar representações inconscientes, a angústia que remanesca em razão do excesso pulsional livremente fluente depois da operação do recalque passaria a buscar, segundo Ferenczi, neutralização, ora adotando o caminho do sintoma, ora sendo projetada no exterior.

No citado texto, o autor nos ensina que os afetos recalcados encontrariam uma forma especialmente favorável para seu deslocamento pela via da transferência analítica. O húngaro cria, então, uma analogia química, afirmando que o processo analítico seria uma *catálise* e que o analista seria o agente catalizador, atraindo à sua pessoa os afetos liberados no curso do processo. Ferenczi (1909, p. 80) fala em "valências químicas não-saturadas" e dá fundamental relevo à atuação do analista no encontro, à sua conduta empática, amistosa e benevolente para com o analisando, muito diversa da atitude de neutralidade do analista difundida até então e que passou a ser fortemente combatida por Ferenczi ao nomear certas atitudes do analista como condutas de frieza e distância, que desembocariam em uma hipocrisia profissional.

Surge daí uma concepção inédita, no sentido de que há uma busca de neutralização da libido no objeto externo³⁸, o que comporta uma diferença fundamental quanto ao que era defendido por Freud na oportunidade: que a libido estaria em uma busca constante por descarga.

A posição do analista, então, passa a ocupar um lugar de absoluta relevância no pensamento clínico ferenciano, seja como agente metabolizador e/ou catalizador de afetos precocemente suprimidos da vida psíquica do analisando em razão do seu impacto traumático, seja como presença que institui um novo laço de confiabilidade e segurança, a ponto de permitir tal "neutralização da libido no objeto externo", já mencionada no texto de 1909.

A noção de introjeção de Ferenczi, desenvolvida ainda na década de 1910, tem absoluta relevância no que se refere à ideia de encontro com o Outro e, no que nos interessa mais diretamente neste tópico, ao encontro analítico.

Como vimos no item 3.2, o mundo externo no qual cada indivíduo está imerso e com o qual se relaciona acaba por ser, de alguma maneira, introjetado ao seu ego. Por isso, cada objeto do mundo externo representará uma mistura entre suas características próprias, acrescida das características narcísicas de cada indivíduo que o introjeta. Equivale a dizer que não haverá nada no mundo externo que, do ponto de vista de certo indivíduo em observação, não tenha partido do seu Eu e sido transformado em objeto narcísico.

Introjetar, para Ferenczi, seria, como um ímã, atrair o objeto para dentro, para o âmbito narcísico, como um movimento da própria libido que, ao fazê-lo, irá lançar sobre ele um novo olhar, uma nova imagem, um novo discurso, uma nova descrição psíquica. O ego se amplia para incluir tais objetos e, com isso, pode enriquecer e se expandir.

Nesse processo de introjeção, em que o sujeito engloba os objetos, tais objetos adquirem externalidade, passam a ser fundadores da diferença, marcam a alteridade, dividem o Eu e o não-Eu; mas isso não se faz sem percalços e ambivalências porque sempre se encontra em cena a renúncia a parcelas da libido narcísica e às fantasias de completude.

O estabelecimento de relações objetais frutíferas e não esterilizadas depende, a rigor, de uma constituição intrapsíquica relativamente autônoma do indivíduo para que ele possa desfrutar do encontro com o outro, diferente de si mesmo, sem se angustiar severamente ou reagir àquele que chega com fantasias onipotentes que aguçam suas defesas narcísicas e fazem o sujeito erguer um escudo protetivo. Se estiver impedida a instituição de certa abertura à

³⁸ Entretanto, parece que essa neutralização nunca é perfeita e que subsiste sempre uma quantidade variável de excitação livremente flutuante... a qual procura neutralizar-se nos objetos do mundo externo. É a essa excitação "residual" que se imputará a disposição dos neuróticos para a transferência e nas neuroses sem sintoma permanente de conversão é essa libido insatisfeita, *em busca de um objeto*, que explica o conjunto do quadro psicopatológico (FERENCZI, 1909, p. 81, grifos nossos).

chegada do outro e certa porosidade que permita ao indivíduo afetar e ser afetado, enfraquece-se a potencialidade de ele firmar novos vínculos e sustentar introyeções no campo da saúde.

Ao longo dos capítulos que se sucederam, apreciamos que no encontro entre um bebê humano e seus cuidadores é importante manter um estado de equilíbrio dinâmico entre as ideias contrastantes de presença e ausência.

A oferta do cuidador, acaso convertida em superoferta, excesso ou invasão, pode comprometer o impulso do bebê em descobrir o mundo a seu próprio modo; a acolhida calorosa dos entes cuidadores, acaso demasiada, pode desembocar infortunadamente em intrusão; a convocação à vida deve conviver com a renúncia à posse do seu corpo pelo agente de cuidados.

Diversos autores já se debruçaram sobre a temática do excesso de presença do objeto primário. Citando um exemplo contundente, Meltzer defende de modo categórico que "todas as formas e modalidades psicopatológicas estudadas pela psicanálise, todos os adoecimentos psíquicos, são tentativas malogradas de enfrentar e resolver o conflito estético instaurado pelos objetos primários em sua imoderada beleza e incontrolável persecutoriedade" (*apud* FIGUEIREDO, 2009, p. 100). O autor acredita que o que afeta e desafia mais radicalmente cada indivíduo em seu processo de amadurecimento é muito menos ter de lidar com o "objeto ausente", e muito mais com o embate que trava justamente face à "beleza deslumbrante e o terror" que o excesso de presença do objeto primário introduz nos seus tempos primevos (*ibid.*).

Vimos isso de modo ilustrativo na interseção entre a síndrome de Estocolmo e a síndrome de Stendhal ao falarmos sobre as famílias claustrofílicas no item 3.4.

A hipótese ali defendida (PIGOZZI, 2018) se conecta precisamente àquilo que Meltzer nomeia de "imoderada beleza e incontrolável persecutoriedade" instaurada pelos objetos primários. A consequência de tal incidência, como vimos nos casos clínicos aqui descritos, pode ser a produção de um quadro de despersonalização e inércia de tais filhos, que enseja o esquecimento deles mesmos na combinação das duas síndromes. O indivíduo passa a amar desmesuradamente o próprio raptor (Síndrome de Estocolmo) e o seu ânimo ao observar o objeto que o mobiliza e encanta produz um estado acrítico de estupor (Síndrome de Stendhal). Remanesce o estado de alienação e de crise identitária.

Esse encantamento de caráter regressivo que conecta as duas síndromes revela que tais genitores capturaram inconscientemente tais filhos em uma poderosa teia vincular, em uma gaiola afetiva e psíquica na qual a força do encontro primordial gera como produtos o êxtase e o terror.

Cabe repetir que a hipótese é a de que um filho-refém fica na mesma posição inconsciente de alguém que admira uma obra-prima e é acometido pela síndrome de Stendhal. Ele é tomado por essa mesma vertigem, sentindo-se invadido, porém obediente. O fascínio

primitivo exercido pelo pai ou pela mãe sobre o filho ou filha denota-se arcaico, hipnótico e potencialmente devastador, como havia sido a primeira experiência de fusão³⁹. Muito parecido com os contornos iniciais daquele movimento regressivo que Ferenczi nomeou, desde 1913, como credulidade ilimitada ou confiança cega (item 3.2).

A temática do trauma e da escuta clínica desse material incrustado no psiquismo dos analisandos em decorrência de suas relações primitivas passou a ocupar intensamente o pensamento ferencziano, até frutificar nos cinco importantes textos mencionados no Capítulo 2, escritos a partir do final da década de 1920: *Adaptação da família à criança*, *A criança mal acolhida e sua pulsão de morte*, *Análise de crianças com adultos* e *Confusão de línguas entre os adultos e a criança*; e, ainda, em seu texto póstumo, *Reflexões sobre o trauma*.

Da apreciação conjunta do citado bloco de textos ferenczianos, podemos depreender que, para o autor, o trauma pode ocorrer em sua faceta de ação, invasão, abuso, intrusão, ou seja, em sua faceta *comissiva*, sob a forma de *ato* suportado pelo menor, mas também em sua faceta *omissiva*, quando os cuidadores de um bebê que chega ao lar o tratam com frieza, indiferença, desamor; enfim, quando agem fundados na impossibilidade de enxergar a criança como um ser individual, deixando a criança privada de um lugar de acolhimento e hospitalidade que a permita imunizar a carga mortífera que a assola nos primeiros tempos.

O trauma também ocorre quando o adulto nega as diferenças geracionais e põe em cena a exigência de um amadurecimento precoce que o filho não consegue sustentar com suas forças psíquicas, como vimos também no caso do paciente Henrique, que escutava histórias sobre a sexualidade caótica e desmedida de seu pai quando ainda muito novo, ficando confuso e perdido. O traumático se constitui quando ocorre uma negação da experiência da criança, um descrédito, uma desconsideração, um silenciamento do que foi vivido por ela.

Quando a criança anula sua subjetividade em nome de uma credulidade totalizante, da fé cega, da coação moral, ou até mesmo do desejo inconsciente de uma relação exclusiva e privilegiada com o genitor, ou, ainda, quando outros fundamentos motivadores de uma adesão submissa ao adulto deixam-na rendida às expectativas do adulto sobre ela, combinam-se fatores que deságuam em um estado de privação, em uma modalidade de abandono traumático por desatendimento das necessidades da criança pelo grupo familiar.

Essas situações traumáticas, sob as suas mais diversas facetas, foram suportadas pelos indivíduos cujos casos clínicos declinamos nesta tese.

³⁹ Assim também pensa Racamier (2021, p. 22), para quem tanto o bebê quanto o psicótico estão lutando contra o "mesmo tipo de dificuldade": tentar deter a atração excessivamente excitante do objeto, sem perdê-lo por isto. Nas palavras do autor, na tentativa de temperar o "mal do objeto".

Relembrando a metáfora ferencziana de que uma mão colocada na frente de uma vela no quarto pode obscurecer a metade do quarto, assim como um trauma nos primeiros tempos produz uma sombra que se espalha na vida adulta de certos indivíduos, podemos concluir que os pacientes aqui mencionados foram atingidos por danos no começo da vida, e, mesmo que encobertos os seus traumas, o que escutamos nas sessões é que o abandono de suas necessidades mais singulares projetou uma sombra por toda a vida deles (FERENCZI, 1928a, pp. 5-6).

Ferenczi (1928a, p. 2) faz o leitor refletir sobre uma parentalidade que se estende a um campo muito mais amplo que o biológico e afirma que o primeiro erro dos pais é o esquecimento da sua própria infância. Com a frase emblemática "tornar-se pai é mais fácil do que sê-lo", Ferenczi abarca a complexidade de tal tarefa.

Ele nos informa, sabiamente, que existe em cada um de nós uma rota de acesso singular, única e privilegiada que nos conduz ao modo infantil de funcionamento e que, para adentrar essa via, bastaria ao adulto entrar em contato com a criança que ele nunca deixou de ser, com aquilo que ficou em um subterrâneo psíquico, para permitir que sejam apreendidos seus desejos e confrontadas as defesas e resistências que se formaram ao longo do tempo.

Tratamos no item 7.1 da importância da ocupação de um lugar de terceiro pelo analista, sobretudo na clínica das relações fusionais. Esse lugar sustentado pelo analista, como visto, dá margem a que o analisando possa endereçar a alguém a sua história relacional dos primeiros tempos, narrando as suas vivências e os seus sofrimentos, em busca de uma elaboração das vivências traumáticas que experimentou naquele período com o psiquismo despreparado.

Neste tópico em que estamos ressaltando o legado ferencziano para a escuta de tais casos, cabe destacar que a posição ocupada pelo analista de terceiro-testemunha agrega algo mais à cena, além da narrativa do analisando e da escuta empática: há a sustentação de um espaço para que se experimente de forma inaugural uma vivência emocional clivada pelo ego e que, por ser da ordem do traumático, habitava um campo fora do representável e da narrativa.

Assim como o analisando, também estará o analista a percorrer um caminho muito sinuoso e, às vezes, de difícil acesso, rumo a essa rota singular descrita por Ferenczi para encontrar o modo infantil de funcionamento do paciente para, a partir daí, seguir com ele uma trilha de revivências do material clivado e de elaborações sobre aquilo que emerge na cena analítica, às vezes como marcas traumáticas, outras vezes como represas psíquicas, ou, ainda, atuações, resistências, encenações e repetições enigmáticas do vivido.

Ferenczi teve o mérito de formular uma revisão de *A Interpretação dos Sonhos* (FREUD, 1900), defendendo que a repetição do traumático nos sonhos teria um caráter positivo, visto que eventos clivados tentariam retornar à cena psíquica para alcançar uma *liquidação*, ou

seja, para conduzir o trauma a uma nova e melhor resolução, "mais vantajosa e até mais duradoura" (FERENCZI, [1934a] 2011, pp. 128 e 130). Equivale a dizer que, se para Freud os sonhos traumáticos deveriam ser considerados uma exceção à regra de que os sonhos teriam por função a realização de desejos, Ferenczi caminha em direção diversa, defendendo que tal função, em última instância, seria a de amortizar conteúdos traumáticos pela via da repetição.

A relação analítica seria, portanto, um campo extremamente fértil a sustentar a revivência de experiências traumáticas, por se tratar de um ambiente confiável, o que pode possibilitar a ligação ou a inscrição de tais marcas psíquicas como representação.

Como bem realçado por Gondar e Antonello (2016, p. 17), Ferenczi fornece um estatuto criativo e curativo para a compulsão à repetição, uma vez que, para o húngaro, "a vida se expande e se cura pela repetição", seja porque os *flashbacks* ensejam o desgaste e o enfraquecimento dos choques traumáticos, seja porque, com a repetição, o traumático vai, paulatinamente, perdendo a dimensão de susto e surpresa. Ademais, o sujeito consegue migrar de uma posição passiva para uma posição ativa e, ao produzir ativamente o trauma em análise, pode encontrar uma melhor via de dominá-lo e liquidá-lo, sempre na tentativa de elaborar o vivido. E pelo fato de esse processo encontrar lugar e suporte frente a um terceiro – o analista – outras dimensões se agregam ao processo.

De forma sintética e elucidativa, Gondar e Antonello (2016, p. 18) mencionam a força do apelo ao terceiro:

O apelo ao terceiro – a testemunha – é um apelo a algo ou alguém que estava ausente no momento em que a situação traumática se deu. É um apelo **ao cuidado, à salvação, e, conseqüentemente, à superação do trauma.** (grifos nossos)

Quando mencionamos a fala de Douglas no sentido de que apenas em análise era possível encarar as cenas mais pesadas, agressivas e penosas entre ele e sua mãe e que, apenas nas sessões, aquilo que parecia irreal tornava-se real, emerge a ideia de que um terceiro se fazia necessário para que ele recolhesse e costurasse todos os pedaços dissociados de sua história relacional, agrupando na mesma cena aqueles personagens do seu passado – Caio, o irmão gêmeo de sua mãe cujo lugar ele ocupara; a sua avó, que não reconhecera sua mãe como uma filha singular e, ainda, a história do seu pai ausente, que não fora capaz de interditar o vínculo simbiótico que se firmou entre ele e sua mãe. Além dessa simbolização com a devida distância que permitiu o agrupamento de seus familiares em uma história narrável, como dito, havia um pedido de escuta e de acompanhamento do vivido por um terceiro, por alguém estranho à cena

original, mas que podia fazer-lhe companhia naquela experiência de revivência de brigas físicas de forte conteúdo emocional entre ele e Marina.

Outra questão primordial ressaltada pelos autores citados é a de que a ideia de testemunhar, por parte do analista, não implica apenas acolher ou conter, mas, igualmente, engloba, primordialmente, a noção de *reconhecer*. Neste particular, o reconhecimento tem o valor de ser um polo oposto ao desmentido que tais indivíduos experimentaram e tem por finalidade dar forma e figura àquilo que acabou por ficar na ordem do incomunicável (GONDAR; ANTONELLO, 2016).

A ideia de Ferenczi de que o analista se posiciona como "única ponte entre o paciente e a realidade" ([1930] 2011, pp. 71-72) foi descrita quanto aos estados de transe de pacientes históricas em casos clínicos nos quais ele presenciou cenas nas quais fragmentos do passado das analisandas eram revividos na sua presença, sob a forma de "erupções emocionais e mnêmicas". Diante de tais irrupções, o húngaro descobriu que, ao encaminhar perguntas às analisandas, ele acabava por obter informações importantes sobre a parte dissociada da personalidade delas. Com isso, o passado traumático *aparecia* no presente da sessão analítica e Ferenczi lograva fortalecer ainda mais as reconstruções realizadas até aquele momento, percebendo que o passado reconstruído "aderia muito mais do que antes ao sentimento de realidade e objetividade (*Dinghaftigkeit*)", aproximando-se da natureza de uma lembrança.

Dessa forma, ele se depara com uma descoberta de ordem técnica: a ideia de que o analista, como um terceiro, podia dar uma cobertura à experiência cindida, gerando uma ligação entre o presente e um passado antes irrepresentável, ao acompanhar o paciente na vivência da situação traumática, agora com uma distância razoável, no seu ritmo e no seu tempo.

Assim, igualmente, pode se dar no processo de análise ao tratarmos de analisandos que nos relatam sobre suas experiências fusionais: uma ligação entre o passado e as reverberações dessa história nos novos vínculos constituídos pelo sujeito ou, até mesmo, a ligação do passado revivido na cena analítica e a impossibilidade que se instalou quanto à constituição de quaisquer vínculos amorosos estáveis; e/ou, ainda, a narrativa sobre a atualização dessa problemática nos sintomas repetitivos ou nas compulsões e adições na vida de tais sujeitos.

Fica bem claro, a partir da leitura desses textos ferenczianos, que a constituição de um sujeito está imantada aos outros que dele cuidam desde o seu nascedouro e essa concepção de um outro absolutamente indispensável está fortemente presente na Psicanálise contemporânea.

A Elasticidade da Técnica Analítica (FERENCZI, 1928b) abarca uma crítica substancial quanto à rigidez dos analistas de então, ao tempo em que convida a uma reflexão sobre uma mudança quanto a uma atitude analítica fria e distante em virtude de reações

contratransferenciais e resistências do analista, sob pena de gerar uma repetição da situação traumática na cena analítica.

Usando a concepção de tato psicológico e a noção de que o analista deverá aferir em que momentos o silêncio é uma tortura inútil para os pacientes podemos pensar que um analista que adota a neutralidade e a abstinência nesses casos poderá colocar em cena uma retraumatização. Por este motivo, o analista haverá de cultivar uma sensibilidade aguçada à ideia de *como* e *quando* comunicar algo ao analisando em tais situações de relações fusionais, que abarcam um sem-número de experiências emocionais cindidas, com atenção especial no sentido de evitar interpretações prematuras, intelectualizações ou silêncios desnecessários que geram o aumento das resistências e podem causar um sofrimento inútil que, muitas vezes, pode fazer o paciente desistir da análise.

A escuta clínica que propomos neste capítulo diz respeito às tentativas de instauração de alguma mediação estruturante pela via do enquadre analítico que possa gerar a distância necessária a proteger o indivíduo, a fim de que ele possa nomear e simbolizar esses afetos do êxtase e do terror provocado pela imoderada beleza, mas, igualmente, pela carga mortífera e persecutória que pode ser produzida em uma fusão.

A análise de alguém que viveu uma relação fusional pode assumir a natureza de tornar-se uma passagem, uma construção vagarosa de uma relação com um terceiro que não o aniquile, com o qual ele pode fazer uma dupla para reviver eventos que não lhe deram saída.

A distância se faz necessária para apreciar o objeto. E talvez seja precisamente isso que uma análise sobre essa constelação de afetos fusionais poderia vir a promover nesses casos, tudo isso fundando em um novo ritmo, da presença e da ausência do analista, da aproximação sem intrusão, construindo novas edificações onde antes havia apenas sofrimento, rendição, agressão, machucado e violação de intimidade.

O legado ferencziano acabou por frutificar em vários campos teóricos, dentre os quais escolhemos destacar a ideia de "escutar com o terceiro ouvido" de Theodore Reik.

7.4 ESCUTAR COM O TERCEIRO OUVIDO

Psicanálise é... não tanto uma conversa de coração a coração (heart-to-heart talk), mas uma conversa de pulsão a pulsão (drive-to-drive talk), um diálogo inaudível, mas muito expressivo.

O analista deve então aprender como uma mente se comunica com a outra para além das palavras e no silêncio. Deve aprender a escutar com terceiro ouvido.

Theodor Reik (1948, p. 144)

A expressão que abre o presente item foi adotada por Theodor Reik (1948) como título de sua principal obra e o autor a tomou de empréstimo de Nietzsche (1992, p. 155), que a usou ao expressar um lamento em *Além do Bem e do Mal*, no aforismo 246, assim declarando:

Que tortura são os livros escritos em alemão para aquele que possui um *terceiro ouvido*! Como se detém contrariado junto ao lento evoluir desse pântano de sons sem harmonia, de ritmos que não dançam, que entre alemães é chamado de livro. (...) Quantos alemães sabem, e de si mesmo exigem saber, que existe *arte* em cada boa frase – arte que deve ser percebida, se a frase quer ser entendida! Uma má compreensão do seu *tempo*, por exemplo, e a própria frase é mal-entendida. Não ter dúvidas quanto às sílabas ritmicamente decisivas, sentir como intencional e como atraente a quebra de uma simetria muito rigorosa, prestar ouvidos sutis e pacientes a todo *stacatto*, todo *rubato*, atinar com o sentido da sequência de vogais e ditongos, e o modo rico e detalhado como se podem colorir e variar de cor em sucessão: quem, entre os alemães que leem livros, estaria disposto a reconhecer tais deveres e exigências, e escutar tamanha arte e intenção da linguagem?

Adotando a expressão nietzschiana, Reik dedicou-se ao tema da escuta analítica sob a égide de um *terceiro ouvido*. Segundo ele define em sua obra, o analista estaria voltado a um aprendizado no sentido de entender como uma mente se comunica com outra, adotando uma escuta voltada para aquilo que o paciente diz, mas também para o que não diz. Ele deve acessar, como analista, sua própria voz interior e, fazendo uso do seu *terceiro ouvido*, captar com seu inconsciente as mensagens inconscientes do paciente:

O analista escuta não apenas o que é dito em palavras; ele ouve também o que as palavras não dizem. Ele ouve com um "terceiro ouvido", ouvindo não apenas o que o paciente fala mas também suas vozes internas, que emergem das profundezas do seu inconsciente. Mahler certa vez comentou: "a coisa mais importante na música não está na pontuação". Em psicanálise, também, o que é falado não é a coisa mais especial. Parece-nos mais importante reconhecer o que o discurso esconde e o que o silêncio revela (REIK, 1948, pp. 125-126).

Na citada obra de Reik, portanto, transparece a ideia de que o ofício do analista, relacionado à escuta do outro, parte de uma habilidade de escutar também a si próprio a partir da criação de uma atmosfera especial vocacionada a abarcar os estados emocionais mais profundos e inconscientes do analisando e também do analista. O autor nos diz que não ocorre nada de fantástico sobre a situação externa, mas que "a atmosfera psicológica que invade o *setting* tem o condão de deixar aquela hora da sessão separada de todas as outras horas do dia", o que faz com que o encontro passe a ter a natureza de uma experiência única e extraordinária, transformando uma situação sóbria em uma situação com algo de mágico (REIK, 1948, p. 108).

Segundo Reik (1948, p. 109), no espaço privilegiado da análise começam a ser exteriorizados "pensamentos que ficam escondidos à luz do dia", que rastejam para fora de seus esconderijos no qual raiva e amor, ódio e ternura são livremente expressos.

Ele recomenda, então, aos jovens analistas que prestem atenção nas comunicações sutis e trata da delicadeza e da sensibilidade que são requeridas nessa escuta: "Coisas importantes são às vezes transmitidas sem barulho, com uma voz baixa, em *pianíssimo*" (REIK, 1948, p. 145).

Isso, contudo, não se faz apenas nesse campo da livre manifestação e da expressividade, já que está sempre em questão a tarefa do analista de transformar tais aparições do inconsciente em *insights* psicológicos conscientes pela via da elaboração. Ou seja, no encontro analítico, a consciência do analista observa a comunicação entre inconscientes e elabora modos de compreensão que favorecem ou podem favorecer as formas de elaboração do analisando e de representação de seus afetos. Assim, o analista deixa de ser visto como um observador imparcial da situação analítica e passa a ser uma parte integrante daquilo que ele observa, sofrendo a incidência daquilo que vê, sendo afetado e, inclusive, transformado por aquilo que ocorre⁴⁰.

Adotando uma técnica de escuta analítica que nos lembra bastante as diretrizes ferenczianas sobre a concepção de "*sentir com*" o analisando, ou seja, fazendo remissão ao *tato ferencziano* (1928b), Reik nos apresenta um analista que faz um movimento em direção ao analisando para tentar reconhecer-se *sendo outro*, defendendo o autor que, para compreender o inconsciente de outra pessoa, nós devemos, pelo menos por um momento, nos modificar e nos tornar aquela pessoa.

Transpondo tal teoria para o processo analítico e, mais propriamente, para a escuta das relações fusionais, vimos ao longo da tese que tais pacientes não reconhecem, como dito, o caráter patológico da fusão, nem os pactos das gerações que os precederam como sombras em

⁴⁰ Tais ideias de Reik certamente abriram um campo teórico que veio a florescer fartamente no que se refere à ideia de terceiro analítico subjetivo de Thomas Ogden.

suas vidas. Vigora então esse material ainda sem representação, que assume a falsa natureza de uma suposta certeza de uma relação privilegiada com um dos genitores. Se, por um lado, essa suposta certeza se lastreia em uma ilusão e na negação do caráter simbiótico da relação, por outro, o vínculo adoecido se torna patologicamente fundante desse psiquismo.

Pensar em sair da díade, cogitar na separação entre o analisando e o ente fusional, ou até delinear em uma fixação de novos limites, vai sendo vivido na cena analítica com apreensão, desespero e, muitas vezes, como uma aniquilação ou como algo insustentável.

E aí entrará em cena a noção de *terceiro ouvido do analista*, que precisará se munir de toda a cautela para encontrar um ajuste da escuta e viabilizar a ocupação do lugar de um terceiro que não seja retraumatizante, que não seja afoito e que possa respeitar o tempo necessário à simbolização do abandono traumático experimentado pelo analisando.

Assim como Nietzsche nos ensina que um bom "escutador" de mensagens deve "prestar ouvidos sutis e pacientes" a todas as nuances (*staccatos e rubatos*), todas as sequências, as omissões, o colorido de cada sucessão de palavras, o analista deverá se louvar do tato e dessa escuta afinada, com o *terceiro ouvido*, para entender quando vai se tornando insuportável ao analisando se aproximar de certas verdades psíquicas sobre a sua relação primária.

Pensando nesse modelo nietzschiano, aquilo que não pôde ser simbolizado na infância e na adolescência do analisando e que teve de gerar uma "pausa" na música ouvida, no discurso manifesto despejado em análise, no susto do analisando, na sua resistência nas sessões, essa comunicação sutil daquilo que começa a rastejar para fora do seu esconderijo pode ser um indicativo do campo do traumático, ou seja, daquilo que transbordou os limites do seu psiquismo e/ou do seu corpo em desenvolvimento naquela época primitiva.

A experiência do analisando de ter sido usado como parceiro, amigo ou bode expiatório pelo genitor; de ter sido amado em demasia, manuseado invasivamente sob o alibi da proteção e dos cuidados, atravessado por informações antecipadamente intrusivas e/ou o fato de ter sua infância usurpada para atender às demandas de um adulto podem ter sido os motivadores dessa construção de uma verdade artificial que o sustentou ao longo dos anos.

Como já mencionamos, o analista confrontado com tais casos clínicos se depara com correntes antagônicas: de um lado, aparecem os sintomas e manifestações repetitivas que se atualizam no presente do analisando, geram sofrimento constante pelo aprisionamento ao genitor, trazem uma raiva culposa e ensejam o pedido de separação desse vínculo tão viscoso e aderente; de outro lado, aparecem as resistências a pensar no vínculo e a impossibilidade de se cogitar em sustentar um afastamento sem que o analisando experimente um novo estado ameaçador de privação e uma nova carga de culpa.

Em uma tentativa de exemplificar essa modalidade de escuta *com o terceiro ouvido*, no caso da paciente Damiana (item 1.4), no começo de sua análise eram rechaçadas quaisquer perguntas sobre como ela se sentia após as ligações de sua mãe para contar sobre suas mazelas. Era como se aquilo fosse um "campo minado" e inacessível, um território protegido ou pecaminoso no qual terceiros não poderiam entrar. Com o passar do tempo, escutando de Damiana como era importante ser considerada a melhor amiga da mãe e como esse papel era fundamental na vida dela, fui podendo reconhecer o quão sagrado era aquele espaço na constituição do seu psiquismo. Ainda que eu visse a imagem de um emaranhado caótico entre elas e percebesse o senso de aprisionamento e dívida por parte de Damiana, essa modalidade de colonização do seu psiquismo dava-lhe um lugar identitário estruturante e um lugar de reconhecimento fantasiado, apesar de ser muito sofrido.

Assim, a ideia de, como analista, reconhecer-me *sendo outra* (tal qual proposto por Reik), sendo aquela menina que recebeu *desde sempre* essa destinação de lugar, fundou um tempo de escuta em reserva que me permitiu esperar e preservar esses pilares do vínculo que elas tinham estabelecido havia anos, sem ser intrusiva, assertiva ou sem atuar de forma crítica sobre os excessos de queixas e lamentações da mãe que se atualizam a cada semana e eram despejados na filha. Muito tempo depois, Damiana pôde chegar a uma construção própria: "acho que eu venho pagando um preço muito alto para ser a melhor amiga da minha mãe. Também acho que melhores amigas não precisam 'engolir' tudo uma da outra. Fui percebendo que ela pode sobreviver se eu conseguir cuidar da minha vida também. Antes eu achava que ela não conseguiria e tinha muita pena". Nesse dia, ela fez um contraste sobre como era impossível falar disso antes – na verdade, não era possível sequer pensar nisso – mas o tempo em análise foi aliviando essa carga e a fez ver que tudo aquilo era muito pesado para uma criança.

Ao escutarmos tais indivíduos, se, por um lado, é importante nos louvarmos de Ferenczi e Winnicott no que tange à hospitalidade, à instauração da confiabilidade, à segurança, ao acolhimento e à empatia, por outro, é absolutamente relevante estarmos advertidos de que eles tiveram de lidar com conteúdos afetivos pesados demais em um tempo no qual ainda estavam desprotegidos e isso aparecerá no *setting* como material não metabolizado.

Isso se liga diretamente à ideia ferencziana de economia do sofrimento (FERENCZI, 1928b), segundo a qual o analista deve evitar interpretações prematuras, invasivas; deve evitar intelectualizações que aumentem as resistências, causando um sofrimento inútil que pode fazer o paciente desistir da análise. A análise das resistências se torna bastante relevante nesses casos em que o afastamento do genitor não consegue sequer ser cogitado, muito menos desejado. E

requerirá do analista uma escuta sensível, com o *terceiro ouvido*, voltada à especial capacidade mencionada por Reik de viver uma experiência vicariante.

Segundo entende Reik (1949, p. 358), a recepção de sinais inconscientes de alguém que se escuta não irá, em um primeiro momento, resultar na interpretação direta e imediata desse material porque deve ser considerada uma "indução de pulsões escondidas e dos afetos que subjazem a elas". Essa comunicação inicial se efetiva de modo a trazer à cena também pulsões libidinais ou agressivas ainda inconscientes, sentidas provisoriamente pelo analista na escuta, ainda que o analisando nem sequer esteja ciente delas. Os medos, as dúvidas e as tristezas também podem ser provisoriamente induzidos, assim como os desejos e sonhos. Esses impulsos latentes do analisando agem como estímulos, agitando tendências similares do analista.

Reik (p. 358) afirma que não são induzidas ideias e pensamentos inconscientes previamente formatados e não se trata de um fenômeno telepático, mas de uma transmissão das pulsões que se encontram por trás desses pensamentos e de ideias, pulsões que irrompem na cena e acertam o analista em cheio quando chegam à consciência.

Para o autor, como a situação analítica traz uma conjuntura especialmente favorável à recepção dessas pulsões reprimidas, pode ser gerada uma mudança no ego do analista em uma fração de segundos, seguida de uma reversão ao estado anterior e, com isso, o discernimento pelo ego transformado objetivamente. Trata-se, portanto, de um campo frutífero de introjeções temporárias, no qual a observação de outro indivíduo é desviada para uma observação do próprio ego ou de uma parte do ego transformada pela inserção de um objeto para dentro de si.

Em uma esquematização simples, defende Reik que: "Para entender o inconsciente de outra pessoa precisamos, ainda que por um momento apenas, transformar-nos para nos tornarmos temporariamente aquela pessoa. Nós só compreendemos o espírito daqueles a quem nos assemelhamos" (p. 361). E essa capacidade de compartilhar experiências emocionais com os outros existe como um embrião desde que somos crianças, ao sentirmos como se fossem nossas algumas experiências não propriamente nossas, tal qual ocorre com os mitos e contos de fadas carregados de histórias de metamorfoses.

Coelho Junior (2016) ressalta que essa experiência vicariante se constitui por três elementos: a experiência do analisando, o movimento do analista em direção ao analisando e a possibilidade do analista de reconhecer-se sendo outro. Para que seja possibilitada a introjeção na análise, é preciso que o analista passe a conhecer aquilo que está introjetando a partir daquilo que esse outro que chega aos nossos consultórios desperta em nós. Suas palavras e gestos, segundo o autor, terão a natureza de um "embrião" do impulso e, se estivermos atentos, poderá

haver eco e ressonância entre analista e analisando. É esse movimento de "escuta" que merece o nome de *escutar com o terceiro ouvido*.

Nessa mesma linha adotada por Reik, sobre camadas de escuta e elementos superpostos no processo analítico, Paniagua (1991, *apud* BUSCH, 2017) defende a ideia de que existem três superfícies em funcionamento no momento clínico: na primeira superfície, há o paciente e o que ele pensa estar falando; na segunda, há o analista e o que ele pensa sobre o material produzido pelo paciente; e na terceira, há a superfície trabalhável (*workable surface*): o espaço entre os pensamentos do analista e os do paciente que pode levar a intervenções significativas.

Falar a partir do lugar de analista na escuta de casos marcados por relações fusionais será então pensar na descrição desse longo processo, da circulação entre idas e vindas nessa área denominada de superfície trabalhável, na qual o analista recebe ora uma carga mortífera, ora uma carga erótica, ora se sente como um par, ora se sente como um terceiro, ora, infelizmente, poderá se sentir como um excluído, acaso se intensifiquem as resistências.

A vida de mães, pais e filhos oscila. O estudo das relações fusionais narrado nesta tese igualmente é marcado por essa oscilação: é díade, é triângulo, é triangulação imperfeita. E é exatamente por isso, porque há um titubeio nessa passagem da vida desses analisandos – e também nas vidas de cada um de nós, que os escutamos em análise – que o presente texto também perambula e passeia sobre essas configurações possíveis.

Pensar na clínica será transitar então nessa área que o nosso "terceiro ouvido" registrou.

7.5 O PROCESSO DE SIMBOLIZAÇÃO DA HISTÓRIA RELACIONAL FUSIONAL NO "AQUI E AGORA"

Aquilo que herdaste de teus pais, apossa-te para fazê-lo teu.

Goethe (*apud* FREUD, 1913)

Já mencionamos ao longo dos capítulos que se sucederam a importância capital do processo de simbolização primária de questões vividas na infância e na adolescência de analisandos envolvidos em relações fusionais que nos procuram com sintomas marcados pela repetição e pela escolha de adesão compulsiva a substâncias e a pessoas. A análise nesses casos terá uma função bastante relevante de ir trazendo à luz algumas vivências cindidas.

Como estabelecer campos de reflexão, pensamento e apropriação subjetiva das experiências de tais analisandos que possam vir a substituir, pouco a pouco, a ação direta, as

compulsões, as adições e as manifestações em atos sintomáticos decorrentes das suas adesões simbióticas aos entes primários?

Freud descreveu ao longo de sua obra, segundo a visão de Marucco (2012), três "zonas" distintas de funcionamento psíquico. Em que pese não ter propriamente nomeado tais zonas psíquicas, Freud teria deixado pistas sobre como elas se manifestam e como repercutem na noção de enquadre e de técnica psicanalítica. Marucco (2012) defende que o uso de tais descrições de zonas psíquicas pode auxiliar o analista na escuta das patologias atuais.

A primeira "zona" do aparelho psíquico "concebida" por Freud seria caracterizada pelas manifestações de "inconsciente reprimido, sexual e significante" e ela se relaciona ao conceito de "neuroses clássicas". A escuta dessa zona psíquica está relacionada à técnica analítica de interpretação dos desejos recalcados, representados pelos sintomas, com base nos *textos Interpretação dos Sonhos* (1900) e *O Inconsciente* (1915). A pulsionalidade sexual reprimida e suas expressões patológicas retornam à cena como retorno do reprimido e, dado esse retorno, a tarefa analítica seria a do "desvelamento do desejo e sua expressão nos significantes" (MARUCCO, 2012, p. 75). A associação livre, regra de ouro da Psicanálise, é o meio de exteriorização de tais sintomas no campo transferencial, favorecido pela escuta do analista em atenção flutuante.

O texto *Introdução ao Narcisismo* (FREUD, 1914) abre espaço para uma segunda zona psíquica que Marucco (2012, p. 78) nomeia de "zona narcisista que imita a história do desejo dos outros". Tal zona está alicerçada na importância do objeto, nas respostas objetais e nas consequências decorrentes das privações experimentadas nos primeiros tempos no que se refere à construção de um ideal. O autor fala em uma *estrutura idealizadora*, que deixaria o indivíduo imaturo submetido a um "reasseguramento frente ao poder do objeto". Para fazer face a esse poder, ele pode constituir um refúgio patológico – que se manifesta nas adições, depressões, compulsões, repetições e alguns fenômenos de massa – e igualmente pode recorrer à "projeção do ideal intrapsíquico em um objeto externo ao qual se outorga um excesso de poder" (*ibidem*).

As patologias narcisistas são a expressão clínica dessa zona de funcionamento que se exterioriza como uma reexperimentação constante das ofensas narcisistas primitivas. Em razão disso, a técnica clássica da associação livre associada à interpretação se mostra insuficiente, já que não se trata de uma zona psíquica referida ao âmbito do inconsciente reprimido. Por isso, na escuta clínica dessa *estrutura intrapsíquica idealizadora* que relaciona o Eu e o Ideal, emerge a necessidade de construção e reconstrução da história relacional primitiva, das feridas narcísicas, das frustrações e das decepções do analisando produzidas pelo objeto, a fim de que

o material, até então negado/clivado, possa vir a se constituir em representação. A simbolização desse material pode produzir efeitos no circuito da repetição, gerando transformações.

Já o *inconsciente do trauma* traduz uma terceira zona psíquica e deriva da *introdução da pulsão de morte* na obra freudiana, a partir dos conceitos veiculados em *O Ego e o Id* e da concepção de compulsão à repetição (FREUD, 1920). As marcas mnêmicas do traumático, dada a impossibilidade de sua ligação com o processo secundário em decorrências das falhas significativas dos agentes de cuidado em tempos muito primitivos, abrem espaço às expressões clínicas exuberantes da pulsão de morte e da compulsão à repetição: também às ações diretas, às compulsões, às passagens ao ato e manifestações psicossomáticas. Assim, a expressão do material traumático se dá pela reprodução na cena analítica de "vivências do tempo primordial que não estão ligadas a representações de palavra" (MARUCCO, 2012, p. 82) e, por isso, o trabalho de escuta irá requerer que a mente do analista funcione como lugar privilegiado e auxiliar da simbolização primária do vivido.

Marucco (2012) defende que tais "zonas de funcionamento psíquico" coexistem e se superpõem no aparelho psíquico, sem limites precisos entre elas e que, por isso, o analista estará desafiado a escutar as manifestações psicopatológicas da atualidade com sentidos aguçados para decifrar as expressões de cada uma delas e ajustar a técnica analítica ao material escutado, seja atuando de uma forma mais reservada, seja atuando de um modo mais implicado.

Nas relações fusionais, ocuparemos uma posição que não se relaciona à escuta da primeira zona de funcionamento psíquico, ou seja, transitaremos em um lugar situado no âmbito das patologias não-neuróticas, ora relacionado à segunda zona psíquica antes citada – dos padecimentos derivados de feridas narcísicas e frustrações produzidas pelo objeto e dos refúgios do analisando em atos repetitivos produzidos face ao poder dos genitores –, ora relacionado à terceira zona psíquica – do traumático, sustentando na análise as reproduções de eventos muito primitivos ainda não-representados psiquicamente, que pedem ingresso no psiquismo integrado do indivíduo. Será então requerida do analista uma capacidade de escutar dores decorrentes de algo que já foi vivido, mas não necessariamente sentido, traumas ocorridos na origem daquela constituição que não foram representados, decantados e metabolizados.

A análise fará com que se inicie uma luta árdua sobre o histórico do vivido, mas a escuta de um terceiro já possibilita a entrada de uma fresta de ar onde antes havia apenas sufocamento.

Como as situações fusionais são enlaces patológicos que comprometem o sentimento vital de uma identidade separada (MCDUGALL, 2000), a meta será a de fazer eclodir alguma transformação na vida daquele que chega sem saber de si, sem vida emocional própria.

Figueiredo (2008d) fala em "funções da implicação" e "funções da reserva de presença dos agentes cuidadores" e relaciona a implicação aos *fazeres* e a reserva ao *deixar ser*.

Apreciamos, ao longo do percurso que fizemos, a ideia de que a sustentação desses contrastes entre presença e ausência, implicação e reserva, *fazer* e *deixar ser*, ocupa um lugar de destaque em grande parte do pensamento teórico de importantes autores da Psicanálise sobre o nascimento, o amadurecimento e crescimento do ser humano.

A presença em reserva daquele que cuida tem dois principais atributos de mérito: a espera e a aposta. Ela comporta a capacidade do cuidador de acompanhar e sustentar o bebê em relação à continuidade do seu ser no tempo (tempo de espera) e comportar ainda uma confiança depositada nas capacidades futuras do objeto de cuidados (tempo de aposta). Diz Figueiredo (2009, p. 15) que essa capacidade "só se revelará no oco da presença em reserva, na concavidade que esta presença cuidadora instala, tal como a estrutura de espera encarnada e materializada no enquadre de uma situação analisante".

A boa dinâmica entre o cuidador e o objeto dos cuidados também favorece o espelhamento das necessidades singulares de cada bebê e o reconhecimento de suas futuras capacidades. Nesse campo se inclui o pensamento winnicottiano sobre o *holding* – a *continuidade do ser* do bebê sustentada pelo cuidador de forma a fundar a integração, a constituição do tempo psíquico e das fronteiras do eu. Inclui-se também a ideia bioniana de continência dos afetos brutos do bebê (elementos *beta*) e a sua decodificação e transformação pelos agentes cuidadores em elementos que podem vir a ser pensados e experimentados pelo psiquismo infantil (elementos alfa). Em razão de sua relevância para a constituição psíquica do bebê, essas funções do objeto primário acabam por posicioná-lo também em um lugar de "agente propiciador de identificações primárias". A própria presença do outro em sua diferença poderá trazer à cena a vivência de "um trauma constitutivo e estruturante que exige do sujeito, desperto, uma resposta" (FIGUEIREDO, 2014, pp. 13-14).

Por outro lado, como expusemos na sequência dos capítulos desta pesquisa, a presença do outro pode ir muito além de gerar apenas traumas constitutivos e estruturantes, e colocar em cena traumas *desestruturantes* do psiquismo de um indivíduo que chega ao seio de uma família.

Winnicott faz uma comparação do estudo da infância com o estudo da transferência analítica ([1960] 1990b, p. 38).

Na psicanálise como a conhecemos não há trauma que fique fora da onipotência do indivíduo. Tudo fica eventualmente sob controle do ego, tornando-se por isso relacionado ao processo secundário. O paciente não é auxiliado se o psicanalista diz: "sua mãe não é suficientemente boa" [...] "seu

pai realmente o seduziu" [...] "sua tia o abandonou". As mudanças ocorrem na análise quando os fatores traumáticos entram no material psicanalítico *no jeito próprio do paciente*, e dentro da onipotência do mesmo. (grifo nosso)

[...] Na infância, contudo, coisas boas e más acontecem à criança que estão *bem fora do âmbito da mesma*. (grifo nosso)

Dessa primeira assertiva winnicottiana acerca da transferência é possível pensar sobre as mudanças e transformações no curso de uma análise de uma forma mais singularizada e adequada à apropriação dos afetos por cada paciente, ou seja, é extremamente importante refletirmos sobre quando é possível para o analisando produzir, reproduzir, reviver e reexperimentar "fatores traumáticos" na companhia do analista para dar entrada de tal vivência no "material psicanalítico" como base no que Winnicott chama do seu "jeito próprio".

Para além disso, interpretações afoitas, categóricas, apressadas ou *insights* intelectualizados do analista atuam na contramão desse processo de configuração de um jeito próprio do analisando de assimilar as questões que emergem na cena analítica.

Defende Winnicott que "se pudermos esperar, o paciente chegará à compreensão criativamente, e com imensa alegria". Ele desabafa sobre um período no qual passou a sentir como analista "mais prazer nessa alegria do que costumava com o sentimento de ser arguto"⁴¹.

Equivale a dizer que o analista arguto, sagaz e ligeiro em sua percepção intelectual, que detecta o ponto fulcral da questão traumática abordada pelo analisando e interpreta precocemente, expondo o seu achado, pouco auxilia em termos de mudanças e transformações, acaso aquela comunicação seja estranha ao analisando, ou precipitada, ou intrusiva para quem ainda se encontra distante da aquisição daquele saber psíquico.

Nesses casos, por exemplo, pensar que a meta do processo analítico seria tão-somente a de fazer a função de corte do vínculo fusional ou voltar-se o analista a fazer interpretações direcionadas a essa finalidade da separação seria empobrecer um campo de alta complexidade que se encontra implicado nessa forma de vinculação entre tais filhos e seus genitores.

Relembremos também do quanto escrito em *Análise terminável e interminável* (FREUD, 1937, p. 276), no sentido de que a remoção, pelo corpo de bombeiros, de uma lâmpada de petróleo responsável pela chama de um incêndio, não seria suficiente para resolver a questão do fogo já iniciado. Ali Freud está nos alertando de que a suspensão das repressões que geravam os sintomas neuróticos, por si só, mostrava-se ineficaz para a resolução de conflitos subjacentes.

⁴¹ Diz Winnicott: "Estarrece-me pensar quanta mudança profunda impedi, ou retardei, em pacientes de certa categoria de classificação pela minha necessidade pessoal de interpretar" (WINNICOTT ([1969] 1975c, p. 121).

Com o uso dessa metáfora freudiana, Fred Busch chama atenção para uma questão fundamental quanto ao método psicanalítico, relacionando os resultados suficientemente bons de uma análise à possibilidade de que o analista estabeleça tentativas de "transformar o que ainda não está representado em algo potencialmente representável, substituindo a inevitabilidade da ação pela possibilidade da reflexão" (BUSCH, 2017, pp. 10-12).

Para tanto, o autor dá um importante realce à análise da transferência, ao imediato de cada sessão e à ideia de desenvolvimento de uma mente psicanalítica junto com o analisando ao longo do trabalho de análise. Recomenda, assim, uma alteração técnica do método "lá e então" para a busca do "aqui e agora" no encontro analítico. Apesar da relevância de compreender o passado, torna-se significativo abordar, para a construção de uma mente analítica, o que está presente nas associações face ao que ocorre no presente: "trabalhar de perto o que está mais acessível ao analisando, em lugar do mais reprimido" (BUSCH, 2017, p. 11).

Nos casos aqui narrados, vimos que relações fusionais não reconhecidas como tal, por terem um caráter encoberto, acabaram por gerar precisamente essa saída: a inevitabilidade da ação e, não apenas da ação, mas da repetição, da compulsão a repetir alguns atos obsessivamente, usar substâncias como meios entorpecedores, firmar relações adictivas em série e outras tantas saídas compulsivas, sem que estivesse aliada a essa repetição uma possibilidade de reflexão, o que terá a potencialidade de se efetivar no curso da análise.

Se, por um lado, o indivíduo é compelido a encenar suas fantasias inconscientes para satisfazer desejos, proteger-lhe de medos e tratar de estados fragmentados do *self* e/ou de relações de objeto, Busch (2017, p. 17) entende que há de ser considerada uma conquista a possibilidade de representar o vivido com vistas a libertar a pessoa da escravidão da compulsão à repetição. Assim, ele poderá "observar a própria mente com um *playground* de motivações em lugar de apenas *uma* representação da realidade" e se voltar ao conhecimento do seu processo, desenvolvendo a capacidade experimentar seus pensamentos como eventos mentais.

Busch (2017, p. 95) nos rememora que Freud tratou da compulsão à repetição em 1914 usando a frase "a compulsão a repetir em ação" e que, partindo da máxima de que o mestre de Viena se preocupava com a precisão do vernáculo, ele estaria tratando de um pensamento do paciente desprovido de uma representação verbal significativa, por isso *próximo da ação*.

Segundo esse autor, há dois paradigmas de interpretação: 1) fazer contato direto com o inconsciente; e 2) interpretar "na vizinhança" do pré-consciente como método eficaz. Dessa forma seria colocada menos ênfase na ideia de que o *insight* decorre de uma capacidade especial ou mágica do analista para colher significados profundos para, a partir daí, poder ser aberto um

canal de transmissão entre analista e paciente como um "processo mental metabolizado, traduzido e registrado por um ouvinte empático" (BUSCH, 2017, p. 46).

Sobre essa técnica de trabalhar "na vizinhança" (*in the neighbourhood*) do inconsciente, o fundamento de tal pensamento clínico está no texto *Sobre a Psicanálise Selvagem* (FREUD, 1910a, pp. 330-331), no qual Freud fala sobre apenas comunicar algo ao paciente quando ele mesmo estiver *na vizinhança* daquilo que foi reprimido:

[...] Se a informação sobre o inconsciente fosse tão importante para o doente como acreditam os não iniciantes em psicanálise, bastaria, para seu restabelecimento, que ele frequentasse palestras e lesse livros. Mas essas medidas têm tão pouca influência nos sintomas da doença nervosa quanto a distribuição de cardápios para os famintos em uma época de fome. E a comparação pode ir além, pois informar ao doente acerca do inconsciente resulta, via de regra, em exacerbação do conflito e intensificação das dores. Porém, como a psicanálise não pode prescindir dessa comunicação, determina que ela não suceda antes que se cumpram duas condições. Primeiro, antes que o paciente mesmo *se avizinhe*, mediante preparação, daquilo que foi reprimido; segundo, antes que se tenha apegado tanto ao médico (transferência) que a ligação emocional a esse torne impossível a fuga (grifo nosso).

No texto, Freud sinaliza para um trabalho analítico no qual o analista possa buscar vias de acesso ao que está disponível para o paciente de forma mais profunda do aquilo que está consciente, sem, contudo, despertar uma ansiedade exagerada (BUSCH, 2017). Equivale a dizer que o analista se posicionará de forma a favorecer, com suas intervenções, um processo que circunda o pré-consciente sem despertar uma ansiedade expressiva. Afastar *insights* intelectualizados e evitar *flashes* idealizados será, então, bem-vindo na condução do trabalho analítico, a fim de que possa vigorar o dito winnicottiano de que o analisando deverá receber aquele material traumático com seu "jeito próprio" (WINNICOTT, [1960] 1975c, p. 121).

Meira (2021, p. 87) nos dá uma diretriz sobre o campo estreito em que trabalharemos na escuta de tais casos, afirmando que "muitas vezes, seremos nós, analistas, o primeiro objeto estrangeiro a ingressar no apertado espaço da dualidade, onde mal cabem dois".

Por outro lado, Freud (1917b, p. 382) também nos lembra de que "todo aquele que, sofrendo de uma dor de dente insuportável, vai ao dentista, terá querido segurar o braço que aproxima o alicate do dente", o que nos faz pensar nas forças resistenciais do inconsciente do filho que comparecerão à cena analítica, as quais irão fazer aliança com as resistências montadas na realidade externa pelo genitor fusional quando ele começar a tomar ciência das modificações decorrentes do processo de análise e passar a contestá-las diante dos efeitos produzidos pelos primeiros sinais de afastamento da dupla antes tão misturada.

A resistência se manifestará no *setting* reiteradamente e se refere a uma sensação constante de que qualquer mudança se torna desconfortável ou é, até mesmo, às vezes, experimentada como aniquiladora ou despersonalizante. Isso porque a verdade psíquica que ecoou ao longo de muitos anos foi a de que: mesmo que o genitor fusional tenha colocado as suas necessidades em primeiro plano no passado, a permanência do filho na posição de espera obediente, de qualquer modo, teve a força de manter ativada a esperança de um dia ele ser olhado e reconhecido em sua singularidade. E fica muito difícil renunciar a essa esperança.

Meira (2021, p. 299) nos lembra que, a depender do "grau com que essa dinâmica foi engendrada, será em diferentes pontos do processo que veremos erigirem-se, ante nós, muros de uma defesa radical". Essas resistências serão constantemente erguidas por filhos fiéis e cativos, presos a "mandatos que parecem impossíveis de serem questionados e vencidos".

A evolução natural da transferência, quando esperada com parcimônia pelo analista, produzirá efeitos diretos na confiança do analisando quanto à técnica psicanalítica e, acaso contido o furor interpretativo, tal processo natural seguirá seu curso rumo a uma potencial simbolização do material traumático.

Haveria, então, uma nova forma de pensar psicanaliticamente em algo além da suspensão da repressão, enfatizando as *transformações* decorrentes de um processo analítico.

Com isso, poderia ser modificado o ponto de inflexão anteriormente sedimentado na história da Psicanálise, relacionado à decifração de conteúdos inconscientes e do levantamento de repressões para inserir no campo analítico algo além: a temática de como tal conteúdo foi experimentado pelo analisando, como ele foi afetado pelo vivido, aliado à ideia de como essa experiência emocional é comunicada e inserida na cena analítica.

Seria essa uma forma de tentar escutar a história da relação fusional entre cada filho e genitor que recebemos em nossos consultórios no "aqui e agora" da sessão, prezando pelos conteúdos que emergem no seu pré-consciente, de forma suportável, sem provocar angústias ou agonias excessivas que bloqueiem o processo de simbolização.

O analista que se posicione atrelado apenas à decifração do material inconsciente e a subsequente comunicação da sua descoberta ao paciente pode se tornar um agente provocador de novas montagens de resistências e pode deixar escapar algo bastante precioso: trabalhar para liberar o material reprimido e as fantasias inconscientes derivadas da sexualidade infantil de cada analisando não é necessariamente excludente de um trabalho de escuta no "aqui e agora" com foco em possíveis transformações a partir de um material ainda bruto que não se encontra pronto para ser descoberto, mas, sim, que aparece cindido sob a forma rudimentar daquilo que ainda está a depender de simbolização primária e, às vezes, de construção elaborativa.

O material que ainda não está "suficientemente representado em qualquer forma conceitual de ideia, pensamento ou representação que se possa pensar, refletir, brincar com elas ou contemplá-las demoradamente" (BUSCH, 2017, p. 113) dependerá do acompanhamento empático do analista com vistas a algo que é da ordem da construção e, não, necessariamente, da reconstrução de um passado histórico perdido a ser recuperado. E assim, as transformações poderiam vir a encontrar um campo de sustentação no psiquismo e na vida do analisando.

A escuta que propomos neste capítulo, que é dedicado à construção de um pensamento clínico, diz respeito a uma conciliação entre o *tempo de espera* e o *tempo de aposta* por parte do analista, que proporcione uma ressonância harmoniosa entre sua implicação e sua reserva⁴².

Desse modo, o analista visaria tentar sustentar criativamente, sessão a sessão, uma posição *de espera* sem invadir o analisando no seu tempo singular de simbolização primária e de construção da sua história fusional, permitindo-lhe que possa viver a *continuidade do seu ser* em análise (no sentido winnicottiano). Por outro lado, em reserva e sem se antecipar, sem se colocar afoito a interpretar o cenário que se esboça à sua frente, esperando que essa apropriação seja feita no tempo e no ritmo do analisando, do seu jeito próprio, poderá firmar uma *aposta* na transferência de que haja a representação potencial do material cindido.

Entre o *fazer* e o *deixar ser* mencionados por Figueiredo (2008d) em relação aos agentes cuidadores pode vir a ser esboçada uma posição ética e técnica do analista que pensamos ser altamente favorável à escuta dos casos tratados nesta tese.

7.6 UMA TERCEIRA MARGEM

De que era que eu tinha tanta, tanta culpa?

Guimarães Rosa (1962)

Tratamos nesta tese da falta que um terceiro fez. No passado. Tratamos também da falta que um terceiro faz em determinados casos, no presente, tanto para sustentar uma interdição direta a uma fusão mais mortífera quanto como uma fonte de constituição de bons limites entre o Eu e o não-Eu, entre o dentro e o fora, entre o indivíduo e o outro, entre a ilusão e a realidade.

Para Green (1981), como apreciamos, a existência psíquica de um outro para o ente materno, que o autor chama de "o outro do objeto", pode ser representada por qualquer limitador

⁴² O que nos relembra o *terceiro ouvido nietzschiano*, vez que o tempo da música é tempo de espera e aposta.

de uma relação direta com o corpo da mãe, que assume uma função mediadora e também estruturante do psiquismo do filho.

Esse terceiro entre a mãe e o filho pode ser representado como uma *função*, uma *função paterna*, e tal posição, como já dissemos, pode ser ocupada também por um avô, um tio ou qualquer outra figura da sua infância ou da vida da mãe.

Na definição de Édipo como um *triângulo aberto com o terceiro substituível* (com a inclusão de qualquer terceiro que limite a mãe), Green (1981) nos ensina que o terceiro, que pode até mesmo não ser o pai, assume uma *função terceirizante*. Tal função se relaciona não apenas a normas e vedações sobre o gozo absoluto entre a mãe e o filho, mas também à mediação e à estruturação de um espaço psíquico próprio para ambos, como derivado do trabalho do negativo – tema ao qual não nos dedicaremos diretamente.

O que importa para a nossa pesquisa é que a figura paterna – ou qualquer terceiro que exerça essa função de mediação – aparece então como fonte primária e como combustível desse trabalho do negativo, que permitirá desenvolver um campo de sustentação da ausência do ente materno, com a conseqüente renúncia ao vínculo simbiótico e a possibilidade de construir relações substitutivas às relações primordiais.

Como pensar nesse encontro com um terceiro mediador e estruturante? Esses limites são internos ou externos? O que estaria em cena na busca incessante relacionada à construção autoral de uma terceira margem?

Nos casos que apreciamos nesta tese faltou o terceiro, faltou o corte, faltou a quebra do laço incestuoso, do vínculo invasivo, emaranhado e confuso. Passados muitos anos, às vezes décadas, entrou em cena alguém que não faz parte da dupla: a figura do analista.

Cotejando as concepções teóricas de Winnicott e Green quanto aos fenômenos transicionais na tentativa de construir um pensamento clínico sobre o enquadre analítico, podemos refletir sobre pontes, áreas, margens ou passagens transitórias entre o combustível psíquico inicial que compele a indivíduo a desbravar o mundo externo, partindo da sua pulsão e, por outro lado, refletir também sobre como seus cuidadores respondem, como eles acolhem esse ímpeto de descoberta do mundo; ou seja, podemos nos entregar a uma reflexão sobre o trânsito entre o sujeito e o objeto (*apud* CANDI, 2011).

Como vimos no Capítulo 6, o fenômeno transicional tem por efeito gerar a mediação entre a fantasia e a realidade e, ainda, suscitar a elaboração das vivências psíquicas do indivíduo, partindo do seu mundo interno, norteado pelo princípio do prazer, e seguindo rumo a uma imersão no princípio da realidade quando ele passa a firmar relações de objeto. O espaço

transicional opera como transformador dos efeitos afetivos e emocionais decorrentes dessas novas apreensões do contato com os objetos.

A obra de Green se propõe a articular concepções teóricas desenvolvidas por autores que se dedicaram a pensar nas relações de objeto, como Winnicott, sem, contudo, afastar seu olhar do campo pulsional e da pulsão de morte tal qual abordada por Freud.

Como dissemos antes, na escuta de pacientes não-neuróticos que não se adaptavam à análise padrão em razão de uma dificuldade quanto ao ingresso no campo do simbólico em decorrência de falhas de constituição narcísica, Green se viu compelido, por uma exigência clínica, a tentar compreender a importância do ambiente e dos objetos externos na constituição subjetiva de cada indivíduo, além de transportar tal compreensão para o âmbito da transferência do processo analítico. Como consequência, ele concebeu o conceito metapsicológico de *limite*.

Podemos então sustentar que a elaboração do conceito de *limite* por Green (1976/2017) tem uma relação teórica direta com a obra winnicottiana quanto à ligação ou a construção dessas áreas e passagens entre o mundo interno pulsional e a sucessiva apropriação de sentimentos e afetos, já com a possibilidade de inclusão de objetos externos.

De fato, o aumento de tensão potencialmente traumático que emerge da relação de cada indivíduo com o mundo externo precisa escoar no que tange ao excesso pulsional produzido nesse contato. Por outro lado, a área intermediária que inclui o campo de brincar gera um alívio de tensões psíquicas em razão desse embate com o exterior. Eis então uma das funções que Winnicott atribui ao espaço transicional: gerar o alívio de tensões traumáticas no percurso para simbolizar as realidades internas e externas⁴³. Os objetos transicionais, como descrevemos no item 6.2, podem ajudar nessa função como auxiliares no escoamento da tensão excessiva – e, como consequência disso, na jornada de amadurecimento de cada indivíduo rumo à realidade externa –, mas também terá como efeito a constituição do próprio *self*, na medida em que também representará uma trilha que fortalece os objetos da realidade interna.

Green adota o conceito de transicionalidade de Winnicott e desenvolve a ideia de que, com esse conceito, é possível fazer uma descrição da estrutura psíquica. Para ele, a transicionalidade serve para mediar o interno e o externo, mas, além disso, se aplica a "todas as estruturas intermediárias do mundo interno". Diz ele que também devem existir espaços intermediários "por exemplo, entre o ego e o id, ou entre o superego e o ego":

⁴³ No mesmo sentido, André Green menciona o enquadre analítico: "Também é função do enquadre tolerar as tensões extremas e reduzi-las por meio do aparelho mental do analista, para chegar finalmente aos objetos de pensamento suscetíveis de ocupar o espaço potencial" (1976/2017, p. 95).

Faço a hipótese de que estes lugares, nos quais diferentes lógicas estão em jogo (por exemplo: lógica do *id* e lógica do *ego*), viabilizam a passagem criando uma terceira área, como no simbolismo onde a reunião de dois fragmentos separados cria um terceiro objeto pela conjunção de dois pedaços disjuntos (GREEN, 2005a, p. 64).

E quando o encontro com o terceiro se torna difícil, árduo ou impossível?

Rememorando muito sucintamente os casos clínicos descritos nesta pesquisa, estivemos diante de situações nas quais o terceiro estava ausente, seja por morte, seja por distanciamento geográfico, seja por deliberação própria de se afastar do filho ou filha, ainda que residindo na mesma casa. E também por diversos outros motivos, sempre singulares em cada situação.

Douglas tinha um pai distante, apesar de residir na mesma cidade que ele; o pai de Mark voltou do Vietnam "perdido" nele mesmo e resolveu mergulhar na compulsão pela bebida, mantendo-se totalmente alheio ao filho; a mãe de Marla desistira dela por já ter previamente formado uma relação fusional com o primogênito; Warren perdera seu pai aos oito anos em um acidente de carro; Madame Grignan apresentava-se como "*uma princesa expulsa da casa de seu pai*"; Romain Gary, igualmente, teve sua vida marcada pela ausência do pai e pela excessiva e colonizadora presença da mãe. O pai de Gwen, por outro lado, sem qualquer cerimônia, declarava-se abertamente apaixonado pela filha e a mãe dela se distanciou completamente da dupla que eles formaram. Todos eles foram marcados, portanto, por essa falta de uma figura mediadora entre eles e o corpo do ente materno ou paterno, favorecendo a configuração de uma relação fusional com um alto potencial lesivo ao longo dos anos. E sem essa figura mediadora, a estruturação de um espaço psíquico próprio acabou muito comprometida, desembocando, como vimos, em várias saídas, ora defensivas, ora sintomáticas, ou ainda, compulsivas.

Douglas sentia-se sem identidade e recorria a mulheres mais velhas em suas relações amorosas; Mark virou padre, porém desenvolveu uma compulsão alimentar, aliada à compulsão a realizar pequenos furtos e manter sucessivos casos com as fiéis de sua paróquia; Warren tornou-se adicto na masturbação compulsiva; Sam, adicto em sexo virtual e na bebida. Além das ações repetitivas mais aparentes e manifestas a céu aberto, todos eles se dedicaram com certo gozo ao sacrifício de satisfazer às demandas de seus pais e mães, às vezes até o limite da exaustão ou da despersonalização.

No conto *A Terceira Margem do Rio* (ROSA, 1962), de extrema beleza e profundidade, há um momento relacionado a um possível encontro com um Outro, com um terceiro que talvez pudesse libertar o filho, personagem principal, de um aprisionamento que ele não consegue compreender, mas do qual não consegue se desvencilhar.

No conto, o personagem-pai decide encomendar a construção de uma canoa apta a durar "*na água por uns vinte ou trinta anos*". Ele parte então para o meio do rio, após escutar a fala da mulher: "*Cê vai, ocê fique, você nunca volte!*" E lá permanece o pai ao longo de anos e anos. Não cessa, porém, a pergunta de todos sobre a real motivação daquele afastamento de sua casa, da família e da comunidade em geral. Por que o pai se afastara? Cogita-se: seria doideira, pagamento de promessa, "*escrúpulo de estar com alguma feia doença*"?

Por outro lado, permanece também inabalável, como pano de fundo do conto, o desejo do personagem-filho de se identificar com o pai. Ele diz a todos, com frequência: "*foi pai que um dia me ensinou a fazer assim*"; confessando ao leitor que isso "*era mentira por verdade*".

Muito tempo se passa. A irmã do narrador se casa e apresenta ao pai o bebê que nasce, seu neto, de longe, na margem do rio. E nada. Depois de chamar e esperar, todos choram abraçados. Ela vai embora com o marido. O irmão do narrador também se muda para outra cidade. Sua mãe vai também residir com a filha, ou seja, todos conseguem suportar o processo de separação daquele que escolhera permanecer no rio. Fica apenas o personagem-filho que, já no começo da velhice, verbaliza o que sente a esperar ali sozinho: "*Sou o culpado do que nem sei, de dor em aberto, no meu foro*".

Um dia, ele toma coragem e grita da margem, bem alto para o pai que ele já está muito velho e que "*não carece mais*" de ele ficar ali... E faz a oferta: "*eu tomo o seu lugar na canoa!*". Porém, quando percebe que a troca de lugar seria aceita e o pai faz menção de se aproximar, ele não aguenta e sai correndo em disparada, deixando o leitor com uma pergunta enigmática: por que o encontro não foi possível?

Diversas indagações decorrentes da leitura do conto se relacionam ao tema aqui tratado: por que o terceiro se ausentou? O que teria ocorrido para o filho se o pai do conto, não presente fisicamente em sua vida, tivesse permanecido ativo na família? O filho teria podido sonhar com outra vida? Teria sido possível para ele partir em busca de novas experiências?

No conto, escutamos o filho contar que queria tanto se identificar com o pai que acabava narrando a outros "*mentira por verdade*" quando perguntavam algo sobre o legado paterno. Por outro lado, escutamos também o filho assoberbado pela culpa e pelo desamparo, sobretudo por ter compreendido muito rapidamente que a própria construção da canoa, apenas para uma pessoa, o remador, impunha uma exclusão que ele teve que suportar ao longo de toda a vida.

Por que o pai não foi embora daquelas margens e seguiu seu destino sem a família? Por que permaneceu como um fantasma ou como uma sombra tão próxima à casa dos familiares? O fato é que diversas interpretações são possíveis, mas fica inequívoco que aquela sombra do pai se projetou irremediavelmente sobre a vida do filho.

O título do conto nos deixa também outra pergunta fundamental: o que seria uma Terceira Margem do Rio? Do ponto de vista lógico, um rio tem apenas duas margens: a direta e a esquerda e, do ponto de vista de quem está dentro do rio em uma canoa, há o fundo do rio e o céu que encobre a travessia. O pai do conto estaria, então, buscando uma "terceira margem do rio" de uma forma metafórica? Como quem busca o desconhecido, como quem busca a si mesmo, uma estrutura interna, como quem procura algum sentido para viver? O título parece nos remeter a uma margem terceira, para além do mundo físico e do conhecido, uma margem que não está em nenhuma daquelas margens que costumamos enxergar concretamente.

Por outro lado, a ideia de que o narrador do conto observava seu pai dentro de uma canoa que não tinha ido a parte alguma e que "executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio", nos remete a certos aspectos do processo de análise, no qual eventualmente são esses os espaços em que transitamos: são espaços "de meio a meio", de parte a parte, do interno ao externo, da ilusão à realidade, do espaço intrapsíquico ao intersubjetivo, do desafetado ao simbólico, do processo embrionário do pensar até o pensamento criativo, do irrepresentável à representação, do material cindido ao nomeado.

A ausência do pai do conto se deu em um tempo no qual o filho ainda demandava a presença de um pai, do seu olhar, do seu apoio, dos seus ensinamentos sobre a vida. Assim como nos casos apreciados nesta tese, ocorreu um abandono traumático. Por isso, a lealdade cega do filho que fica sempre à espera nos comove, mas também nos entristece. O filho tem uma esperança genuína de alcançar o pai, mesmo que esse não tenha estabelecido entre eles um cordão que os mantivesse ligados. Instaura-se então uma promessa, uma espera, uma dívida impagável. O pai na terceira margem pode ser esse terceiro que não se fez suficientemente presente para libertar o filho e permiti-lo partir para um lugar que fosse autenticamente dele. No conto, quando o filho entende que o pai o deixaria substituí-lo, o que parecia uma miragem, ele só pode fugir, porque não há senso de identidade que configure um lugar de onde começar, não há contorno de si para firmar algum desejo em nome próprio. Apesar de ter sido o pai que ficou no meio a meio, foi também o filho que ficou condenado a uma não-travessia.

Winnicott (1975a) nos ensina que esse espaço "de meio a meio" que ele batiza de terceira área, pode ser considerado tanto como o espaço construído entre a mãe e a criança, como também o espaço paulatinamente erguido entre o analista e cada analisando. Esse espaço *entre dois* tem a natureza e a função de conectar o mundo interno e o mundo externo como área intermediária, dando formatação a transformações decorrentes de um trânsito que pode ser bem produtivo entre ilusão e criação, entre a dimensão subjetiva e a dimensão objetiva.

Sobre o discurso de cada paciente, Green nos lembra que apenas sabemos "o que se passa no interior do paciente através daquilo que ele nos comunica, sendo que nos falta o conhecimento da fonte da comunicação e *do que ocorre entre essas duas margens*". Ele trata do mistério entre essas margens de cada paciente (entre aquilo que é dito e a fonte de onde emana tal expressividade), acrescentando que a forma de superar nossa ignorância desse espaço interno é observar o efeito produzido pela comunicação sobre nós, tanto em nossas impressões afetivas e corporais quanto em nosso funcionamento mental. Ao assim descrever o encontro analítico, ele destaca que "graças a Winnicott, conhecemos a função do campo transicional, do espaço potencial" e que devemos considerar que "a comunicação do paciente – diferente daquilo que ele vive e sente – situa-se no espaço transicional entre ele e nós, da mesma maneira que nossa interpretação, veiculada pela comunicação" (GREEN, [1974] 2017, p. 89, grifos nossos).

Como refletir sobre essa função do terceiro, sobre essa falta de mediação que definiu grande parte das vidas dos analisandos que aqui mencionamos? É possível que o enquadre analítico possa ir fazendo, passo a passo, essa função estruturante e mediadora?

O enquadre analítico, quando bem estabelecido, funciona como um continente de certa forma silencioso, como uma moldura que favorece e delimita um campo de trabalho psíquico com vistas a permitir que o analisando faça contato com sua realidade psíquica de modo estendido no tempo, em um constante movimento de forças transferenciais e contratransferências operando conjuntamente.

No item 7.2, ficou bem marcante a ideia de que a noção de *terceira área* é uma das figuras mais potentes do terceiro em psicanálise (COELHO JÚNIOR, 2016). Por se tratar do espaço do brincar infantil em que é um prazer se esconder, para poder ser encontrado, esse espaço vale também como o lugar da criatividade.

A "terceira margem do rio" também pode ser pensada segundo os ensinamentos de André Green, para quem o terceiro pode ser concebido como um elemento de ligação e de junção entre dois objetos. Relembremos que, para ele, a sessão analítica é composta por três objetos agrupados, dentre os quais há dois objetos com natureza própria, autônoma e separada (analista e analisando), ligados por um terceiro objeto que corresponde à sua junção: é o *objeto analítico*, consubstanciado na matéria-prima produzida a partir do encontro do par analítico.

Queremos então chamar atenção para um ponto bastante importante da obra de Green sob a ótica clínica que é, a nosso ver, fundamental para os casos de relações fusionais: sua ideia sobre a tolerância à diferença, ao outro, ao heterogêneo no curso de cada encontro analítico e sobre a espera relacionada ao trânsito do Eu ao *não-Eu* que serve para embasar os possíveis trabalhos psíquicos relacionados à elaboração psíquica e ao acesso ao simbólico.

Explicando objetivamente em termos greenianos: a noção metapsicológica de *limite* pode gerar um pensamento psíquico produtivo e não angustiante sobre reunião e separação.

André Green ([1974] 2017, p. 70) menciona três importantes mudanças oriundas da prática psicanalítica das últimas décadas: 1) uma concepção mais ampla de contratransferência e a atribuição de um papel diferente ao analista, com a inclusão de sua elaboração imaginativa; 2) a função do enquadre analítico e suas relações com o funcionamento mental do analista e do analisando como elementos propiciadores da simbolização; e 3) o "lugar do narcisismo, oposto e complementar em relação àquele das relações objetais". O autor nos faz pensar, como hipótese de trabalho, que as mudanças da clínica atual, marcada por essa proliferação de pacientes não-neuróticos, sob as mais variadas denominações (estados-limites, personalidades esquizoides, "as if", falsos selves, pacientes da falha básica, antianalisandos e outros) estariam relacionadas, na verdade, a uma mudança no analista.

Se, por um lado, isso não implica rejeitar que há mudanças do lado dos pacientes, também nos faz apreciar um campo que se amplia na medida da sensibilidade e da percepção do analista. Em suas palavras: "Não que eu queira dizer que os analistas tenham atualmente um ouvido mais exercitado que antigamente, mas sim que eles também escutam algo diferente, que antes não ultrapassava o umbral do seu entendimento" (GREEN, [1974] 2017, p. 73).

Adotando os parâmetros de Green, Candi (2011, p. 125) fala do analista que faz "cortes e suturas, possibilitando o desenrolar (mais ou menos linear ou sem grandes catástrofes) do processo de criação de sentido da experiência subjetiva", ou seja, o analista como uma figura que corta, recorta, rasga, repara, remenda e costura, e que, por isso, transita nesses "lugares-limites". A situação analítica seria então equiparável ao sonho, tolerando "a irracionalidade, a atemporalidade, o paradoxo", ao mesmo tempo em que teria a potencialidade de ativar o jogo entre analista e analisando face às variadas formas de representação, desaguando em uma possível elaboração gradativa das angústias e dos excessos afetivos do analisando.

A autora nos relembra que a obra de André Green gravita em torno da ideia de que a situação analítica proporciona as "condições materiais e psíquicas necessárias e suficientes para poder criar símbolos e sonhar" (CANDI, 2011, p. 126) e que, por isso, assume a qualidade de um espaço potencial no qual algum sentido pode ser gerado. Hartke (2005), na mesma direção, nos fala do enquadre analítico como uma "incubadora de símbolos".

Candi (2011) nos adverte que o analista teria como uma de suas funções a de ser o guardião do sonho e da associação livre. E essa questão se mostra extremamente importante para a escuta dos pacientes que tiveram suas infâncias marcadas por relações simbióticas

porque, do ponto de vista clínico, será um desafio construir um enquadre estável nos casos em que houve falhas de origem na interação do indivíduo com seus objetos primordiais.

O analista e o enquadre analítico estarão, por isso, a serviço dessas formações intermediárias rumo à simbolização, ou seja, atuarão nessa terceira área ou espaço potencial – o analista *como guardião*; o enquadre analítico *como estrutura* – com vistas a viabilizar esse trânsito entre o Eu e o outro, a realidade interna e a externa, o passado e o presente⁴⁴.

Poderíamos então sustentar a hipótese de que, louvando-nos da teoria de Green (2002, p. 251), o próprio enquadre analítico poderia ser considerado uma *terceira margem*, um elemento que funciona para auxiliar a estruturação psíquica do analisando, ao mesmo tempo em que vai fazendo uma lenta e consistente ligação entre as pulsões e os objetos.

Em franco diálogo com Winnicott, André Green conta ao leitor sobre a justificativa da sua filiação à técnica que o primeiro propõe:

[...] a técnica de Winnicott, que confere ao enquadre o seu lugar, recomenda a aceitação desses estados informes e uma atitude não intrusiva, suprimindo verbalmente a carência dos cuidados maternos para favorecer a emergência de uma relação com o Eu e com o objeto, até o momento em que o analista pode se tornar um objeto transicional e o espaço analítico um espaço potencial de jogo e uma área de ilusão. ***Se concordo com a técnica de Winnicott, se aspiro a ela sem tê-la dominado, apesar do risco de indução à dependência, é porque me parece que ela é a única que dá lugar à noção de ausência.*** (GREEN, 1974/2017, p. 100) (grifos nossos)

Pensar na importância do terceiro é, portanto, pensar na função do enquadre analítico nesses casos. O enquadre analítico como ambiente facilitador, como área de sustentação e continência, como espaço para a aparição do material clivado e para a simbolização da ausência.

Como lemos no conto de Guimarães Rosa, o afastamento incompreensível e inassimilável do pai acaba por instaurar uma margem impossível de ser alcançada pelo filho. Há, por isso, algo que ressoa como melancólico e triste na leitura: o transcurso do tempo, a passagem de longos anos, de décadas, nas quais a vida do filho vai ficando suspensa, impedida, atravancada, sem trânsito. Apesar de todos os outros familiares partirem para outros lugares em momentos distintos, ele continua a esperar.

O filho do conto, que tinha o desejo de seguir o pai quando ele decide partir, diante da menção do pai de que ele fique, assim o faz, de modo obediente, ficando para sempre à margem.

⁴⁴ "Afinal de contas, o verdadeiro objeto analítico não estaria nem do lado do paciente, nem do lado do analista, mas na reunião desses dois discursos no espaço potencial que se encontra entre eles, limitado pelo enquadre que se quebra a cada separação e se reconstitui a cada reunião" (GREEN, 1976/2017, p. 90).

O pai afasta-se indefinidamente, mas não o bastante para que o filho siga adiante e, assim, o terceiro ausente passa a ocupar o lugar de um fantasma onipotente, que mantém o filho sempre menino, sem crescer e sem condições de partir. A mãe do narrador também não consegue colocar um limite ou fazer um corte na ligação imaginária entre o filho e o pai, esperado e perdido. No conto, todos acham sua dupla, exceto o filho, compromissado com o pai. Emaranhado ao destino paterno, preso a uma canoa na qual só cabia um.

O conto serve como exemplo do que não funcionou, do que não se cumpriu nessa separação, do que não se desenrolou no desenvolvimento emocional e psíquico desse filho.

Nas relações fusionais, sem a ciência dos aspectos inconscientes que propiciam a força de aglutinação desse laço, os filhos também ficam impedidos de fazer essa passagem, a travessia para o tempo de crescer e acessar o futuro. A experiência da aquisição de um tempo próprio e de um espaço de autonomia não se consolida. Persiste uma estagnação em um âmbito endogâmico, em um não-lugar, em um tempo suspenso.

A análise, nesses casos, teria a natureza de uma possível margem de esperança ou de um espaço de construção de utopia, como um campo terceiro que pode propiciar, então, a entrada em contato com tais aspectos cindidos do vínculo fusional, para que o indivíduo que vivia um *tempo suspenso* estabeleça uma narrativa que possa movimentar esse circuito temporal em um ritmo que não o aniquile, mas que seja suficientemente distante e protegido para que ele possa fazer contato psíquico com a sua história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O analista é parteiro, a análise é partida, mas a chegada até ela, temos que fazer com nossos próprios pés.

Meira, 2021, p. 338

Ao longo desta tese foi se esboçando a ideia do quão difícil e intrincado pode ser para algumas mães e pais renunciarem ao corpo do filho, aos desejos de posse sobre o filho, ao domínio sobre seus afetos, desígnios e caminhos. Vimos também, por outro lado, como é árduo e penoso o contato do bebê humano com a realidade externa. Apreciamos que é necessário que ocorra um processo gradual de afastamento de uma centralização narcísica para que o *infans* possa ir tomando ciência, paulatinamente, do mundo externo e que uma boa trilha na constituição de acesso às relações objetais ocorre às expensas do seu narcisismo.

Em outras palavras, é preciso renunciar a parcelas das fantasias de completude narcísica para que o investimento objetal possa ir sendo sustentado, tanto para os genitores quanto para os filhos e filhas.

A epígrafe deste tópico, extraída do livro *Histórias de Captura*, traz em sua abertura uma ideia inspiradora para iluminar nossas considerações finais – "O analista é parteiro; a análise é partida" (MEIRA, 2021, p. 338) – frase que retrata uma condensação perfeita e equilibrada dos elementos pertinentes à escuta clínica desses casos de aprisionamento, que envolvem o *nascimento psíquico* desses indivíduos.

Falamos no Capítulo 1 que a ideia de nascimento biológico de um bebê humano pode ser considerada como um evento único e bem delimitado no tempo, mas que há uma enorme complexidade no que tange à ideia de *nascimento psíquico* de um indivíduo, como um processo que se desdobra em fases e subfases e, nessas dobradiças do tempo, apresenta marchas e contramarchas, passos para frente e recuos, ímpetos de seguir e resistências. O nascimento biológico, portanto, não coincide com o *nascimento psíquico* de cada um, evento este que dependerá da jornada singular de cada pessoa em busca da construção de um senso de identidade e individualidade em um processo que mescla questões intrapsíquicas e intersubjetivas decorrentes das trocas daquele que nasce com o seu ambiente primevo.

Pensar no analista como parteiro, então, implica refletir sobre a sua participação nesse processo de *nascimento psíquico* que, por algum motivo, ficou truncado, paralisado ou inerte nos casos das relações fusionais.

Ferenczi, como vimos, desde 1909, já falava em um encontro analítico como uma *catálise*, como um caldeirão de "valências químicas não-saturadas" e imaginava a figura do analista como a de um agente catalizador, que, por sua posição de terceiro, atrairia para si afetos ainda desconhecidos do analisando. Um partícipe na transformação daquilo que ainda circulava sem representação em um material que pudesse vir a ser simbolizado, pensado, sentido e apropriado subjetivamente pelo analisando.

Nas relações fusionais, vimos que esses filhos ficam ainda fundidos a suas mães ou pais na vida adulta, acoplados a eles, presos ao seu destino, fora da órbita da escolha, como se ainda estivessem habitando um espaço prévio ao nascimento, dentro de suas mães, imantados aos seus pais, unidos sem corte possível. Então o analista aparece como parteiro, como terceiro.

Partindo da tendência primitiva do bebê humano ao *agarrar-se*, com enfoque na ideia do *clinging*, ou seja, de o filho *dependurar-se* no corpo materno (HERMANN, 1936), nos encaminhamos a um percurso de apreciação dos afetos intensos dos filhos nesses casos, em especial a angústia de separação.

As provações e privações decorrentes do processo de emancipação de filhos e filhas e o estudo de diversos casos clínicos nos remeteram à conclusão de que algumas manifestações patológicas decorrem do desespero, seja quanto a ser dominado pelo objeto, seja aliado ao medo terrível de perder o objeto. Por outro lado, a trilha apontava para certo desconsolo e uma elaboração atribulada ou mesmo malsucedida de tais filhos quanto à separação e a permanência em uma relação de dependência ao objeto primário ou aos seus substitutos provisórios, sob a forma de novos objetos, tais como o álcool, as drogas, o sexo virtual, a comida, e os relacionamentos adictivos, enfim.

O trabalho de luto dos objetos primordiais, a elaboração da ausência dos genitores, a dor da saudade e o pesar ficaram suspensos, tamponados por uma forma de apego exagerada em razão de uma situação anterior frustrante e traumática.

Nesse ponto se inseriu a figura do analista como um terceiro, como um "parteiro". Lembremos das palavras da saudosa Talya Candi (2011, p. 125) ao tratar de um analista que faz "cortes e suturas" e, dessa forma, auxilia no desenrolar do processo de representação da história relacional do analisando, criando novos sentidos para o vivido, depois convertido em experiência subjetiva, por transitar com ele em "lugares-limites", demonstrando que é possível tolerar conjuntamente "a irracionalidade, a atemporalidade, o paradoxo" daquelas experiências. Como resultado desses cortes, suturas e trânsitos face a uma presença confiável, ativam-se novas possibilidades de elaboração de angústias e excessos afetivos do analisando. Ou seja, passa a ser possível tratar do transbordamento do "amor" entre aqueles filhos e seus genitores.

Revedo o título desta tese, o que é o amor que transborda? Transbordar seria o ato de ultrapassar os limites do tolerável por alguém, do assimilável? Seria o ato de invadir de tal modo um espaço ainda em formação que ele perde sua forma original e se molda aos contornos no agente invasor? O que pensar quando esse excesso se dá entre pais e filhos em uma fase na qual ainda não há fronteiras corporais e psíquicas delimitadas desses filhos?

Falamos aqui de relações em que o filho não foi visto como um outro discriminado, como um sujeito, mas, sim, como uma parte ou como uma posse desses pais, como um objeto parcial ou como alguém que esteve a serviço, ainda que inconscientemente, de um pai ou de uma mãe que acabou por tamponar sua falta adulta com o filho. Tratamos de histórias de pais que não aceitaram as próprias faltas e fizeram dos filhos um pedaço deles mesmos. Mortificaram tais filhos, aprisionando-os a lugares que eles próprios não escolheram.

Fazer análise pode ser então uma *partida*, no sentido de um começo – ou melhor, de um recomeço – para que tais filhos coloquem em ação paulatinamente tentativas de, enfim, escolher em nome próprio relações mais genuínas e potentes e, não, obedientes ou subservientes, já que não foi possível fazê-lo na relação primeira, com o pai ou a mãe, a quem seguiram em fé cega ou credulidade irrestrita. Os novos vínculos e parcerias que chegarem ou permanecerem em suas vidas depois desse recomeço poderão, em tese, ser escolhidos e não impostos e nem depositos pelo genitor.

A análise pode vir a ser então um *parto* e uma *partida* rumo a um caminho inaugural, vocacionado à tentativa do analisando de tecer pouco a pouco um corpo próprio, não invadido por pulsões externas irrepresentáveis, construir passo a passo um psiquismo próprio, sem o temor da intrusão dos ditames dos seus cuidadores, e assumir uma voz própria, o que lhe permitirá ouvir alguns dos seus timbres nunca antes pronunciados e sequer escutados em razão de uma falta de identidade pessoal muito arraigada desde os primeiros tempos. O analista atento e curioso, mas não afoito e apressado, estará ocupando aí um lugar de sustentação, de espera e de aposta no aparecimento de uma subjetividade mais inteira e menos fragmentada.

Para acontecer o parto e para que se dê o início da partida, a dupla analítica há de dar um mergulho profundo em margens desconhecidas, ameaçadoras e, às vezes, muito estreitas; há de trilhar pelas histórias de famílias claustrofílicas, permitindo que o que era antes um cativo ou uma sombra do passado possa ir sendo iluminado aos poucos, facultando que aquilo que era apenas manifestação corporal, ou mera repetição em ato compulsivo de um sofrimento arcaico alojado no psiquismo seja contornado pela palavra, pelo limite, pela simbolização.

A ideia de que a "análise é partida" também pode ser vista por outro vértice desse prisma: *partida* sendo compreendida no sentido de *partir em dois*, dividir em duas partes, como um polo

oposto àquilo que era um bloco maciço. Isso nos faz rememorar das cenas de Douglas e sua mãe Marina, cada um vivendo apenas como uma metade a depender do outro para sentir uma suposta inteireza. Desde que o gêmeo da mãe falecera e ela perdera sua "outra metade", construiu-se o destino de Douglas, de ter, em partilha, um psiquismo para dois, um corpo para dois (MC DOUGALL, 2000). Também nos faz lembrar de Damiana (item 1.4), que sentia sua cabeça "colada com a cabeça da mãe". A análise então pode ser partida no sentido de início e recomeço, mas também partida como corte, repartição, discriminação. Como o avesso de fusão.

Como apreciamos na ideia de Raul Hartke (2005) do enquadre analítico como uma "incubadora de símbolos", esses indivíduos ainda não nascidos psiquicamente passarão certo tempo de análise incubando esse material de representação do seu passado arcaico, gestando a simbolização do vínculo de filiação até que possam respirar autonomamente, desprendendo-se do corpo e do psiquismo do genitor simbiótico e da fusão comprometedora de sua emancipação.

Continuando com a eloquência da epígrafe, que veicula uma mensagem simples, mas tão plena de significação, depois de mencionar que "o analista é parteiro, a análise é partida", a autora nos brinda com a ideia de que "a chegada até ela, temos que fazer com nossos próprios pés". A chegada até a análise, sabemos, há de ser feita como um impulso próprio, pessoal; nesses casos, com a força motriz do filho, a exemplo do que vimos no começo da tese na experiência do bebê de dar os primeiros passos e sentir-se em júbilo, dando provas de que já pode andar sozinho, ainda que sustentado pelo apoio visual do genitor. Por impulso próprio também falamos no Capítulo 6 sobre aprender a pedalar uma bicicleta e ouvir a voz do pai ou da mãe ao longe, mas poder desfrutar da alegria do vento no cabelo e da coragem de se sentir capaz de seguir em frente; em seguida, da satisfação de dirigir um automóvel e de se sentir autorizado a ocupar novos espaços geográficos e psíquicos.

Essa trilha que há de ser feita "com os próprios pés" pelo analisando se irradia no processo de análise e se desnova em um percurso que reverbera ao som de ecos do passado, desde os primeiros tempos do analisando, passando por sua infância, trafegando em caminhos do trauma infantil e do abandono precoce vivido sob uma forma escamoteada, fazendo uma aproximação de experiências de invasão não representadas dado o seu duplo sentido, até chegar ao "aqui e agora" da sessão analítica (BUSCH, 2017).

O analisando que começa a caminhar de um modo mais autônomo já está em pé, não mais fusionado, paralisado na relação filial doentia.

Na classificação de Balint (1959) sobre os filobatas, o autor nos oferece a imagem de um sujeito ereto que se sustenta *longe do chão*, que ele toca apenas com as solas dos pés. Há

uma sustentação "em si próprio" e o indivíduo assume uma imagem firme e ativa, afastada do chão, apoiado "nas próprias pernas" e fundado em seu narcisismo e em uma potência própria⁴⁵.

Em contraponto, o estado não-ereto transmite a ideia de dependência e impotência, como no caso de alguém que se encontra deitado ou rastejando próximo ao chão, ou, metaforicamente, submetido, obediente e encurvado. Exatamente como vimos nos casos de alguns filhos que mencionamos nesta tese: sem saída, em uma constante compulsão a repetir, com o álcool, com as drogas, com o sexo virtual, o estado de aprisionamento original, isso tudo aliado à suposta nobreza da dedicação ao genitor e da fidelidade inconsciente à simbiose; outros, sexualmente anoréxicos (item 2.6), outras ainda, sem conseguir encontrar uma parceria amorosa por já estarem povoadas e invadidas em seu território afetivo por um pai centralizador (como no caso da tenista Marla, 2.2) ou por uma mãe fálica (como Madame Sevigné, 2.7).

A análise a ser trilhada "com os próprios pés" dará início a uma batalha que inclui um trabalho psíquico de substituição da inevitabilidade da ação por uma possibilidade de reflexão mais profunda (BUSCH, 2017) acerca da historicização do vivido. Se Freud (1914) qualificou a compulsão à repetição como uma "compulsão a repetir em ação", a caminhada analítica será uma tentativa de aproximar uma vivência destituída de representação de uma simbolização primária do vivido, com vistas a fazer brotar algum florescimento transformador na vida daquele que nada sabe sobre si, dos seus desejos e anseios mais profundos, por viver sem um contato genuíno com sua vida psíquica particular.

Será uma trilha rumo à árdua construção de uma identidade separada.

Como dito, a escuta da história da relação fusional entre cada filho e seu genitor por parte de um terceiro faz soprar uma lufada de ar onde antes havia apenas sufocamento. No "aqui e agora" da sessão, prezando pelos conteúdos que despontam no pré-consciente e sem provocar angústias insuportáveis que bloqueiem o processo de simbolização, o enquadre analítico aparecerá como uma estrutura enquadrante, como uma moldura delimitadora de um campo de trabalho psíquico ao longo no tempo, abarcando movimentos transferenciais e contratransferências e sustentando lentas transformações emocionais.

Como os filhos de que tratamos aqui ficaram impedidos de fazer uma travessia serena e rica pelo tempo do brincar, do crescer, do descobrir-se amando e desejando para além das forças do endogâmico, ficou suspensa a temporalidade e o acesso deles a um futuro criativo, livre e desimpedido. A aquisição de um espaço de autonomia também ficou suspensa. Por isso a análise nesses casos nos faz trafegar em uma margem de esperança ou de uma possível

⁴⁵ O autor se refere aqui ao filobatismo não patológico, já que, no extremo, os filobatas podem evitar o contato com os objetos e os vínculos de dependência, desligar-se afetivamente em uma posição defensiva de esquizoidia.

transformação, como uma terceira área que pode propiciar não só a apreensão dos aspectos cindidos do vínculo fusional, mas também a formatação de uma narrativa do analisando que faça o tempo novamente transcorrer, ao mirar para o passado e para o presente e fazer contato com a sua história relacional acompanhado de um terceiro, em um vínculo inaugural e amistoso. Esse terceiro poderá testemunhar quando esse indivíduo precocemente traumatizado lançar um olhar para os infortúnios de seu passado a partir de um local seguro e distante e protegido, que lhe permita falar sobre o enlace patológico que se estabeleceu desde os primeiros tempos.

Na análise com esses pacientes já adultos, cansados da espera, haverá uma aposta de construir essa terceira margem, dar corpo ao terceiro que não foi suficientemente bom para interditar a relação simbiótica. Algo se abre no espaço de análise que permite que o filho da relação fusional possa navegar, experimentar construir sua própria "canoa", e sair do emaranhado ao qual estava preso, para poder incluir outros vínculos, outros amores, outros laços mais genuínos, potentes e criativos, navegar em outros espaços. Como no final do conto da Terceira Margem, voltar a deixar o tempo correr de forma livre e ser rio, rio abaixo, rio acima, rio rio rio...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAHAM, Karl (1921/ 1927). Contributions to the theory of the anal character. *In: Selected Papers of Karl Abraham*. 8. ed. London: The Hogarth Press Ltd and the Institute of Psycho-Analysis, 1973.
- ABRAHAM, Nicolas; TOROK, Maria (1987). **A Casca e o Núcleo**. Trad. Maria José R. Faria Coracini. São Paulo: Editora Escuta, 1995.
- ADAMS, Kenneth; MORGAN, Alexander. **When he is married to Mom**, published by Simon & Schuster. New York: Fireside Books, 2007.
- ADAMS, Kenneth. **Silently seduced**: when parents make their children partners, Kenneth Adams, PHD, Health Communications, Inc, Deerfiel Beach, Florida, 2011.
- ANDRADE, Carlos Drummond. **Esquecer para lembrar**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1979.
- AUDIBERT, Catherine. « L'incapacité d'être seul et ses stratégies addictives ». **La lettre de l'enfance et de l'adolescence**, 2009/3 (n. 77), pp. 23-30. DOI : 10.3917/lett.077.0023. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-lettre-de-l-enfance-et-de-l-adolescence-2009-3-page-23.htm>. Acesso em: 10 jan. 2021.
- BALINT, M. (1952). **Primary love and psycho-Analytic technique**. London: Karnac, 1985.
- BALINT, Michael (1959). **Thrills and Regressions**. London: H. Karnac Books Ltd, 1987.
- BALINT, Michael (1968). **A Falha Básica**: aspectos terapêuticos da regressão. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- BOWLBY, John. **Attachment and Loss**, Attachment, Vol. 1. Basic Books: New York, 1969.
- BOWLBY, John (1973). **Separação, Angústia e Raiva**, Volume 2, Apego e Perda. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- BRITTON, Ronald (1998). O Édipo na Posição Depressiva. *In: Crença e Imaginação, Explorações em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2003a, pp. 53-67.
- BRITTON, Ronald (1998). Subjetividade, objetividade e espaço triangular. *In: Crença e Imaginação, Explorações em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2003b, pp. 69-92.
- BURLINGHAM, Diane; FREUD, Anna. (1942). **Young Children in War-time**. Londres: Allen & Unwin, 1942.
- BURLINGHAM, D.; FREUD, A. **Infants without families**. Londres: Allen & Unwin, 1944.
- BUSCH, Fred. **Criar a mente psicanalítica**: teoria e método psicanalítico, Kultur. Trad. Tânia Maria Zalberg. São Paulo: Ed. Escuta, 2017.
- CANDI, Talya Saadia. Limite e simbolização: a influência das ideias de Winnicott na elaboração do conceito de limite de André Green. **Rev. bras. psicanál**, São Paulo, v. 45, n. 4, pp. 119-128, dez. 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2011000400014&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 22 jan. 2022.
- CÉSAR, Fátima Flório. **Prefiro abraços**. São Paulo: Ventana Editora, 2021.

CINTRA, Elisa Maria Ulhôa; FIGUEIREDO, Luís Claudio. **Melanie Klein: estilo e pensamento**. São Paulo: Escuta, 2010.

CINTRA, Elisa Maria Ulhôa. Introjeção, Incorporação e identificação com o agressor – considerações a partir de Sándor Ferenczi. **Ide Psicanálise e Cultura** /Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Vol. 40, n. 66, 2019.

CINTRA, Elisa Maria Ulhôa. Complexo de Castração e Complexo do *Nebenmensch*: diferença, desamparo e violência. **Revista Cadernos de Psicanálise**, CPRJ, v. 43, n. 45, jul/dez 2021.

COELHO JÚNIOR, Nelson. The origins and destinies of the idea of thirdness in contemporary psychoanalysis. **The international Journal of Psychoanalysis**, Routledge Taylor and Francis Group, 97:4, 2016, pp. 1105-1127.

COELHO JÚNIOR, Nelson; FIGUEIREDO, Luís Claudio. Figuras da Intersubjetividade na Constituição Subjetiva: Dimensões da Alteridade. **INTERAÇÕES**, Vol. IX, n. 17, pp. 9-28, jan-jun 2004.

COSTA, Jurandir Freire. Prefácio. *In*: PINHEIRO, Tereza. **Ferenczi, do Grito à palavra**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/Editora UFRJ, 1995.

COSTA, Gley Pacheco. Psicopatologia psicanalítica contemporânea: clínica do desvalimento. **Rev. bras. psicanál.** São Paulo, v. 42, n. 2, p. 89-102, jun. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbp/v42n2/v42n2a09.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2017.

DEAN-GOMES. **Budapeste, Viena e Wiesbaden**. O percurso do pensamento clínico-teórico de Sándor Ferenczi. São Paulo: Editora Blucher, 2019.

DICIONÁRIO Houaiss da Língua Portuguesa. Disponível em: www.houaiss.uol.com.br. Acesso em: 12 out. 2020. (Verbetes: adicção; adicto)

FACHINELLI, Elvio. **Claustrofilia**. Saggio sull’Orologio telepático in Psicanalisi. Editora Adelphi: Milão, 1988.

FAIMBERG, HAIDÉE. **Telescoping od Generations: Listening to Narcisistic Links between Generations**. Routledge, Taylor and Francis Group: London and New York, 2005.

FENICHEL, O. (1945) **The Psychoanalytic Theory of Neurosis**. New York, Norton.

FERENCZI, Sándor. (1909) Transferência e Introjeção. *In*: FERENCZI, S. **Obras completas**. Psicanálise I. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, pp. 87-123.

FERENCZI, Sándor. (1912) O conceito de introjeção. *In*: FERENCZI, S. **Obras completas**. Psicanálise I. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, pp. 209-211.

FERENCZI, Sándor. (1913a) Adestramento de um cavalo selvagem. *In*: FERENCZI, S. **Obras completas**. Psicanálise II. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, pp. 13-18.

FERENCZI, Sándor. (1913b) Fé, incredulidade e convicção sob o ângulo da psicologia médica. *In*: FERENCZI, S. **Obras completas**. Psicanálise II. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, pp. 31-44.

FERENCZI, Sándor. (1924) Thalassa. *In*: FERENCZI, S. **Obras completas**. Psicanálise IV. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FERENCZI, Sándor. (1928a) A Adaptação da Família à Criança. *In*: FERENCZI, S. **Obras completas**. Psicanálise IV. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FERENCZI, Sándor. (1928b) A Elasticidade da Técnica Analítica. *In*: FERENCZI, S. **Obras completas**. Psicanálise IV. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FERENCZI, Sándor. (1929) A Criança mal acolhida e sua Pulsão de Morte. *In*: FERENCZI, S. **Obras completas**. Psicanálise IV. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FERENCZI, Sándor. (1931) Análise de Crianças com adultos. *In*: FERENCZI, S. **Obras completas**. Psicanálise IV. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FERENCZI, Sándor. (1932) **Diário Clínico**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

FERENCZI, Sándor. (1933) Confusão de Línguas entre os adultos e a criança. *In*: FERENCZI, S. **Obras completas**. Psicanálise IV. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

FERENCZI, Sándor. (1934a) Reflexões sobre o trauma. *In*: FERENCZI, S. **Obras completas**. Psicanálise IV. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FERENCZI, Sándor. (1934b) O erotismo oral na educação das crianças, 270-271. Notas e Fragmentos. *In*: FERENCZI, S. **Obras completas**. Psicanálise IV. São Paulo: Martins Fontes, 2011, pp. 267-323.

FERENCZI, Sándor. (1934c) Toda adaptação é precedida de uma tentativa inibida de desintegração. Notas e Fragmentos. *In*: FERENCZI, S. **Obras completas**. Psicanálise IV. São Paulo: Martins Fontes, 2011, pp. 271-272.

FERENCZI, Sándor. (1934d) Adaptação autoplástica e aloplástica. Notas e Fragmentos. *In*: FERENCZI, S. **Obras completas**. Psicanálise IV. São Paulo: Martins Fontes, 2011, pp. 272-273.

FERENCZI, Sándor. (1934e) Reflexões sobre o prazer da passividade. Notas e Fragmentos. *In*: FERENCZI, S. **Obras completas**. Psicanálise IV. São Paulo: Martins Fontes, 2011, pp. 267-323.

FIGUEIREDO, Luís Claudio. Confiança: a experiência de confiar na clínica psicanalítica e no plano da cultura. **Rev. bras. Psicanál.**, São Paulo, v. 41, n. 3, pp. 69 -77, set. 2007. Disponível em:http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2007000300008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 31 ago. 2020.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio. Modernidade, trauma e dissociação: A questão do sentido hoje. *In*: FIGUEIREDO, Luís Cláudio. **Elementos para a Clínica Contemporânea**. São Paulo: Escuta, 2008a, pp 11-40.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio. Subjetivação e Esquizoidia na contemporaneidade: questões metapsicológica. *In*: FIGUEIREDO, Luís Cláudio. **Elementos para a Clínica Contemporânea**. São Paulo: Escuta, 2008b, pp. 41-56.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio. Verleugnung: a desautorização no Processo Perceptivo. *In*: FIGUEIREDO, Luís Cláudio. **Elementos para a Clínica Contemporânea**. São Paulo: Escuta, 2008c, pp. 57-66.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio. Os casos-limite e as sabotagens do prazer. *In*: FIGUEIREDO, Luís Cláudio. **Elementos para a Clínica Contemporânea**. São Paulo: Escuta, 2008d, pp. 77-108.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio. Transferência, contratransferência e outras coisinhas mais, ou a chamada pulsão de morte. *In*: FIGUEIREDO, Luís Cláudio. **Elementos para a Clínica Contemporânea**. São Paulo: Escuta, 2008e, pp. 127-159.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio. Presença, implicação e reserva. **Ética e técnica em psicanálise**. 2. ed. São Paulo: Escuta, 2008d, pp. 13-55.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio. **Cuidado, saúde e cultura**: Trabalhos psíquicos e criatividade na situação analisante. São Paulo: Escuta, 2014.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio; TAMBURRINO, Gina; RIBEIRO, Marina. *In*: **Balint em Sete Lições**. São Paulo: Ed. Escuta, 2012.

FRANÇA, Cassandra. Introdução. *In*: **Ecos do Silêncio**. Reverberações do traumatismo sexual. São Paulo: Ed. Blucher, 2017a, pp. 13-19.

FRANÇA, Cassandra. Do grito de silêncio à reconstrução subjetiva. *In*: **Ecos do Silêncio**. Reverberações do traumatismo sexual. São Paulo: Ed. Blucher, 2017b, pp. 21-38.

FRANÇA, Cassandra; MATOS, Danielle; NOVAIS, Gabriela; RAMOS, Mariane. Um excesso que não se vê: a erotização do corpo da criança pela mãe. *In*: **Ecos do Silêncio**. Reverberações do traumatismo sexual. São Paulo: Ed. Blucher, 2017c, pp. 153-168.

FRANÇA, Cassandra. O tom surdo dos efeitos do desamor. *In*: **Ecos do Silêncio**. Reverberações do traumatismo sexual. São Paulo: Ed. Blucher, 2017d, pp. 197-215.

FREUD, Sigmund. (1905a) Psicoterapia. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras Completas**, v. 6. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, Sigmund. (1905b) Três Ensaio sobre a teoria da sexualidade *In*: FREUD, S. **Obras Completas de Sigmund Freud**, vol. 6. Tradutor Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, pp. 13-172.

FREUD, Sigmund. (1909). O Romance Familiar dos Neuróticos. *In*: FREUD, S. **Obras Completas de Sigmund Freud**, vol. 8. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, pp. 419-424.

FREUD, Sigmund. (1910a) Sobre Psicanálise “Selvagem”. *In*: FREUD, S. **Obras Completas de Sigmund Freud**, vol. 9. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, pp. 324-333.

FREUD, Sigmund. (1910b) Um tipo especial de escolha de objeto feita pelo Homem. *In*: FREUD, S. **Obras Completas de Sigmund Freud**, vol. 9. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, pp. 334-347.

FREUD, Sigmund. (1913). Totem e Tabu. *In*: FREUD, S. **Obras Completas de Sigmund Freud**, vol.11. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, pp. 13-244.

FREUD, Sigmund. (1914) Introdução ao Narcisismo. *In*: FREUD, S. **Obras Completas**, vol. 12. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, pp. 13-50.

FREUD, Sigmund. [1915a] Os Instintos e seus destinos. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras Completas**, v. 12. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. [1915b] O Inconsciente. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras Completas**, v. 12. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. [1917a [1915] Luto e Melancolia. **Obras Completas**, v. 12. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund [1917b]. Conferência 19: Resistência e repressão. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras Completas**, vol. 14. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, Sigmund. [1920] Além do Princípio do Prazer. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras Completas**, vol. 14. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. [1923] O Eu e o Id. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras Completas**, v. 16. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. [1924] O problema econômico do masoquismo. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras Completas**, v. 16. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. [1926] Inibição, sintoma e angústia. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras Completas**, v. 17. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, pp. 13-123.

FREUD, Sigmund. [1927] O Fetichismo. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras Completas**, v. 17. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, pp. 302-310.

FREUD, Sigmund. [1930] O Mal-estar na civilização. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras Completas**, v. 18. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, pp. 13-123.

FREUD, Sigmund. (1936) Um distúrbio de memória na Acrópole (Carta a Romain Rolland). *In*: FREUD, S. **Obras Completas**, vol. 18. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, pp. 436-449.

FREUD, Sigmund. (1937). Análise terminável e interminável. *In*: FREUD, S. **Obras Completas**, vol. 19. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, pp. 274-326.

FREUD, Sigmund. (1940 [1938a]) Compêndio de psicanálise. *In*: FREUD, S. **Obras Completas**, v.19. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, pp. 189-273.

FREUD, Sigmund. (1940 [1938b]) A cisão do eu no processo de defesa. *In*: FREUD, S. **Obras Completas**, v. 19. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, pp. 345-350.

FREUD, Sigmund. (1895 [1950] Projeto para uma Psicologia Científica. *In*: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, Vol. I. Introdução do editor inglês, Trad. José Luiz Meurer. Rio de Janeiro: Imago, 2006, pp. 335-454.

FREUD, Sigmund. (1897 [1950] Carta 71 de Freud a Fliess. *In*: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, Vol. I. Introdução do editor inglês, Trad. José Luiz Meurer. Rio de Janeiro: Imago, 2006, pp. 335-454.

FREUD, Sigmund. (1899 [1950] Lembranças encobridoras. *In*: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, Vol. I. Introdução do editor inglês, Trad. José Luiz Meurer. Rio de Janeiro: Imago, 2006, pp. 335-454.

- GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória, história, testemunho. *In*: BRESCIANI, S.; NAXARA, M. (Orgs.). **Memória e (res)sentimento**. Indagação sobre uma questão sensível. Campinas: Ed. Unicamp, 2001, pp. 85-94.
- GARY, Romain. **Promessa ao Amanhecer**. São Paulo: Marco Zero Editora, 1988.
- GEYSKENS, Tomas. Imre Hermann's Freudian theory of attachment. **The International Journal of Psychoanalysis**, 84:6, 1517-1529, 2003. DOI: 10.1516/08L3-RNVP-K0D8-VGC4.
- GRADIN, Adriana Meyer. **Corações murchos**. O tédio e apatia na clínica psicanalítica. Curitiba: Ed. Appris, 2020.
- GREEN, André (1974). O analista, a simbolização e ausência no enquadre analítico. *In*: GREEN, A. **A Loucura Privada**. Psicanálise dos casos-limite. São Paulo: Editora Escuta, 2017, pp. 69-102.
- GREEN, André (1976). *In*: GREEN, A. **A Loucura Privada**. Psicanálise dos casos-limite. São Paulo: Editora Escuta, 2017, pp. 103-136.
- GREEN, André. Freud, L'Oedipe et nous. **La deliason**. Paris: Les belles lettres, 1981.
- GREEN, André. **Idées directrices pour une psychanalyse contemporaine**. Paris: PUF, 2002.
- GREEN, André. Institution du négatif dans *Jeu et Réalité*. *In*: Green, A. **Jouer avec Winnicott**. Paris: PUF, 2005a.
- GREEN, André. De la terceité. *In*: A. Green. **Jouer avec Winnicott**. Paris: PUF, 2005b.
- GURFINKEL, Décio. Adicções: da perversão da pulsão à patologia dos objetos transicionais. **Psyche (São Paulo)**, São Paulo, v. 11, n. 20, pp. 13-28, jun. 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382007000100002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 24 jul. 2020.
- GURFINKEL, Décio. **Adicções**. Coleção Clínica Psicanalítica. São Paulo: Editora Casa do Psicólogo, 2011.
- GURFINKEL, Décio. **Relações de objeto**. São Paulo: Editora Blucher, 2017.
- HARTKE, Raul (2005). *In*: Repetir, simbolizar e recordar, Report to the Pannel “**El psicoanálisis cura aun mediante la rememoración?**” presented at the 45th Conference of the International Psychoanalytical Association, Berlim, Germany, 2005.
- HEIMANN, Paula. A contribution to the problem of sublimation and its relation to processes of internalization (1939, 1942), in **About Children and Children No-Longer**. Colected Papers 1942-1980, The New Library of Psychoanalysis. Routledge: London and New York, 2005.
- HERMANN, Imre ([1936]1976). Clinging-Going-in-search, A Contrasting Pair of instincts and their Relation to Sadism and Masochism. **PsychoAnalytic Quaterly**, 45: pp. 5-36.
- HUMBERG, Lygia Vampré. **Relacionamentos adictivos, um estudo psicanalítico**. 2014. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. doi:10.11606/T.47.2014.tde-27032015-125322. Acesso em: 25 ago. 2020.
- KACHELE, Horst. **A Hungarian Precursor of Attachment Theory: Ferenczi's Successor, Imre Hermann**, American Imago, december 2009.

KALINA, Eduardo; KOVADLOFF, Santiago. **Drogadição hoje: indivíduo, família e sociedade**, Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1983.

KLEIN, Melanie. **Estágios Iniciais do conflito edipiano, Amor, Culpa e Reparação e outros trabalhos**. 1921-1945, volume 1, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KLEIN, Melanie. O complexo de Édipo à luz das ansiedades arcaicas. *In*: KLEIN, M. **Amor, Culpa e Reparação e outros trabalhos**. 1921-1945, volume 1. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KLEIN, Melanie. Notas sobre os mecanismos esquizoides. *In*: KLEIN, M. **Inveja e Gratidão e outros trabalhos**. 1946-1963. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LAUGHLIN, Henry P. **The Neuroses in Clinical Practice**. Philadelphia and London: W. B. Saunders, 1956, p. 802. 87s. 6d.

LOBO, Sílvia. **Mães que fazem mal**. São Paulo: Pasavento, 2018.

LOEWALD, Hans W. (1979/2000). Declínio do Complexo de Édipo (“*The Waning of the Oedipus Complex*”). **Revista da Associação Americana de Psicanálise**, vol. 27, 1979, e reimpressão por Associação Americana de Psicanálise e da International Universities Press, 2000, pp. 384-401.

LOVE, Patricia; ROBINSON, Jo. **The Emotional Incest Syndrome: what to do when a parent’s love rules your life**. New York: Bantam Books, 1991.

MÃE, Valter Hugo. **A Desumanização**. São Paulo: Ed. Cosac Naify, 2014.

MÃE, Valter Hugo. **Contra mim**. Rio de Janeiro: Ed. Biblioteca Azul, 2020

MAGHERINI, Graziella. “**Mi sono innamorato di una statua**”. **Oltre la Sindrome de Stendhal/ “I’ve fallen in love with a statue”**. *Beyond the Stendhal Syndrom*. Ni comp L.E, Firenze, 2007.

MAHLER, Margaret. (1975). **O Nascimento Psicológico da Criança, Simbiose e Individuação**. Trad. Jane Araújo Russo, Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1993.

MAHLER, Margaret. **O Processo de Separação-Individuação**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1982.

MANUAL Elementar de Direito Romano, texto original em francês, de domínio público, do *Manuel Elementaire de Droit Romain*, de René Foignet, traduzido por Hércio Maciel França Madeira, em março de 2008.

MARINELLI, Lydia; MAYER, Andreas. The Receding Animal: Theorizing Anxiety and Attachment. **PsychoAnalysis from Freud to Imre Hermann, Science in Context**, 29(1), pp. 55-76, Cambridge University Press, 2016, DOI 10.1017/S0269889715000381.

MARUCCO, Norberto C. A clínica contemporânea e suas raízes metapsicológicas freudianas. **J. psicanal.**, São Paulo, v. 45, n. 83, pp. 71-84, dez. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352012000200007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 17 maio 2022.

MARUCCO, Norberto C. O pensamento clínico contemporâneo: revisitando a técnica. **Rev. bras. psicanál.**, São Paulo, v. 47, n. 2, pp. 67-72, jun. 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2013000200007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 17 maio 2022.

- MCDUGALL, Joyce. **Teatros do Corpo**. O psicossoma em psicanálise. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- MEIRA, Ana Cláudia Santos. **Histórias de captura**. Investimentos mortíferos nas relações mãe e filha. São Paulo: Ed. Blucher, 2021.
- MENDES, Anna Paula; GOMES, Nívea. As palavras dos adultos sobre o abuso sexual: reverberações no psiquismo infantil. *In: Ecos do Silêncio*. Reverberações do traumatismo sexual. São Paulo: Ed. Blucher, 2017, pp. 170-196.
- MINERBO, Marion. **Estratégias de Investigação em Psicanálise**: desconstrução e reconstrução de conhecimento. São Paulo: Casa do Psicólogo/FAPESP, 2000.
- MIRANDA, Elisabeth da Rocha (2015). **A violência do amor materno**. Disponível em: http://www.psicopatologiafundamental.org.br/uploads/files/iii_congresso/mesas_redondas/a_violencia_do_amor_materno.pdf. Acesso em: 11 jul. 2021.
- OGDEN, Thomas H. (1986) **A matriz da mente**. Relações objetais e o diálogo psicanalítico. São Paulo: Ed. Blucher, Karnac, 2018.
- PIGOZZI, Laura. **Meu filho me adora**. Filhos reféns e pais perfeitos. São Paulo: Buzz Editora, 2018.
- PINHEIRO, Teresa. **Ferenczi, do grito à palavra**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Editor/ Editora UFRJ, 1995.
- REIK, Theodor. **Listening with the Third Ear**. New York: The Groove Press, 1948.
- RICKMAN, John (1951). Methodology and research in psycho-pathology. *In: RICKMAN, J. Selected Contributions to Psycho-Analysis*. London: Karnac, 2003.
- ROSENFELD, Herbert. **Os estados psicóticos**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1960.
- ROSEN, Nicolle. **Madame Freud. Um retrato íntimo e revelador do pai da psicanálise pelo olhar de sua esposa**. Tradução: Marisa Rossetto. Campinas: Editora Verus, 2008.
- ROUSSILLON, René. O desamparo e as tentativas de solução para o traumatismo primário. **Rev. de Psicanálise da SPPA**, v. 19, n. 2, p. 271-295, ago. 2012.
- SANTI, Pedro Luiz Ribeiro de. Sob as adições: a incapacidade de estar só. **Ide** (São Paulo), São Paulo, v. 32, n. 48, pp. 215-219, jun. 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062009000100024&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 ago. 2020.
- SAVIETTO, B. B. Este (meu) corpo, a quem pertence?: considerações metapsicológicas e clínicas sobre a drogadicção. **Rev. bras. psicanál**, São Paulo, v. 45, n. 4, pp. 57-8, dez. 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2011000400007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 16 maio 2022.
- SÉVIGNÉ, Madame de. **Cartas**. Coleção de Clássicos de Sá da Costa. Trad. Vitorino Nemésio. Lisboa: Editora Livraria Sá da Costa, 1939.
- SÓFOCLES. **Édipo Rei**. Tradução por Donaldo Schüller. Rio de Janeiro: Lamparina, 2004.
- TUSTIN, Frances. **Barreiras autistas em pacientes neuróticos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

- URRIBARRI, Fernando. André Green: o pai na teoria e na clínica contemporânea. **J. psicanal.**, São Paulo, v. 45, n. 82, pp. 143-159, jun. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352012000100011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 14 jan. 2022.
- WINNICOTT, D. W. (1953) Objetos Transicionais e fenômenos transicionais. *In*: WINNICOTT, D. W. **O Brincar e a Realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975a, pp. 13-44.
- WINNICOTT, D. W. (1967) O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil. *In*: WINNICOTT, D. W. **O Brincar e a Realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975b, pp. 153-162.
- WINNICOTT, D. W. (1969) O Uso de um Objeto e Relacionamento através das Identificações. *In*: WINNICOTT, D. W. **O Brincar e a Realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975c, pp. 121-131.
- WINNICOTT, D. W. (1958). A capacidade para estar só. *In*: WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990a, pp. 31-37.
- WINNICOTT, D. W. (1960) Teoria do relacionamento paterno-infantil. *In*: WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990b, pp. 38-54.
- WINNICOTT, D. W. (1962) A Integração do Ego no Desenvolvimento da Criança. *In*: WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990c, pp. 55-61.
- WINNICOTT, D. W. (1960) Distorção do Ego em termos de Falso e Verdadeiro *Self*. *In*: WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990d, pp. 128-139.
- WINNICOTT, D. W. (1961) Psicanálise e Ciência: amigas ou parentes? *In*: WINNICOTT, D. W. **Tudo começa em casa**. São Paulo: Martins Fontes, 2011a, pp. XIII-XVIII. (Palestra proferida na Oxford University Scientific Society, 19 de maio de 1961.)
- WINNICOTT, D. W. (1967) O conceito de indivíduo saudável. *In*: WINNICOTT, D. W. **Tudo começa em casa**. São Paulo: Martins Fontes, 2011b, pp. 3-22. (Palestra proferida no Royal Medical-Psychological Association, Psychotherapy and Social Psychiatry Section.)
- WINNICOTT, D. W. (1968) Sum: Eu sou. *In*: WINNICOTT, D. W. **Tudo começa em casa**. São Paulo: Martins Fontes, 2011c, pp. 41-51.
- WINNICOTT, D. W. (1969) A Liberdade – Fusão de dois ensaios escritos por volta de 1969. *In*: WINNICOTT, D. W. **Tudo começa em casa**. São Paulo: Martins Fontes, 2011d, pp. 237-248.
- WINNICOTT, D. W. (1970) A cura. *In*: WINNICOTT, D. W. **Tudo começa em casa**. São Paulo: Martins Fontes, 2011e, pp. 105-114.
- WINNICOTT, D. W. (1960) O Relacionamento Inicial entre uma Mãe e seu Bebê. *In*: WINNICOTT, D. W. **A família e o desenvolvimento individual**. São Paulo: Martins Fontes, 2011f, pp. 21-28.
- WINNICOTT, D. W. [1949] Recordações do Nascimento, Trauma do Nascimento e Ansiedade. *In*: WINNICOTT, D. W. **Da Pediatria à Psicanálise**. Rio de Janeiro: Francisco Alvez, 1978a, pp. 313-340.
- WINNICOTT, D. W. [1950] Agressão e sua Relação com o Desenvolvimento Emocional. *In*: WINNICOTT, D. W. **Da Pediatria à Psicanálise**. Rio de Janeiro: Francisco Alvez, 1978b, pp. 355-374.
- WINNICOTT, D. W. [1952] Ansiedade Associada à Insegurança. *In*: WINNICOTT, D. W. **Da Pediatria à Psicanálise**. Rio de Janeiro: Francisco Alvez, 1978c, pp. 205-210.